



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

LUCAS GURGEL

**INTERAÇÃO SOCIAL EM ENTREVISTAS TELEVISIVAS
ELEITORAIS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS
BRASILEIRAS DE 2014**

CAMPINAS

2017



LUCAS GURGEL

**INTERAÇÃO SOCIAL EM ENTREVISTAS TELEVISIVAS
ELEITORAIS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS
DE 2014**

**Dissertação apresentada ao Departamento de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de
Campinas, como requisito para a obtenção
do título de Mestre em Linguística.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anna Christina Bentes da Silva

**Este exemplar corresponde à versão
final da Dissertação defendida por
Lucas Gurgel e orientada pela Prof.^a Dr.^a
Anna Christina Bentes da Silva**

CAMPINAS

2017

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

G962i Gurgel, Lucas, 1990-
Interação social em entrevistas televisivas eleitorais nas eleições
presidenciais brasileiras de 2014 / Lucas Gurgel. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Anna Christina Bentes da Silva.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Presidentes - Brasil - Eleições, 2014. 2. Entrevistas em televisão - Brasil.
3. Análise do discurso. 4. Tópico discursivo. 5. Análise da conversação. 6.
Âncoras (Telejornalismo). 7. Interação social. I. Bentes, Anna Christina, 1963-
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III.
Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Social interaction in electoral television interviews in the Brazilian
presidential elections of 2014

Palavras-chave em inglês:

Presidents - Brazil - Elections, 2014

Interviewing in television - Brazil

Discourse analysis

Discursive topic

Conversation analysis

Television news anchors

Social interaction

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora:

Anna Christina Bentes da Silva [Orientador]

Edwiges Maria Morato

Zilda Gaspar Oliveira de Aquino

Data de defesa: 25-05-2017

Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Anna Christina Bentes da Silva

Zilda Gaspar Oliveira de Aquino

Edwiges Maria Morato

Vivian Cristina Rio

Márcia Rodrigues de Souza Mendonça

IEL/UNICAMP
2017

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

Dedico este trabalho ao Vô Costa (*in memoriam*), militar, pescador e amado por todos. Também à Dona Amélia, minha bisa, pela força, disposição, mansidão e coração de serva firmado no amor ao Evangelho – ainda aos cem anos de idade.

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses anos de dedicação a esta pesquisa, é preciso destacar algumas pessoas que foram fundamentais para o meu desenvolvimento como pessoa e pesquisador. Pela paciência, pelo apoio acadêmico, emocional e espiritual, e pela confiança depositados a mim, sou grato a elas e reconheço que este trabalho é resultado deste suporte que recebi.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, meu Senhor e Salvador, pela oportunidade de realizar esse mestrado e pelas condições de poder servi-LO através desta pesquisa. Sou grato a Ele também pelo sustento, cuidado e soberania sobre a minha vida. Como o apóstolo Paulo diz em sua carta aos Romanos: “Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém” (Romanos 11.36).

Especialmente aos meus pais, Léo e Silvana Gurgel, pela dedicação, sacrifícios, amor, compreensão, motivação e paciência, para que eu realizasse o sonho de me graduar e tornar mestre em uma universidade pública. Todas as páginas deste trabalho seriam insuficientes para descrever minha eterna gratidão e admiração aos meus pais, que desde pequeno me ensinaram e me incentivaram a crescer através da educação. Também aos meus irmãos, Keka e Lê, pelo carinho, companheirismo, paciência, apoio e conselhos. Grato a Deus pelos irmãos queridos que Ele me deu, que estão comigo em todas as situações da minha vida, na alegria e na tristeza.

Não poderia deixar de agradecer à Igreja Batista Cidade Universitária (IBCU), em nome da liderança e especialmente aos meus amigos, presentes de Deus na minha caminhada cristã. Um destaque fundamental ao Fábio Grigório, pastor, amigo, conselheiro, mentor e meu discipulador desde o início deste trabalho. Esse tempo precioso permitiu que eu me tornasse mais sábio, maduro, paciente, temente a Deus e mais parecido com Cristo.

Um agradecimento mais que fundamental e necessário à minha querida professora e orientadora Anna Christina Bentes, pela nossa caminhada acadêmica desde 2010. Sou grato pela paciência, compreensão, disposição, carinho, amizade e por confiar em mim desde o início. Não tenho como descrever meu crescimento profissional e acadêmico ao lado da Anna,

tampouco o papel fundamental que ela teve em minha vida pra chegar até aqui. Agradeço pelas oportunidades dentro e fora do IEL, pelas inúmeras reuniões, pelos cafés, pelas aulas, eventos, confraternizações e cuidado comigo e com minha família. Anna, obrigado por seu cuidado, além de orientadora, de mãe e amiga, essencial principalmente no início da minha vida acadêmica em Campinas.

Também agradeço aos meus queridos colegas do Grupo Margens do IEL/UNICAMP, pelos momentos de reuniões, parcerias acadêmicas e pelos cafés, fundamentais para nossa caminhada nos estudos da linguagem.

Um carinho especial pelas amigas de graduação Lúcia e Renata, que desde 2009 têm sido companheiras fieis e presentes, nos dias bons e também nos ruins. Pelos trabalhos realizados juntos, pelos cafés dentro e fora da UNICAMP e principalmente por poder contar com elas – sou grato a Deus por nossa amizade.

Deixo meu agradecimento CAPES pelo apoio financeiro e institucional e também ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) na pessoa de seu diretor, além dos professores e funcionários pelo apoio, disposição e competência em proporcionar todos os recursos que estiveram ao meu alcance para a finalização do meu trabalho.

A todos, meu mais sincero obrigado.

RESUMO

No presente trabalho, procuramos investigar o papel da mídia em entrevistas televisivas eleitorais com candidatos à Presidência da República nas eleições de 2014. Para isso, analisamos as ações desempenhadas pelos entrevistadores, os jornalistas William Bonner e Patrícia Poeta, então âncoras à época das entrevistas em agosto de 2014 do telejornal Jornal Nacional (doravante, JN), veiculado pela Rede Globo. Também analisamos as ações discursivas dos candidatos, como o atendimento ou não aos tópicos realizados pelos candidatos entrevistados, na ordem: Aécio Neves (PSDB), Eduardo Campos (PSB), Dilma Rousseff (PT), pastor Everaldo (PSC) e Marina Silva (PSB-Rede). Assumimos a noção de turno conversacional da perspectiva textual-interativa proposta inicialmente pelos sociólogos americanos H. Sacks, E. Schegloff e G. Jefferson em seu texto sobre o sistema de organização de tomada de turnos, uma das principais unidades de análise que nos apoiamos para sustentar essa dissertação. Para tanto, analisamos o par pergunta-resposta. Assumimos também a noção de tópico discursivo desenvolvida pelo conjunto de pesquisadores brasileiros estudiosos da organização textual-interativa, no âmbito do Projeto da Gramática do Português Falado (PGPF). O *corpus* selecionado para nossa pesquisa é composto pelas cinco entrevistas do JN com os candidatos, que somadas consistem em 1 hora e 15 minutos de fala. Outro conceito que adotamos é do gênero entrevista, definido por Fávero *et al* como uma criação coletiva, pois é o lugar em que os participantes constituem relações de dominância ou igualdade, convivência ou conflito. A partir de nossas análises, observamos que as entrevistas eleitorais podem ser consideradas como um tipo de contexto midiático estratégico devido (i) ao papel do entrevistador no controle da interação, especialmente por meio das ações de interrupção que reconfiguram o sistema de tomada de turnos nessas entrevistas; e (ii) ao modo como ocorre a gestão do tópico nas entrevistas, o que resulta em um desempenho prejudicado especialmente das candidatas Dilma Rousseff e Marina Silva e um consequente favorecimento aos candidatos Aécio Neves, pastor Everaldo e Eduardo Campos.

PALAVRAS-CHAVE: Interação – Tomada de turno – Tópico Discursivo – Entrevista televisiva – Eleições presidenciais

ABSTRACT

In the present work, our goal is to investigate the media role in television interviews with candidates to Republic's presidency in 2014 election. To do that, we have analyzed the actions performed by the interviewers, the journalists William Bonner and Patrícia Poeta, anchors of the TV newscast *Jornal Nacional* (from now on referred to as JN) broadcasted by Rede Globo at the time the interviews were conducted in August 2014. In addition, we have analyzed the discursive actions of the candidates interviewed, for example, whether they have fulfilled the topics or not, in the following order: Aécio Neves (PSDB), Eduardo Campos (PSB), Dilma Rousseff (PT), Pastor Everaldo (PSC), and Marina Silva (PSB-Rede). We have assumed the notion of conversational turn from textual-interactive perspective, initially proposed by the American sociologists H. Sacks, E. Schegloff and G. Jefferson in their text about the turn-taking organization system – one of the main analysis unit we have relied upon to support this dissertation. In order to do that, we analyzed the question-answer pair. Furthermore, we have assumed the notion of discursive topic developed by the Brazilian researchers group, scholars of textual-interactive organization in the scope of the Spoken Portuguese Grammar Project (PGPF). The selected *corpus* for our research is composed of five JN interviews with the candidates which, together, totalize 1 hour and 15 minutes of speech. Another concept we have adopted is the one of interview as a genre, defined as a collective creation, since it is a place where participants constitute relationships of dominance or equality, coexistence or conflict. Based on our analysis, we have observed that the electoral interviews can be considered as a form of strategic media context due to (i) the interviewer's role in the interaction control, specially through interrupting actions which reconfigure the turn-taking system in these interviews; and (ii) the way the topic management occurs in the interviews, resulting in impaired performance, specially by the candidates Dilma Rousseff and Marina Silva, and consequential favoring of the candidates Aécio Neves, Pastor Everaldo, and Eduardo Campos.

KEY WORDS: Interaction – Turn-taking – Discursive Topic – Television interview – Presidential election

SUMÁRIO DE TABELAS

Tabela 1.....	59
Tabela 2.....	60
Tabela 3.....	77
Tabela 4.....	78
Tabela 5.....	86
Tabela 6.....	88
Tabela 7.....	89
Tabela 8.....	90
Tabela 9.....	91
Tabela 10.....	92
Tabela 11.....	93
Tabela 12.....	100
Tabela 13.....	106
Tabela 14.....	112
Tabela 15.....	118
Tabela 16.....	123
Gráfico 1.....	78
Gráfico 2.....	87
Gráfico 3.....	93
Figura 1.....	101
Figura 2.....	108
Figura 3.....	114
Figura 4.....	119
Figura 5.....	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O CONTEXTO DA PESQUISA E BREVE APRESENTAÇÃO DO CORPUS	13
CAPÍTULO 1. MÍDIA, GÊNEROS DO DISCURSIVO E PODER SIMBÓLICO NO BRASIL	
1. 1. A questão dos campos político e jornalístico	18
1. 1. 1. O campo político	18
1. 1. 2. O campo jornalístico	20
1. 1. 3. O <i>habitus</i> e o campo político	25
1. 2. Os gêneros televisivos	28
1. 2. 1. O debate eleitoral	30
1. 2. 2. A dinâmica da entrevista eleitoral	34
1. 2. 3. Características gerais da entrevista eleitoral no Brasil	36
1. 2. 4. A entrevista eleitoral do JN	37
CAPÍTULO 2. O CAMPO JORNALÍSTICO EM RELAÇÃO ÀS ENTREVISTAS ELEITORAIS DO JN NAS ELEIÇÕES DE 2014	
2. 1. A reação de jornalistas brasileiros às entrevistas do JN	40
2. 2. Os estudos de comunicação social sobre as entrevistas	47
2. 3. Considerações a respeito do gênero entrevista e da disputa entre os campos jornalístico e político no contexto das eleições presidenciais brasileiras de 2014	66
CAPÍTULO 3. AS ENTREVISTAS TELEVISIVAS ELEITORAIS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2014	
3. 1. O cenário político das eleições de 2014 e a hegemonia da grande mídia	70
3. 2. A trajetória política dos entrevistados	73
3. 2. 1. Dilma Rousseff (PT)	73
3. 2. 2. Aécio Neves (PSDB)	73
3. 2. 3. Eduardo Campos (PSB)	74
3. 2. 4. Marina Silva (PSB-Rede)	75
3. 2. 5. Pastor Everaldo (PSC)	76
3. 3. Principais tópicos e perguntas nas entrevistas com os presidentiáveis	76
CAPÍTULO 4: INTERAÇÃO NAS ENTREVISTAS TELEVISIVAS ELEITORAIS DO JN: PERGUNTAS E INTERRUPÇÕES	
4. 1. Introdução: O sistema de tomada de turnos nas entrevistas televisivas eleitorais	79
4. 2. Contextualização da tipologia de pergunta	86
4. 2. 1. A tipologia de perguntas aplicada em cada entrevista	87
4. 3. As interrupções nas entrevistas dos presidentiáveis	88
CAPÍTULO 5. INTERAÇÃO NAS ENTREVISTAS TELEVISIVAS ELEITORAIS DO JN: A GESTÃO DO TÓPICO	
5. 1. Levantamento dos tópicos nas entrevistas dos presidentiáveis	95
5. 1. 1. A gestão de tópico na entrevista com Dilma Rousseff (PT)	95
5. 1. 2. A gestão de tópico na entrevista com Aécio Neves (PSDB)	109
5. 1. 4. A gestão de tópico na entrevista com Eduardo Campos (PSB)	104

5. 1. 4. A gestão de tópico na entrevista com pastor Everaldo (PSC).....	115
5. 1. 5. A gestão de tópico na entrevista com Marina Silva (PSB-Rede).....	120
5. 2. Considerações a respeito das análises de gestão de tópico das entrevistas do JN.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
BIBLIOGRAFIA.....	120
ANEXO 1: Entrevistas com os presidenciáveis.....	134
ANEXO 2: Perguntas.....	163

INTRODUÇÃO: O CONTEXTO DA PESQUISA E BREVE APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

Política e jornalismo caminham juntos há pelo menos cinco séculos quando a imprensa foi inventada por Guttenberg na Alemanha. Esse fato tornou-se mais evidente em meados do século XX, com o surgimento da televisão, onde imagens e áudio passaram a integrar um mesmo aparelho. Em se tratando de conteúdo televisivo, as democracias ocidentais como os Estados Unidos, França e Brasil¹ basicamente elegem seus líderes políticos a partir de entrevistas e debates eleitorais exibidos nas emissoras durante as campanhas, sejam elas legislativas ou executivas. Para que isso aconteça, o governo confere concessões e financiamentos às emissoras de televisão, permitindo legalmente que elas transmitam e distribuam o conteúdo produzido. Como discutiremos ao longo dessa dissertação, sustentados pela dura crítica feita pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1997), a relação de harmonia entre os campos político e jornalístico se transformou em uma tentativa de domínio de um sobre o outro.

Nosso interesse na observação da produção discursiva de agentes políticos começou em 2011, quando realizamos um estudo (GURGEL, 2011)² sobre as estratégias discursivas mobilizadas pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante o primeiro e o segundo turnos das eleições de 2002, observadas no documentário “Entreatos” de João Moreira Salles. Concluímos que Lula precisou se adaptar aos mais diferentes públicos para conquistar sua audiência, além de que a mobilização da gestão de quadros tópicos é feita pelo ex-presidente de acordo com os participantes (público) de cada interação (entrevista coletiva, discurso de palanque, conversas informais etc.).

Nossa ideia inicial era observar e analisar as características textuais e interacionais das produções discursivas de cada candidato à Presidência da República nas entrevistas televisivas eleitorais do Jornal Nacional durante o primeiro turno das eleições de 2014. Contudo, ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, percebemos que também seria necessário, dado nosso interesse pelo tipo de interação social estabelecida entre os candidatos e os jornalistas-entrevistadores, focar não apenas as características textuais e interacionais da produção discursiva dos candidatos, mas também as características da produção discursiva

¹ Ver HALLIN (1992) e BOICU (2014).

² Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida entre 2010 e 2011 intitulada “A fala do presidente Lula: uma análise sociolinguística das estratégias de estilização no documentário ‘Entreatos’ de João Moreira Salles”. Este projeto teve orientação da Prof.^a Dr.^a Anna Christina Bentes da Silva e apoio financeiro do CNPq.

dos jornalistas. Motivada pela atuação conjunta de agentes de diferentes campos sociais, no caso jornalistas e políticos, no interior desse gênero – a entrevista televisiva eleitoral –, essa pesquisa vai ao encontro de estudos brasileiros desenvolvidos por jornalistas e sociólogos, que também analisaram o mesmo período eleitoral (o 1º turno das eleições presidenciais brasileiras de 2014) e o mesmo gênero (a entrevista televisiva eleitoral).

Após revisarmos a literatura produzida por autores brasileiros sobre entrevista televisiva eleitoral, podemos afirmar que nossa pesquisa apresenta uma nova perspectiva sobre o conflito existente entre a política e a mídia, exemplificado na fala dos atores sociais nesse contexto – os jornalistas, de um lado, e os políticos, de outro. Além do fato de haver uma escassez de trabalhos com um foco linguístico-discursivo sobre esse tipo de interação – aquela entre dois jornalistas em uma bancada entrevistando individualmente candidatos à Presidência da República – e sobre esse gênero – entrevista televisiva eleitoral –, nossa pesquisa se justifica porque ela se constitui como mais um recurso de compreensão sobre como a grande mídia brasileira tem influenciado as relações entre a política e os cidadãos, se colocando como “fiel representante” da sociedade. Nesse sentido é que questões de ordem pública e contemporânea merecem destaque na atual agenda da Linguística brasileira, dado os impactos das últimas eleições presidenciais em nosso país.

A campanha eleitoral brasileira de 2014 foi, sem dúvida, a mais disputada da nossa democracia. Elegemos deputados federais, senadores, governadores e presidente. Aliás, a corrida presidencial teve algumas mudanças inesperadas, como a morte do candidato Eduardo Campos (PSB)³, a entrada de Marina Silva (PSB-Rede) na campanha eleitoral – as pesquisas apontavam chances reais de Marina vencer as eleições presidenciais. No entanto, o senador Aécio Neves (PSDB) passou para o segundo turno das eleições disputando com a candidata à reeleição presidente Dilma Rousseff (PT), que saiu vitoriosa da campanha.

O campo político é um dos mais televisionados, estudados e estruturados em nossa vida social. Escolhemos como *corpus* para este trabalho as entrevistas com os candidatos à Presidência da República por ser este um dos mais importantes materiais de exemplificação do discurso político em sociedades democráticas ocidentais, fazendo parte de um conjunto de produções que circula e pode ser acompanhado em quase todos os meios de comunicação,

³ O ex-governador de Pernambuco e candidato à Presidência da República nas eleições de 2014 Eduardo Campos (PSB) faleceu em um trágico acidente aéreo em 13 de agosto, antes do 1º turno. Seu jato caiu em uma área residencial da cidade litorânea de Santos (SP) durante uma forte chuva no dia da queda. O acidente matou, além do candidato, repórteres e assessores da campanha. A candidata a vice, a ex-senadora Marina Silva (PSB-Rede), assumiu a candidatura do PSB substituindo Eduardo Campos.

como canais de televisão, jornais impressos, revistas de circulação nacional, redes sociais – em forma de entrevistas, debates, discursos de palanque em atos políticos.

Sendo assim, analisamos o conjunto de entrevistas com cada um dos candidatos à eleição presidencial brasileira de 2014, composto pelas entrevistas dos candidatos que atingiram pelo menos 3% das intenções de voto: a candidata à reeleição presidente Dilma Rousseff (PT), a candidata Marina Silva (PSB-Rede), os candidatos Aécio Neves (PSDB), Eduardo Campos (PSB) e pastor Everaldo (PSC). Essas entrevistas foram produzidas e exibidas pelo/no Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, em agosto de 2014.

O telejornal Jornal Nacional (JN), exibido pela Rede Globo de Televisão, durante muito tempo foi o mais assistido e importante da televisão brasileira desde sua primeira exibição, em 1969. Na época das eleições presidenciais de 2014, o JN era apresentado pelos jornalistas William Bonner, editor-chefe e apresentador do telejornal desde 1996, e Patrícia Poeta, editora-executiva e apresentadora de 2011 a 2014. O JN é exibido de segunda-feira a sábado às 20:30h, com duração de cerca de 40 minutos.

As entrevistas do Jornal Nacional com os candidatos à Presidência da República nas eleições de 2014 aconteceram ao vivo e tiveram duração de 15 minutos, tendo sido conduzidas pelos jornalistas William Bonner e Patrícia Poeta, ambos âncoras do mais conhecido telejornal do Brasil. Esse tipo de entrevista eleitoral com os candidatos à Presidência da República do Brasil é realizada pelo JN em sua bancada desde as eleições de 2002. A ordem dos candidatos entrevistados foi feita por sorteio e as entrevistas ocorreram na bancada do Jornal Nacional. A única entrevista que ocorreu fora desse ambiente foi a da candidata Dilma Rousseff que, por ser a presidente da República, foi entrevistada em sua residência oficial, o Palácio da Alvorada. Os candidatos entrevistados foram, pela ordem, o senador Aécio Neves (PSDB), o ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos (PSB), a presidente Dilma Rousseff (PT), o empresário pastor Everaldo (PSC) e a ex-senadora Marina Silva (PSB-Rede).

A entrevista com Aécio Neves foi realizada no dia 11 de agosto, seguido de Eduardo Campos no dia 12, da presidente Dilma Rousseff no dia 18 de agosto, com o pastor Everaldo no dia 19 e com Marina Silva no dia 27 de agosto de 2014 durante a corrida presidencial. Cada candidato respondeu as perguntas durante 14 minutos e o minuto final foi reservado para propostas de campanha e uma fala para atrair os votos dos eleitores. Essas entrevistas foram realizadas antes do 1º turno das eleições e fizeram parte de uma série de reportagens do

Jornal Nacional que acompanharam os presidenciáveis, principalmente os candidatos Dilma e Aécio, que desde as primeiras pesquisas de intenção de voto ocupavam o primeiro e segundo lugares, respectivamente.

Podemos dizer, então, que o objetivo geral de nossa pesquisa é o de analisar a interação entre os participantes das entrevistas realizadas no Jornal Nacional com os candidatos à Presidência da República nas eleições de 2014. Nossos objetivos específicos são: (i) analisar os recursos linguístico-discursivos que configuram o sistema de tomada de turnos nas entrevistas com os candidatos; (ii) analisar a gestão do tópico em cada uma das entrevistas realizadas com os candidatos; (iii) estabelecer comparações considerando as diferenças e semelhanças relativas às interrupções e gestão do tópico feitas pelos participantes das entrevistas; e (iv) analisar o papel desempenhado pela grande mídia no processo eleitoral brasileiro.

A principal hipótese deste trabalho é de que dado o papel histórico desempenhado pela Rede Globo nos processos eleitorais presidenciais, postulamos que as entrevistas televisivas eleitorais apresentam algumas características diferentes em relação ao gênero entrevista, especialmente em função das diferenças observadas no tratamento dos candidatos por parte dos jornalistas. No entanto, a entrevista televisiva eleitoral não deixa de ser considerada uma entrevista, apenas se aproxima do gênero debate – como demonstraremos em nossas análises. Outra hipótese desta pesquisa é sobre a questão do(s) tópico(s) que muda(m) de acordo com o candidato entrevistado, mesmo ocorrendo no mesmo ambiente. As interações com as candidatas mulheres Marina Silva (PSB-Rede) e Dilma Rousseff (PT) diferem em se tratando do número de interrupções quando comparadas com os candidatos homens Aécio Neves (PSDB), Eduardo Campos (PSB) e pastor Everaldo (PSC). Nesse sentido, nossa segunda hipótese é a de que a gestão do tópico é radicalmente diferente com as candidatas mulheres em oposição aos homens.

Em relação à metodologia de transcrição, estabelecemos um sistema de notação para a transcrição do *corpus* que será produzido com base em uma adaptação das convenções adotadas pelo projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP – www.iboruna.ibilce.br), das convenções adotadas pelo grupo de pesquisa Cognição, Interação

e Significação (COGITES⁴, baseadas no “modelo Jefferson”⁵, de base conversacional e etnometodológica) e das convenções adotadas pelo projeto Norma Urbana Culta (NURC).

No primeiro capítulo deste trabalho, *Mídia, Gêneros do Discurso e Poder Simbólico no Brasil*, nos empenhamos em apresentar as características e estruturas dos campos político e jornalístico, ambos descritos por Bourdieu, e sua atuação no cenário político-televisivo brasileiro. Também procuramos descrever o papel dos gêneros televisivos em contexto de campanha eleitoral, além das diferenças e semelhanças de um debate eleitoral. Ao fim deste capítulo, as características gerais das entrevistas televisivas eleitorais e sua dinâmica dão um fecho a essa introdução de nosso tema e objeto de pesquisa.

Nosso segundo capítulo, *o campo jornalístico em relação às entrevistas eleitorais do JN nas eleições de 2014*, acompanhamos a reação de jornalistas e sociólogos à época das eleições 2014 quanto ao tratamento dispensado por William Bonner e Patrícia Poeta com os candidatos. Fizemos também um levantamento das considerações a respeito das percepções dos autores abordados, avaliando aquilo que está ou não de acordo com nossa visão.

O capítulo três, *As entrevistas televisivas eleitorais nas eleições presidenciais de 2014*, discute a questão do sistema de tomada de turnos nas entrevistas do JN, conceito desenvolvido por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974). As interrupções realizadas pelos jornalistas ganharam importância devido a quantidade desproporcional na interação dos jornalistas com diferentes candidatos, o que fica ilustrado nos gráficos e tabelas que seguem o texto.

O quarto capítulo, sobre a tipologia de perguntas e as interrupções, é responsável por categorizar e analisar cada tipo de pergunta presente nas entrevistas do JN, além de um balanço de cada candidato e um resultado geral comparativo. Por fim, nosso último capítulo *Interação nas entrevistas televisivas eleitorais do JN: a gestão do tópico* contextualiza e analisa cada uma das entrevistas do JN, os tópicos e perguntas abordados pelos mediadores, tempo de fala de ambos os participantes e um panorama geral da interação como um todo, apontando semelhanças e discrepâncias entre as entrevistas.

⁴Disponível em www.cogites.iel.unicamp.br.

⁵Disponível em <http://ca-tutorials.lboro.ac.uk/citation.htm>.

CAPÍTULO 1. MÍDIA, GÊNEROS DO DISCURSO E PODER SIMBÓLICO NO BRASIL

1.1. A questão dos campos político e jornalístico

1.1.1. O campo político

O texto que selecionamos para compor esta seção é o sétimo capítulo da clássica obra *O Poder Simbólico* (1989), de Pierre Bourdieu, intitulado *A representação política – Elementos para uma teoria do campo político*, em que o autor descreve o cenário e a estrutura de funcionamento de um campo constantemente em disputa pelo poder. No início de seu capítulo, Bourdieu (1989) afirma que o campo político é um campo de forças de lutas, com o objetivo de transformar a relação de forças que é conferida a este espaço e à sua estrutura; também é lugar em que se geram “produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos”, em que os cidadãos comuns (eleitores) tornam-se meros ‘consumidores’ deste lugar de produção (p. 164). Além disso, o autor diz que o campo político exerce um efeito de censura ao “limitar o universo do discurso político e, por este modo, o universo daquilo que é pensável politicamente”.

Este campo também é compreendido, segundo Bourdieu (1989), como um jogo em que cada jogador (ou participante) defende seu(s) próprio(s) interesse(s) a partir de sua posição em relação ao que lhe será garantido com o resultado de sua produção cultural (o que pode ser falado ou não, por exemplo). A intenção política, afirma o autor, só se constitui na relação com o jogo político, mais especificamente do universo das técnicas de ação e expressão que ele dispõe em dado momento. E esta intenção ‘direcionada’ dos membros do campo resulta da imposição dos interesses instituídos pelos dirigentes do partido aos políticos, como se fossem os porta-vozes deste “monopólio dos instrumentos de produção”. Para que estes atores políticos obtenham sucesso em seu papel, é preciso que seu desempenho no jogo seja testado e aprovado pelo campo, assim como os artistas e líderes religiosos, a fim de que suas capacidades – como domínio de uma linguagem – lhe confirmem autoridade para poder exercer seu trabalho.

Em governos democráticos, a luta para conquistar e convencer os cidadãos na hora do voto durante as eleições é também uma luta para manter ou subverter “a distribuição do poder sobre os poderes públicos” (p. 179), ou pelo monopólio do uso legítimo dos recursos políticos

disponíveis, como: exército, polícia, finanças públicas etc. Bourdieu (1989) ainda acrescenta que os agentes desta luta são os próprios partidos que se mobilizam em uma espécie de “guerra civil” para alcançarem o maior número possível de membros com o mesmo objetivo e visão do mundo social. Mas, para garantirem essa estabilidade, os partidos devem elaborar e propor uma “representação do mundo social” a fim de captar um grande número de cidadãos, além de buscar conquistar postos (políticos) que assegurem poder sobre seus participantes. Ou seja, o momento em que os partidos (e suas ideologias) e candidatos (atores políticos) têm maior visibilidade, e conseqüentemente maior esforço para serem aceitos, é a campanha eleitoral em toda sua extensão.

Em tempos de propagação das ideologias e de seus representantes, a campanha eleitoral vem acompanhada de promessas cuja veracidade, de acordo com Bourdieu (1989), depende da confiança e da autoridade daquele que as pronuncia, e também da capacidade de fazer crer no seu papel. E acrescenta que em política:

“‘dizer é fazer’, quer dizer, fazer crer que se pode fazer o que se diz e, em particular, dar a conhecer a fazer reconhecer os princípios de divisão do mundo social, as palavras de ordem que produzem a sua própria verificação ao produzirem grupos e, deste modo, uma ordem social. A palavra política – é o que define de modo próprio – empenha totalmente o seu autor porque ela constitui um empenhamento em fazer que só é verdadeiramente político se estiver na maneira de ser um agente ou de um grupo de agentes responsáveis politicamente, quer dizer, à altura de conseguirem o empenhamento de um grupo capaz de realizar: e só com esta condição que ele equivale a um ato” (pp. 185-186).

Mas a política não é feita apenas de promessas que podem ser cumpridas pelos candidatos; os partidos, assim como seus representantes, adquirem autoridade, confiança e prestígio de seu público a partir de uma soma de fatores denominada capital político. Esse tipo de capital, formulado por Bourdieu (1989), é uma espécie de capital simbólico⁶, um crédito consolidado na crença e no reconhecimento das ações desempenhadas pelos agentes em uma pessoa ou objeto – são os próprios poderes que eles lhes reconhecem. Sustentado por este capital político, o ator político deve a sua autoridade específica no próprio campo à força de mobilização, segundo o autor, que ele detém através de si mesmo, por delegação de autoridade, como membro de um partido ou sindicato (detentor de um capital político

⁶ A definição de capital simbólico (ou poder simbólico) encontra-se no texto do próprio capítulo em análise: “o poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele o que exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança” (BOURDIEU, 1989, 188).

acumulado ao longo de lutas) e por posições públicas. Porém, esse capital pessoal é acumulado de forma lenta e contínua, podendo durar toda a vida do sujeito, para que ele adquira certo número de qualificações específicas que são a condição ideal da aquisição e da conservação de uma “boa reputação” (BOURDIEU, p. 191).

Para aqueles que são investidos de um capital político, seja pelo partido ou pelo seu público, equivale à “graça institucional” de um líder religioso, e é a instituição que detém o acesso a essa “notoriedade pessoal”, controlando o acesso às posições de destaque e aos meios de comunicação – embora esse detentor do capital delegado possa conquistar um capital pessoal por meio de estratégias de discurso. Bourdieu (1989) acrescenta que essa delegação do capital político a um sujeito “pressupõe a objetivação desta espécie de capital em instituições permanentes, a sua materialização em ‘máquinas’ políticas, em postos e instrumentos de mobilização e a sua reprodução contínua por mecanismos e estratégias” (p. 194). Ou seja, os sujeitos e as instituições levaram anos para adquirirem e acumularem todo esse capital, seja em forma de posições dentro do partido, seja nos organismos de poder público, em que há uma dominação indireta sobre as pessoas e as estratégias de investimento pessoal, permitindo que se mantenham como detentores dos postos de poder.

Concluindo este texto, Bourdieu (1989) nos apresenta o modelo do campo político e suas regras de funcionamento, desde a preparação dos atores políticos até as estratégias de captação de capital político. Porém, este processo enfrenta constantes lutas e conflitos de interesses, para muitas vezes atenderem aos interesses das instituições partidárias e, conseqüentemente dos meios de comunicação, fazendo com que o cidadão se torne refém da máquina pública.

1.1.2. O campo jornalístico

Em seu livro *Sobre a Televisão* (1997), Pierre Bourdieu faz uma denúncia revestida de análise sociológica das relações de união e conflitos existentes entre o campo da política e o campo da televisão, mais especificamente sobre o controle deste último sobre a política e outros campos. Este estudo aponta para uma censura invisível presente na programação das emissoras, que é determinada a partir dos anunciantes que pagam pela publicidade veiculada na televisão e pelas concessões dadas pelo governo, em que os jornalistas são os emissários deste sistema. Segundo Bourdieu (1997), na medida em que esta “corrupção de pessoas”

atinge a classe dos jornalistas, através de altos salários e do prestígio dispensado aos âncoras, ela se torna em uma espécie de corrupção estrutural em que as grandes empresas disputam as fatias de mercado oferecidas pela mídia. Com isso, a televisão como única fonte de informações para a maioria das pessoas torna-se um monopólio sobre a formação de opinião de uma parcela muito grande da população.

Bourdieu (1997) define campo como um “espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias” (p. 57). O poder que o campo jornalístico exerce sobre o campo da política fica evidente na quantidade e qualidade de conteúdo de informação que é produzida pelas emissoras, além da gestão de estratégias de discurso desempenhadas pelos jornalistas enquanto mediadores de um debate ou entrevista eleitoral. A televisão, dessa forma, se transforma no “árbitro do acesso à existência social e política” (p. 29), como se fosse a porta-voz da verdade, a legítima representante do povo.

Essa autoridade simbólica que lhe é atribuída se deve ao papel que a mídia exerce de produção e veiculação da notícia, é a detentora da informação dentro da sociedade; para ilustrar esta afirmação, o autor descreve o papel do apresentador de um debate ou entrevista eleitoral, em contexto televisivo:

“É o que sempre impressiona os espectadores. Eles bem veem que o apresentador faz intervenções restritivas. É ele quem impõe o assunto, quem impõe a problemática [...]. Ele impõe o respeito pela regra do jogo. [...] O apresentador distribui os tempos de palavra, distribui o tom da palavra, respeitoso ou desdenhoso, atencioso ou impaciente. Por exemplo, há uma maneira de fazer ‘pois sim, pois sim, pois sim...’ que apressa, que faz o interlocutor sentir a impaciência ou a indiferença” (BOURDIEU, 1997, pp. 45-46).

Bourdieu (1997) ainda acrescenta que o apresentador manipula a urgência, utiliza-se do tempo, do relógio para cortar a palavra, para apressar, para interromper – tudo isso como parte de sua estratégia de manipulação da informação. Esta postura autoritária dos jornalistas é parte fundamental da construção da “mão invisível” da mídia sobre a voz da política, mais uma forma de controle do que de concorrência entre os campos. Aliado a isso, o autor diz que

a televisão é um instrumento de comunicação muito pouco autônomo, devido a uma “série de restrições que se devem às relações sociais entre os jornalistas, *relações de concorrência* encarniçada, implacável, até o absurdo, que são também *relações de convivência*, de cumplicidade objetiva, baseadas nos interesses comuns ligados à sua posição no campo de produção simbólica e no fato de que têm em comum estruturas cognitivas, categorias de percepção e de apreciação ligadas à sua origem social, à sua formação (ou à sua não formação)” (pp. 50-51).

Nos anos 1950, o surgimento da televisão esteve pouco presente no campo jornalístico; o jornalismo estava no papel e na rádio, mas não na televisão. Segundo Bourdieu (1997), os atores sociais por trás da televisão eram duplamente dominados: (i) pelo fato de que eram suspeitos de serem dependentes dos poderes políticos, dominados do ponto de vista cultural, simbólico (prestígio), e (ii) eram também dominados economicamente na medida em que eram dependentes dos subsídios do Estado e, portanto, muito menos eficientes. Quando a televisão de fato conquistou o público nos anos 1960, a novidade foi vista como um meio de comunicação de massa que, supostamente, iria nivelar ou massificar pouco a pouco todos os telespectadores. Porém, os ‘sociólogos’ da época que desconfiaram de seu efeito, de acordo com Bourdieu (1997), subestimaram a capacidade que a televisão teve de “transformar os que a produzem” – os jornalistas e suas produções culturais.

Com os anos, a relação inverteu-se completamente e a televisão tornou-se dominante econômica e simbolicamente no campo jornalístico. Nos dias atuais⁷, as diferentes emissoras de televisão estão em constante concorrência, mas de forma invisível, a partir de relações de forças que não percebemos e que podem ser apreendidas através das fatias de mercado (como dito acima), do peso dos anunciantes ou do capital dos jornalistas pelo prestígio. E o papel destes últimos, descreve o autor:

“devem sua importância no mundo social ao fato de que detêm um monopólio real sobre os instrumentos de produção e de difusão em grande escala da informação, e, através desses instrumentos, sobre o acesso dos simples cidadãos, mas também dos outros produtores culturais, cientistas, artistas, escritores, ao que se chama por vezes de ‘espaço público’, isto é, à grande difusão” (BOURDIEU, 1997, p. 65).

O campo jornalístico (como parte da mídia) conquistou seu espaço a partir dos anos 1980 em que os debates eleitorais (assim como as entrevistas) passaram a ser transmitidos

⁷ Final dos anos 1990.

pela televisão, conquistando legitimidade e audiência ao longo dos anos, dando maior abertura e visibilidade aos cidadãos para decidirem seu voto com maior precisão. Porém, o crescimento deste campo passou da concorrência para a tentativa – muitas vezes alcançada com sucesso – de controle do campo político, ora fazendo acordos com alguns, ora excedendo a autoridade de outros. Não falamos aqui de denúncias de casos de corrupção envolvendo partidos ou mesmo de negligência com as políticas públicas mas, como afirma Bourdieu (1997), das ações ligadas a interesses das emissoras e grandes companhias, com o objetivo de desqualificar um partido ou um político a todo custo. O autor ainda nos adverte sobre os perigos do campo:

“O campo jornalístico age, enquanto campo, sobre os outros campos. Em outras palavras, um campo, ele próprio cada vez mais dominado pela lógica comercial, impõe cada vez mais suas limitações aos outros universos. Através da pressão do índice de audiência, o peso da economia se exerce sobre a televisão, e, através do peso da televisão sobre o jornalismo, ele se exerce sobre os outros jornais, mesmo sobre os mais “puros”, e sobre os jornalistas, que pouco a pouco deixam que problemas de televisão se imponham a eles. E, da mesma maneira, através do peso do conjunto do campo jornalístico, ele pesa sobre todos os campos de produção cultural” (p. 81).

Como podemos observar, o campo jornalístico assume tamanha responsabilidade e poder que atinge diretamente seus produtores de audiência – os próprios jornalistas – em uma espécie de sistema soberano da verdade e legislador, onde pessoas e instituições são julgadas gratuitamente. Segundo Bourdieu (1997), “tem-se a impressão de que a pressão dos jornalistas exprimam eles suas visões ou seus valores próprios, ou pretendam, com toda a boa-fé, fazer-se os porta-vozes da ‘emoção popular’ ou da ‘opinião pública’, orienta por vezes muito fortemente o trabalho dos juízes. E alguns falaram de uma verdadeira transferência do poder de julgar” (p. 82). A televisão confere uma autoridade desproporcional ao jornalista televisivo, se comparado ao prestígio de chefes de Estado, favorecendo um campo como um todo durante a cobertura de campanhas eleitorais quando o representante da mídia questiona a ética, competência e candidatura de um político de maneira parcial. O sociólogo nos diz que para que a imposição do poder da mídia possa se exercer sobre outros campos, “é preciso que ela encontre cumplicidades no campo considerado” (BOURDIEU, 1997, p. 87).

A televisão produz no campo jornalístico efeitos semelhantes aos que produz em outros campos, principalmente no campo jurídico: ela põe em questão os direitos da autonomia quando seus membros transformam o campo em uma arena argumentativa.

Bourdieu (1997) aponta para outro ponto fundamental que regula o campo da mídia que é o índice de audiência regulada pela aprovação do mercado, de uma legalidade externa e “puramente comercial”, submetido às exigências do *marketing* que mantém as emissoras. Também alerta para o fato de que “a televisão regida pelo índice de audiência contribui para exercer sobre o consumidor supostamente livre e esclarecido as pressões do mercado, que não têm nada da expressão democrática de uma opinião coletiva esclarecida, racional, de uma razão pública, como querem fazer crer os demagogos cínicos” (BOURDIEU, 1997, p 91).

Bourdieu (1997) destaca que o objeto de seu estudo não é o “poder dos jornalistas” em si, mesmo considerando o jornalismo como o “quarto poder”, mas a influência que os mecanismos deste campo cada vez mais sujeitos às exigências do mercado exercem, primeiramente sobre os jornalistas e em seguida sobre os outros campos de produção cultural, como o jurídico, o literário e o científico, por exemplo. O autor acrescenta que estes efeitos que o desenvolvimento da televisão causam no campo jornalístico são muito mais importantes em seu alcance se comparado com o jornal escrito. E novamente reforça que o nível de autonomia de um meio de comunicação se calcula pelas receitas geradas com publicidade e dos subsídios do Estado; e essa comercialização da informação é descrita abaixo:

“Para compreender como o campo jornalístico contribui para reforçar, no seio de todos os campos, o ‘comercial’ em detrimento do ‘puro’, os produtores mais sensíveis às sedução dos poderes econômicos e políticos à custa dos produtores mais aplicados em defender os princípios e os valores da ‘profissão’, é preciso a uma só vez perceber que ele se organiza segundo uma estrutura homóloga à dos outros campos e que nele o peso do ‘comercial’ é muito maior” (BOURDIEU, 1997, p. 104).

Por mais que existam agentes comprometidos com o campo jornalístico e outros com o campo político que estejam em constante concorrência e luta, e que o campo jornalístico esteja, de certa maneira, englobado no campo político, para Bourdieu (1997) ambos estão diretamente posicionados sob a influência da sanção do mercado e do público. Dessa maneira, a influência do campo jornalístico reforça as tendências dos agentes comprometidos com o campo político a submeterem-se à pressão das expectativas e exigências da maioria, frequentemente constituídas como reivindicações da imprensa. Tudo isso faz com que a influência do campo jornalístico, ele próprio sujeito a uma influência crescente da demanda comercial sobre o campo político, contribua para enfraquecer a autonomia da voz política e, por consequência, a capacidade concedida aos representantes (políticos e líderes partidários)

de reivindicar sua competência de especialistas ou sua autoridade de porta-vozes do cidadão (p. 116).

1.1.3. O *habitus* e o campo político

Apoiado em Bourdieu, Hanks (2008) define o conceito de *habitus* como o princípio correspondente à formação social do falante, como disposições para usos linguísticos para avaliação de valores socialmente estabelecidos e internalizados, incorporando as expressões ao gesto, à postura do falante e à produção de sua fala. O *habitus* diz respeito “à reprodução, na medida em que ele explica as regularidades imanentes à prática” (2008: 36), ou seja, ele “explica a regularidade tendo como parâmetro a incorporação do agente ao mundo social e o fato de os atores serem socialmente constituídos por orientações e formas de ação relativamente estáveis” (idem). A partir desta breve definição podemos afirmar que o *habitus* envolve as ações coordenadas por um falante e as disposições esperadas, como a produção do discurso, a gestualidade e a postura, que são estabelecidas pela sociedade, e que regulam a prática desses atores. Porém, o *habitus* não se apresenta através de regras (são “relativamente estáveis”), mas por meio de usos; ou seja, a regulamentação das ações exercidas pelo sujeito e a legitimação de seu discurso se devem à prática.

O *habitus* também está associado ao papel social do falante, com os seus modos de falar, a sua gestualidade e ações comunicativas incorporadas. Bourdieu estava interessado nas experiências sociais (individualmente construídas) e na disposição da postura corporal (socialmente estabelecidas) para entender “como os falantes compreendem o seu próprio engajamento nas práticas comunicativas, sejam elas verbais ou comunicativas” (HANKS, p. 37).

Como apresentaremos abaixo, a noção de *habitus* não está dissociada do conceito de campo, pois ambos foram desenvolvidos conjuntamente para descrever a relação entre ações comunicativas (discurso) de cada falante com sua formação social. Hanks (2008) inicia esse cruzamento com a afirmação de que o *habitus* “emerge especificamente na interação entre indivíduos e o campo, não tem uma existência independente, isolada do campo” (BOURDIEU, 1993), ou seja, ele se apresenta de acordo com o tipo de interação e histórico entre os indivíduos. Para os autores, o campo é um tipo de organização social que tem como principais aspectos a atribuição de papéis sociais, de posição dos agentes e o processo

histórico que essas posições são assumidas pelos atores, de forma individual ou coletiva. Assim como o *habitus*, o campo é uma organização dinâmica por permitir tomadas de posições pelos falantes em um espaço já estabelecidos socialmente.

Sobre a disputa de posições dentro de um campo, Hanks diz que “se as posições em um campo estão relacionadas entre si por oposição, os agentes que as ocupam relacionam-se através de disputa e competição” (2008: 44). Há valores que circulam entre os campos, sejam eles prestigiados ou estigmatizados, são plenos de poder, autoridade e competência, enquanto outros são destituídos desses elementos. Em ambientes políticos e considerando o discurso neles produzidos, há muita disputa de posições e tentativas de desmoralização do adversário como aconteceu, por exemplo, quando das críticas feitas ao governo de Dilma Rousseff pelos candidatos Aécio Neves, pastor Everaldo e Eduardo Campos nas entrevistas do JN. Outro exemplo é o da candidata Marina Silva que, estrategicamente, ocupa a posição de ambientalista ao apresentar um discurso voltado para as questões ambientais, o que também lhe confere autoridade no campo político-ambiental.

De uma perspectiva prática, como afirma Hanks (id.) citando Bourdieu (1993), “a produção da fala e do discurso são formas de ocupar posições em campos sociais, de forma que os falantes passam a ter trajetórias em cujo percurso eles perseguem diversos valores”. Na entrevista de pastor Everaldo (PSC), o candidato reitera o tempo todo, em seu discurso, o seu passado pobre e de lutas em uma favela carioca, como forma de ocupar o ‘campo da pobreza’ para, quem sabe, ser reconhecido como um falante desse grupo, mesmo sendo um empresário (justamente o oposto da atual posição ocupada). Permanecer vinculado ao campo e ser reconhecido nele é o ponto em que o *habitus* e o campo se encontram, como diz Hanks (2008): “as posições sociais dão origem a disposições corporais. Manter o vínculo com um campo é estar moldado [...] pelas posições que se ocupa nele” (p. 44). Por isso, podemos perceber nas entrevistas de Eduardo Campos, Marina Silva e pastor Everaldo que os jornalistas buscam saber as razões pelas quais os referidos candidatos romperam com o PT em certa etapa de suas trajetórias políticas.

O campo, como afirma Hanks (2008), não é um traço meramente externo ao contexto, mas um elemento de formação que molda o indivíduo através do *habitus*, ou seja, só é um fenômeno social quando analisamos as posições que os atores ocupam, o contexto histórico em que estão inseridos, os valores que permeiam suas ações, suas trajetórias e carreiras, além do *habitus* assumido de acordo com o campo (p. 45). Para Bourdieu (1985 *apud* HANKS,

2008), o campo é formado por três aspectos fundamentais: uma disputa linguística através de recursos discursivos mediante normas (já) estabelecidas, um conjunto de crenças e valores construídos ao longo da trajetória do indivíduo e os interesses envolvidos nas interações.

No *corpus* de nossa pesquisa, podemos observar esses aspectos do campo em situações como as diversas vezes em que a presidente Dilma Rousseff (PT) tentou completar sua resposta, mas foi interrompida pelos jornalistas (disputa linguística), os valores cristãos do pastor Everaldo (PSC) impressos em sua fala, como ser contra o aborto (conjunto de crenças e valores), e os interesses de Marina Silva (PSB-Rede) em implantar um novo modelo político no país.

As crenças e valores que os candidatos carregam, como a ideologia do partido, por exemplo, ajudam a definir o *habitus* e são ativados pelas escolhas e expectativas dos agentes no campo no momento das interações. Com isso, a fala dos locutores é também mobilizada em função das ações que são esperadas pelo campo e pela audiência. Na entrevista com Marina Silva, por exemplo, a candidata parece não conseguir atender as expectativas em torno de uma imagem de candidata mais enérgica e firme em relação aos temas abordados, especialmente porque naquele momento estava assumindo a liderança das intenções de voto, logo após a morte de seu colega de chapa Eduardo Campos. Nesse sentido, é possível afirmar que Marina Silva não consegue reproduzir as demandas do campo, tanto no que diz respeito às suas disposições corporais como também em relação à sua produção discursiva. (cf. HANKS, 2008: 45).

O autor ainda nos adverte que todo campo é delimitado por restrições sobre quem pode ou não participar, seu acesso é seletivo dependendo da classe social, renda e poder simbólico. Para que um campo funcione adequadamente é necessário que ele tenha limites estabelecidos, sentido e objetivos claros para “assegurar” que os participantes permaneçam nele e exerçam suas posições conquistadas através do *habitus*. Quando Marina Silva (PSB-Rede) confronta a jornalista Patrícia Poeta ao dizer que ela “desconhece sua história de vida”, a candidata desqualifica a posição de sua interlocutora, afirmando implicitamente a sua própria posição conquistada e legitimada pelo tempo e pelo contexto. Se compararmos as trajetórias políticas dos candidatos, o candidato com menor (ou quase nenhuma) experiência é o pastor Everaldo (PSC), que não consegue ativar o *habitus* político e, por isso, vê sua candidatura ser posta em questão tanto pelo campo político como pelo campo jornalístico.

1.2. Os gêneros televisivos

De acordo com Bakhtin (1953 [2003]), os gêneros são compostos por três dimensões inseparáveis e fundamentais para sua estrutura: (i) os temas/conteúdos ideológicos; (ii) os elementos das estruturas comunicativas presentes nos textos do gênero e (iii) marcas linguísticas e estilísticas tanto do locutor quanto do próprio texto. Essas dimensões também nos permitem compreender os gêneros em uma situação de contexto, segundo Hanks (2008), podendo ser ela emergencial ou incorporada. Nas palavras de Rio (2010), nessas esferas comunicativas (contexto como o das entrevistas do Jornal Nacional), os participantes da interação ocupam lugares sociais e estabelecem relações hierárquicas, tais como quem tem direito de falar e distribuir o turno. A partir desse ponto, inicia-se a disputa de poder de um campo sobre o outro, em que os atores de cada lado se empenham na manutenção de suas posições.

Bakhtin (1953 [2003]) também afirma que os gêneros são capazes de se modificarem à medida que se desenvolvem dentro de um determinado campo, ou seja, eles não são estáticos, são capazes de se renovarem a cada nova prática social e sujeitos à mudanças de acordo com as sociedades (RIO, 2010). A articulação feita por Hanks (2008) entre o *habitus* (dispositivos estáveis para uma determinada ação) de Bourdieu e os princípios do discurso postulados por Bakhtin, deriva a concepção de que os gêneros são produzidos ao longo das práticas linguísticas dos indivíduos, adaptáveis às mudanças socioculturais de dado ambiente. Para condensarmos ainda mais essa definição, segue abaixo as considerações de Rio (2010):

“Podemos afirmar, portanto, que, articulando as concepções teóricas de Bakhtin e Bourdieu, Hanks (2008) definiu gêneros como (i) elementos historicamente específicos da prática social, cujos traços definidores os vinculam a atos comunicativos situados e, mais especificamente, como (ii) elementos do *habitus* linguístico, constituídos por um esquema estilístico, temático e indexical, com base no qual os falantes improvisam.” (RIO, 2010, p. 38)

Os gêneros são, portanto, compreendidos não apenas como um conteúdo ou um recurso de linguagem, mas também como um fato cultural e um modelo dinâmico, como diz Martin-Barbero (2003 *apud* RIO, 2010). Além disso, os gêneros televisivos se definem de acordo com a sociedade (público) em que são produzidos e recebidos, dependendo do sistema de comunicação midiática de cada país. Ou seja, os gêneros se ajustam às mudanças da

sociedade e são “alterados gradativamente, ajustando-se, assim, às novas matrizes culturais, às novas tecnologias e às demandas dos telespectadores” (RIO, 2010).

A pesquisa desenvolvida pela professora Vívian Rio Stella em sua tese de doutorado (RIO, 2010) nos esclarece quanto à estrutura e função dos gêneros televisivos, em que afirma serem os gêneros midiáticos uma composição de estruturas próprias da categoria e questões culturais dos atores sociais participantes da interação. Nas palavras de Rio (2010),

“por serem considerados uma estratégia de comunicabilidade e, ao mesmo tempo, um fato cultural, os gêneros televisivos se definem por sua arquitetura interna, por seu lugar na programação e pela matriz cultural da sociedade em que os gêneros são produzidos e recebidos. Por isso, para abordar os gêneros televisivos é preciso compreender o sistema de comunicação midiática de cada país, já que os gêneros não são apenas constituídos pelos temas e por sua forma composicional e estilística (as três dimensões definidas por Bakhtin), mas também pela configuração cultural, pela estrutura jurídica de funcionamento da televisão, pelo grau de desenvolvimento da indústria televisiva e por alguns modos de articulação com a indústria televisiva” (pp. 40-41).

A autora ainda destaca que os gêneros não são estruturas fixas, pois são passíveis de alterações e incorporações durante seu funcionamento:

“acreditamos que as principais postulações dessas teorizações podem ser resumidas nos seguintes termos: (i) o gênero não é uma estrutura fixa, mas suscetível a incorporações e modificações; (ii) não se deve considerar apenas as estruturas formais/ composicionais dos gêneros, mas também seu contexto histórico e o uso que os atores sociais fazem dele em suas práticas; (iii) é por meio da prática com e pelos gêneros que os atores sociais estabelecem parâmetros de produção, recepção e avaliação, os organizam e os incorporam a seus *habitus* de recepção” (RIO, 2010, p. 42).

Diante do que acabamos de apresentar, não podemos desprezar os interesses dos receptores nem os interesses dos produtores de conteúdo televisivo, pois são eles os responsáveis por essas inovações e detentores da informação. Wolf (1980), outro autor citado por Rio (2010) leva em consideração o papel desempenhado tanto pelo produtor quanto pelo receptor, e que, por isso, o polo de produção e recepção são indissociáveis. Esse pesquisador afirma que, apesar da recepção não ser programada, ela é organizada e orientada pela produção, “tanto em termos econômicos como em termos estéticos, narrativos, semióticos” (MARTIN-BARBERO, 1995, p. 56).

1.2.1. O debate eleitoral

Para esta seção selecionamos o texto da professora Ruxandra Boicu, da Universidade de Bucareste (Romênia), intitulado *Professional culture of television journalists (Debate moderator's discursive practices)*⁸ (2014), em que realiza uma descrição das ações desempenhadas pelos jornalistas com candidatos à Presidência da França em contexto de debate político televisivo. Segundo a autora, os debates eleitorais televisivos têm provado serem instrumentos políticos eficientes que podem encorajar a participação dos cidadãos na votação a favor de um dos candidatos, especialmente nos EUA e na França, onde existe uma longa e respeitada tradição em transformar os confrontos eleitorais presidenciais em programas populares de TV, concebido tanto para informar quanto para entreter o público (BOICU, p. 37). Durante as campanhas eleitorais, em países democráticos a mídia local está comprometida com o esforço de popularizar a comunicação política, em nome das forças políticas que apoiam os candidatos.

O debate eleitoral, de acordo com Boicu (2014), é o ponto alto de qualquer campanha, pois é uma grande oportunidade para os políticos serem vistos e ouvidos por milhões de telespectadores, tornando-se o clímax da campanha eleitoral, ainda mais quando os convidados do telejornal são candidatos presidenciais. Nas eleições presidenciais de 2012 na França, por exemplo, pouco mais de 80% dos eleitores franceses votaram no segundo turno em François Hollande ou em Nicolas Sarkozy, enquanto que nas eleições legislativas locais a porcentagem de participação não ultrapassou os 65% – em países como a França e os Estados Unidos o voto é facultativo. Neste estudo, o quadro teórico é composto por teorias clássicas sobre a missão/função dos jornalistas televisivos que “conduzem” [sic] os debates presidenciais, de forma a cumprirem explicitamente seu profissionalismo, servindo o público responsável e eticamente. Ainda segundo a autora (2014), eles devem provar que se preocupam com os eleitores, que conhecem a agenda política melhor do que os próprios candidatos e que representam os interesses públicos como legítimos porta-vozes.

Os mediadores de debates políticos estão posicionados entre duas realidades ideais, ou seja, a realidade da televisão e a realidade da política. Para Charaudeau (2005 *apud* BOICU, 2014), os jornalistas representam a ligação entre os políticos e os cidadãos na relação triangular social que une esses três pólos. De acordo com o autor, a missão destes

⁸ “Cultura profissional dos jornalistas televisivos (Práticas discursivas dos moderadores de debate)”, em tradução livre. Disponível online em <http://www.upm.ro/ldmd/LDMD-01/Jou/Jou%2001%2003.pdf>

profissionais é sustentada por um tipo de contrato de comunicação, em que há uma dupla finalidade: a primeira, ética, consiste na transmissão de informação de acordo com os valores da democracia, e comerciais, destinada a conquistar o maior público possível a fim de vender o produto da mídia. Dependendo do tipo de diálogo com os políticos, o jornalista (mediador da interação) pode se comportar de diversas maneiras, sustentando um perfil amistoso até uma atitude às vezes agressiva com os candidatos. Em um debate eleitoral, Charaudeau (2006 *apud* BOICU 2014) afirma que o jornalista:

“apenas atua como uma ‘ampulheta’, um distribuidor do tempo de fala, [ou] ele pode ser muito presente em como conduzir uma entrevista e desafiar os atores da vida social. Neste caso, os princípios de neutralidade e distância são mais difíceis de sustentar porque é o jornalista que faz [...] a distribuição dos turnos e é quem, através de suas perguntas, mapeia os quadros de perguntas. Às vezes, o desafio do *captatio* [objetivo comercial] pode levar o jornalista a aumentar antagonismos assim como causar controvérsia que é mais característico de uma luta de boxe do que um debate de opiniões” (p. 40)⁹.

A importância do papel dos moderadores é crucial para que eles possam cumprir sua missão de servir ao público, contribuindo com a clareza da transmissão das políticas previstas aos candidatos. Boicu (2014) também reitera que para garantirem a clareza de suas mensagens políticas, espera-se que os jornalistas cumpram sua missão democrática, não apenas através dos interesses dos cidadãos, mas também pela defesa dos direitos iguais e dos exercícios da imparcialidade política. A missão desses mediadores em um debate, a partir dessas considerações, pode ser distribuída em um conjunto de cinco componentes: (i) confronto, (ii) tempo igual e adequado, (iii) componentes de contestação, (iv) proposição estabelecida e (v) conquistar a decisão do público. O primeiro componente, o debate como um confronto, significa que os políticos são convidados pelos moderadores para falarem em turnos, através do controle de suas falas. O segundo garante que cada candidato tenha a mesma quantidade de tempo a sua disposição, e que o moderador também é o responsável pelo controle de fala. Essa quantidade de tempo é negociada entre a produção do programa e as equipes dos políticos para que as respostas não excedam o limite proposto – caso isto ocorra, cabe ao jornalista interromper o candidato.

⁹ “se contente de jouer le rôle de « sablier », de distributeur du temps de parole, [ou] il peut être très présent dans la façon de mener une interview et d’interpeller les acteurs de la vie sociale. Ici, les principes de distance et de neutralité sont encore plus difficiles à tenir, car c’est le journaliste qui procède [...] à la distribution des paroles et c’est lui qui par ses questions impose des cadres de questionnement. Parfois même l’enjeu de captation [la finalité commerciale] peut entraîner le journaliste à exacerber les antagonismes de façon à provoquer une polémique qui relève plus d’un spectacle pugilistique que d’un débat d’opinions” [tradução nossa].

Em terceiro, este componente oferece aos debatedores a oportunidade de elaborarem as perguntas mais relevantes para a sociedade, como economia, educação, desemprego, etc. A autora classifica os dois últimos componentes como uma missão democrática e comercial dos jornalistas de TV, em que três das cinco características do debate eleitoral televisivo dependem do profissionalismo dos moderadores (AUER, 1962 *apud* BOICU, 2014). Outro autor citado pela pesquisadora, Sandré (2009), afirma que na hierarquia dos três papéis desempenhados pelos apresentadores – aqui denominados também como animadores – do debate:

“o papel do animador é importante, a fim de preservar a coerência global do debate. Este último é responsável pela gestão do debate, como ele pode executar várias funções. A função principal é a distribuição de turnos (e, portanto, a gestão dos diferentes turnos e sua alternância), geralmente no interesse da justiça (revelado pela distribuição de tempo de fala entre os participantes)” [tradução nossa].

O primeiro objetivo deste estudo, segundo Boicu (2014), é mensurar e comparar as porcentagens relativas das três funções de controle em um caso concreto de um debate presidencial. Essas porcentagens diferem de debate para debater, assim como demonstrado em nossa própria pesquisa. A autora ainda complementa afirmando que além das estratégias e capacidades de gestão dos jornalistas, são as competências interacionais dos políticos e a peculiaridade de cada encontro que faz com que o número e o tempo de intervenções ou turnos sejam imprevisíveis. E o segundo objetivo é revelar a prática de abordar os políticos em um estilo comunicativo direto, conciso e eficiente que pode ser percebido como linguisticamente impolido dos jornalistas no debate. Com duração total de 2 horas e 40 minutos, o debate presidencial entre François Hollande e Nicolas Sarkozy em 2012 compõe o *corpus* da pesquisa de Boicu (2014).

Para análise desse material, a autora propõe uma abordagem estatística tanto quantitativa quanto qualitativa, compreendida em dois estágios: a quantificação dos atos de fala desempenhados pelos moderadores de acordo com suas funções básicas, como controle de turno, de tópico e de tempo. Já o segundo estágio avalia a prática do uso da impolidez linguística. Depois de distribuir os atos de fala diretiva em concordância com a intenção mais urgente dos moderadores, Boicu (2014) observou que 41% dos atos visavam controlar a atribuição de turno, outros 41% para controlar a ordem de tópicos e 18% foram destinados para controlar o tempo de intervenções dos candidatos. A fim de encontrar a parte real dos

atos de controle de tempo, a autora submeteu os outros atos de fala (41% + 41%) para um teste adicional: o sentido das intervenções dos apresentadores foi interpretado como tópico/sequências de manutenção de tópico ou tópico/sequências de alteração de turno. Os resultados desta análise mostram que as sequências de manutenção de turno e tópico somam 21% dos atos diretivos, enquanto as sequências de mudança de turno e tópico um total de 79%.

Quando assistimos a debates eleitorais televisivos, conclui Boicu (2014), podemos desfrutar o carácter dinâmico destes programas. Sempre esperamos para ver qual dos candidatos é mais rápido, mais espontâneo e também eficiente de acordo com seus argumentos (convincentes) que ele apresenta diante dos telespectadores. O debate é interessante porque nos permite conhecer melhor os políticos, para saber como eles reagem em situações estressantes e desconfortáveis. Seu desempenho, neste caso, é essencial tanto para informar quanto para entreter o público que está em casa. Podemos afirmar que tanto o debate quanto a entrevista eleitoral possuem mediadores (jornalistas) que comandam a interação e são responsáveis pela distribuição do turno e do tópico, além de um controle do tempo estabelecido pelo programa.

1.2.2. A dinâmica da entrevista eleitoral

A mídia televisiva é um dos espaços onde textos orais são performatizados, especificamente em entrevistas televisivas nas quais as dinâmicas nesse tipo de interação ocorrem por relações de dominância ou igualdade, cooperação ou conflito – dependendo dos participantes desse evento. Fávero *et al* (2010) afirmam que a entrevista é uma criação coletiva e organizada, podendo ser de natureza consensual, conflitual e instável quando há dois participantes (entrevistas dilogais) ou três (entrevistas trilogais). Em entrevistas com políticos candidatos à eleição, como em nosso caso, espera-se que o entrevistador/mediador seja o participante menos ativo, com turnos mais curtos, apenas para realização das perguntas e direcionamento da interação. Segundo os autores (2010), esta é a regra vigente em programas dessa natureza. Fávero *et al* (2010) ainda acrescentam que a entrevista televisiva é uma prática social complexa por combinar dois “*frames* interativos distintos”: a entrevista em si e a mídia.

Em linhas gerais, a entrevista televisiva é composta por um entrevistador e seu(s) convidado(s) e há o interesse em permitir que o entrevistado fale segundo o direcionamento exercido pelo jornalista. Os dois principais aspectos de uma entrevista, de acordo com os autores (2010), são o tipo de programa (telejornal, programa de variedades, *talk show* etc.) e o perfil da audiência (adultos, crianças, jovens etc.), pois eles definem quem será o convidado, o tipo de convite a ser feito e os tópicos a serem abordados.

Índices que podem ser analisados em uma entrevista televisiva são os marcadores não verbais, como o direcionamento visual e corporal do entrevistado, uma das maneiras de identificação do interlocutor. Como já dito anteriormente, o modelo de entrevista eleitoral com candidatos à Presidência da República exibida pelo Jornal Nacional (Rede Globo) é composto por dois entrevistadores e um entrevistado, fazendo com que o candidato sempre mantenha contato visual com o entrevistador que lhe dirige a pergunta. Em termos técnicos, quase sempre a câmera focaliza apenas quem está com o turno. Fávero *et al* (2010) ressaltam o papel do mediador em interações como essa:

“Dependendo de quem seja o entrevistador ou do papel que lhe destinam, a entrevista pode constituir apenas uma técnica em que se obtém respostas já esperadas a partir da organização de um simples questionário e, neste caso, um pré-texto já estaria construído anteriormente ao encontro e seria preenchido tão somente com as respostas do entrevistado”. (2010, p. 138)

Na prática, a entrevista eleitoral televisiva não se comporta dessa forma quando se observam os últimos anos de exibição na Rede Globo, pois esse modelo ideal de organização e pré-consciência da pauta de perguntas a serem respondidas não corresponde às análises de nosso *corpus*. A presente pesquisa aponta, como veremos no capítulo três, para uma relação de dominação do campo midiático sobre o campo político, uma verdadeira disputa pelo controle de fala e do tempo do candidato, além das questões associadas ao tratamento (polidez) dos entrevistadores com os entrevistados.

Embora a entrevista seja composta por um entrevistador, um entrevistado e seu público, o que os permite falar e construir seus textos são as perguntas, “elementos que, de acordo com os objetivos conversacionais e com o contexto, permitem a organização do texto falado” (2010, p. 139), principalmente na condução de uma entrevista. Fávero *et al* (id.) dizem que as perguntas dinamizam a interação verbal, organizam a participação dos interlocutores e formulam os tópicos a serem abordados, permitindo ao entrevistador/mediador gerenciar (controlar) as atividades esperadas dos participantes da

interação. Assim como as análises desenvolvidas pelos autores, as análises do *corpus* de nossa pesquisa também revelaram que o contexto, o modo de interação e as perguntas realizadas pelos entrevistadores operam no sentido de organização do texto conversacional durante as entrevistas televisivas. Como em outras interações conversacionais cotidianas, os participantes da entrevista podem disputar por um espaço para falar, pois:

“Toda interação verbal pressupõe negociação e certas ações executadas pelos indivíduos são associadas ao processo de interação verbal de forma a possibilitar que os interlocutores atinjam os objetivos visados”. (2010, p. 141)

Fávero *et al* (2010) ressaltam também a estratégia de polidez usada nas interações em programas de entrevista, visto que existem vários tipos de ações que geram conflitos entre entrevistador e entrevistado, podendo ser um risco à imagem pública dos participantes. Para os autores, a (im)polidez observada nas entrevistas implica a abordagem de certos fatores fundamentais, como: relações de poder, distanciamento social, variação linguística e grau de comprometimento com suas ações. Ainda segundo os autores, esses fatores são determinantes para a “seleção das estratégias durante a atividade discursiva” (FÁVERO *et al*, 2010, p. 143). A polidez nas entrevistas televisivas pode ser considerada como um medidor de tensão do diálogo entre o entrevistador e seu entrevistado, porque ora indicia que ambos os interlocutores estão causando uma boa impressão em sua audiência, ora indiciam conflitos e, conseqüentemente, a desqualificação de um dos interlocutores. Fávero *et al* (2010) acrescentam que o entrevistador e o entrevistado são responsáveis por informar e persuadir o público e mais: ambos desempenham o duplo papel ao serem cúmplices da mídia e adversários na conquista do público.

Diferentemente das entrevistas televisivas eleitorais, os debates eleitorais – também transmitidos pelas emissoras de televisão – permitem o confronto direto entre os candidatos entrevistados. A presença de pelo menos dois ou mais candidatos faz com que o jornalista seja menos participante da interação se compararmos sua atuação em uma entrevista. Além disso, a presença dos eleitores na plateia do programa garante uma proximidade maior entre os candidatos e seu eleitorado, oferecendo a oportunidade de membros deste último serem participantes da interação. O contexto do debate eleitoral anteriormente descrito formata a interação entre os candidatos e o jornalista, que assume de fato seu papel de mediador do debate eleitoral, pois tanto ele como pessoas da plateia e os outros candidatos formulam os tópicos a serem abordados durante o programa. Outro ponto a ser destacado é a possibilidade da formação de uma coalizão de dois ou mais candidatos contra um candidato, visando

prejudicar o desempenho deste último no debate. Já no caso das entrevistas eleitorais, como vimos um pouco acima e como continuaremos a ver no próximo capítulo, os jornalistas parecem assumir outro papel em relação ao entrevistado: o de considerá-lo como um adversário a ser combatido.

1.2.3. Características gerais da entrevista eleitoral no Brasil

Em linhas gerais, sabemos que as entrevistas televisivas eleitorais se apresentam de maneira distinta das entrevistas realizadas em programas de auditório, de variedades e em matérias jornalísticas, principalmente quando comparamos a postura desempenhada pelo(s) entrevistador(es) nesses diferentes ambientes. Para alguns autores a serem vistos a seguir, os entrevistadores/mediadores apenas desempenham seu papel fundamental de colaboradores de seus entrevistados e da opinião pública. Mas para a maioria dos estudiosos e de acordo com as análises desenvolvidas sobre o *corpus* dessa pesquisa, as entrevistas eleitorais se tornam um combate de forças entre os campos (midiático e político), como afirma Bourdieu (1997), pois os entrevistadores se colocam em uma posição de acusadores e/ou cobradores dos candidatos entrevistados. O jornalista e sociólogo Venício Lima (2014) destaca esse “combate” travado entre entrevistadores e entrevistados ao dizer que os mediadores se investem de uma “autoridade auto atribuída de fiadores do interesse público”, como também aponta Bourdieu em sua obra *Sobre a Televisão* (1997).

Autores como Fávero *et al* (2010) afirmam que este modelo de entrevista se dá em um conflito, enquanto que para o professor Wilson Gomes (2012) essa interação se transforma em uma “arena argumentativa”. Como já descrito acima, há o conflito pressuposto entre os dois campos, porém assumimos a definição de que a entrevista eleitoral no Brasil torna-se um combate. Isto é, as entrevistas eleitorais que emergem na televisão brasileira passaram a ser configuradas como um tipo de interação pouco comum neste contexto. Sendo assim, o papel desempenhado pelos entrevistadores é de fundamental importância para a compreensão das características das entrevistas eleitorais televisivas ao longo das eleições presidenciais de 2014, pois são considerados “combatentes” ao reivindicarem para si a função de legítimos defensores do interesse público. Bourdieu (1997) descreve essa auto legitimação como se os jornalistas fossem juízes exercendo um trabalho de julgamento, devido ao prestígio conquistado através da televisão.

Uma das características da fala dos jornalistas que corrobora a afirmativa acima de que eles se colocam na função de representantes do interesse público ao entrevistarem candidatos à Presidência da República é a emergência de uma certa impolidez dispensada aos candidatos, especialmente se considerarmos o número de interrupções nas falas dos entrevistados, evidenciando também um controle exacerbado dessas falas. Deste modo, é possível perceber uma desigualdade na distribuição do poder nesse contexto de conflito, dado que o campo jornalístico é construído como se fosse composto por atores sociais “impolutos” e a classe política é construída como se fosse composta apenas por atores sociais “corruptos”.

Outro aspecto fundamental que destacamos para a estruturação de uma entrevista eleitoral é a seleção das temáticas das perguntas realizada pela produção do telejornal, definidas como importantes para o eleitorado. O papel que a Rede Globo acaba desempenhando neste cenário é mais do que informar o cidadão, é principalmente usar a entrevista como um meio de transmitir a “voz do povo”; mas o conteúdo destes temas aponta para uma direção em que apenas os interesses da emissora são atendidos: um plano de austeridade para a economia brasileira, como cortes de gastos públicos, privatizações etc.

Ainda em relação às entrevistas eleitorais com os candidatos à Presidência da República nas eleições de 2014, Oliveira (2014) afirma que as interrupções ocorreram de modo desigual na comparação entre as entrevistas, o que revela mais um dos mecanismos de controle (de tempo etc.) exercido pelos entrevistadores (campo midiático) sobre os entrevistados (campo político). Esse tipo de controle é também um controle dos argumentos, por interromper mais alguns candidatos do que outros, além de perguntas muito longas de um lado e perguntas mais objetivas e curtas de outro. Oliveira (2014) afirma que esse tipo de atuação exercida pelo Jornal Nacional reforça um discurso contra a classe política, aumentando a desconfiança e insegurança dos eleitores em relação aos seus representantes. De acordo com as análises a serem desenvolvidas no capítulo 3, o tempo em si é distribuído desigualmente entre os entrevistadores e os entrevistados. Essas e outras ações por parte dos jornalistas/entrevistadores indiciam o tratamento dispensado a determinados candidatos.

1.2.4. A entrevista eleitoral do JN

Sabemos que a entrevista, como afirmam Fávero *et al* (2010), é um gênero de criação coletiva, pois é o lugar em que os participantes constituem relações de dominância ou

igualdade, convivência ou conflito. No caso das entrevistas eleitorais do Jornal Nacional, temos a participação de dois entrevistadores, William Bonner e Patrícia Poeta, e um candidato entrevistado. Em relação aos papéis desempenhados pelos entrevistadores, iremos demonstrar que a jornalista Patrícia Poeta não exerce o mesmo poder de mediação ao longo da entrevista que o seu colega, pois faz menos perguntas e evita confrontos com o entrevistado, como se fizesse o papel de um terceiro participante da entrevista.

Mesmo assim, é possível dizer que o *corpus* dessa pesquisa é constituído de trólogos, com um entrevistado e dois entrevistadores, caracterizados pela formação de coalizão, isto é, “a união de dois ou mais atores que adotam uma estratégia comum para fazer frente a outros dois atores no mesmo sistema” (CAPLOW, 1984 *apud* FÁVERO *et al*, 2010, p. 129).

Para Zamouri (1995, *apud* FÁVERO *et al*, 2010), se pelo menos dois dos participantes compartilharem do mesmo ponto de vista contrário ao terceiro, a possibilidade de formarem uma coalizão contra esse último é alta. Essa coalizão, evidentemente, já era prevista entre William Bonner e Patrícia Poeta porque ambos trabalham para a mesma emissora de televisão, compartilhando valores e crenças, especialmente em relação às formas de atuação ao longo das entrevistas com os presidentiáveis. O autor ainda afirma que “a coalizão nasce sempre de um conflito porque, diante do desacordo que ocorre entre dois interlocutores, o terceiro pode se manter ‘neutro’, recusando-se a tomar partido, ou unir-se a um dos parceiros, união esta que pode ir de uma simples aprovação a uma verdadeira coalizão (pp. 129-130)”.

No caso de entrevistas televisivas eleitorais, o Jornal Nacional tem uma particularidade: os dois entrevistadores não exercem o mesmo papel o tempo todo pois, como já dissemos, na maioria das vezes, Patrícia Poeta reforça, por meio de suas intervenções e também de seus silêncios, a postura adotada por William Bonner, especialmente em relação à então presidente Dilma Rousseff. Chegamos a conclusão de que a jornalista faz o papel deste terceiro participante. Com isso, podemos classificar nossos participantes/locutores dessa interação da seguinte maneira: William Bonner é o L1 (mediador), o candidato é o L2 (entrevistado) e Patrícia Poeta é o L3 (participante da coalizão com Bonner). L1 e L3 estão do mesmo lado em ininterrupto conflito com L2 para conter ou promover seu desempenho.

De acordo com Fávero, Andrade & Aquino (2000), uma interação consiste “por situar-se em um contexto em cujo âmbito se estabelece um campo de ação comum no qual os sujeitos envolvidos podem entrar em contato entre si”. As autoras ainda destacam o papel fundamental da ação e desempenho de cada indivíduo, desenvolvendo sua atuação a partir de

uma série de regras que podem influenciar o contexto, que será visto com mais detalhes adiante. A seguir, veremos como o campo jornalístico reagiu às entrevistas eleitorais televisivas do Jornal Nacional, com os principais pontos abordados em artigos e trabalhos e, por fim, nossas considerações a cerca de cada autor.

CAPÍTULO 2: O CAMPO JORNALÍSTICO EM RELAÇÃO ÀS ENTREVISTAS ELEITORAIS DO JN NAS ELEIÇÕES DE 2014

2.1. A reação dos jornalistas brasileiros às entrevistas do JN

Muito além de nossas observações iniciais e do senso comum sobre as entrevistas eleitorais realizadas pelo Jornal Nacional (JN) da Rede Globo de Televisão nas eleições de 2014¹⁰, o próprio campo jornalístico observou e reagiu negativamente à postura adotada pela emissora com os candidatos à Presidência da República. A recepção entre os jornalistas, articulistas e estudiosos da área foi quase unânime, com muitos concordando com o tom inquisitorial dispensado pelos entrevistadores William Bonner e Patrícia Poeta (e Fátima Bernardes anteriormente) com a maioria dos candidatos. Além disso, alguns jornalistas chegaram a questionar se de fato essas interações poderiam ser consideradas uma entrevista – por aspectos que apresentaremos a seguir.

Sendo assim, a primeira parte deste capítulo se dedicará às reações dos jornalistas em artigos publicados logo após a veiculação dessas entrevistas; apresentaremos as principais ideias de cada artigo e destacaremos os pontos em comum entre os autores. Na segunda parte, apresentaremos os estudos de teóricos da comunicação que demonstram a articulação entre a política e a grande mídia televisiva brasileira. Por fim, teceremos nossas considerações a respeito desse levantamento bibliográfico a partir da recepção dos especialistas do campo jornalístico após as entrevistas eleitorais do Jornal Nacional de 2014.

No artigo *As ‘entrevistas’ do ‘Jornal Nacional’*, publicado pelo Observatório da Imprensa, o jornalista e sociólogo Venício Lima (2014) convida o leitor a fazer uma reflexão sobre o ‘exercício de poder político no Brasil’ realizado pela Rede Globo durante a exibição das entrevistas eleitorais. O autor afirma que a emissora é a maior concessionária do serviço público de radiodifusão do país e parte de um dos maiores oligopólios de mídia do mundo – o peso dessas informações no início de seu texto nos mostra o impacto dessa emissora nos lares brasileiros, especialmente no que diz respeito ao modo como as informações são (re)configuradas para este grande público.

¹⁰ Como dito anteriormente, nossa pesquisa tem como *corpus* as entrevistas eleitorais exibidas pelo Jornal Nacional (Rede Globo) durante as eleições presidenciais de 2014. Porém, trazemos autores que também estudaram as entrevistas eleitorais presidenciais de 2006 e 2010, como comparação das relações entre entrevistadores e entrevistados.

O autor põe em questão o papel que a comunicação exerce nos processos democráticos brasileiros – como as eleições presidenciais – ao afirmar que a entrevista ideal deveria se assemelhar a uma conversa e não a uma contenda, devido ao pressuposto básico de produção e compreensão de uma entrevista jornalística: o respeito mútuo entre o entrevistador e o entrevistado. Segundo Lima (2014), outra característica do modelo de entrevista é que as opiniões do entrevistador ‘devem ficar de fora das perguntas e não se deve argumentar com o entrevistado tentando convencê-lo de que a versão correta é aquela apresentada na pergunta’ (LIMA, 2014).

O sociólogo ainda nos diz que não houve jornalismo, nem conversa nas entrevistas do JN, mas sim um combate; não houve perguntas, mas ataques, num duelo político travado entre William Bonner e Patrícia Poeta e os candidatos, onde nenhuma das regras elementares para se conduzir uma entrevista jornalística foi cumprida devido à postura e a condução dessas interações pelos mediadores do programa. Sobre a postura ‘imperial’ dos entrevistadores, Lima (2014) aponta que esta denotava:

“a assimetria de poder expressa na arrogância investida de autoridade auto atribuída de fiadores do interesse público. A postura dos “entrevistados” implicava a aceitação da inevitabilidade de serem submetidos a uma inquisição pública em rede nacional de televisão, sem qualquer garantia sobre a forma como seriam “tratados” e/ou em relação à equidade do tempo concedido para resposta das “perguntas” feitas ao vivo”.

Como podemos observar, a crítica à postura dos jornalistas com os entrevistados parte do pressuposto da necessária observação de regras básicas de uma entrevista jornalística com o que de fato aconteceu (ou deixou de acontecer) nessas entrevistas em destaque. O papel exercido por William Bonner e Patrícia Poeta ficou ainda mais evidente na entrevista com a candidata à reeleição presidente Dilma Rousseff (PT) que, segundo o autor, sofreu uma indisfarçável diferença de tratamento comparado aos outros entrevistados. Para Lima (idem), os entrevistadores se comportaram como se fossem ‘detentores do poder político institucionalizado’ por conduzirem uma ‘inquisição beligerante da maior autoridade pública do país’, sendo que do “destratamento” com todos os candidatos, o mais intensificado foi com Dilma Rousseff.

Venício Lima ainda destaca o conceito de ‘cobertura adversária’, proposto pela socióloga Maria do Carmo Campello de Souza. Segundo a autora, a grande mídia brasileira atribui a si mesma o duplo papel de formadora e de representante da opinião pública e, além

disso, ‘reivindica a legitimidade que disfarçadamente não reconhece nas instituições políticas tradicionais da democracia representativa’. O autor encerra seu texto dizendo que a Rede Globo, a partir disso, se apresenta como um superpoder que está acima dos outros poderes, os quais devem, ‘incondicionalmente, explicações públicas’.

Outro artigo que selecionamos para o nosso levantamento bibliográfico foi o texto *Desconstruindo Bonner – uma análise das entrevistas de Dilma, Aécio e Campos*, dos jornalistas Glauco Faria e Maíra Streit (2014), ambos do periódico online Revista Fórum. No início de seu texto, os autores dizem que é preciso rever as entrevistas e verificar quais perguntas foram feitas para cada um dos candidatos, além do comportamento dos entrevistadores (os jornalistas William Bonner e Patrícia Poeta), pois, dessa forma, podemos perceber o direcionamento do Jornal Nacional e da Rede Globo. Os autores se referem à postura e à forma incisiva como foram feitas as perguntas pela dupla de entrevistadores, ‘beirando a falta de educação’, já que os temas e palavras usadas demonstraram uma desigualdade de tratamento.

Um dado interessante que Faria & Streit (2014) trazem é o uso da palavra ‘corrupção’ pelos jornalistas do JN que, segundo levantamento feito por eles, aparece dez vezes na entrevista com Dilma Rousseff (PT), apenas três vezes na com Aécio Neves (PSDB) e nenhuma ocorrência na de Eduardo Campos (PSB). Outra análise desenvolvida pelos jornalistas foi a comparação entre uma pergunta feita por William Bonner à presidente Dilma e uma resposta de Aécio Neves. Segundo os autores, a pergunta feita foi “pautada” anteriormente, já que os seus termos parecem originar-se da resposta dada pelo candidato Aécio Neves, que já havia sido entrevistado. Vamos ao exemplo, com os destaques feitos pelos autores em negrito:

Excerto 1

PP: Candidato, o seu partido é crítico ferrenho de casos de corrupção que envolvem o PT mas o seu partido também é acusado de envolvimento em escândalos graves de corrupção [...] por que o eleitor iria acreditar que exista diferença entre os dois partidos quando o assunto é esse corrupção?

AN: Patrícia, eu acho que a diferença é enorme porque no caso do PT houve uma condenação pela mais alta corte brasileira estão presos **líderes do partido**, tesoureiros do partido, **pessoas que tinham postos de destaque** na administração federal, por denúncia de corrupção [...] o que eu posso garantir é que, no caso do PSDB, se eventualmente alguém for condenado, não será, como foi no PT, **tratado como herói nacional**. Porque isso deseduca.

Os trechos destacados em negritos usados por Glauco Faria e Maíra Streit sobre a resposta do senador revelam categorizações e tópico semelhantes aos que aparecem na pergunta de William Bonner sobre o tema ‘corrupção’ para a presidente Dilma Rousseff. Nesta pergunta, categorizações tais como “grupo de elite de pessoas corruptas” (do PT), e a retomada de um tópico, o do tipo de tratamento dado pelo PT ao líder que foi preso que, segundo o senador, foi “tratado como herói nacional”, podem evidenciar o que os autores chamam de “pergunta pautada” pelo candidato adversário:

Excerto 2

WB: Então, me deixa agora perguntar à senhora em relação a seu partido? o seu partido teve um **grupo de elite de pessoas corruptas**, comprovadamente **corruptas**, eu digo isso porque foram julgadas, condenadas e mandadas para a prisão pela mais alta corte do Judiciário brasileiro **eram corruptos** e o seu partido tratou esses condenados por corrupção **como guerreiros**, como vítimas, como pessoas que não mereciam esse tratamento, vítimas de injustiça a pergunta que eu lhe faço isso não é ser condescendente com a corrupção, candidata?

Outro aspecto analisado pelos autores da Revista Fórum é o tema ‘economia’ que abre as entrevistas com Aécio Neves e Eduardo Campos, mas que na entrevista com a presidente Dilma aparece apenas no final, depois de algumas interrupções de William Bonner na fala da candidata e mesmo na de sua colega de bancada. Os jornalistas do JN, segundo Faria & Streit (2014), sempre apresentavam diagnósticos negativos da economia brasileira e propuseram (quase exigiram) dos candidatos cortes de gastos públicos, “medidas impopulares” em suas palavras. Para os jornalistas do periódico online, a concordância entre o entrevistador e qualquer um dos entrevistados (no caso, Aécio Neves e pastor Everaldo, mais explicitamente) sobre a situação econômica do país é uma vantagem para o candidato, pois configura-se como um conceito preestabelecido, deixando – assim – o telespectador sem possibilidade de avaliar se tal informação é verdadeira ou não.

Ao final do artigo, Glauco Faria e Maíra Streit também reiteram o alto número de interrupções feitas pelos jornalistas do JN, especialmente por William Bonner: foram 21 intervenções nas respostas de Dilma Rousseff, contra apenas cinco na entrevista com Eduardo Campos e nenhuma ocorrência com Aécio Neves. Ainda sobre estatísticas das entrevistas, de acordo com os articulistas, William Bonner tomou a palavra por 3 minutos e 53 segundos, deixando apenas 47 segundos para sua colega Patrícia Poeta na entrevista com a presidente. Na entrevista com o senador, o entrevistador falou durante 3 minutos e 9 segundos, enquanto

que a jornalista do JN falou por apenas um minuto e 46 segundos. Porém, na entrevista com Eduardo Campos, o tempo de fala foi mais equilibrado: 2 minutos e 16 segundos para o âncora e 2 minutos e 8 segundos para sua colega. Para os autores, “na entrevista, Bonner deixou de ser entrevistador para se investir de sua outra função, a de editor-chefe. No caso específico, mais chefe que editor (2014)”. Concluindo suas percepções, Faria & Streit (2014) põem em xeque o modelo de entrevistas adotado pelo Jornal Nacional e criticam novamente a postura adotada pelos entrevistadores/mediadores do programa:

“o modelo de entrevistas do JN [...] testa a capacidade do candidato de se portar em uma entrevista do programa. [...] Mas entrevistas como estas, nas quais o entrevistador se traveste do inquisidor e desfila cobranças como a de que um candidato “se cerque de gente honesta”, como se este fosse o problema central da corrupção, contribuem muito pouco para que o embate político saia do raso”.

O texto do jornalista Pedro Maxfeldt Oliveira *A “imparcialidade” do JN nas entrevistas com os presidentiáveis*, publicado no periódico online Diário do Centro do Mundo, também destaca a dureza e prepotência adotadas pelos entrevistadores William Bonner e Patrícia Poeta que, segundo o autor, despejaram “chumbo grosso” sobre os candidatos. Sua análise incide sobre as cinco entrevistas: com Aécio Neves (PSDB), Eduardo Campos (PSB), Dilma Rousseff (PT), pastor Everaldo (PSC) e Marina Silva (PSB-Rede). Oliveira (2014) também ressalta o que já pudemos verificar em outros artigos sobre as diferenças no tratamento dispensado a cada um dos candidatos. Um exemplo apresentado no início do texto diz respeito à entrevista do senador do PSDB que, segundo o autor, teve dificuldades para responder a questões polêmicas, principalmente sobre a construção de um aeroporto nas terras de sua família em Minas Gerais, quando o candidato era governador do Estado.

Oliveira (2014) descreve que o posicionamento incisivo de William Bonner no papel de mediador das interações na verdade seria uma prova para testar as principais características exigidas de um político (e qualquer pessoa): ética e moral. Em uma análise mais macro, o autor afirma que a Rede Globo, a exemplo da postura da dupla do JN, “reforça uma vez mais o discurso contra a classe política (e a política em si), ampliando a descrença do povo em seus representantes, sejam eles de qual tendência forem (Oliveira, 2014)”. E ainda afirma que a equipe do Jornal Nacional não tinha a intenção de promover o livre debate de ideias com os candidatos entrevistados para melhorias no país nos próximos quatro anos.

Aprofundando sua análise, o jornalista Pedro Oliveira chama a atenção para a entrevista com o ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos pelo fato de os últimos seis minutos de sua entrevista terem sido reservados aos questionamentos de William Bonner e Patrícia Poeta sobre suas divergências com Marina Silva, então vice candidata na chapa de Campos. Além disso, o candidato é indagado sobre a demora em deixar a base de apoio ao PT no governo de Dilma Rousseff, decisão que só ocorreu apenas um ano antes desta entrevista. Outros dois candidatos, pastor Everaldo e Marina Silva, também são duramente questionados e cobrados sobre seu apoio e posterior desvinculação ao Partido dos Trabalhadores, como se estas antigas alianças fossem prejudiciais às suas candidaturas. Sobre a postura da Rede Globo frente a essas mudanças partidárias, Oliveira (2014) diz que

“para dar corda ao “contra tudo que está aí”, pensamento que beneficia a Globo enormemente já que não questiona seu papel de mediadora do debate público, a empresa demoniza qualquer alteração no xadrez político como se este devesse ser estanque, refratário a rearranjos, quando, na verdade, este jogo é jogado de maneira diametralmente oposta, baseada numa série interminável de arrumações e rearrumações”.

Ao final de seu texto, o autor levanta outro ponto incômodo nas entrevistas do JN que também foi destacado por Faria & Streit: a pressão dos jornalistas da Globo para que os candidatos façam um compromisso de cortar gastos públicos para beneficiar a economia brasileira. Segundo Oliveira (2014), os interesses da Rede Globo na verdade são: a redução do Estado, a diminuição dos direitos trabalhistas e o aumento dos lucros rentistas. Essa postura ficou bem marcada na entrevista com o empresário pastor Everaldo, quando respondeu a questões sobre privatizações e a defesa de um Estado mínimo – ultraconservador social e defensor do liberalismo econômico. Como já apontamos, o candidato do PSC também foi interrogado sobre suas antigas alianças eleitorais com Leonel Brizola, o ex-presidente Lula e com a presidente Dilma – “todos eles que têm lá suas simpatias ideológicas pelo socialismo”, nas palavras do âncora.

O último artigo que selecionamos para essa seção é o do jornalista e ensaísta Luis Nassif, intitulado *A tolice do pinga-fogo do Jornal Nacional*, em que inicia afirmando que o JN não dá um tratamento mais aprofundado aos temas nas suas entrevistas com candidatos presidenciais, devido ao tempo restrito – apenas quinze minutos para cada entrevistado. Para ele, uma grande entrevista “é aquela que extrai do entrevistado o máximo de informações relevantes” (NASSIF, 2014), a exemplo de Marília Gabriela, na TV, e Mônica Bérghamo no

jornal impresso, em que ambas agem como um ombro-amigo do entrevistado, tornando-se próximas e “acabam levando o que querem”. Por outro lado, existe o entrevistador imaturo, que tem a intenção que a entrevista seja uma luta de boxe, em que apenas ele será o vencedor. As entrevistas analisadas pelos jornalistas foram as de Aécio Neves (PSDB), Eduardo Campos (PSB) e Dilma Rousseff (PT).

Luis Nassif lista os quatro erros que o mediador das interações cometeu na série de entrevistas do JN, que não resultou em nada relevante para um programa de entrevistas eleitorais. Vamos aos erros do entrevistador:

1. Perguntas longas demais para conteúdos óbvios demais.
2. Toda pergunta longa - mesmo que eventualmente bem elaborada - permite várias rotas de saída para o entrevistado. E essas rotas sempre terminam em respostas longas e evasivas.
3. Impaciência demais com as respostas longas, motivadas pelas perguntas longas, é grosseria. Desta vez, na entrevista com Dilma, Bonner não contou com o monitoramento sábio de Patrícia Poeta, sinalizando calma com as mãos.
4. Interrupção das respostas do entrevistado. Convida-se a pessoa para ir à sua casa – o Jornal Nacional - para interrompê-lo a toda hora, querendo que a resposta se encaixe na pergunta a golpes de marreta. Pelos cálculos dos leitores, Bonner interrompeu Dilma 21 vezes. (NASSIF, 2014)

Após essa breve exposição dos aspectos mais relevantes de cada artigo, podemos observar que os autores concordam em questões que também foram as que mais nos chamaram a atenção e nos guiaram ao longo de nossa pesquisa. Tais aspectos foram: a postura autoritária e desrespeitosa do entrevistador e mediador William Bonner, o alto número de interrupções realizadas pelos jornalistas do JN, principalmente na fala da candidata à reeleição Dilma Rousseff, e a hipótese de que esse tipo de interação não pode ser considerada uma entrevista. A seguir, apresentaremos as pesquisas de estudiosos do campo da comunicação e da sociologia, por meio das quais é possível alcançar um maior aprofundamento do estudo das relações de poder que a mídia exerce sobre a política e a estrutura organizacional de uma entrevista eleitoral televisiva. Além disso, traremos as impressões dos estudiosos sobre o papel da mediação desempenhada pelo entrevistador responsável pela condução desse tipo de

interação – juntamente com elementos conversacionais disponíveis e desempenhados pelos atores desse cenário.

2.2. Os estudos de comunicação social sobre as entrevistas

Nosso primeiro artigo desta seção é de autoria do professor Wilson Gomes (2012), intitulado *Entrevistas com candidatos a presidente transmitidas “ao vivo” em telejornais: o modelo teórico-metodológico de mediação jornalística*, em que sustenta que, na verdade, as entrevistas eleitorais ao vivo (sem edição) no Brasil se transformaram em uma arena argumentativa, e não se constituem em uma apresentação da política na televisão. A tese do autor é de que, nesse espaço conversacional, o jornalismo (no papel de seus participantes) tenta, através de recursos retóricos e discursivos, manter o controle sobre a fala dos políticos – como se a mídia fosse a autêntica representante da sociedade. Semelhantemente à nossa pesquisa, o estudo de Gomes (2012) tem como *corpus* as entrevistas eleitorais do Jornal Nacional com os candidatos à Presidência, mas para as eleições de 2012.

A entrevista política “ao vivo”, segundo Gomes (idem), “é uma exceção ao procedimento do tratamento e da edição prévias, uma vez que insere no noticiário um ato conversacional em que o tempo da realização e o tempo da transmissão são simultâneos (id., p. 6)”. Esse modelo de entrevista tornou-se uma prática comum em anos eleitorais no Brasil, em que os candidatos se dirigem às bancadas dos telejornais das principais emissoras de televisão e rádio, trazendo grande audiência em seus horários de exibição. Ainda para o autor, o propósito da entrevista é satisfazer o interesse público (telespectadores/ouvintes) e beneficiar a imagem do candidato entrevistado, como se esse espaço também servisse de palanque eleitoral.

Esse tipo de modelo de entrevista não editada, segundo Gomes (2012), entra em confronto tanto com as instituições da política quanto com as do jornalismo, pois os candidatos podem ser fortemente pressionados e atacados pelos entrevistadores da interação – neste caso, o desrespeito com autoridades públicas –, além de ser impossível uma edição de conteúdo em entrevistas ao vivo. Para o autor, os mediadores de uma entrevista (entrevistadores) não possuem a função de meros mestres de cerimônia, mas assumem o papel de atores “numa arena argumentativa em que travam com o ator político [candidato entrevistado] uma tensa negociação sobre o conteúdo e a forma das suas falas”. Aspectos

como a prepotência desses atores com seus convidados é um reflexo do aumento da centralidade da TV em campanhas eleitorais, principalmente as presidenciais nos EUA, que, de acordo com Daniel Hallin (1992, *apud* GOMES 2012) mudaram “drasticamente” no período de vinte anos compreendido por sua pesquisa (1968-1988), quando o telejornalismo tornou-se peça-chave da representação pública da política.

A intervenção da mídia na fala dos políticos numa dada entrevista pode ser compreendida a partir da perspectiva apresentada por Hallin (1994), ao afirmar que a matéria jornalística moderna é mais centrada no jornalista do que nos outros participantes ou “fazedores de notícia” (1994, *apud* GOMES [2012]). Compreendendo a perspectiva de Daniel Hallin, a *mediação* pressuposta no gênero entrevista televisiva ao vivo produz uma tensão entre os dois campos, o do jornalismo e o da política, o que acaba gerando um crescente controle, por parte do primeiro, da voz dos atores políticos. Este é o principal aspecto observado pelo autor na mudança ocorrida nas entrevistas televisivas com políticos nos EUA entre 1968 e 1988, em que o entrevistador é posto no mesmo nível (ou superior) que o político entrevistado.

Ainda sobre a questão da mediação, o sociólogo Wilson Gomes, a partir da leitura de Hallin (1994), sustenta sua hipótese de que “há mediação ou controle do jornalista em qualquer ocasião em que o jornalismo é acionado para intermediar o discurso político ou para dar-lhe o formato adequado para a programação jornalística” (GOMES, 2012). Como já dito, o autor faz essa afirmação a partir do estudo das entrevistas eleitorais para presidente nas eleições de 2010, em que 14 entrevistas foram analisadas com o objetivo de verificar esse tipo de controle jornalístico da imagem e da voz da política (no papel de seus representantes). Seu interesse é examinar conceitualmente esse tipo de mediação (ou de mediações) presente nas bancadas de telejornais durante entrevistas transmitidas ao vivo, além das formas de disputa pelo controle de voz dos políticos pelos mediadores das interações.

Em uma entrevista televisiva direta, entrevistador e entrevistado têm papéis definidos por regras implícitas, e é preciso que esses atores reconheçam e exerçam suas funções de acordo com o formato que pertencem. Para Mats Ekström (EKSTRÖM, 2001, 2012), outro estudioso citado por Gomes (2012), uma entrevista atende aos princípios básicos de que o jornalista é quem inicia sua fala e convida o entrevistado a falar; o entrevistado deve saber e reconhecer que é o entrevistador que tem o poder de estabelecer a ordem de quem fala e

decidir os temas a serem respondidos. Com isso, cabe ao entrevistado cooperar com o mediador da interação, podendo atender ao tópico ou recusar-se a responder.

Gomes (2012) ainda reitera o papel (muitas vezes) autoritário do jornalista que comanda a entrevista: (i) questionar o político sobre informações necessárias para que o público telespectador obtenha uma decisão eleitoral de qualidade, (ii) impedir que o político entrevistado dê respostas inconclusivas e falsas e (iii) impedir que não use seu espaço de resposta que está em jogo nas entrevistas diretas é o capital institucional acumulado pelo jornalismo como sua autoridade, prestígio e visibilidade; a audiência alcançada e os políticos entrevistados atribuem autoridade ao ator (um dos participantes da interação) que possui um conhecimento profundo, atualizado e relevante sobre a atualidade. Atribuímos credibilidade nesse ator e nas suas palavras não porque conhecemos suas palavras, mas também porque cremos que ele não nos enganará a respeito dos fatos apresentados durante uma entrevista. E como geralmente atribuímos esse aspecto aos jornalistas, é papel desses profissionais garantir informação política de qualidade e, com isso, eles são “ungidos por prestígio, credibilidade, autoridade jornalística, celebridade e simpatia” (GOMES, 2012). O autor ainda ressalta que, na maioria dos casos, o jornalista é a figura dominante em uma entrevista eleitoral televisiva, e a bancada do telejornal é o *habitat* natural dos apresentadores de TV, pois na condição de anfitriões, são eles que conduzem a interação.

A partir dessas considerações a respeito dos jornalistas mediadores e do funcionamento da entrevista eleitoral, Wilson Gomes destaca que esta última

“é uma competição pelo controle da argumentação e assim é considerada pelos atores das duas instituições envolvidas. O prestígio jornalístico e o êxito político estão sempre em jogo, de forma que, em condições normais, as duas partes tendem a levar muito a sério o seu papel. Eis por que o jornalismo toma providências para controlar o que os políticos dizem na entrevista.” (GOMES, 2012, p. 12)

O mesmo autor ainda destaca que são dois os níveis de mediação numa dada entrevista. O primeiro se dá pelas atitudes dos entrevistadores ao entrevistar o candidato, sendo elas de hostilidade ou simpatia, desconfiança ou confiança, podendo influenciar consideravelmente o tom da entrevista – e consequentemente a atitude dos participantes. Um ponto crucial desse estudo aponta para o fato de que se o entrevistador for mais cético durante a interação, o entrevistado pode esperar que sua fala seja reduzida, e que interrupções, correções e constantes observações serão feitas por parte do mediador – algo que também

pudemos comprovar em nossas análises. Ao contrário disso, quando o entrevistador adota uma atitude colaborativa com o entrevistado, ambos os participantes entram em um “estado de espírito”, ditando a forma de tratamento a ser adotada pelo mediador ao longo da entrevista. E o segundo nível de mediação são os “comportamentos verbais” usados pelos entrevistadores para terem o controle sobre a fala do entrevistado, tais como correções, reiteração do ponto de vista, mudança de assunto, insistência etc.

Segundo Gomes (2012), tanto os jornalistas quanto os políticos entrevistados se utilizam de estratégias argumentativas e de atos retóricos para competirem no que ele chama de “controle da argumentação” durante uma entrevista e, por estarem “em casa”, possuem certas vantagens, tais como: determinam os temas e as perguntas a serem realizadas, podem recusar seguir o *script* (roteiro) da interação, podem interromper o candidato a qualquer hora, fazer comentários, recusar as respostas dadas, dentre outras. O autor ainda nos lembra que, naquele espaço (a bancada do telejornal), o capital do entrevistador é maior do que o do entrevistado, mas isso não significa que tenham poder sobre estes. Na verdade, “[eles] tentam usar estratégias para *passar as suas mensagens* e exploram alternativas para atingir suas metas e resistir aos avanços do entrevistador” (GOMES, p. 13).

Neste tipo de cenário em que o jornalismo e a política se encontram, há uma disputa entre os campos pelas oportunidades de falar e, por serem delimitadas, a possibilidade de ocorrências de assimetria na quantidade de fala é alta. Para Wilson Gomes (2012), quem está no centro de uma entrevista é o político, ele é a razão da entrevista e, por isso, espera-se que o entrevistado tenha as chances necessárias para a apresentação de si mesmo e de suas respostas, de suas metas de governo e que haja cooperação entre os participantes. Porém, o que acontece de fato é um controle por parte dos jornalistas de suas falas, através das perguntas *certas* e de comportamentos verbais que as acompanham, para que cada vez mais tempo seja consumido. Com isso, há uma grande tomada de espaço do jornalismo sobre a fala da política, confirmada pelas análises da amostra estudada por Gomes (2012).

A afirmação do autor de que o jornalismo tomou e tem tomado o espaço que seria destinado à política é baseada em amostras de dados dos principais telejornais da Rede Globo: Bom Dia Brasil (veiculado pela manhã), Jornal Nacional (veiculado pela noite) e Jornal da Globo (veiculado no início da madrugada). A “vantagem” da fala do entrevistado comparada com a do entrevistador, de acordo com o estudo, é de ¼ do total, ou seja, em uma entrevista de 12 minutos o político tem apenas 3 minutos a mais que o jornalista. Essa medição da

distribuição da fala nas entrevistas em telejornais brasileiros depende de uma emissora e/ou programa para outro(a) mas, em todos os casos analisados, o jornalismo reserva para si uma fatia considerável dos momentos de fala disponíveis:

“Num jornal em que os apresentadores adotem uma posição mais hostil, como o Jornal Nacional, os âncoras consomem sempre acima de 30% do tempo e das palavras da entrevista, podendo estender a sua colonização a 40% do total, enquanto num telejornal de perfil mais cordato e uma atitude mais cooperativa, como o Jornal da Globo, os apresentadores geralmente falam menos que 20% da entrevista” (GOMES, 2012, pp. 14-15).

O segundo nível de disputa pelo controle da argumentação, de acordo com o sociólogo, diz respeito ao modo como o jornalismo usa sua quota de falas para controlar da fala do político entrevistado. Como sabemos, a entrevista é uma atividade conversacional em que há pelo menos dois sujeitos negociando suas argumentações, duração e distribuição de falas – e também regras de polidez, quando percebe-se que uma das partes tenta assumir o controle dos atos discursivos do outro. A partir disso, Wilson Gomes (2012) compreende que essa competição pelo turno de fala (esperado e não esperado) parte da busca i) pela sustentação de pontos vista, pela promoção da autoimagem e pela persuasão da audiência e ii) pela condução do raciocínio (o tempo de fala sem ser interrompido) até a decisão de encerramento da interação.

Segundo Gomes (idem), a fala política é dissolvida pelo jornalismo não apenas pelas marcas de hesitação, incompletude ou silêncios, mas por sentenças “gramaticalmente em ordem direta e logicamente assertivas” (p. 15). Ou seja, a imposição da improvisação, o desconhecimento das questões a serem feitas, a atitude prepotente e hostil dos entrevistadores, as perguntas formuladas para encurralar os candidatos produzem um discurso com hesitações, reposicionamento de pressupostos e mudança de raciocínio. Ao mesmo tempo, os entrevistadores esperam que os candidatos deem respostas curtas, objetivas e sinceras, sem fuga de tópicos ou inserção de tópicos não perguntados. Como não podem editar a fala política numa entrevista ao vivo, tentam editá-la ao longo da interação, por meio de interrupções e “constrangimentos verbais imperativos”.

A competição pelo controle da argumentação dispõe de certos comportamentos argumentativos e/ou conversacionais, como destaca o autor, que são mobilizados tanto pelos entrevistadores quanto pelos entrevistados. De acordo com Gomes (2012, pp. 16-19) os recursos dos entrevistadores são:

Premissas embutidas nas perguntas: prática de inserir uma tese na pergunta direcionada ao entrevistado para desfavorecê-lo, ou seja, é uma premissa que pretende pôr o candidato no lugar em que o jornalista deseja – uma posição defensiva.

Reiteração: se o entrevistado for resistente à premissa, o entrevistador lança mão da reiteração – a reafirmação da premissa inicial através de uma nova pergunta. Esse recurso poderá ocorrer mais de uma vez até o entrevistador inserir outro tópico.

Reforço: estratégia auxiliar à reiteração, o reforço oferece suplementação argumentativa ou factual, como dados, números, informações à premissa proposta no início do tópico. Geralmente este é um recurso introduzido através de uma interrupção da fala política.

Perseguição ou acossamento: é frequentemente aplicado quando tenta-se manter a resposta do candidato dentro dos limites preestabelecidos pela pergunta proposta, mas ele insiste em se esquivar ou fugir do tema. Quando os candidatos rejeitam as perguntas feitas e não atendem aos atos corretivos de reforço ou reiteração, os jornalistas disparam seu arsenal de recursos até que o candidato se submeta ao roteiro proposto para a entrevista.

Interrupção de raciocínio: sabe-se que raciocínios são processos argumentativos, e que as pessoas – em uma conversa normal – negociam o poder de encerrar seus argumentos, estabelecendo acordos, barganhando tempo e a manutenção de sua fala. Na entrevista política, por exemplo, muitas vezes os candidatos entrevistados são interrompidos pelos jornalistas com a inserção de um novo dado, reformulação ou mudança de pergunta, ou, simplesmente, para encerrar a argumentação – sem se importar se o candidato concluiu ou não sua fala. Trata-se de uma intervenção de autoridade e depende apenas da mediação dos entrevistadores, pois quando o candidato continua falando, o jornalista determina que ele suspenda sua fala. Esse é um dispositivo de poder argumentativo por ser capaz de encerrar uma argumentação, estabelecer temas e a sua duração, medir se a fala do entrevistado foi ou não suficiente, ou se ele atendeu ou não ao tema.

Mudança de assunto: é o telejornal quem decide os temas abordados, o que confere grande vantagem argumentativa ao jornalismo. Além disso, o jornalista também define o tempo em que cada entrevistado permanece num tema, quando sua resposta é suficiente e quando um novo tema deve ser respondido.

Frente às táticas discursivas dos entrevistadores, os entrevistados também desenvolveram habilidades de “sobrevivência argumentativa”, nas palavras de Gomes (2012). Mesmo em desvantagem, os atores políticos tentam evitar as armadilhas e situações desconfortáveis que lhes são apresentadas pelas perguntas dos jornalistas.

Esquiva: é adotada para evitarem serem levados para fora da sua zona de conforto pelos jornalistas, não necessariamente para entrarem em um confronto direto ou evitarem a questão. Esse recurso consiste em atender parcialmente o tópico, fazer pequenas alterações nos pressupostos, simular incompreensão de questões embaraçosas, etc. Como é um comportamento que não parte para o confronto direto, a possibilidade de desvio das armadilhas é grande.

Captatio benevolentiae: procedimento retórico que gera uma disposição amistosa no entrevistador, através de recursos verbais e gestuais, para conquistar sua simpatia e a boa-vontade.

Escapada: as fugas de tópico são uma alternativa comum principalmente frente às premissas com alto teor de constrangimento, diante do mínimo êxito nas respostas. Esse recurso também pode produzir perseguição e acosamento pelos jornalistas e, conseqüentemente, um ambiente de hostilidade. Consiste na tentativa de não responder a uma questão ou de escapar de um confronto com uma premissa ou um dado factual.

Questionamento explícito das premissas: é uma forma de reação às premissas indesejadas por meio da rediscussão das hipóteses que elas carregam. Os candidatos entrevistados podem recusá-las parcialmente, inserir dados factuais para desqualificar ou corrigir as premissas, ou podem oferecer alternativas para que elas lhes sejam mais favoráveis. Dito isto, esses recursos podem ser negociados verbalmente com o entrevistador ou em rejeição e embate, com as desvantagens que esta última ação causa.

Para Gomes (2012), esses comportamentos e/ou recursos discursivos tornaram a entrevista eleitoral em uma espécie de gênero discursivo particular, em que o padrão de atitude dos mediadores (jornalistas) já é esperado, com diferentes graus de intensidade. Vale destacar uma característica comum entre os entrevistadores: eles não querem ser vistos como cooperadores dos políticos entrevistados, por isso seu posicionamento e suas ações se apresentam como uma competição e não colaboração (p. 19). A afirmação do autor consiste

na alta frequência de perguntas realizadas pelos jornalistas com a finalidade de deixar o candidato em uma posição desconfortável, desvantajosa ou constrangedora. A partir dessas considerações, o autor lista uma tipologia básica de perguntas dividida em modelos teóricos e argumentativos. O primeiro leva em conta questões como: a) promessas eleitorais; b) fatos e estratégias relacionadas às campanhas, tais como mau desempenho da vida política ou incoerência de conteúdo; c) escândalos relacionados aos candidatos, incluindo partidos e aliados; d) dados negativos do desempenho de governos em que o candidato está ou esteve à frente; e) problemas sociais e as medidas necessárias.

Esta lista temática apenas reforça o que já foi dito antes sobre a quase totalidade das perguntas terem sido formuladas para retirar o candidato da sua zona de conforto e movê-lo para uma posição defensiva. Também é preciso lembrar-se dos modelos de argumentos empregados pelos jornalistas nas entrevistas, como o da *incoerência ou contradição*, que diz respeito à inserção de declarações anteriores sobre os atuais aliados, tendo como destaque a rivalidade no passado que se tornou aliança no presente. Para Gomes (2012), este modelo permite a possibilidade de julgar o caráter de um candidato (entrevistado), a incoerência de suas opiniões, e também de avaliar suas mudanças de ideologias e de aliados durante sua campanha eleitoral – apenas por mera conveniência política.

O segundo e o terceiro modelos são para os candidatos que assumem ou já assumiram governos, ou candidatos indicados pelo atual presidente. Questões como desempenho insatisfatório em gestões passadas, promessas eleitorais não cumpridas e críticas da administração anterior são as principais características que esses modelos carregam. O quarto modelo consiste em expor os candidatos aos escândalos que surgiram em suas gestões ou relacionadas ao seu partido, como uma espécie de denúncia ou cobrança em rede nacional. Já o quinto modelo diz respeito aos pontos fracos do candidato, como inexperiência administrativa, erros do passado – uma tentativa de demonstrar alguém despreparado para assumir o cargo de presidente. Por fim, o sexto modelo é o menos abordado e consiste nas opiniões do candidato sobre problemas sociais e suas soluções.

Gomes (2012) continua seu estudo agora com o objetivo de descrever o modelo de perguntas e respostas presente em seu *corpus* que, segundo ele, é regido por um padrão que se mantém constante em entrevistas eleitorais televisivas. Uma questão ou tópico é composta por uma premissa muito evidente sobre o tema apresentado pelo mediador, e por uma pergunta específica. No início de uma entrevista eleitoral, a fala dos jornalistas é a primeira a propor a

questão (premissa + pergunta), podendo permitir ou vetar a elaboração da resposta do candidato. Este, por sua vez, pode aceitar, elaborar, recusar ou tentar evitar a premissa (GOMES, p. 22); mas caso aceite e atenda ao tópico proposto, a questão se encaixa no padrão 1/1, ou seja, o jornalista se dá por satisfeito com a resposta do político. Interessante notar que apenas 11,5% da amostra de Gomes correspondem a esse padrão pergunta-resposta 1/1.

A segunda fala do jornalista sobre a mesma questão/tópico tem o papel de correção da direção da resposta oferecida pelo candidato, ou de reforço da premissa anterior com um novo dado quando este nega seu atendimento. De acordo com os resultados do autor, 30% das interações de sua amostra seguiram o padrão 2/2 em que o candidato atende a premissa e responde a questão, firmando um compromisso com o jornalista, ou continua a resistir. Esse dado se revelou dominante porque Gomes (2012) percebeu que a atitude do jornalista em quase toda entrevista é crítica, cética e hostil com o candidato, que faz uso dos recursos argumentativos já descritos (esquiva, por exemplo). Caso o entrevistado continue resistindo ou se esquive da premissa, haverá uma terceira fala do jornalista, correspondendo a 16% das interações do padrão 3/3. A possibilidade de uma quarta e quinta falas resulta em um bate-boca, uma intervenção autoritária e hostil, geralmente para correções ou interrupções por parte do entrevistador. Essa insistência de contestação de premissas representam 18% das entrevistas analisadas, acompanhando o padrão 4/4 ou 5/5.

Os outros 26% das atitudes presentes nas interações seguiram padrões de pergunta-resposta entre seis e onze falas cada; o padrão 3/3, segundo Gomes (2012), configurou-se no que ele chama de “comportamento argumentativo de *resistência e fuga*” exercido pelos candidatos, e de *perseguição e cerco* por parte dos entrevistadores. Essa disputa argumentativa gerada entre o jornalista e o candidato político “produz nos âncoras mais atitudes de reforço e contraposição, podendo chegar a níveis de hostilidades e confrontos que marcam profundamente todo o resto da entrevista e o efeito geral que esta exerce sobre o público” (GOMES, 2012, p. 23).

Por fim, para o autor, a intensidade das interações comprova o alto nível de tensão entre o jornalismo e a política, principalmente quando o número de falas por tema é elevado. Portanto, a pesquisa de Gomes conclui que nas entrevistas eleitorais diretas das bancadas de telejornais os entrevistadores mobilizam recursos discursivos para dominar a fala política, de forma que esta não fuja do controle do jornalismo, transformando-se em um palco de uma arena argumentativa entre os campos.

Outro texto que compõe essa seção é o artigo “*Mídia e Eleições: as entrevistas do Jornal Nacional aos candidatos à Presidência do Brasil em 2014*” da jornalista Fernanda Cavassana de Carvalho (2015), que descreve e analisa as entrevistas eleitorais do JN com os candidatos às eleições 2014 – o mesmo material que utilizamos para constituir nosso *corpus*. A pesquisa da autora se apoia no modelo de comparação entre os candidatos entrevistados pelo programa, quantificando a presença de características de cada entrevista, a fim de encontrar semelhanças e diferenças entre as interações. Além disso, também chamou a atenção da autora – comprovado a partir de suas análises – a postura firme e questionadora dos entrevistadores, que acabaram se sobressaindo aos candidatos. Neste trabalho, Carvalho (2015) considera importante a relação entre os campos do jornalismo e da política, e as consequências nas relações sociais geradas pela mediação da mídia, tais como interferência na formação da opinião pública e também nas disputas eleitorais.

Antes de iniciar sua pesquisa, a jornalista traz dados sobre a veiculação da televisão no Brasil e da hegemonia da Rede Globo de Televisão e principalmente do telejornal Jornal Nacional: a TV alcança 97% da população brasileira, enquanto que a Rede Globo é o canal mais influente do país com maior estrutura e abrangência nacional. Nesse caminho, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia, o JN é o programa televisivo líder de audiência, não apenas na categoria telejornal mais assistido do país, mas também como programa de TV aberta (BRASIL, 2014 *apud* CARVALHO, 2015). Esses números justificam a escolha do *corpus* para o estudo das entrevistas eleitorais produzidas pela Rede Globo, descrito pela autora como importante tanto para o campo político quanto para o campo midiático:

“Da perspectiva política, a entrevista ao vivo é muito importante por dar voz aos candidatos ao maior cargo executivo do país, fora do horário de propaganda, e também por demonstrar ao eleitor o seu desempenho diante dos jornalistas. Da perspectiva jornalística, o fazer ao vivo garante credibilidade à entrevista, limitando as manipulações e enquadramentos constantes em materiais gravados e editados” (CARVALHO, 2015, p. 9).

Considerando a importância das entrevistas eleitorais no Jornal Nacional, Carvalho (2015) afirma que sua análise se manterá apenas no viés jornalístico, da postura assumida pelo telejornal por meio da participação dos jornalistas e apresentadores William Bonner e Patrícia Poeta. Os estudos sobre as relações entre mídia e política, segundo o jornalista Venício Lima (2007, *apud* CARVALHO, 2015) se intensificaram a partir anos 1980 devido ao ganho de importância da mídia aos debates eleitorais. Uma das teses a respeito do poder da centralidade

que mídia exerce sobre a política, defendida por Lima (2006, *apud* CARVALHO, 2015), como construção da realidade, e também como construção simbólica da política. Outra tese do autor é que, em teoria, não há política nacional sem mídia, pois ela não é responsável apenas pela constituição de seu público, mas se “transforma” nele, o substituindo. Dessa forma, a mídia passa a ser um campo de disputa entre os atores políticos.

A terceira tese defendida por Lima (2006) é a atuação da mídia como um partido político, pois além de ser a mediadora entre os candidatos entrevistados e seus eleitores, ela acaba exercendo uma série de funções desenvolvidas pelos partidos políticos, como: a) ter uma agenda pública; b) produzir e transmitir informações políticas; c) fiscalizar o governo; d) exercer críticas às políticas públicas e e) direcionar as demandas da população. A quarta e a quinta teses do autor estabelecem, respectivamente, a mídia como detentora do poder de alterar as campanhas políticas com sua influência, permitindo a aproximação entre o candidato e seu público, e que esse poder de “produção e distribuição do poder simbólico” a transforma em “atores políticos com interferência direta no processo político” (LIMA, 2006, p. 59). Por fim, sua última tese diz respeito ao papel da população brasileira de sustentação do poder midiático, devido ao seu padrão de exposição e a potencialização da centralidade e o poder em relação ao processo político brasileiro.

Nas palavras de Carvalho (2015), o jornalismo, como parte da mídia, é um “legitimador de poder”, pois as pessoas depositam maior confiança neste campo do que na publicidade, por exemplo. A autora ainda afirma que neste espaço percebe-se a mobilização de recursos tanto discursivos quanto midiáticos, permitindo enquadramentos e direcionamento desejados, a fim de que o conteúdo atenda – acima de tudo – interesses políticos e da própria emissora. Um exemplo de manipulação da informação é o próprio telejornal *Jornal Nacional*, que, desde a sua criação em 1969, já pretendia influenciar as massas e sinalizava uma aproximação com o governo militar que há pouco havia sido instalado, coincidindo com o auge desse período ditatorial (1964-1985). Carvalho (2015) reforça sua tese ao citar NEVES (2008) que, durante a ditadura militar brasileira, a Rede Globo “nunca noticiou tortura, prisão de estudantes, operários ou jornalistas; ao contrário, divulgou fotos e nomes de pessoas procuradas para que se facilitasse a prisão” (id., p.45).

Carvalho (2015) também apresenta duas ocasiões históricas em nosso país em que o *Jornal Nacional* usou de seu poder para interferir no processo de redemocratização do Brasil (e também após esse momento): a primeira delas foi o comício pelas eleições diretas para

presidente (movimento Diretas Já) realizado na Praça da Sé em São Paulo, em 1984, reunindo cerca de 300 mil pessoas, evento esse que mobilizou todo o país, mas que o Jornal Nacional não cobriu. A segunda diz respeito à cobertura das eleições presidenciais de 1989, quando o senador Fernando Collor de Melo (PR-AL) e o então deputado federal Luís Inácio Lula da Silva (PT-SP) disputavam o segundo turno. Naquele período, o JN e, consequentemente, a Rede Globo, foram tendenciosos ao produzirem matérias e programas de conteúdo crítico em relação à imagem de Lula, mas positivo com Collor. De acordo Lima (2001, *apud* CARVALHO, 2015), foi criado um cenário de representação política pela TV Globo, que foi fundamental para eleger Collor como presidente (1990-1992). O auge da participação do JN foi a edição do debate presidencial um dia antes da votação, de modo que o candidato do PR tivesse um minuto e doze segundos a mais que Lula.

Antes mesmo de iniciar sua análise, a autora já aponta que na série de entrevistas eleitorais realizadas pelo Jornal Nacional na eleição presidencial de 2014 houve grandes disparidades entre os candidatos por parte dos entrevistadores – os jornalistas William Bonner e Patrícia Poeta. Segundo as observações de Carvalho (2015), nenhuma das entrevistas ultrapassou em mais de um minuto os 15 minutos definidos previamente pelo programa. Pode-se concluir apenas com os resultados da tabela (que apresentaremos a seguir) a candidata à reeleição presidente Dilma Rousseff (PT) foi a mais interrompida num total de 32 entradas, nas palavras da autora, e que o senador Aécio Neves (PSDB) foi o candidato menos interrompido – apenas 15 entradas. Outra observação e resultado desta pesquisa é que o jornalista William Bonner teve maior participação de tempo de fala do que sua colega Patrícia Poeta, sendo mais evidenciado na entrevista com Dilma Rousseff, quando ele fez 25 entradas contra 13 de sua parceira.

A partir do tempo total de participação de cada candidato, Carvalho (2015) observa que as diferenças entre as entrevistas de Aécio Neves (PSDB), de Eduardo Campos (PSB) e pastor Everaldo (PSC) são mínimas, com todas se aproximando dos 15 minutos. Já nas interações com a presidente Dilma e a ex-senadora Marina Silva (PSB-Rede) – as candidatas com maior tempo de falas da série de entrevistas – a quantidade de fala não significa mais tempo concedido, pois nesses dois casos houve muitas falas sobrepostas devido à constante interrupção dos jornalistas. Ainda sobre os dados da autora, para cada reposta, constatou-se que Campos falou em média por 30 segundos, enquanto que Aécio falou 40 segundos, ou seja, o dobro da média dos outros candidatos. Esses resultados, portanto, concluem que Aécio Neves foi o entrevistado que teve mais tempo para responder, sendo que as perguntas foram

menores em quantidade, porém maiores em duração, se comparado com os outros participantes.

Além das análises quantitativas das entrevistas feitas por Carvalho (2015), foram desenvolvidas variáveis com o propósito de qualificar a fala dos entrevistadores e classificá-la de acordo com suas características de cada interação. Elas foram significativas, a partir da descrição das perguntas, para verificar se a(s) entrevista(s) se aproximou(aram) de um diálogo com o candidato – um dos objetivos desta pesquisa. Desta maneira, a autora criou uma tabela com as definições de variáveis e categorias sobre as perguntas realizadas pelos jornalistas, a fim de reunir aquilo que é comum e o que é peculiar de cada entrevista:

Variável	Categorias	Definições
Origem	Original Derivada	Pauta um tema para iniciar o debate Surge como consequência dentro de um diálogo
Tipo	Consolidada Progressiva Retrógrada Interruptiva	Predefinida no roteiro da entrevista Dá continuidade ao diálogo temático, adiciona novas questões Retorna à pergunta feita anteriormente Feita apenas para interromper a fala do entrevistado
Tema	Ético-moral Político-partidário Programa de Governo Temas latentes	Corrupção, moral, ética, imagem pública do candidato Políticas partidárias, relacionamento entre partido e filiados Projetos propostos presentes no programa do candidato Saúde, Segurança, desemprego, Educação, Transporte e inflação
Espaço-temporal	Presente Passado Futuro	Pergunta sobre a atual campanha do candidato Pergunta sobre o passado do candidato ou ação passada Pergunta sobre ações futuras, caso eleito
Valência	Negativa Positiva Neutra Equilibrada	Acusativa, com afirmações negativas ao candidato Com elogios ou afirmações positivas ao candidato Sem valência, neutra Há conteúdos positivo e negativo equilibrados

Tabela 1: Variáveis e definições das categorias. **Fonte:** Fernanda Cavassana de Carvalho (2015).

As perguntas também foram avaliadas de acordo com seus temas como, por exemplo, a categoria “temas latentes” que, segundo Carvalho (2015), é importante para medir o quão relevante eles foram para o Jornal Nacional – essa categoria, a partir da exibição feita pelo JN, são o de maior interesse do público nessas eleições. Um dado relevante que a autora levanta é que a maioria das entradas dos jornalistas (30,5%) são do tipo progressiva, aquelas dão continuidade ao debate temático já iniciado. Sobre a origem das perguntas, a autora destaca que é importante “para saber se houve maior concorrência das já predeterminadas pelo telejornal, ou se a entrevista evoluiu, com perguntas derivadas, umas das outras” (CARVALHO, 2015, p.19). Outro resultado obtido da tabela acima é a quantidade de perguntas de origem derivada, que representa três vezes o número das classificadas

“originais”. E sobre a variável “espaço-temporal” notou-se que o JN priorizou perguntas relacionadas ao presente e passado dos candidatos, debatendo poucas sobre os planos futuros.

De acordo com Carvalho (2015), os dados mais interessantes desta análise de perguntas dizem respeito às valências propostas por William Bonner e Patrícia Poeta, em que os jornalistas se concentraram nos temas ético-moral e político partidário, seguidos de programas de governo. Porém, temas de interesse público e identificados como os mais relevantes para o eleitor brasileiro, os chamados “latentes”, representam apenas 8,5% do total da fala dos entrevistadores. Ainda sobre a valência das perguntas, as falas neutras foram as de maior predominância, somando 66%, e as negativas representam quase 30% do total. Já as falas consideradas positivas não foram registradas pela autora. Vejamos agora a tabela de perguntas de cada entrevista:

Entrevista							
		Aécio	Campos	P. Everaldo	Dilma	Marina	
		Apres.	Apres.	Apres.	Apres.	Apres.	
		B P	B P	B P	B P	B P	Total
Tipo	Consolidada	2 3	4 3	3 3	3 3	3 2	29 (20,6%)
	Progressiva	1 1	0 5	11 9	5 1	5 5	43 (30,5%)
	Retrógrada	5 2	5 4	2 2	6 0	3 0	29 (20,6%)
	Interruptiva	0 0	0 2	3 2	11 9	6 7	40 (28,4%)
Origem	Original	2 3	3 3	3 3	3 3	3 2	28 (19,9%)
	Derivada	6 3	6 9	13 11	11 1	8 5	73 (58,8%)
Tema	Ético-moral	4 2	4 4	0 5	9 0	5 6	39 (27,7%)
	Político-partidário	0 0	4 3	9 7	0 0	6 0	29 (20,6%)
	Programa de Gov.	2 4	1 2	7 2	0 2	0 1	21 (14,9%)
	Temas latentes	2 0	0 3	0 0	5 2	0 0	12 (8,5%)
Espaço-temporal	Presente	0 3	3 1	6 4	8 1	10 1	37 (26,2%)
	Passado	5 0	5 6	2 7	6 1	1 5	38 (27%)
	Futuro	3 3	1 5	8 3	0 2	0 1	26 (18,4%)
Valência	Negativa	4 2	4 5	3 7	5 2	7 3	42 (29,8%)
	Positiva	0 0	0 0	0 0	0 0	0 0	0 (0%)
	Neutra	2 2	5 9	15 9	20 11	9 11	93(66%)
	Equilibrada	2 2	0 0	1 0	0 0	1 0	6 (4,3%)

Tabela 2: Perguntas categorizadas por candidato e por apresentador

Fonte: Fernanda Cavassana de Carvalho (2015). **Legenda:** B (Bonner) e P (Patrícia).

Percebe-se, a partir dos dados da Tabela 2, que há uma grande concentração das perguntas do tipo interruptiva nas entrevistas com Dilma Rousseff (PT) e Marina Silva (PSB-Rede), sendo que com a candidata à reeleição as entradas totalizam 20 interrupções, ou seja, metade das ocorrências (50%). Enquanto isso, segundo a análise de Carvalho (2015), o candidato tucano Aécio Neves não foi interrompido durante sua entrevista e respondeu a mais questões do tipo retrógradadas e consolidadas. Já as perguntas progressivas ficaram predominantemente com pastor Everaldo (PSC), que também respondeu a mais perguntas do

tema político-partidário e sobre seu passado – assim como Eduardo Campos. Os três entrevistados homens foram os mais questionados sobre temas do futuro se comparado às candidatas mulheres. As poucas ocorrências de perguntas de valência equilibrada apareceram na entrevista com Aécio Neves, o qual também respondeu a poucas perguntas neutras e negativas. Já Marina Silva recebeu mais questões negativas do que neutras e equilibradas. O candidato pastor Everaldo foi o que mais atendeu a perguntas neutras, o dobro dos demais candidatos nessa categoria; o entrevistado do PSC também respondeu a um alto número de negativas, semelhante à ex-senadora. Dilma Rousseff e Eduardo Campos tiveram um maior número de neutras em comparação com as negativas; como dito anteriormente, para Carvalho (2015) não houve questionamentos positivos em nenhuma das entrevistas.

Concluindo seu estudo, Carvalho (2015) afirma que o Jornal Nacional desconsiderou o interesse público ao não propor mais perguntas de temas latentes, como saúde, segurança, educação:

“Da perspectiva da ética e da função social do jornalismo, faltou ao Jornal Nacional aproveitar a oportunidade da entrevista ao vivo para debater com os candidatos as questões temáticas que mais preocupam os brasileiros atualmente, bem como questionar mais os programas de governo propostos na campanha. Ou seja, faltou dar preferência ao que é de interesse público” (p. 23).

Outro ponto em que a autora destaca em suas considerações finais é a que ausência de perguntas positivas, em contrapartida com a grande proporção das de valência negativa, juntamente com o predomínio de questões de temas ético-moral e político-partidário, levam a crer que esse posicionamento do JN tem a pretensão de deslegitimar o candidato perante seu eleitorado. Ou seja, nem mesmo quando a entrevistada foi a presidente do Brasil os apresentadores do telejornal pouparam seu julgamento e desrespeito. A entrevista com Dilma Rousseff somou a mesma quantidade de interrupções de todas as outras entrevistas juntas. Já o senador Aécio Neves se deparou com um cenário diferente: sua entrevista foi a mais padronizada e equilibrada entre as falas do candidato e dos entrevistadores, respondendo a mais perguntas sobre o futuro sem precisar responder a temas político-partidários. Além disso, o tucano não sofreu interrupções em sua fala – de acordo com a autora. De modo geral, a participação dos jornalistas se sobressaiu a dos entrevistados, reforçando “a influência e o poder do meio de comunicação sobre o campo político” (CARVALHO, 2015, p.24).

O último texto que encerra esta seção é de autoria de Afonso de Albuquerque (2013), intitulado “*Em nome do público: jornalismo e política nas entrevistas dos presidentiáveis ao*

Jornal Nacional”, em que o autor tem como *corpus* as entrevistas eleitorais exibidas pelo Jornal Nacional (Rede Globo de Televisão) durante as eleições presidenciais de 2010. O texto discute o modo como os entrevistadores do telejornal, segundo Albuquerque (2013), reivindicam para si o papel de representantes do interesse público, e como a mídia se relaciona com o conceito liberal clássico do *Fourth State* (Quarto Estado). A proposta deste estudo é analisar as entrevistas de dois modos principais: o primeiro visa a campanha eleitoral e a investigação do impacto das entrevistas sobre a avaliação do público. Neste caso, Albuquerque (2013) afirma que os entrevistadores William Bonner e Fátima Bernardes desempenharam um papel de coadjuvantes no início das interações, pois sua atuação é apenas notada quando deixam de ser imparciais. Já o segundo tem interesse nos rumos do jornalismo brasileiro.

Como já dito anteriormente em outros artigos, a Rede Globo nasceu no início do período do regime militar brasileiro e soube aproveitar as condições favoráveis para se tornar a rede de televisão e rádio dominantes no país. Para Lima e Ramos (1988, *apud* ALBUQUERQUE, 2013), o interesse das Organizações Globo com o regime militar permaneceu até o processo de transição democrática, demonstrado pela cobertura das eleições diretas para governador do Rio de Janeiro em 1982 e para presidente em 1984. Este processo de redemocratização ofereceu à Globo a oportunidade de expandir, passando de secundária a protagonista da vida política do país, ao contrário do que se poderia esperar com o fim do regime militar seu destino não foi o mesmo. Na eleição daquele ano, a emissora decidiu apoiar o candidato do PMDB Tancredo Neves que concorria com o candidato governista Paulo Maluf, do PDS (Partido Democrático Social). O ex-presidente do PDS, José Sarney, tornou-se vice na chapa de Tancredo, que faleceu antes mesmo de tomar posse à Presidência, o que acabou gerando um impasse constitucional: o vice-presidente eleito José Sarney deveria assumir ou o presidente da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães? A Rede Globo desempenhou seu papel de apoiadora a José Sarney para empossá-lo novo presidente, como de fato ocorreu.

Outro caso já citado nesta seção foi a cobertura – nada imparcial – que a Rede Globo fez nas eleições presidenciais diretas de 1989, em que Luis Inácio Lula da Silva (PT), Leonel Brizola (PDT) e Fernando Collor de Mello (PRN) concorriam a Presidência, sendo este último membro de uma tradicional família da política de Alagoas. No primeiro turno, o Jornal Nacional concedeu mais espaço para Collor do que para Lula e Brizola em sua cobertura eleitoral, e o segundo turno foi marcado pelo ponto alto de parcialidade da emissora, quando

esta editou um debate entre os candidatos do PT e do PRN favorecendo Collor e prejudicando Lula. De acordo com o balanço eleitoral de Albuquerque (2013), as eleições seguintes de 1994 e 1998 foram as mais equilibradas das coberturas da Rede Globo; em 2002, a campanha presidencial teve grande destaque no telejornal, ocupando quase 1/3 do tempo total de sua programação, com Lula eleito Presidente no segundo turno. Para o autor, “pela primeira vez a Rede Globo se viu diante da perspectiva de ter que lidar com um adversário histórico à frente do governo do país” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 5).

Em se tratando de todo processo eleitoral, Souza (2007, *apud* ALBUQUERQUE, 2013) propõe quatro períodos de uma campanha, sendo eles: o período das pré-convenções, o período compreendido entre o registro das candidaturas e o início da propaganda eleitoral na televisão, o período de campanha na para o primeiro turno e o período para o segundo turno. Nas eleições presidenciais de 2006, Lula teve uma cobertura mais negativa do que seus adversários, especialmente no primeiro turno – a cobertura tornou-se mais equilibrada no segundo turno. Essa tentativa de prejudicar o candidato parte de ações mobilizadas pelos próprios entrevistadores do programa, que considera a cobertura jornalística como seu principal produto, e seus efeitos sobre a opinião pública e/ou seu alinhamento com certa posição política. Albuquerque (2013) reforça sua tese ao afirmar que os jornalistas e as organizações que eles representam são influenciados pelos seus interesses econômicos ou pela agenda de políticos aliados, reivindicando, assim, o papel de “representantes dos legítimos interesses dos cidadãos”.

Quando os valores fundamentais que regem o jornalismo são considerados, por exemplo, tendo como modelo o sistema “independente” norte-americano, Albuquerque (2013) identifica dois conjuntos autônomos entre si: o primeiro aponta para a tradição do jornalismo como *Fourth State*, como um representante dos interesses do cidadão comum frente às instituições de Estado; e o segundo diz respeito à objetividade da mídia, que se distancia política e emocionalmente dos jornalistas – produzindo informações mais confiáveis. O primeiro conjunto, certamente, possui um papel político de agente comprometido na prestação de serviço para a sociedade, uma vez que cobra as ações das autoridades. No segundo caso, o papel político dos jornalistas aparece de maneira implícita, como “mediadores do processo comunicativo entre as autoridades governamentais e o público” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 8). Este modelo de jornalismo independente desempenhou um papel central nos Estados Unidos durante todo o século XIX até a década de 1920, com seu apogeu entre os anos de

1950 e 1980 – o período da Guerra Fria. Nos demais países, pratica-se um tipo chamado de “jornalismo partidário”, baseado no modelo comercial norte-americano.

As análises feitas por Albuquerque (2013) enfocam as questões formuladas pelos entrevistadores William Bonner e Fátima Bernardes, e que uma primeira observação a ser feita é o esforço dos entrevistadores para formatarem as três entrevistas dentro de um mesmo padrão. Todos tiveram 12 minutos concedidos para falar e as entrevistas dos candidatos se estruturaram em torno de três temas, de acordo com: 1) a natureza das suas candidaturas e seus problemas; 2) problemas das alianças políticas e a postura dos candidatos frente a isso; 3) desempenho do governo. Por haver o mesmo modelo de distribuição das perguntas, permite-se a verificação de estratégias de enquadramento do telejornal a fim de minimizar as diferenças – notáveis – no tratamento dispensado aos candidatos. De acordo com Albuquerque (2013):

“o conceito de enquadramento pela mídia (*media framing*) diz respeito ao ângulo sob o qual os assuntos que se tornam objeto da cobertura. Na definição clássica de Gitlin (1980, p. 7) “[o]s enquadramentos de mídia são padrões persistentes de cognição, de interpretação e de apresentação, de seleção, de ênfase e de exclusão, através dos quais os manipuladores-de-símbolos organizam habitualmente o discurso, seja ele visual ou verbal” (p. 11).

Em todas as entrevistas, os jornalistas expuseram os candidatos a questões relacionadas a situações problemáticas como, por exemplo, Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB) foram constantemente posicionados em relação ao ex-presidente Lula, devido a sua presença “ameaçadora” na campanha eleitoral. A presidente Dilma foi descrita como uma pessoa de “temperamento difícil” e Serra como “centralizador”, e o tema “corrupção” ganhou uma relação direta com o PT, enquanto que o PSDB é retratado como o partido que o investigou e o condenou. Marina Silva (PV), ex-integrante do partido dos trabalhadores por muito tempo, também foi alvo de cobranças e esclarecimentos devido a sua saída. Dilma é questionada sobre o desempenho do atual governo (2º mandato Lula 2006-2009), mas não sobre sua participação no governo como ministra chefe da Casa Civil. Diferentemente, a candidata Marina Silva é questionada sobre sua atuação como ministra do Meio Ambiente (2003-2008) e o candidato tucano sobre sua passagem pelo governo de São Paulo (2007-2010).

A análise comparativa dessas três entrevistas revela que o modo de atuação dos entrevistadores do JN reivindica o papel de mediadores das relações entre os cidadãos comuns

(eleitores) e os entrevistados (candidatos), pois pode ser relacionado a um tipo de jornalismo chamado “partidário” ou “independente”. Por um lado, segundo Albuquerque (2013), o esforço dos jornalistas em tentar ocupar um lugar na disputa eleitoral é verificado em: 1) permanência nas regras do jogo, igualmente para os três candidatos; 2) um roteiro semelhante de perguntas; 3) postura agressiva adotada no tratamento com os três candidatos (em diferente grau); e 4) apelo ao interesse público como o fundamento da entrevista. Tais categorias apontam para a direção de um discurso presente nos princípios do *Fourth State*, como já descrito anteriormente. Por outro lado, as análises do autor evidenciam um tratamento mais favorável a Serra do que aos demais candidatos, pois Marina Silva foi apresentada como uma candidata fraca e ambígua na sua relação com o PT e, além disso, alguns enquadramentos desfavoráveis a Dilma “atravessaram” as outras entrevistas.

Outro fato importante a ser destacado é o tipo de autoridade que os jornalistas William Bonner e Fátima Bernardes exerceram nas entrevistas, como que desempenhando uma função de governo ao cumprir a função de comunicação inclusive entre os três poderes – e não apenas entre governo e cidadãos. Segundo Albuquerque (2013), nas entrevistas:

“o jornalismo da Rede Globo reivindica para si – antes que para o jornalismo de um modo geral – o exercício de uma função pública, e o faz de modo politicamente ativo. Neste sentido, a reivindicação de Bonner – feita na entrevista com Marina – de que atuava “em nome do público” parece fazer apelo a uma noção de mandato representativo” (p. 17).

O autor também vai de encontro com nossas observações ao afirmar que a postura dos jornalistas em relação aos seus entrevistados foi agressiva, comportamento esse marcado pela busca do distanciamento em relação às autoridades. Albuquerque (2013) aponta para estudos¹¹ que comprovaram o aumento da agressividade e de uma postura autoritária dos jornalistas na presença de autoridades políticas em democracias ocidentais. Deste ponto de vista, William Bonner e Fátima Bernardes não estariam em desacordo com uma tendência de maior agressividade dos entrevistadores frente aos entrevistados. A partir deste aspecto e de outros levantados pelo estudo, uma das conclusões é que as atitudes dos jornalistas se distanciam do modelo liberal do *Fourth State* em dois pontos importantes: os entrevistadores do JN demonstram um grande esforço no sentido de controlar as entrevistas, reduzindo a autonomia que os candidatos entrevistados têm para exporem suas falas (ALBUQUERQUE, 2013). Deste modo, o telejornal conduz os telespectadores à sua reposta “esperada”. O outro

¹¹ Ver EKSTRÖM, 2001, ERIKSSON, 2011 e HALLIN, 1994.

ponto é que os jornalistas reivindicam para si um *status* político e não partidário: o de “representantes por excelência do interesse popular” (idem, p. 18).

2.3. Considerações a respeito do gênero entrevista e da disputa entre os campos jornalístico e político no contexto das eleições presidenciais brasileiras de 2014

A partir do levantamento que fizemos das pesquisas sobre as entrevistas eleitorais televisivas brasileiras para presidente, segue um balanço daquilo que levamos em consideração para a nossa pesquisa e outras considerações que são contrárias às nossas. Nessa seção abordaremos os autores que são estudiosos do campo do jornalismo/mídia, que se dedicaram a descrever o cenário político das eleições presidenciais de 2010 e 2014 e o funcionamento das entrevistas exibidas pelo Jornal Nacional (Rede Globo). O artigo do professor Wilson Gomes (2012) inicia seu texto afirmando que o jornalismo feito pela Rede Globo tenta manter o controle sobre a fala dos políticos, hipótese essa também comprovada em nossas análises. Um dos pontos em que não concordamos com este autor é quando diz que o propósito da entrevista é satisfazer o interesse público e beneficiar a imagem dos candidatos entrevistados. Na verdade, podemos observar e comprovar que a maneira como as entrevistas são conduzidas pelos entrevistadores resulta apenas no atendimento dos interesses da emissora – prejudicando uns candidatos e beneficiando outros. Há na verdade um controle do campo jornalístico sobre o campo político, já apontado por Bourdieu (1997), em que o jornalismo está cada vez mais dominado pela lógica comercial, pressionado pelo índice de audiência, enfraquecendo, assim, a “autonomia da voz política”.

Gomes (2012) ainda destaca o desrespeito com as autoridades públicas por parte dos jornalistas, que acabam assumindo o papel de atores que travam uma “tensa negociação” com os outros atores políticos sobre suas falas. Também assumimos deste autor que o entrevistador é posto no mesmo nível (ou até mesmo superior) que o candidato entrevistado, contribuindo para o seu papel autoritário durante a entrevista. Entretanto, o autor apresenta apenas características psicológicas como formas de tratamento e postura diante dos entrevistados, não levando em consideração as características sociológicas, tais como as ações desempenhadas pelos jornalistas e o papel que a mídia se auto atribui de representante do povo. Um fator determinante para classificarmos as atitudes tomadas pelos entrevistadores nas diferentes entrevistas se deve aos traços que pertencem ao campo, e não especificamente que Bonner ou

Patrícia Poeta são autoritários, desrespeitosos, ou que o Jornal Nacional é o responsável por esse tratamento.

Outro ponto que vai em direção contrária a nossa é quando o autor diz que atribuímos credibilidade ao entrevistador e nas suas palavras, porque ele não nos enganará a respeito dos fatos apresentados durante a entrevista. Como já dissemos, os jornalistas desempenham seu papel de acordo com os interesses da emissora, além de que não temos conhecimento o suficiente pra julgar se tal informação dada é ou não verdadeira. Em seu texto, Gomes (2012) também destaca o “estado de espírito” que o entrevistador e o entrevistado entram quando o tratamento adotado pelo primeiro é colaborativo – como observado nas entrevistas com Aécio Neves (PSDB) e pastor Everaldo (PSC).

Outra consideração relevante para uma de nossas hipóteses é o fato de que o jornalismo tem tomado o espaço de fala da política, no nosso caso, devido ao controle do tempo de resposta dos candidatos e do alto número de interrupções, realizadas principalmente por William Bonner. O autor comprovou essas afirmações através das amostras de dados dos três principais telejornais da Rede Globo, em que a “vantagem” do entrevistado sobre o entrevistador é considerada muito pequena. Nosso último ponto em discordância com Gomes (2012) é quando diz que os jornalistas não querem ser vistos como cooperadores dos candidatos entrevistados e que, por isso, suas atitudes são competitivas e não colaborativas. Na verdade, o que acontece no *corpus* desta pesquisa é que os mediadores das entrevistas eleitorais televisivas tanto desempenham um papel de acusadores autoritários quanto de colaboradores de outros candidatos, sendo que esta última postura é observada principalmente nas entrevistas com Aécio Neves (PSDB), Eduardo Campos (PSB) e pastor Everaldo (PSC).

O jornalista Venício Lima (2014) em seu texto *As ‘entrevistas’ do ‘Jornal Nacional’* afirma que a Rede Globo atribui a si mesma o duplo papel de formadora e de representante da opinião publica. Porém, entendemos que ela não faz apenas isso; a emissora, desde o início de sua fundação, atua entre os dois campos, o jornalístico e o político, como se fosse um partido político, sem, de fato, ter o compromisso com o cidadão brasileiro e prezar pela imparcialidade. Lima (2014) também parece se contradizer ao afirmar, no início de seu artigo, que a entrevista ideal se aproxima de uma conversa, mas diz ao final que a emissora reivindica sua legitimidade de representante da democracia. Ou seja, a Rede Globo cumpre além de sua função esperada no campo jornalístico.

A pesquisa feita por Fernanda de Carvalho (2015) demonstra que a postura autoritária e desrespeitosa dos entrevistadores fez com que eles se sobressaíssem aos candidatos, tornando-se as principais figuras da entrevista. Como já dito, essa característica é um traço do campo, como aponta Bourdieu (1997), e não dos jornalistas em si. Os dados de suas análises ofereceram resultados que também estão presentes em nossas considerações, tais como: a candidata à reeleição presidente Dilma Rousseff (PT) foi a mais interrompida, num total de 32 entradas, contrastando com o senador Aécio Neves (PSDB), que sofreu apenas 15 entradas – segundo Carvalho (2015). Outras postulações que assumimos para o nosso estudo é o fato de o jornalista William Bonner ter tido maior participação de tempo de fala do que sua colega Patrícia Poeta. Esta última consideração comprova que os mediadores da entrevista não estão em relação de cumplicidade, mas de competição – mesmo sendo participantes do mesmo campo.

Na mesma direção, a presidente Dilma e a ex-senadora Marina Silva foram as candidatas com o maior tempo de fala concedido, mas também foram as mais interrompidas pelos entrevistadores. Um último dado da autora corresponde também às nossas hipóteses de que, a partir de resultados já apresentados, o candidato Aécio Neves foi o entrevistado com mais tempo de resposta, com mais perguntas para responder e que praticamente não foi interrompido pela dupla do JN.

Já o texto de Afonso de Albuquerque (2013) fecha essas considerações e aponta que, a partir das análises feitas das entrevistas presidenciais da eleição de 2010, o modo de atuação dos jornalistas reivindica o papel de mediadores das relações entre os cidadãos e os candidatos políticos, como uma espécie de jornalismo “partidário”. Ainda nas palavras de Albuquerque (2013), os entrevistadores do Jornal Nacional apresentam um grande esforço na direção de controlar as entrevistas, reduzindo a autonomia dos candidatos entrevistados. De modo geral, todos os autores concordam ao menos em três pontos: (i) Dilma Rousseff foi a candidata mais prejudicada, enquanto que Aécio Neves foi o mais beneficiado em seu desempenho; (ii) os entrevistadores foram autoritários e constantemente desrespeitosos com os candidatos entrevistados e (iii) a postura dos entrevistadores configura uma tentativa da mídia manter o controle sobre a fala da política.

Alguns dos autores revisados acima não possuem a visão geral (macro) das características do campo, de acordo com Bourdieu (1989), pois apenas apontam os problemas sem saber explicá-los através de uma perspectiva sociológica. A “chave” que os jornalistas

usaram para analisar as entrevistas não é uma “chave” crítica baseada em autores clássicos da sociologia, o que limita suas análises e conclusões sobre as entrevistas eleitorais televisivas, fazendo com que obedecem apenas as regras do jogo que estão inseridos (campo jornalístico). Além disso, a Rede Globo atua de forma muito agressiva e explícita há muito tempo dentro dos dois campos (jornalístico e político), como dissemos. De um lado atua de forma organizada, mobilizando seus membros para trabalharem por seus interesses, assim como um partido político. E de outro, exerce ao mesmo tempo o papel auto atribuído de representante legítimo do povo, atuando ao mesmo tempo na mídia e na política.

A partir dessas leituras podemos observar que as entrevistas eleitorais presidenciais em contexto televisivo são “frágeis” em sua estrutura como gênero devido às pressões exercidas sobre os entrevistados pelos mediadores e até mesmo pelo formato do programa. Mesmo sendo organizado e com o limite de tempo bem estabelecido, este modelo de entrevista possui uma configuração diferente das demais entrevistas – como em um programa de variedades, *talk show* ou entrevista em matéria jornalística – porque, em nosso caso, a mediação feita pelos jornalistas está diretamente relacionada com os interesses (políticos) da emissora. Tanto os teóricos da comunicação quanto os linguistas que pudemos analisar concordam que as entrevistas televisivas presidenciais estão sob o controle dos atores sociais que fazem a televisão (conforme BOURDIEU, 1997) e também das grandes corporações que a sustenta.

Por mais que haja este controle do campo jornalístico sobre o campo político não podemos afirmar que as entrevistas eleitorais exibidas pelo Jornal Nacional deixam de ser entrevistas, mas certamente este gênero muda de configuração, deixando de ser estável para se tornar flexível. Ou seja, entendemos que a entrevista eleitoral é uma categoria dentro do gênero entrevista, pois não se comporta como os outros modelos de entrevista por estar intimamente ligada às forças que regem a televisão no Brasil.

CAPÍTULO 3. AS ENTREVISTAS TELEVISIVAS ELEITORAIS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2014

3.1. O cenário político das eleições 2014 e a hegemonia da grande mídia

Desde as eleições presidenciais de 1994, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) disputam a Presidência da República no 2º turno, criando há mais de vinte anos uma polarização/divisão da política interna brasileira, semelhante ao que acontece nos EUA¹². O PSDB governou o país entre os anos de 1995 a 2002, sob o comando do professor e sociólogo Fernando Henrique Cardoso (FHC); já o PT governou o país de 2003, sobre o comando do ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) até 2010 e da economista e ex-ministra do governo Lula Dilma Rousseff de 2011 até 2016, quando teve seu mandato interrompido por um *impeachment*. Nessa direção, outro partido divide espaço com o PT e o PSDB é o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), por ter eleito vários presidentes da Câmara e do Senado, além de três vice-presidentes que alcançaram a presidência. Com isso, podemos dizer que o Brasil tem três grandes partidos: o PT, de ideologia esquerda, o PSDB, de ideologia direita e o PMDB, de ideologia centro direita.

As eleições de 2014 deixaram mais evidentes essa polarização devido a crescente popularização do senador Aécio Neves (PSDB), que surgiu como uma possibilidade na política brasileira após grandes escândalos de corrupção nos governos Lula (mensalão) e Dilma (Petrobras) e da falta de credibilidade dos eleitores brasileiros na política (e nos políticos) nacional. As primeiras pesquisas do IBOPE¹³ e do Datafolha¹⁴ já apontavam a presidente Dilma como possível vitoriosa das eleições e Aécio Neves em segundo lugar (bem

¹² Nos Estados Unidos o sistema eleitoral é bipartidário: o Partido Democrata (*Democratic Party*), de ideologia social e liberalista, e o Partido Republicano (*Republican Party*), de ideologia conservadora e liberal econômica.

¹³ O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) é uma das maiores empresas de pesquisa de mercado da [América Latina](#). A empresa fornece um amplo conjunto de informações e estudos sobre mídia, opinião pública, intenção de voto, consumo, marca, comportamento e mercado, no [Brasil](#) e em mais 14 países. (Fonte: Wikipédia)

¹⁴ O Datafolha é um [instituto de pesquisas](#) do [Grupo Folha](#), conjunto de empresas coligadas do qual o jornal [Folha de S. Paulo](#) faz parte. Fundado em 1983 como departamento de pesquisas da [Empresa Folha da Manhã](#), o Datafolha se estabeleceu com estrutura independente para atender a clientes externos em 1990 e em 1995, foi transformado em unidade de negócios do [Grupo Folha](#). O Datafolha realiza levantamentos estatísticos, pesquisas eleitorais, de opinião e de mercado, atendendo ao próprio Grupo Folha e a clientes externos. O instituto não faz pesquisas eleitorais e avaliações de administrações públicas exclusivas para governos, partidos, candidatos e políticos. (Fonte: Wikipédia)

distante), superado apenas por Marina Silva (PSB-Rede) logo após a morte do candidato Eduardo Campos. Porém, com a aproximação do segundo turno e a aliança política feita entre Marina Silva e Aécio Neves (após a derrota da ex-senadora no 1º turno), as pesquisas apontavam empate técnico, elevando a campanha ao nível de guerra ideológica entre tucanos (PSDB) e petistas (PT).

Devemos lembrar que no final dos anos 1980, a Rede Globo foi alvo de críticas devido à edição que promoveu do último debate entre os candidatos a presidente nas [eleições de 1989](#), o que teria favorecido [Fernando Collor de Mello](#) (PRN) (dono da TV Gazeta de Alagoas, retransmissora da Globo) através da manipulação de trechos do último debate entre Collor e o candidato [petista Luiz Inácio Lula da Silva](#). Na época do debate, já no segundo turno, as pesquisas apontavam um empate técnico entre os dois candidatos; logo, o confronto na televisão seria decisivo para definir a disputa. Lula se saiu mal no debate, fato reconhecido pelo seu próprio partido.

A Rede Globo, que procurou a isenção na cobertura do processo eleitoral, parece ter assumido um lado na reta final da disputa, pois foram exibidas duas reportagens sobre o debate no dia 15 de dezembro de 1989, antevéspera do segundo turno das eleições. Uma delas foi ao ar no [Jornal Hoje](#) e, a outra, no [Jornal Nacional](#), sendo essa a mais polêmica. A primeira reportagem mostrou as melhores intervenções de cada candidato e a segunda teria favorecido Collor, pois teria mostrado os melhores momentos dele e os piores de Lula. O [PT](#) moveu uma ação no Supremo Tribunal Federal ([STF](#)) contra a Globo. O partido queria que novos trechos do debate fossem exibidos, a título de direito de resposta, mas o pedido foi negado.

A principal controvérsia histórica das Organizações Globo está justamente ligada ao apoio dado à [ditadura militar](#) e a censura nos noticiários da emissora dos movimentos pró-democracia. O regime, segundo os críticos da emissora, teria rendido benefícios ao grupo midiático da família Marinho, em especial para o canal de televisão que, em 1984, fez uma cobertura omissa das [Diretas Já](#). A própria Globo reconheceu em editorial lido no *Jornal Nacional*, 49 anos depois e pressionada pelas [manifestações de junho de 2013](#), que o apoio o [golpe militar de 1964](#) e ao regime subsequente foi um "erro". Para citar um exemplo, o

professor e jornalista Laurindo Lalo Leal Filho em seu artigo *As pesquisas como elas são, a mídia como ela é*¹⁵ destaca a falta de parcialidade da Rede Globo nas últimas eleições:

“Em 2014 a história se repete, e quem nos prova isso é o site Manchetômetro, importante realização do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública sediado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Seus pesquisadores acompanham desde o início do ano as manchetes dos três jornalões brasileiros (*Folha*, *Globo* e *Estado*) e as do *Jornal Nacional*. O alinhamento dos quatro veículos em oposição ao governo fica evidente. O Manchetômetro constatou que entre 1º de janeiro e 22 de agosto o *JN* dedicou quase uma hora e meia do seu tempo para apresentar notícias negativas em relação a Dilma. Sobre Aécio foram quatro minutos.”

Como podemos observar, as eleições presidenciais brasileiras de 2014 evidenciaram um eleitorado dividido, resultado comprovado nas urnas, e uma campanha que disputava o eleitor voto a voto, mesmo no meio de uma crise política e expectativas de uma grave crise econômica – como estamos enfrentando agora. Políticos já conhecidos no cenário nacional como a presidente Dilma Rousseff, Marina Silva e Aécio Neves concorreram ao cargo mais alto do país com candidatos desconhecidos ou menos experientes, como Eduardo Campos e pastor Everaldo. Na época das eleições, o atual governo da presidente Dilma enfrentava uma profunda crise institucional devido às investigações da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da Petrobras, em que foi revelado que políticos de diversos partidos, empresários e construtoras participavam de um esquema de desvio de dinheiro público da maior estatal brasileira.

Além disso, economistas e consultores financeiros previam um período de recessão em nossa economia causado por uma grave crise econômica prevista desde 2008, quando os Estados Unidos foram atingidos pela crise da bolha imobiliária – a maior desde a quebra da Bolsa de Valores de 1929, alcançando diversas economias ao redor do mundo. Com esse cenário pessimista, a presidente Dilma foi reeleita após enfrentar diversos candidatos no primeiro turno e o senador Aécio Neves no segundo turno.

¹⁵ Acessado em 22/04/2015 e disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed817/as-pesquisas-como-elas-sao-a-midia-como-ela-e/>. O artigo foi publicado em 23/09/2014 na edição 817 do site e programa televisivo Observatório da Imprensa, da TV Cultura.

3. 2. A trajetória política dos entrevistados

3. 2. 1. Dilma Rousseff (PT)

Dilma Vana Rousseff nasceu em Belo Horizonte em 14 de dezembro de 1947, é [economista](#), filiada ao [Partido dos Trabalhadores](#) (PT) e atual [presidente](#) da [República Federativa do Brasil](#). Durante o governo do ex-[presidente Luiz Inácio Lula da Silva](#), assumiu a chefia do [Ministério de Minas e Energia](#) e posteriormente da [Casa Civil](#). Em 2010, foi escolhida pelo PT para concorrer à [eleição presidencial](#), cujo resultado de segundo turno, anunciado em 31 de outubro, tornou Dilma a primeira mulher a ser eleita para o posto de [chefe de Estado](#) e [chefe de governo](#) em toda a [história do Brasil](#). Em 26 de outubro de 2014 foi reeleita, novamente no segundo turno das [eleições](#).

Nascida em família de [classe média alta](#), interessou-se pelo [socialismo](#) durante a juventude, logo após o [Golpe Militar de 1964](#), e então ingressou na [luta armada de esquerda](#): tornou-se membro do [Comando de Libertação Nacional](#) (COLINA) e posteriormente da [Vanguarda Armada Revolucionária Palmares](#) (VAR-Palmares) – ambas organizações que defendiam a luta armada contra o [regime militar](#). Passou quase três anos presa (1970–1972): primeiro pelos [militares](#) da [Operação Bandeirante](#) (OBAN), onde passou por sessões de [tortura](#), e posteriormente pelo [Departamento de Ordem Política e Social](#) (DOPS).

Em 2001 decidiu filiar-se ao PT e em 2002 participou da equipe que formulou o plano de governo [Lula](#) para a área energética. Posteriormente, foi escolhida para ocupar o [Ministério de Minas e Energia](#). Três anos depois, em 2005, Dilma foi nomeada [ministra-chefe](#) da [Casa Civil](#), em substituição a [José Dirceu](#), que renunciara ao cargo após o [escândalo de corrupção do mensalão](#). Além de ser a primeira mulher presidente, Dilma também foi a primeira mulher a atuar como secretária da Fazenda de Porto Alegre, a primeira ministra de Minas e Energia do Brasil e a primeira chefe da Casa Civil, durante o Governo Lula.

3. 2. 2. Aécio Neves (PSDB)

Aécio Neves da Cunha, também nascido em Belo Horizonte (10 de março de [1960](#)) e também [economista](#), é senador da República filiado ao [Partido da Social Democracia Brasileira](#) (PSDB). Foi o [décimo sétimo governador](#) de [Minas Gerais](#) entre 1º de janeiro de 2003 a 31 de março de 2010. É neto do ex-presidente [Tancredo Neves](#), com quem adquiriu suas primeiras experiências políticas. Em 1987, iniciou o seu primeiro mandato como

deputado federal pelo estado de Minas Gerais, exercendo o cargo até 2002, totalizando quatro mandatos. Presidiu a [Câmara dos Deputados](#) no biênio de 2001-2002, renunciando ao cargo em dezembro de 2002, para assumir o governo de Minas Gerais.

Aécio foi eleito [governador de Minas Gerais](#) em 2002 e reeleito na [eleição de 2006](#), tendo desta vez a maior votação já registrada no estado. Renunciou ao cargo em março de 2010 para concorrer ao [senado federal](#), sendo substituído pelo seu vice, [Antônio Anastasia](#). Nas [eleições de 2010](#), foi eleito senador com a maior votação do Estado, assumindo o cargo em 1º de fevereiro de 2011; em 2013 foi escolhido presidente nacional do PSDB.

Em [2014](#), foi candidato à [Presidência da República](#) por seu partido, tendo como principais adversários a candidata a reeleição presidente [Dilma Rousseff](#) e a ex-senadora [Marina Silva](#). No primeiro turno da eleição, Aécio obteve 33,55% dos votos válidos, classificando-se para o segundo turno com Dilma, que obteve 41,59%. No segundo turno, conseguiu 48,36% dos votos, perdendo para [Dilma Rousseff](#), que reelegeu-se na eleição mais disputada da história do país.

3. 2. 3. Eduardo Campos (PSB)

Eduardo Henrique Accioly Campos, nascido em Recife em 10 de agosto de 1965, foi um economista e político brasileiro. Foi governador de Pernambuco por dois mandatos (2007-2014), presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e candidato à Presidência da República nas eleições presidenciais de 2014. Neto de Miguel Arraes de Alencar (governador de Pernambuco por três mandatos), Eduardo Campos desde cedo conviveu com nomes emblemáticos da política local e nacional. Campos se graduou em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), local em que iniciou sua carreira política ao participar da campanha que elegeu seu avô Miguel Arraes governador do Estado em 1986, aos 21 anos.

Em 1991, Campos filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro (PSB) e no mesmo ano foi eleito deputado estadual por Pernambuco e deputado federal em 1994. No ano seguinte, pediu afastamento do cargo para poder integrar o governo seu avô na Secretaria da Fazenda entre 1995 e 1998. Foi reeleito deputado federal obtendo a maior votação em seu estado; em 2002, iniciou uma aproximação com governo Lula quando tornou-se, dois anos depois, ministro da

Ciência e Tecnologia. Mais tarde, em 2005, Eduardo Campos assumiu a Presidência nacional do partido e em 2006 foi eleito governador de Pernambuco e reeleito em 2011.

Em 2013, o então governador lançou sua candidatura à Presidência da República ao lado da ex-senadora Marina Silva, candidata à vice na chapa PSB-Rede. Na manhã de 13 de agosto de 2014, Campos morreu em um acidente aéreo quando seu jato viajava do Rio de Janeiro a Guarujá caiu em um bairro residencial de Santos. A vice Marina Silva assume a chapa PSB-rede para a presidência.

3. 2. 4. Marina Silva (PSB-Rede)

Marina Osmarina Silva Vaz de Lima, nascida em Rio Branco, capital do Acre, em 8 de fevereiro de 1958, é historiadora, professora, psicopedagoga e política fundadora do partido Rede Sustentabilidade. De origem pobre e humilde, Marina trabalhou desde pequena em seringais na Floresta Amazônica e em casas de família, sendo analfabeta até os 16 anos. Dois anos depois, envolveu-se com a Teologia da Libertação e planejava ser freira quando conheceu o ativista e ambientalista Chico Mendes, com quem trabalhou durante anos na luta contra o desmatamento e em defesa das causas sociais e dos direitos humanos. Juntos, fundaram a Central Única dos Trabalhadores (CUT) do Acre, e no ano seguinte filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), período que marca o início de sua vida política.

Em 1986, lançou sua candidatura à Câmara dos Deputados, mas não foi eleita; em 1988, Marina Silva foi a vereadora mais votada de Rio Branco e, em 1990, tornou-se a deputada estadual mais votada no Acre. Após cumprir seu mandato, Marina lançou-se ao Senado, em que a fez a pessoa mais jovem a ocupar um cargo de senador no Brasil. Em 2002 reelegeu-se ao cargo e novamente se saiu vitoriosa, com mandato previsto até 2011. No ano seguinte, aceitou o convite do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva para assumir o Ministério do Meio Ambiente, exercendo a função até 2008, ano em que entrega seu cargo devido a anos de desgaste interno e falta de apoio de governos para implantação de políticas ambientais.

Ao final de sua experiência como ministra, Marina retorna ao Senado para concluir seu mandato; após seu rompimento com o PT depois de três décadas, a então senadora se torna membro do Partido Verde que em 2009 lança sua candidatura à presidência. A popularização de Marina, conhecida como “onda verde”, levou a candidata ao terceiro lugar

nas eleições de 2010, atrás de José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT). Nesse período, Marina Silva já era reconhecida nacional e internacionalmente como um ícone do ambientalismo e da proteção ao meio ambiente aliado à agricultura, posição que lhe rendeu diversos prêmios ao redor do mundo. Em 2013, Marina faz uma aliança com o PSB e encabeça a chapa juntamente com Eduardo Campos concorrendo à vice-presidência do Brasil. Com a morte de Campos, o partido a indica para assumir a chapa PSB-Rede, aceito por Marina, resultando novamente em um terceiro lugar nas eleições de 2014.

3. 2. 5. Pastor Everaldo (PSC)

Everaldo Dias Pereira, conhecido como Pastor Everaldo (Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1956), é um ministro evangélico, empresário e político brasileiro. É um importante nome da Assembleia de Deus e presidente do Partido Social Cristão (PSC), pelo qual foi candidato ao cargo de presidente da República, nas eleições de outubro de 2014. Porém, acabou ficando em 5º lugar, com menos de 1% dos votos.

Everaldo se manteve nos bastidores da política carioca até se sagrar vitorioso com a chapa de Anthony Garotinho (PR) e Benedita da Silva (PT), ambos evangélicos, no governo do Estado. Eles tiveram o apoio do ex-deputado bispo Manoel Ferreira (PSC), líder da igreja de Everaldo. De 1999 a 2002 foi subsecretário da Casa Civil no governo do Rio de Janeiro, sendo responsável por ajudar a implementar o primeiro bolsa família do Brasil, o “cheque cidadão”. Em 2003, filiou-se ao Partido Social Cristão (PSC) como vice-presidente. Após mais de uma década no comando da legenda, decidiu concorrer a um cargo majoritário pela primeira vez.

3. 3. Principais tópicos¹⁶ e perguntas¹⁷ nas entrevistas dos presidenciais

Entre os dias onze e vinte e sete de agosto de 2014 o Jornal Nacional (Rede Globo) entrevistou cinco candidatos à Presidência da República, todos aqueles que alcançaram pelo menos 3% nas intenções de voto segundo o IBOPE. Por sorteio, o JN definiu que o senador

¹⁶ O conceito de tópico discursivo mobilizado ao longo desta pesquisa baseia-se nas postulações empreendidas pelos pesquisadores brasileiros do grupo Projeto Gramática do Português Falado (PGPF) e será apresentado mais detalhadamente nas análises sobre a gestão do tópico nas entrevistas televisivas eleitorais desenvolvidas adiante.

¹⁷ O conceito de pergunta mobilizado ao longo desta pesquisa baseia-se nas postulações empreendidas por pesquisadores brasileiros e será apresentado mais detalhadamente nas análises sobre as perguntas nas entrevistas televisivas eleitorais desenvolvidas adiante.

Aécio Neves (PSDB) seria o primeiro, e na sequência o ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos (PSB), a presidente Dilma Rousseff (PT), o pastor Everaldo (PSC) e a ex-senadora Marina Silva (PSB-Rede), que assumiu a chapa do PSB-Rede quando o candidato morreu num acidente aéreo um dia após ser entrevistado. Todos os candidatos tiveram o mesmo tempo total de quinze minutos. Abaixo, segue a tabela que mostra o número de tópicos explorados em cada entrevista de cada candidato.

Tópicos	Aécio Neves	Eduardo Campos	Dilma Rousseff	Pastor Everaldo	Marina Silva
Corrupção	1	1	1	1	1
Saúde	1		1		
Economia	1	1	1		
Candidatura	1	1		1	1
Ideologia		1		1	1
Desempenho em cargos executivos	1			1	1
Propostas	1	1		1	
Total	6	5	3	5	4

Tabela 3: Número de tópicos explorados em cada entrevista de cada candidato.

Podemos perceber pelo levantamento acima que alguns candidatos falaram sobre um leque maior de tópicos do que outros, sendo que o único tópico comum a todos foi corrupção. A presidente Dilma, por exemplo, teve a oportunidade de falar sobre três tópicos: corrupção, saúde e crise econômica. A candidata Marina Silva falou sobre quatro tópicos e o candidato Eduardo Campos sobre cinco tópicos. Os candidatos Pastor Everaldo e Aécio Neves falaram sobre um número maior de tópicos, o dobro da candidata presidente Dilma Rousseff: seis, no total. O candidato menos conhecido¹⁸ e consequentemente com o menor índice de intenção de voto (apenas 3%, segundo o IBOPE), o pastor Everaldo, foi o único candidato com duas perguntas sobre suas propostas de campanha. Vejamos agora o levantamento sobre o número de perguntas feitas para cada candidato em cada entrevista:

¹⁸ O pastor Everaldo (PSC) é o menos conhecido dos candidatos entrevistados pelo JN por não ter sido candidato anteriormente a nenhum cargo executivo ou legislativo em nenhuma das esferas municipal, estadual ou federal.

Candidatos	Número de perguntas
Aécio Neves	13
Eduardo Campos	16
Dilma Rousseff	11
Pr. Everaldo	22
Marina Silva	10

Tabela 4: Número de perguntas em cada entrevista de cada candidato.

Como podemos ver na tabela acima, os candidatos que mais receberam perguntas foram Pastor Everaldo e Eduardo Campos. Marina Silva, Aécio Neves e Dilma Rousseff receberam um número bem menor de perguntas. Abaixo, segue um levantamento comparativo entre o número de tópicos e o número de perguntas nas entrevistas de cada candidato:

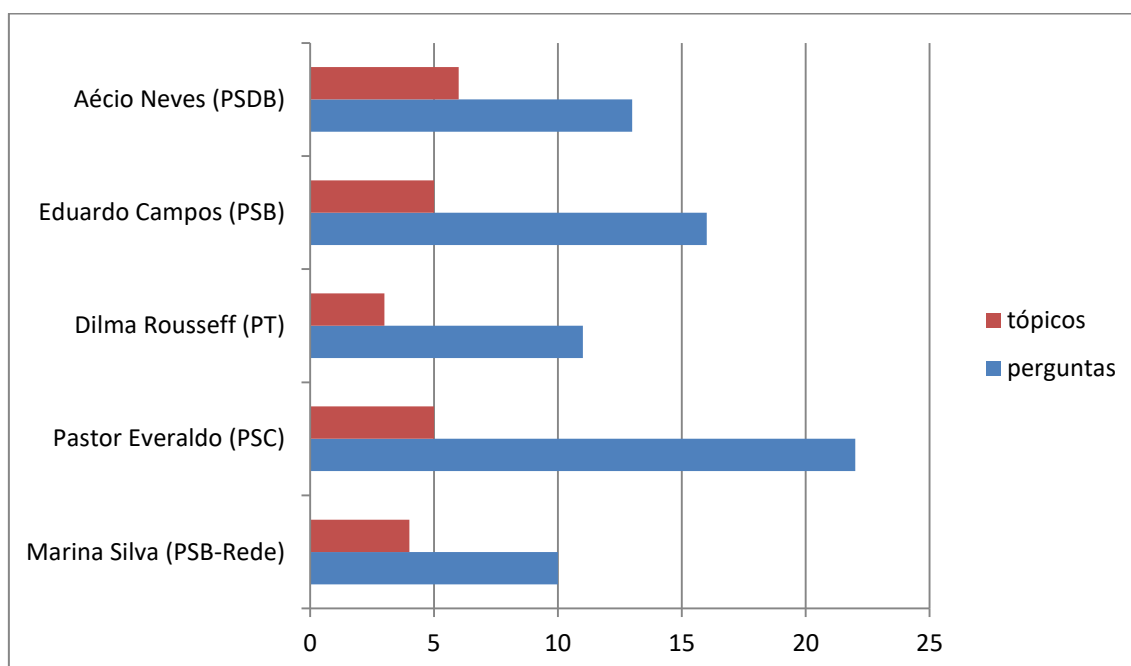


Gráfico 1: Comparação entre número de perguntas e número de tópicos em cada entrevista de cada candidato.

Sobre as diferenças quantitativas relevantes que dizem respeito ao número de tópicos e ao número de perguntas, pretendemos apresentar uma explicação nas análises posteriores, considerando também o fenômeno da interrupção e o tipo de pergunta presente em cada uma das entrevistas dos diferentes candidatos.

CAPÍTULO 4: INTERAÇÃO NAS ENTREVISTAS TELEVISIVAS ELEITORAIS DO JN: PERGUNTAS E INTERRUPÇÕES

4.1. Introdução: O sistema de tomada de turnos nas entrevistas televisivas eleitorais

Das entrevistas observadas neste trabalho a que mais se diferencia das demais é a da presidente Dilma Rousseff (PT) devido ao alto número de interrupções e tomadas de turno (ou assalto), além de outros fatores, realizadas pelos entrevistadores William Bonner e Patrícia Poeta. O sistema de tomada de turnos (ou troca/assalto), categoria de análise desta seção, é organizado pelas situações conversacionais, tais como conversas, conferências, entrevistas etc., e estruturado a partir de elementos externos, como aspectos gestuais, prosódicos e contextuais, por exemplo. Considerando as grandes diferenças entre as sociedades e culturas do mundo ocidental, é possível dizer, de acordo com os autores da análise da conversação de base etnometodológica, que os indivíduos envolvidos em uma conversação¹⁹ sabem, intuitivamente, que é preciso esperar por um certo tempo antes de (re)tomarem seu turno e ter em seu momento de fala. Porém, veremos no contexto de análise dessa pesquisa, a saber, o de entrevista televisiva eleitoral, as expectativas em relação ao tipo de comportamento dos participantes dessa interação são quebradas em função da diferença considerável de tratamento entre os candidatos.

Como veremos, o sistema de tomada de turnos não pode, por si só, decidir sobre o encerramento de uma conversa/interação, mas seus participantes sim. Nesta série de entrevistas organizada e promovida pelo Jornal Nacional (Rede Globo), William Bonner é o mediador da interação e o responsável por realizar as perguntas, distribuir o turno e propor os temas a serem respondidos. A jornalista Patrícia Poeta acompanha o mediador e, como dissemos antes de explorarmos essa questão em nossos dados, é preciso definir o que os autores (SSJ) entendem por turno:

[...] o turno é uma unidade cuja constituição e fronteiras envolvem uma distribuição de tarefas tal como já observamos: que um falante pode falar de tal maneira que permita que uma projeção de possível finalização seja feita a partir da sua fala, desde o seu início, abrindo oportunidade para que outros usem os lugares de transição para começar a falar, para abrir mão da oportunidade para

¹⁹ Entendemos por conversação a descrição proposta por Fávero *et al* como “um processo interacional específico, que implica participação conjunta dos interactantes na dinâmica evolutiva de um evento comunicativo informal, localmente processado (2010: 93)”.

falar, para influenciarem as direções da fala etc.; e que o seu ato de começar a falar, se bem colocado, pode determinar onde ele deve parar de falar. Isto é, o turno, como unidade, é determinado interativamente. (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974, p. 51)

Os primeiros estudos sobre o sistema de troca de turnos foram realizados no início dos anos 1970 pelos sociólogos americanos Harvey Sacks, Emanuel Shegloff e Gail Jefferson, que propuseram uma teoria que abordasse tanto questões da fala quanto questões da pragmática. Nas palavras de Mira (2012: 37) “a complexa combinação de fatores gramaticais, prosódicos, gestuais e contextuais configura, na realidade, a organização dos turnos. O sistema de troca de turnos proposto por SSJ (1974) estabelece o que poderíamos denominar como uma organização primária dos turnos. As regras descritas nesse sistema são, em grande parte, consideradas princípios de cooperação conversacional.” Esses princípios de cooperação, nas palavras de Mira, foram posteriormente descritos por Grice (1989) como pressupostos que regulam as regras conversacionais naturalmente, como se se operasse uma auto seleção do próximo falante:

Da mesma forma que, de acordo com Grice (1989), as pessoas cooperam umas com as outras para manterem uma conservação, o sistema de troca de turnos, na realidade, elenca regras de um princípio de cooperação primário, isto é, os falantes dominam uma série de pressupostos que governam as trocas de turnos como: quem inicia primeiro adquire o direito ao turno; o falante corrente seleciona o próximo. Se não houver seleção explícita do próximo falante, isso é um sinal para que ocorra a auto seleção (Mira, 2012: 37).

Na primeira nota de seu texto (*A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation*), os autores descrevem a estrutura de uma interação face a face sustentada pelos turnos de fala e nos lembram que a fala é “socialmente organizada [...] como um pequeno sistema de ações” ([1974] 2003).

Estou sugerindo que o ato de falar deve sempre ser remetido ao estado de conversa que é sustentado através do turno de fala em particular e que esse estado de conversa envolve um círculo de outros indivíduos ratificados como coparticipantes. (Fenômenos semelhantes ao falar consigo próprio ou com receptores não ratificados, como no caso de comunicação em conluio, ou fenômenos semelhantes à fala ao telefone, devem primeiramente ser vistos como desvio da norma; caso contrário, sua estrutura e significância irão se perder.) A fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são

mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social. Uma vez que um estado de conversa tenha sido ratificado, é preciso haver pistas à disposição para requisitar a palavra e cedê-la, para informar o falante quanto à estabilidade do foco de atenção que está recebendo. Uma colaboração íntima deve ser mantida para assegurar que um turno de fala nem se sobreponha ao anterior em demasia, nem careça de um acréscimo conversacional supérfluo, já que o turno de alguém deve estar sempre e exclusivamente em andamento (SSJ, pp. 63-64).

O turno conversacional procede de uma das características mais evidentes da conversação: “o fato de os interlocutores alternarem-se nos papéis de falante e ouvinte (FÁVERO *et al*, 2010).” Estes mesmos autores propõem dois tipos de construção do diálogo dentro das tomadas de turno de acordo com a participação de cada interlocutor: a situação de simetria e de assimetria no desenvolvimento de uma conversação. O primeiro tipo de situação configura simetria da fala dos dois interlocutores quando estes buscam expandir o tópico e, assim, “engajam-se na consecução do objetivo comum (id.)”. Ainda sobre o tipo de conversação simétrica, Fávero *et al* (2010) dizem que nesta situação são perceptíveis sinais que indicam que o interlocutor/locutor está “seguindo” as palavras de seu locutor/interlocutor, uma ação integradora. Já numa situação de assimetria, o turno conversacional desdobra-se por meio de intervenções, como interrupções e sinais de discordância – como verificamos na entrevista com a presidente Dilma e Marina Silva, por exemplo.

Como podemos observar, o sistema de tomada de turnos é regido, principalmente, pelos participantes de uma interação, ou seja, é um ‘gerenciamento local’, como dizem os autores:

“[...] o sistema de tomada de turnos é um sistema de gerenciamento local, no sentido de que ele opera de tal maneira a permitir que o tamanho e a ordem dos turnos variem e estejam sob o gerenciamento local, mantendo-se assim ao longo de variações em outros parâmetros, e ainda assim alcançando tanto o objetivo de todos os sistemas de tomada de turnos – a organização de ‘n de cada vez’ – e o objetivo de todas as organizações de tomada de turnos para sistemas de troca de fala – ‘um de cada vez enquanto a troca de falante se repete’ (cf. Miller 1963:418) (SSJ, 2003 [1974], p. 49)”.

A organização dos turnos em uma interação é importante para que haja direcionamento da fala, oportunidades para que cada falante possa participar e práticas de ordenamento entre aquele que fala e aquele que ouve. Por isso, Sacks *et al* (1974) afirmam que “o turno é uma unidade cuja constituição e fronteiras envolvem uma distribuição de

tarefas tal como já observamos: que um falante pode falar de tal maneira que permita que uma projeção de possível finalização seja feita a partir da sua fala, desde o seu início, abrindo oportunidade para que outros usem os lugares de transição para começar a falar, para abrir mão da oportunidade para falar, para influenciarem as direções da fala etc.; e que o seu ato de começar a falar, se bem colocado, pode determinar onde ele deve parar de falar. Isto é, o turno, como unidade, é determinado interativamente (1974:49)”.

Autores anteriores perceberam que o sistema de organização da tomada de turnos é operante na conversação, pois regula a ordem e o tempo que cada falante tem para falar e ouvir, a grosso modo. No nosso caso, as entrevistas televisivas eleitorais, que pressupõem conversas entre duas partes, são um tipo de situação conversacional assimétrica, onde a distribuição da fala e dos silêncios entre as partes é regulada pelo entrevistador, de modo que essa transferência de fala (ou manutenção) pode ser coordenada de forma a instaurar uma boa interação entre as partes.

Para Sacks, Shegloff e Jefferson ([1974] 2003) “o sistema de tomada de turnos em si não diz nada diretamente a respeito da extensão ou do encerramento da conversa. Contudo, ele coloca limitações em relação a como poderia operar um dado sistema de regras para alcançar o encerramento da conversa (e, assim, a extensão) (p. 25)”. Ou seja, esse sistema não controla diretamente a quantidade de fala de um determinado indivíduo, mas tem a força de limitar a distribuição de turnos de cada falante, para que eles próprios decidam como e em qual momento encerrar a conversa.

Nas interações conversacionais, sabemos que o tópico discursivo não é a única unidade responsável pela construção do diálogo, quando pensamos na participação conjunta dos interlocutores. De modo geral, os interlocutores se engajam em um objetivo comum, pois ambas as partes se alternam nos papéis de falante e de ouvinte. Como reiteram os autores, a noção de turno “pertence ao senso comum e está ligada às situações em que os participantes do evento se sucedem ou se alternam na realização de um objetivo comum ou numa disputa: jogo de xadrez, corrida de revezamento, mesa-redonda. Em todas essas situações, cada participante dispõe de um dado período (fixo ou não), o qual constitui turno ou vez (FÁVERO *et al*, 2010).”

Os autores também propõem dois tipos de turnos estabelecidos: os turnos nucleares e os turnos inseridos. Os nucleares têm valor referencial e estão ligados à construção de um tópico, enquanto que os inseridos se referem às interrupções, para buscar atenção,

concordância (ou discordância), reforço, etc. Essas intervenções estão presentes em ambas as entrevistas, porém com objetivos diferentes.

Em entrevistas triádicas como as que compõem o *corpus* da pesquisa, a fórmula de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) não se aplica, já que nesse tipo de interação não há regras fixas, nem seleção prévia do sucessor, além de o locutor L3 poder tomar a palavra sem que esta lhe seja dirigida (FÁVERO *et al*, 2010)”. A fórmula de SSJ ‘falante corrente seleciona o próximo [falante]’ ([1974] 2003) foi desenvolvida com o conceito de tomada de turno em cima de interações mais autorreguladas, como o caso da conversação, diferentemente das interações em entrevistas televisivas, que são assimétricas – como descrito acima.

A questão da interrupção nas entrevistas eleitorais do Jornal Nacional é de grande importância para nós porque observamos seu efeito tanto no desempenho dos candidatos (*performance*) quanto no seu tempo total de fala. O candidato pastor Everaldo (PSC), por exemplo, não sofreu interrupções, enquanto que a presidente Dilma (PT) perdeu quase um minuto e meio de seu tempo com as interrupções. A principal função da interrupção em uma interação é a de quebrar o tópico em curso; ou pode configurar-se como uma tentativa de retorno ao anterior. Em todo o caso, é uma suspensão da continuidade de fala do falante corrente, realizada, no nosso caso, pelos jornalistas do JN. Segundo Marcuschi (2005), a quebra de um tópico dá-se a introdução do novo tópico pela interrupção do anterior; podemos também acrescentar como objetivo da quebra de tópico a retomada do atual tópico (quando não for atendido) e controle do tempo, já que lidamos com entrevistas televisivas.

O autor reforça que “a coerência entre turnos acontece na relação de continuidade e ultrapassagem dos tópicos e não na relação de um turno a outro (id., p. 81)”, ou seja, nem sempre a ordem do turno (falante seleciona falante) será respeitada, apontando para a negociação ou disputa pelo turno entre o falante (candidato entrevistado) e o ouvinte (jornalistas entrevistadores). Retomando a noção de mudança proposta por Stech (1982), Marcuschi (2005) diz que a quebra de tópico é uma mudança de tipo especial, sentida como interrupção. Ainda se tratando de sequência tópica, o autor afirma que são dois os tipos de organização em relação à quebra de tópico (p. 81):

a) *subseqüências encaixadas*: estas ocorrem quando um tópico é introduzido como quebra do tópico anterior, podendo então dar lugar ao retorno para a terminação ao tópico original.

Como exemplo desse tipo de interrupção, observemos a quebra da resposta do candidato Aécio Neves (PSDB) pelo jornalista William Bonner na questão sobre a construção de um aeroporto próximo às terras da família do candidato como forma de beneficiamento e valorização desse terreno:

Excerto 1

- 104 **WB:** Ma:s candidato essa questão produziu muita ³[polêmica] porque imediatamente levantou-se uma suspeita
 105 sobre o benefício a sua família que o senhor diz não ter havido e o senhor tem algum tipo de constrangimento
 106 ético pelo fato de ter utilizado essa pista quando visitou a fazenda da sua família?
 107 **AN:** ³[verdade] Não não tenho até porque não sabia que essa essa:: pista não estava homologada aliás essa é uma
 108 questão ⁴[e::ssa essa]
 109 **WB:** ⁴[Perdão mas não se trata da questão da homologação] a homologação é uma questão burocrática a minha
 110 pergunta é sobre usar um aeroporto que foi construído pelo estado de Minas Gerais para visitar uma fazenda sua
 111 isso não lhe constrange?

Neste excerto da entrevista com Aécio Neves, William Bonner dá sequência ao tópico já proposto, ‘corrupção’, perguntando ao senador se haveria algum constrangimento ético em ter visitado a fazenda de sua família utilizando o aeroporto construído próximo a essa propriedade enquanto era governador de Minas Gerais. O candidato atende ao tópico proposto e tenta introduzir um novo tópico sobre a homologação da pista, desviando-se do que foi questionado pelo jornalista. Porém, William Bonner interrompe o senador e faz com que ele retorne ao tópico original, refazendo sua pergunta sobre o possível constrangimento sentido pelo candidato. A seguir, a descrição do segundo tipo de organização de quebra de tópico:

b) *subsequências alternadas*: ocorrem quando um tópico é introduzido e ocasiona uma quebra no anterior, havendo então outra quebra do novo tópico, voltando-se ao anterior, sem, contudo, terminar o segundo, podendo haver nova quebra no tópico, e assim por diante, sem terminar os tópicos. Quebras intermitentes com retornos alternados a partes de tópicos anteriores inconclusos sugerem que os participantes não estão coordenando suficientemente suas contribuições (STECH, 1982). Ou indicam que cada qual está interessado em debater algo diverso (MARCUSCHI, 2005).

Agora como exemplo de uma interrupção alternada, selecionamos a situação em que a candidata Dilma Rousseff é questionada por William Bonner sobre sua postura diante da atitude que o Partido dos Trabalhadores teve com os acusados e condenados pelo Supremo

Tribunal Federal (STF), os saudando como “guerreiros” e “vítimas”. Neste recorte, podemos acompanhar as diversas interrupções feitas pelo jornalista da fala da candidata, que não conseguia terminar seu tópico sem sofrer mais uma quebra de tópico. Vamos ao exemplo:

Excerto 2

- 63 **WB:** ⁵[então me deixa agora perguntar à senhora] o em relação a seu partido? o seu partido teve: um grupo de
 64 elite... de:: pessoas corruptas comprovadamente corruptas eu digo isso porque foram julgadas condenadas e
 65 mandadas para a prisão pela mais alta corte do Judiciário brasileiro eram corruptos e o seu partido tratou esses
 66 condenados por corrupção como... guerreiros como vítimas como pessoas que não mereciam esse tratamento
 67 vítimas de injustiça a pergunta que eu lhe faço isso não é.. ser condescendente com a corrupção candidata?
- 68 **DR:** Eu vou te falar uma coisa Bonner eu sou presidente da República eu não faço nenhuma observação sobre
 69 julgamentos realizados pelo Supremo Tribunal por um motivo muito simples sabe por que Bonner? porque a
 70 Constituição ela exige que o presidente da República como exige dos demais chefes de Poder que nós
 71 respeitemos e consideremos a importância da autonomia dos outros órgãos
- 72 **WB:** ⁶[Então a senhora condena a postura do PT nesse caso?]
- 73 **DR:** ⁶[Eu não julgo] ações do Supremo eu tenho as minhas opiniões pessoais
- 74 **WB:** ⁷[Mas e a ação do seu partido a senhora condena essa ação?]
- 75 **DR:** ⁷[Enquanto enquanto] enquanto eu for presidente eu não externo opinião a respeito de julgamento do
 76 Supremo e vou te dizer Bonner ((DR sorri)) não é a primeira vez que eu respondo isso eu durante o processo
 77 inteiro NÃO MANIFESTEI NENHUMA opinião sobre o julgamento ⁸[até porque respeito...respeito o
 78 julgamento]
- 79 **WB:** ⁸[Mas candidata a pergunta que eu lhe fiz foi sobre a postura do seu partido qual sua posição a respeito da
 80 postura do seu partido?]
- 81 **DR:** Eu não vou tomar nenhuma posição Bonner que me coloque em confronto conflito é: ou aceitando ou não
 82 eu respeito a decisão da Suprema Corte brasileira isso não é uma questão subjetiva para mim exercer o cargo de
 83 Presidência eu tenho de fazer isso

No exemplo acima, William Bonner questiona a presidente Dilma se o PT não seria condescendente com a corrupção ao tratar seus membros que foram julgados e condenados pelo STF como “guerreiros” e “vítimas” das investigações contra corrupção no governo. A candidata à reeleição responde veementemente que não pode responder a tal pergunta por que a Constituição Federal exige que os chefes de Poder respeitem as decisões e a autonomia dos órgãos federativos. Mas, numa tentativa tendenciosa de interpretação da resposta da presidente, o jornalista quebra o novo tópico, retoma sua pergunta e introduz o tópico anterior na forma de resposta da candidata (“*Então a senhora condena a postura do PT nesse caso?*”). Mas a candidata não atende ao tópico e, por mais três tentativas, William Bonner a pressiona com novas interrupções e/ou quebras de tópicos. A candidata, de forma constante e firme, mantém sua resposta ao tópico anterior, gerando uma alternância entre a reiteração de

sua resposta e a reiteração por parte de William Bonner, de perguntas vinculadas ao tópico anterior (“A senhora condena a postura do PT?”; “A senhora condena essa ação?”).

A partir dessas considerações sobre a importância do sistema de tomada de turnos em interações como as entrevistas televisivas eleitorais, pode-se concluir que a mobilização desse recurso por parte dos entrevistadores é fundamental para o direcionamento da entrevista. Afirmamos também que esse sistema proposto por Sacks *et al* (1974) aponta para três outros fatores que serão descritos abaixo: tipologia de perguntas, interrupção e gestão de tópico. Com isso, podemos compreender melhor o funcionamento do sistema de tomada de turnos em um modelo de entrevista eleitoral como o nosso, além de demonstrar que esses fatores, juntamente com o turno, nos dão base para descrever a quase totalidade dos eventos que ocorrem nessas interações.

4. 2. Contextualização da tipologia de pergunta

Para melhor compreensão e descrição das perguntas realizadas nas entrevistas televisivas eleitorais do JN, nesse tipo de configuração discursiva nos baseamos na tipologia criada por Lima (2005) em um estudo da interação entre professor e aluno e o par dialógico presente nesse contato. Com base na tipologia de Lima (2005), elaboramos uma tipologia a fim de categorizar cada uma das perguntas presentes nas entrevistas. São elas:

Tipo de pergunta	Exemplo
1) Perguntas de conteúdo: os interlocutores, no caso Bonner e Patrícia, são responsáveis pela organização, interação e desenvolvimento da entrevista. A finalidade é a de obter informações do entrevistado.	(Entrevista Marina Silva) WB: O que que há de novo nessa política candidata?
2) Perguntas “gatilho”: perguntas que estimulam o participante a dar contribuições para o desenvolvimento do tópico discursivo.	(Entrevista Aécio Neves) WB: Por que que o eleitor iria acreditar que exista diferença entre os dois partidos quando o assunto é esse corrupção?
3) Perguntas de confirmação: fazem parte do formato sim/não. A finalidade é a de verificar se a compreensão está ou não correta.	(Entrevista Aécio Neves) WB: a questão é a seguinte o senhor não vai fazer essas medidas que os economistas defendem? Ou o senhor (es)tá procurando não mencionar essas medidas porque elas são impopulares?

Tabela 5: Tipologia e descrição de perguntas recorrentes nas entrevistas.

4. 2. 1. A tipologia de perguntas aplicada em cada entrevista

Vejam os agora a distribuição das perguntas segundo a tipologia de Lima (2009) aplicada em cada uma das entrevistas com os candidatos. Seguiremos a ordem estabelecida a partir do sorteio do Jornal Nacional: Aécio Neves, Eduardo Campos, Dilma Rousseff, Pastor Everaldo e Marina Silva.

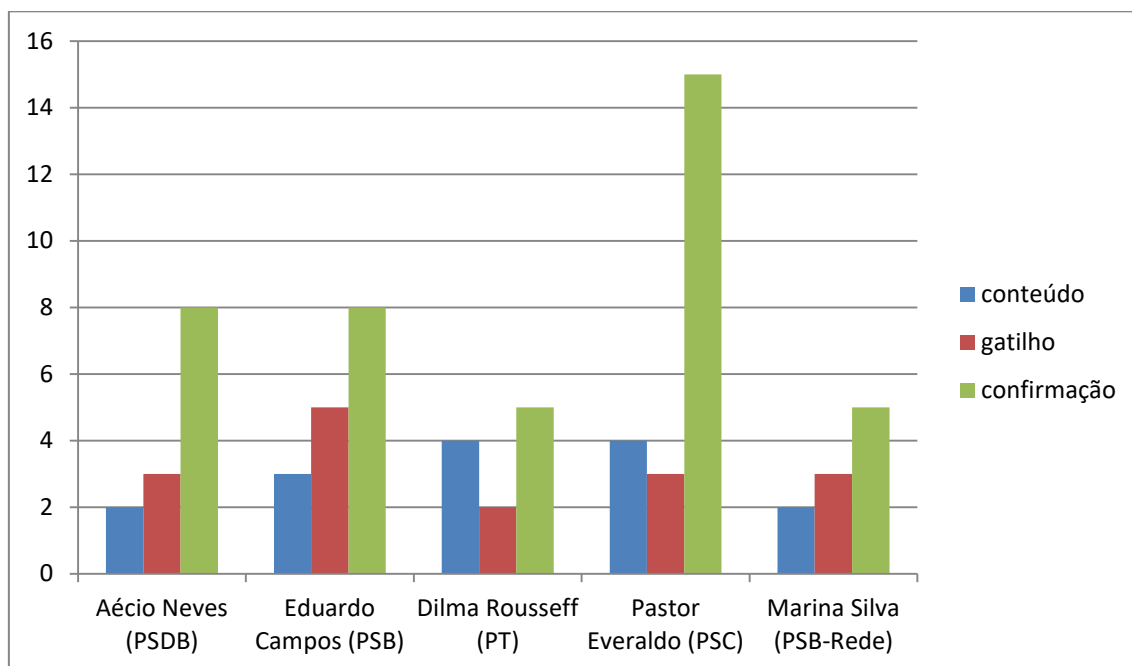


Gráfico 2: Tipologia de perguntas em cada entrevista de cada candidato.

Como podemos observar no gráfico acima, todos os candidatos entrevistados responderam a mais perguntas do tipo confirmação. Na entrevista com Pastor Everaldo, mais de 2/3 de suas perguntas foram do tipo confirmação, 15 de 22 ao todo. As perguntas desse tipo, como descrito na tipologia acima, têm a função de apenas verificar se tal informação está correta ou não, se está ou não de acordo com aquilo que fora dito pelo entrevistador. Já as perguntas do tipo conteúdo foram as de menor quantidade para Aécio Neves e a presidente Dilma, por talvez serem candidatos já conhecidos no cenário político, enquanto que Eduardo Campos e Pastor Everaldo responderam a mais perguntas de conteúdo por serem os menos conhecidos.

A nosso ver, as perguntas de confirmação empobrecem uma entrevista, pois parecem indicar que os entrevistadores, ao enunciarem seus pressupostos, demandam dos políticos que apenas ratifiquem esses pressupostos, como é o caso, por exemplo, do pressuposto que se refere à necessidade de se tomar medidas impopulares, ideia defendida pelos entrevistadores,

ao buscarem “encurrular” seus entrevistados com esse tipo de pergunta. Esses resultados comprovam a tese de que esse tipo de pergunta configura uma estratégia discursiva usada pela Rede Globo que contribui, segundo Oliveira (2014), para a deslegitimação da classe política no Brasil e, conseqüentemente, para a descrença dos eleitores em seus representantes.

4.3. As interrupções nas entrevistas dos presidentiáveis

Retornando nossa questão sobre os turnos, de fato, o quadro clássico da Análise da Conversação prioriza trocas diádicas no esquema “ababab”, proposto por Sacks *et al* (1974); na entrevista televisiva eleitoral “é sugestivo imaginar a distribuição de turnos entre os falantes como um fator disciplinador da atividade conversacional (MARCUSCHI, 2005, p. 19)”. De acordo com a produção do telejornal Jornal Nacional tanto os interlocutores quanto os entrevistados têm no máximo dois minutos para concluir suas perguntas e respostas. Porém, em algumas situações veremos William Bonner ou Patrícia Poeta assaltarem o turno de Dilma Rousseff (PT) antes mesmo do tempo estipulado, inserindo um novo tópico ou uma nova pergunta. Podemos afirmar que em praticamente toda a entrevista não foram respeitados os turnos da presidente Dilma, tornando a entrevista conflituosa e com diversas tentativas de controle de sua fala. Observemos agora os quadros comparativos das interrupções realizadas pelos jornalistas com os candidatos, iniciando com o candidato Aécio Neves (PSDB):

Perguntas por tópico	Tópicos abordados	Duração da fala do candidato ao ser interrompido	Tipo de interrupção	Tempo de duração da interrupção
1	Economia	1' 10"		
		15"	Pergunta (2)	2"
		48"		
2	Propostas	1' 10"		
		14"	Pergunta (1)	2"
6	Corrupção	53"		
		27"		
		1' 12"		
		6"	Pergunta (1)	10"
		40"	Pergunta (1)	8"
		43"		
2	Candidatura	55"		
		37"		
1	Saúde	1' 03"		
1	Desempenho	54"		
Total 13	Total 6	Total 8' 54"		Total 22"

Tabela 6: Quadro de interrupção de fala do candidato Aécio Neves (PSDB).

Diferentemente da entrevista com Dilma Rousseff, na de Aécio Neves ocorrem apenas três interrupções que, somadas, consumiram vinte segundos do tempo total, ou seja, cerca de um quarto do tempo perdido pela candidata. Em treze perguntas respondidas, na sua grande maioria o senador respondeu sem ser interrompido por William Bonner e Patrícia Poeta, e sua entrevista foi, de fato, mais simétrica quando comparamos com a da presidente. O senador é o candidato com o menor tempo de fala da série de entrevistas, mesmo com falas mais longas que Dilma Rousseff e poucas interrupções. Mas na verdade, a presidente Dilma é a candidata que mais fala – dez minutos e sete segundos no total. Vejamos agora a entrevista com o candidato do PSB Eduardo Campos:

Perguntas por tópico	Tópicos abordados	Duração da fala do candidato ao ser interrompido	Tipo de interrupção	Tempo de duração da interrupção
2	Propostas	1' 32"		
		53"		
2	Economia	08"	Comentário	1"
		19"		
		37"		
6	Corrupção	53"		
		26"		
		20"		
		22"		
		48"		
3	Candidatura	37"		
		29"		
		20"		
3	Ideologia	15"		
		40"		
		40"		
Total 16	Total 6	Total 9' 25"		Total 1"

Tabela 7: Quadro de interrupção de fala do candidato Eduardo Campos (PSB)

Como podemos observar, a entrevista com o ex-governador de Pernambuco foi a segunda que teve mais perguntas, já apontado anteriormente devido às respostas curtas e objetivas do candidato. Além disso, Campos é interrompido em uma única situação, o que consome apenas um segundo, ou seja, o candidato praticamente não é interrompido pelos jornalistas, o que lhe confere mais de nove minutos de fala – a segunda mais longa se compararmos com os demais candidatos. Mesmo com alguns momentos de pressão dos jornalistas com o ex-governador, a entrevista de Eduardo Campos flui de forma constante, em

que a ele é permitido falar sem ser interrompido, em que há uma boa dinâmica com os jornalistas. Vejamos agora a entrevista com Dilma Rousseff (PT):

Perguntas por tópico	Tópicos abordados	Duração da fala do candidato ao ser interrompido	Tipo de interrupção	Tempo de duração da interrupção
7	Corrupção	1'40"		
		1' 16"	Pergunta (3)	41"
		24"	Pergunta (1)	4"
		51"	Pergunta (1)	2"
		33"	Pergunta (1)	3"
2	Saúde	1' 54"	Pergunta (1)	20"
		30"	Tentativa de mudança de tópico	2"
		26"	Comentário	2"
		14"	Comentário	10"
2	Economia	25"	Comentário	8"
		40"	Pergunta (1)	3"
Total 11	Total 3	Total 10' 07"		Total 1' 25"

Tabela 8: Quadro de interrupção de fala da candidata Dilma Rousseff (PT).

A tabela de assalto de turnos na entrevista com Dilma Rousseff nos revela aquilo anteriormente já apontado neste trabalho, que é o alto número de interrupções e tomadas de turno realizado foi na grande maioria por William Bonner e poucas vezes por Patrícia Poeta, o que consumiu um tempo considerável da presidente Dilma. Em onze perguntas feitas por Bonner e Patrícia, apenas uma delas é realizada em um lugar de transição, seja por uma pausa ou conclusão da fala, e não uma interrupção de fato, ou seja, quase toda a entrevista é marcada pela “quebra” da fala de candidata à reeleição. Em todas as cinco entrevistas do Jornal Nacional, a média de tempo “perdido” com as perguntas realizadas pelos jornalistas equivale a 1/3 do total dos quinze minutos previstos para cada candidato. Porém, as interrupções de Bonner consumiram cerca de um minuto e meio do total da fala presidente Dilma, sendo a candidata que mais perdeu tempo de fala.

O caso particular da entrevista com a candidata do PT nos mostra que William Bonner não tem apenas o papel de distribuir o turno e mediar a entrevista, mas põe em cheque o gênero entrevista ao querer falar tanto quanto a candidata, já que em gêneros desse tipo, a grosso modo, o entrevistado fala mais que o entrevistador – interação assimétrica. Mas nesse caso observamos uma possível simetria da fala do jornalista e da candidata à reeleição, ao

interrompê-la constantemente e fazer longas avaliações de seu governo. O tempo total da entrevista da presidente é prejudicado devido ao caráter inquisitório que lhe é imposto, como se ela estivesse em um debate – o que configuraria outro tipo de gênero e interação –, quando o turno deixaria de ser apenas um fator “disciplinador”, retomando Marcuschi (2005), e passaria a ser também uma ferramenta de interrupção. Vejamos agora a entrevista com Pastor Everaldo (PSC):

Perguntas por tópico	Tópicos abordados	Duração da fala do candidato ao ser interrompido	Tipo de interrupção	Tempo de duração da interrupção
4	Candidatura	1'		
		40"		
		03"		
		32"		
1	Desempenho	12"		
5	Ideologia	1' 12"		
		22"		
		21"		
3	Corrupção	1' 12"		
		07"		
2	Desempenho	18"		
		05"		
7	Propostas	30"		
		18"		
		22"		
		07"		
		14"		
		22"		
Total 22		Total 8' 56"		

Tabela 9: Quadro de interrupção de fala do candidato pastor Everaldo (PSC).

O candidato do PSC pastor Everaldo foi o candidato que respondeu a mais perguntas, vinte e duas no total. Porém, ao longo de toda a sua entrevista, os jornalistas não interromperam o candidato, sendo o único com todos os seus momentos de turno de fala respeitados. Com pouco mais de nove minutos de fala, a entrevista com pastor Everaldo é marcada por muitos questionamentos e incertezas quanto às suas competências para disputar as eleições para a Presidência da República. Uma das hipóteses do por que o candidato do PSC foi o que respondeu a mais perguntas e mais tópicos, sem ser interrompido pelos entrevistadores, é que as ideias conservadoras do Pastor Everaldo estão parcialmente alinhadas com a “agenda política” da Rede Globo, especialmente porque se dá maior espaço

de fala a esse candidato – mesmo ele sendo o candidato menos votado nas pesquisas de opinião.

Do início ao fim da entrevista, William Bonner e Patrícia Poeta ironizam o candidato com diversas perguntas sobre as dificuldades que ele encontrará na política nacional caso seja eleito, por conta de sua inexperiência nas esferas executiva e legislativa. Vejamos agora o quadro de interrupções de Marina Silva (PSB-Rede):

Perguntas por tópico	Tópicos abordados	Duração da fala do candidato ao ser interrompido	Tipo de interrupção	Tempo de duração da interrupção
2	Corrupção	45''		
		54''		
1	Candidatura	1'		
1	Corrupção	1' 07''		
3	Desempenho	10''	Comentário	10''
		50''	Comentário	4''
		19''	Pergunta (1)	17''
		45''	Pergunta (1)	2''
		57''	Comentário	3''
3	Ideologia	52''	Pergunta (1)	24''
		13''	Comentário	15''
		1' 06''		
Total 10		Total 9'		Total 1' 15''

Tabela 10: Quadro de interrupção de fala da candidata Marina Silva (PSB-Rede).

A tabela de tomada de turnos na entrevista com Marina Silva, semelhantemente a de Dilma Rousseff, nos mostra um alto número de interrupções e tomadas de turno realizadas pelos jornalistas Wiliam Bonner e Patrícia Poeta, consumindo importantes um minuto e quinze segundos. Também podemos comparar as entrevistas das duas candidatas pelo fato de os jornalistas também terem sido bem agressivos e duros com a ex-senadora, que foi interrompida em praticamente todas as perguntas. De todas as cinco entrevistas do JN, a de Marina Silva foi a entrevista em que um candidato mais falou (pouco mais de dez minutos); por outro lado foi a segunda mais interrompida. Segue abaixo um quadro comparativo entre os tempos de fala dos candidatos e o tempo de fala dos entrevistadores:

Candidato	Tempo de fala do candidato	Tempo de fala dos jornalistas	Tempo de interrupção por parte dos jornalistas	Tempo total de fala dos jornalistas (com interrupções)
Aécio Neves	8'54''	4'27''	22''	4'49''
Eduardo Campos	9'25''	4'11''	1'	5'11''
Dilma Rousseff	10'07''	3'53''	1'25''	5'18''
Pastor Everaldo	8'56''	4'54''	Sem interrupção	4'54''
Marina Silva	9'	3'42''	1'15''	4'57''

Tabela 11: Comparação entre os tempos de fala dos candidatos e o tempo de fala dos entrevistadores.

Como podemos observar, os dados acima da tabela de tempo total de fala dos candidatos e dos entrevistadores mostram que os jornalistas consumiram tempo considerável de todas as entrevistas – mais de 1/3 do tempo total. Outra questão que nos chamou a atenção foi o fato de ocorrer uma distribuição não esperada dos turnos, no caso de Dilma, mas esperada para os outros candidatos. Ou seja, o alto número de tomadas de turno, interrupções e longos comentários feitos pelos jornalistas revela uma tentativa de controle da voz política por parte da Rede Globo, configurando uma postura altamente subversiva da emissora quanto aos seguintes fatores: tópico, turno, tempo e campo. Abaixo, segue um gráfico comparativo do tempo de interrupção por parte dos jornalistas e o tempo de fala dos candidatos:

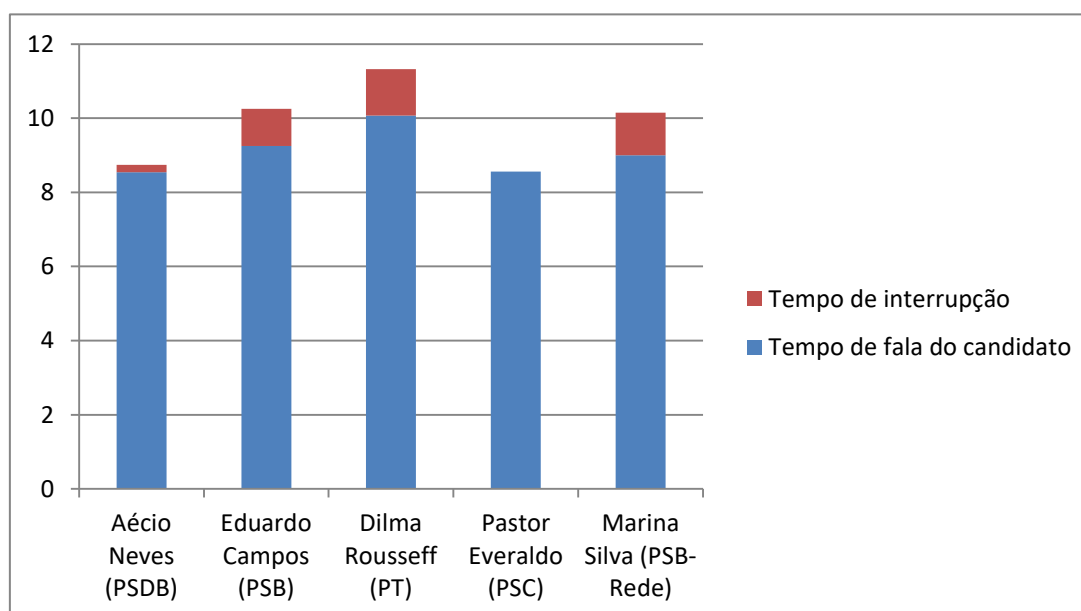


Gráfico 3: Tempo de interrupções e de fala dos candidatos (em minutos).

Esse gráfico mostra o tempo total das interrupções realizadas pelos entrevistadores na fala de cada candidato nos aponta para algumas conclusões sobre as entrevistas do Jornal Nacional. A primeira delas é que o candidato Aécio Neves (PSDB) é o que menos fala, somando pouco menos de nove minutos no total, mas é também o segundo menos interrompido, com apenas dois segundos de interrupção. Eduardo Campos (PSB) é o segundo

candidato que mais fala entre todos os cinco, num total de nove minutos e vinte e cinco segundos, e é o terceiro mais interrompido: um minuto tomado pelos jornalistas. Pastor Everaldo (PSC) foi o único candidato que não foi interrompido por William Bonner e Patrícia Poeta, enquanto que a presidente Dilma Rousseff (PT) foi a candidata que mais sofreu interrupções pelos jornalistas, somando um minuto e vinte e cinco segundos do total. A ex-senadora Marina Silva (PSB-Rede) também foi muito interrompida, um minuto e quinze segundos e foi a terceira entre todos os candidatos que mais falou, somando nove minutos.

Devido ao alto número de interrupções e assaltos ao turno podemos afirmar que houve um tratamento diferente em relação às candidatas mulheres Dilma Rousseff (PT) e Marina Silva (PSB-Rede), pois foram as mais prejudicadas com relação ao tempo de fala, se compararmos com os candidatos homens. De fato, os candidatos Aécio Neves (PSDB) e pastor Everaldo (PSC) foram os que tiveram um tratamento diferenciado dos demais entrevistados, pois falaram aquilo que o Jornal Nacional considerava relevante e de interesse da mídia, já que um foi o candidato que foi menos interrompido e o outro foi o que mais falou, respectivamente.

Se fôssemos resumir esse ciclo de entrevistas do Jornal Nacional e estabelecer uma ordem de favorecimento dos candidatos considerando as interrupções feitas seria assim: pastor Everaldo (PSC), por ter sido o único candidato sem interrupções, Eduardo Campos (PSB), por ter sido o segundo candidato que mais falou, Aécio Neves (PSDB), por ter sido o segundo menos interrompido, Marina Silva (PSB-Rede), por ter sido a terceira candidata com mais tempo de fala e Dilma Rousseff (PT), por ter sido a candidata que mais sofreu interrupções.

CAPÍTULO 5. INTERAÇÃO NAS ENTREVISTAS TELEVISIVAS ELEITORAIS DO JN: A GESTÃO DO TÓPICO

5.1. Levantamento dos tópicos nas entrevistas dos presidencialistas

Ao observarmos as entrevistas televisivas de 2014, é possível perceber que a presidente Dilma Rousseff foi a candidata com o menor número de tópicos abordados pelos entrevistadores, apenas três. Desses três, e que acabou sendo tópico dominante corrupção gerou oito perguntas logo no início da entrevista, o que acabou dominando parte da entrevista. Já seu principal adversário, o senador Aécio Neves, teve a oportunidade de responder as questões em seis tópicos, o dobro de tópicos propostos para a candidata à reeleição. Porém, o candidato também foi questionado por um ato de corrupção, o que gerou quatro perguntas. O ex-governador Eduardo Campos respondeu a cinco tópicos e foi o candidato que conseguiu responder a mais perguntas no mesmo tempo, devido às suas respostas curtas e objetivas e também a apenas uma interrupção feita pelos entrevistadores. Diferentemente, Marina Silva foi bastante interrompida e teve uma entrevista marcada por confrontos com os jornalistas Bonner e Patrícia.

Nas seções seguintes, selecionamos os recortes de tópicos e de situações de interação que consideramos mais relevantes para exemplificar o funcionamento da gestão tópica nas cinco entrevistas estudadas.

5.1.1. A gestão de tópico na entrevista com Dilma Rousseff (PT)

A presidente Dilma Rousseff (PT) foi a terceira entrevistada pelo JN e foi a candidata com o menor número de tópicos propostos para serem respondidos, apenas três: corrupção, saúde e crise econômica. Essa entrevista com Dilma Rousseff foi muito diferente das outras, tendo sido alvo de críticas por parte dos telespectadores que desaprovaram²⁰ a postura autoritária e desrespeitosa do jornalista William Bonner e as constantes interrupções como veremos adiante dentre todos os candidatos a candidata à reeleição presidente Dilma Rousseff

²⁰ Essa questão da maior quantidade de interrupções na entrevista com a presidente Dilma Rousseff (PT) principalmente na comparação com a entrevista de Aécio Neves (PSDB) foi observada por vários órgãos de observação da imprensa e mesmo por jornalistas logo após a realização das entrevistas. O artigo “Bonner e Patrícia interromperam Dilma 8 vezes e usaram 1/3 do tempo de Aécio”, de Luisa Romano e Vinícius Segalla (UOL, 22/08/2014), aponta que a presidente foi a que mais vezes – e por mais tempo – foi interrompida pelos jornalistas, enquanto que Aécio Neves (PSDB) foi o menos interrompido.

foi a mais interrompida. Alguns articulistas até questionaram se o gênero ‘entrevista’ foi mantido, pois se assemelhava mais a um debate pelo desrespeito ao turno de fala da presidente, além do tom de deboche dos jornalistas.

Considerada a entrevista mais polêmica desta série do Jornal Nacional, já era esperada certa tensão entre Dilma Rousseff e William Bonner e sua colega Patrícia Poeta, pois seu governo estava enfrentando uma grave crise de corrupção, em que a maior empresa estatal do país, a Petrobras, sofreu com um esquema de desvio de dinheiro envolvendo políticos e empresários, fazendo com que partidários fossem investigados e condenados pelo Supremo Tribunal Federal, a mais alta corte brasileira, numa investigação da Polícia Federal chamada operação Lava Jato. Além disso, outros ministérios do governo Dilma foram alvo de suspeitas e investigações, o que acabou levando a população e a mídia a uma desconfiança no PT e severas críticas à sua postura. Certamente era de se imaginar que o Jornal Nacional, no papel da mídia, iria pressionar e cobrar o governo, a fim de expor aos telespectadores a validade ou não de sua candidatura à reeleição.

A abordagem de apenas três tópicos para a presidente Dilma responder deixa clara a intenção da emissora (Rede Globo de Televisão) de minimizar as oportunidades de outros temas relevantes para discussão e a diversidade de respostas. O principal adversário da presidente, o senador Aécio Neves, teve o dobro de tópicos para responder, ou seja, lhe foi concedido um maior número de perguntas sobre diversos assuntos quando comparado com a candidata à reeleição. Essa é apenas uma das evidências do desequilíbrio de tratamento e desigualdade entre os candidatos entrevistados pelo Jornal Nacional, sugerindo uma postura tendenciosa da emissora a favor do candidato tucano e contrária à Dilma Rousseff. Ao longo das análises essa hipótese será comprovada.

Vale lembrar que essa é a única entrevista realizada fora dos estúdios da Rede Globo, já que é um costume do Jornal Nacional entrevistar presidentes candidatos à reeleição na residência oficial, o Palácio do Alvorada em Brasília. A primeira pergunta da entrevista, feita por William Bonner, irá ditar o nível de embate entre a presidente e os entrevistadores, em que podemos perceber que o jornalista faz longas perguntas, avaliando negativamente seu governo. Em nosso primeiro exemplo, a presidente Dilma é questionada se o PT descuida da questão ética ou da corrupção, devido aos escândalos que atingiram seu governo:

Excerto 3

13 **WB: pois então é::** o tempo total dessa entrevista é de quinze minutos como foi o dos demais candidatos e a
 14 gente procura reservar um minuto e meio um minuto no fim para que o candidato possa expor aqueles projetos
 15 que ele considera PRIoritários para o governo no caso de ser eleito ou no caso de ser reeleita no caso de hoje o
 16 tempo começa a contar a partir de agora candidata no seu governo houve uma série de escândalos de corrupção e
 17 de desvios éticos houve escândalo de corrupção no Ministério da Agricultura houve escândalo de corrupção no
 18 Ministério das Cidades no Ministério dos Esportes houve escândalo de corrupção no Ministério da Saúde no
 19 Ministério dos Transportes houve escândalo de corrupção no Ministério do Turismo no Ministério do Trabalho a
 20 Petrobras acabou se tornando objeto de duas CPIs no Congresso a senhora sempre diz que todos esses escândalos
 21 foram revelados pela Polícia Federal e estão sendo investigados pela Polícia Federal que é um órgão do governo
 22 federal a questão que eu lhe faço é a seguinte qual é a dificuldade de desde o início se cercar de pessoas honestas
 23 que lhe permitam formar uma equipe de governo honesta e que evite esta situação que nós vimos de repetidos
 24 casos de corrupção? não há uma sensação não pode haver uma sensação no ar de que o PT a:: descuida da
 25 questão ética ou da questão da corrupção?

Escolhemos esse recorte por se tratar da primeira pergunta feita pelos interlocutores e porque foi o tópico que mais gerou perguntas para Dilma Rousseff – oito no total –, além do fato de o tema ‘corrupção’ estar presente em todas as entrevistas. Logo em sua primeira pergunta Bonner não apenas quer confrontar a presidente Dilma com avaliações insatisfatórias de seu governo, mas tenta apresentar para os telespectadores que o seu desempenho na Presidência é insuficiente para que ela seja candidata à reeleição. Como mediador de uma entrevista televisiva com o tempo definido, não era papel do jornalista realizar ações de avaliação de seu governo, pois além de comprometer o tempo total da entrevista, ele expõe sua parcialidade e descontentamento com o atual governo. Mesmo assim, a presidente Dilma responde sua pergunta e atende o tópico.

As perguntas avaliativas de teor negativo feitas por William Bonner no excerto 3 (“*qual é a dificuldade de desde o início se cercar de pessoas honestas?*” e “*o PT descuida da questão ética ou da questão da corrupção?*”) não são os únicos recursos que caracterizam a entrevista com Dilma Rousseff. A função de repetição das perguntas feitas pelo entrevistador (“*a senhora condena a postura do PT nesse caso?*”) representa a tentativa de reforço de uma ideia ou argumentação, fortemente marcada na fala de William Bonner ao pressionar e confrontar a presidente. Como podemos ver nas linhas 13 a 26 do exemplo acima, o mecanismo de repetição, ou reformulação retórica de acordo com Koch ([1997] 2010), “realiza-se basicamente por meio de repetições e parafraseamentos, cuja principal função é, sem dúvida, a de reforçar a argumentação, estratégia que vimos denominando informalmente de ‘técnica da água mole em pedra dura’”. No exemplo abaixo podemos observar a insistência

do mediador ao tentar fazer com que a candidata à reeleição assuma que a postura de tratamento do PT com os partidários condenados a torna ‘condescendente com a corrupção’.

Excerto 4

63 **WB:** ⁵[então me deixa agora perguntar à senhora] o em relação a seu partido o seu partido teve: um grupo de
64 elite... de:: pessoas corruptas comprovadamente corruptas eu digo isso porque foram julgadas condenadas e
65 mandadas para a prisão pela mais alta corte do Judiciário brasileiro eram corruptos e o seu partido tratou esses
66 condenados por corrupção como... guerreiros como vítimas como pessoas que não mereciam esse tratamento
67 vítimas de injustiça a pergunta que eu lhe faço isso não é.. ser condescendente com a corrupção candidata?

68 **DR:** Eu vou te falar uma coisa Bonner eu sou presidente da República eu não faço nenhuma observação sobre
69 julgamentos realizados pelo Supremo Tribunal por um motivo muito simples sabe por que Bonner? porque a
70 Constituição ela exige que o presidente da República como exige dos demais chefes de Poder que nós
71 respeitemos e consideremos a importância da autonomia dos outros órgãos

72 **WB:** ⁶[Então a senhora condena a postura do PT nesse caso?]

73 **DR:** ⁶[Eu não julgo] ações do Supremo eu tenho as minhas opiniões pessoais

74 **WB:** ⁷[Mas e a ação do seu partido a senhora condena essa ação?]

75 **DR:** ⁷[Enquanto enquanto] enquanto eu for presidente eu não externo opinião a respeito de julgamento do
76 Supremo e vou te dizer Bonner ((DR sorri)) não é a primeira vez que eu respondo isso eu durante o processo
77 inteiro NÃO MANIFESTEI NENHUMA opinião sobre o julgamento ⁸[até porque respeito...respeito o
78 julgamento]

79 **WB:** ⁸[Mas candidata a pergunta que eu lhe fiz foi sobre a postura do seu partido qual sua posição a respeito da
80 postura do seu partido?]

81 **DR:** Eu não vou tomar nenhuma posição Bonner que me coloque em confronto conflito é: ou aceitando ou não
82 eu respeito a decisão da Suprema Corte brasileira isso não é uma questão subjetiva para mim exercer o cargo de
83 Presidência eu tenho de fazer isso

Como observamos acima, o jornalista William Bonner insiste com diversas perguntas para que a presidente Dilma se posicione perante as decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) quanto à condenação de políticos de seu governo e também sobre o tratamento dispensado a eles pelo PT. Porém, a candidata não atende ao tópico proposto e afirma, repetidas vezes, que essa questão é sobre a qual ela não pode se manifestar como presidente porque ela enquanto tal, não pode julgar as decisões do STF. Já no recorte destacado abaixo, a candidata estava respondendo sobre o tema saúde, abordado por Patrícia Poeta, quando seu colega William Bonner interrompe a resposta para propor outro tópico, economia. Porém, através de um recursivo coesivo, a candidata à reeleição suspende a sugestão do jornalista e dá sequência à sua fala:

Excerto 5

116 **WB:** ¹³[Nós vamos falar de economia]

- 117 **DR:** Não eu vou falar de economia tenho o maior prazer Bonner veja só qual é a sequência disso agora nós
 118 consideramos que é muito importante duas coisas primeira tratar das especialidades criar as condições para o
 119 Brasil dar atendimento de especialidades que são aquelas que nós sabemos o ortopedista o: o o:: ginecologista o
 120 cardiologista com exames mais rápidos ¹⁴[assim] como nós ¹⁵[enfrentamos e resolvemos o problema dos
 121 quatorze milhões] aliás dos cinquenta milhões de brasileiros e dos quatorze mil médicos hoje nós temos já
 122 condição de resolver isso porque diminuimos a pressão porque ¹⁶[TOdo mundo que não era atendido num posto
 123 de saúde ia para uma UPA ou para um hospital]
- 124 **WB:** ¹⁴[Candidata] ¹⁵[candidata desculpe a senhora disse] ¹⁶[nós entendemos entendemos] Vamos à economia
 125 **PP:** ¹⁶[É que a colocação candidata era era] ¹⁷[doze anos doze anos] de governos três mandatos Mas o Bonner
 126 quer falar sobre economia
- 127 **WB:** ¹⁷[Vamos falar de economia] porque é um tema importantíssimo
- 128 **DR:** ¹⁷[**não, mas** nestes três mandatos] a gente teve não vamos esquecer teve o Samu que atende cento e
 129 quarenta e nove milhões de brasileiros ¹⁸[e que não existia]
- 130 **WB:** ¹⁸[**nã::o** a senhora já respondeu] à Patrícia que não não é minimamente razoável a senhora disse
 131 isso ¹⁹[Então vamos em frente]
- 132 **DR:** ¹⁹[Eu acho que nós temos que melhorar] a saúde ²⁰[não tenho dúvida disso nenhuma]
- 133 **WB:** ²⁰[Vamos em frente... economia]

Neste nosso último exemplo, o jornalista interrompe a fala da presidente Dilma propondo um novo tópico, ‘economia’. Ela afirma que vai atender ao tópico, através de um enunciado metadiscursivo (“*eu vou falar de economia tenho o maior prazer Bonner*”) e continua falando sobre o tópico anterior, ‘saúde’, porque considera que ainda não acabou. Na sequência William Bonner e Patrícia Poeta interrompem a candidata pela segunda vez (“*nós entendemos, vamos à economia*” e “*mas o Bonner quer falar sobre economia*”). Entretanto, Dilma Rousseff mais uma vez não atende ao pedido de mudança de tópico (“*não, mas nesses três mandatos [...]*”) e continua a falar. O jornalista interrompe novamente e a presidente continua a responder sobre o tópico ‘saúde’. Por fim, William Bonner interrompe a fala da candidata à reeleição e consegue inserir o tópico ‘economia’, fazendo com que a presidente Dilma passe a falar sobre o tópico delimitado.

Neste caso, a presidente é confrontada por pelos dois jornalistas, que, insatisfeitos com sua resposta e preocupados em fazer a última pergunta, acabam interrompendo constantemente sua fala, não conseguindo concluir as respostas para as perguntas realizadas por Patrícia Poeta. Em todo o tempo, os jornalistas invadem o espaço de fala de Dilma Rousseff, não dando oportunidades para que ela se defenda; ou seja, mesmo em um programa em que é esperado que o entrevistado fale (mais) sem ser interrompido, os entrevistadores

estão ativamente engajados em não deixar que a entrevistada fuja do assunto abordado por eles – atitude oposta que ocorre com Aécio Neves, como veremos a seguir.

A partir da observação desses trechos da entrevista, podemos perceber que do início ao fim William Bonner tenta controlar a fala da presidente Dilma, usando de sua própria fala ou concluindo sua pergunta com o que ele gostaria que ela respondesse. O jornalista usa o discurso reportado da própria candidata em outros contextos (“*a senhora sempre diz*”, “*a senhora sempre disse*”) para elaborar o seu comentário e as perguntas; e também por meio da afirmação de que a candidata estava sendo repetitiva (“*a senhora já respondeu*”, “*nós já entendemos*”). Com esses comentários, ele constrói uma imagem de Dilma Rousseff como uma pessoa confusa, prolixa e repetitiva. A fala da candidata foi usada contra ela; a estratégia do jornalista de comprometer a entrevista da presidente Dilma foi reunir falas isoladas da candidata em diversos contextos (economia, saúde, etc.) a fim de que fosse confrontada com situações desconfortáveis.

Vejamos agora o quadro de organização tópica da entrevista com Dilma Rousseff e uma representação do atendimento ou não do tópico por parte de cada candidato, de forma a melhor exemplificarmos a gestão de tópico nas entrevistas:

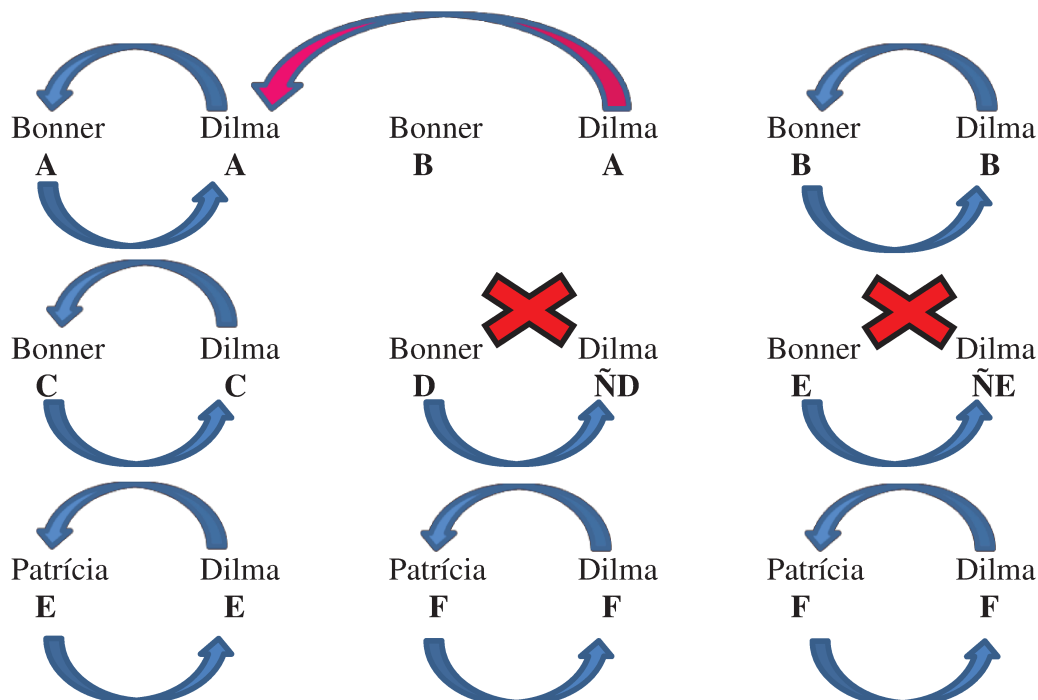
ITENS DE ATENDIMENTO AO TÓPICO	TÓPICO	PERGUNTAS	TÓPICOS PRESENTES NA RESPOSTA
A	Descuido com a questão ética	1. Qual é a dificuldade de desde o início se cercar de pessoas honestas? O PT descuida da questão ética ou da questão da corrupção?	Mecanismos de combate à corrupção, PF, MP, CGU, Portal da Transparência
B	Substituição de ministros por outros do mesmo grupo político	1. A senhora considera que foi uma atitude prudente como presidente substituir nessas circunstâncias? 2. Foi uma medida eficaz da sua parte candidata?	Punições dos denunciados, substituição de ministros por outros de confiança
C	Exigência dos partidos para manutenção de quadros no governo do mesmo grupo político	1. Mas não foi exigência do partido candidata?	Aceitação de indicações para ministros por parte de partidos, são pessoas íntegras e competentes
D	Condescendência com a corrupção	1. Isso não é ser condescendente com a corrupção candidata?	Dilma diz que não faz observações sobre julgamentos do STF e respeita sua autonomia
E	Condenação da postura do PT	1. Então a senhora condena a postura do PT nesse caso? 2. Mas e a ação do seu partido a senhora condena essa ação?	Dilma não julga as ações do STF e mantém suas opiniões pessoais

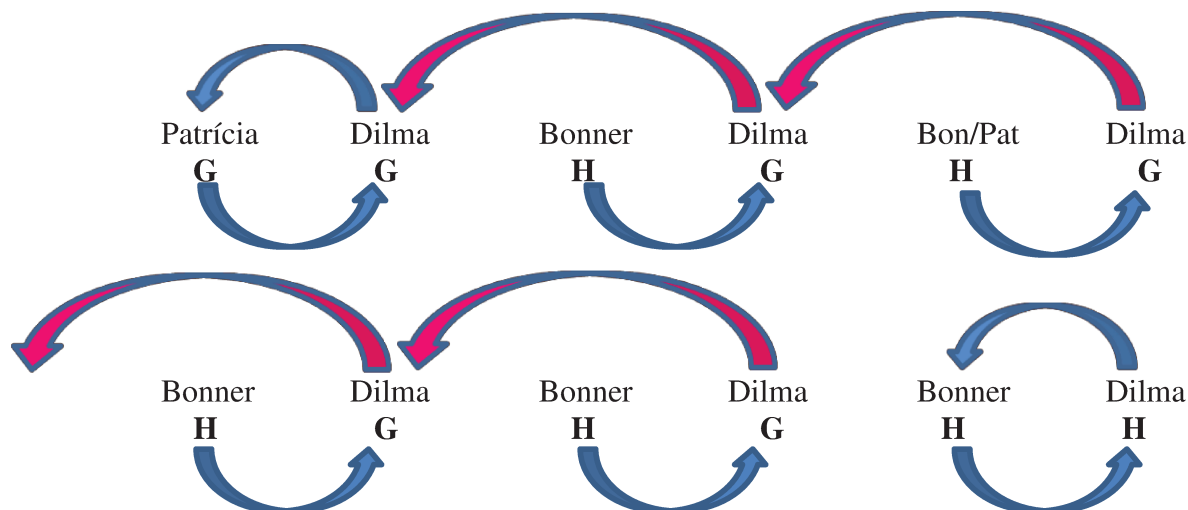
E	Condenação da postura do PT	3. Qual sua posição a respeito da postura do seu partido?	Não vai tomar nenhuma posição que a coloque em conflito
F	Problemas não resolvidos na área da saúde ao longo de 12 anos de governo do PT	1. Mais de uma década candidata não foi tempo suficiente para colocar esses problemas nos trilhos não?	Vários desafios na saúde, falta de médicos, Programa Mais Médicos
G	Situação precária da saúde no Brasil	1. A situação da Saúde no nosso país hoje é minimamente razoável depois de 12 anos?	Programa Mais Médicos assumido como responsabilidade federal, diferença entre responsabilidade federais, estaduais e municipais
H	Economia	Vamos falar de economia	(G) Tratamento das especialidades
H	Economia	Vamos falar de economia	(G) Samu
H	Economia	Vamos falar de economia	(G) Busca pela melhoria da saúde
H	Resultados ruins da economia, inflação alta, baixo crescimento da economia, pior superávit dos últimos 14 anos	1. A senhora considera justo ora olhando para os números da economia ora culpar o pessimismo ora culpar a crise internacional pelos problemas? 2. O seu governo não tem nenhum papel nenhuma responsabilidade nos resultados que estão aí?	Enfrentar a crise sem desempregar nem arrochar salários, sem aumentar tributos, sem demissões

Tabela 12: Gestão de tópico na entrevista com Dilma Rousseff (PT).

Legenda: azul: atendimento ao tópico; rosa: retorno ao tópico anterior; vermelho: não atendimento ao tópico

Figura 1: Gestão do tópico na entrevista com Dilma Rousseff (PT)





Nessa figura de atendimento ou não do tópico podemos perceber uma série de eventos em que as falas da presidente Dilma e dos jornalistas se chocam, causando uma verdadeira disputa pela manutenção do tópico. A candidata à reeleição atende ao tópico nos itens ‘A’, ‘B’ e ‘C’, em que o tema foi corrupção. Porém, ainda no mesmo tema, Dilma não atende ao tópico nos itens ‘D’ e ‘E’, quando questionada (e pressionada) por William Bonner sobre sua posição quanto às decisões do STF e de seu partido sobre a condenação de seus colegas petistas, o que consideramos como o momento mais conflituoso da entrevista. Mesmo assim, a candidata atende ao tópico do item ‘E’ na terceira pergunta feita pelo jornalista, configurando atendimento parcial deste tópico. Em seguida, Patrícia Poeta questiona a presidente sobre a situação da saúde no Brasil, em que esta atende o tópico dos itens ‘G’ e ‘H’; mas nesse momento da entrevista, o jornalista interrompe a candidata e sua colega para tentar propor o tema ‘economia’, pois o tempo já estava comprometido. Dilma Rousseff nega o atendimento ao tópico depois de quatro tentativas de William Bonner e duas tentativas de sua colega; a candidata deixa de concluir sua resposta para dar espaço ao último tema dos jornalistas.

5.1.2. A gestão de tópico na entrevista com Aécio Neves (PSDB)

O senador Aécio Neves (PSDB) foi o primeiro candidato a ser entrevistado pelo Jornal Nacional e foi o segundo com o maior número de tópicos a serem respondidos, seis no total. Os temas abordados foram corrupção, saúde, economia, candidatura, desempenho e propostas. O ex-governador de Minas Gerais falou o tempo todo sem ser interrompido por William Bonner e Patrícia Poeta, com respostas objetivas e mais curtas que as de Dilma Rousseff, o que lhe constituiu a figura de um bom orador. Aécio Neves também aproveitou de seu tempo de resposta para lançar mão de dados positivos e resultados deixados por sua gestão enquanto governador, como uma espécie de palanque eleitoral. Esses fatos ficarão mais claros a seguir

com a seleção de recortes de sua entrevista. Como veremos, algumas das respostas de Aécio Neves parecem complementar as perguntas direcionadas a ele, como uma aberta atividade de colaboração dos jornalistas ao longo de sua entrevista. Também analisaremos alguns traços das falas dos entrevistadores que parecem ‘distanciar’ o candidato de suas responsabilidades enquanto governador de Minas Gerais.

A primeira pergunta, feita por William Bonner, destaca algumas das principais propostas de campanha do senador e aponta para as possíveis medidas que o candidato poderia tomar para conter a crise econômica no país. Mesmo se tratando da crise econômica, classificamos essa pergunta como tratando do tópico ‘propostas de campanha’ devido ao conteúdo descrito pelo jornalista como veremos no trecho abaixo:

Excerto 6

- 11 **WB:** Muito obrigado o tempo total da entrevista é de quinze minutos dos quais nós reservamos o último minuto
 12 e meio para que: o candidato fale resumidamente claro sobre PROjetos que ele considera prioritários caso seja
 13 eleito e o tempo começa a ser contado a partir de agora candidato quando o senhor critica a situação da economia
 14 brasileira o senhor tem dito que seja quem for o presidente eleito para o ano que vem vai ter que fazer uma
 15 arrumação da casa o senhor já mencionou choque de gestão redução de número de ministérios redução de cargos
 16 comissionados o senhor já falou em combate a:: a desperdícios... mas economistas que concordam com o seu
 17 diagNÓstico para a economia brasileira dizem que essas medidas que o senhor tem anunciado não bastam elas
 18 não seriam suficientes para resolver que seria necessário que o governo fizesse um corte PROfundo de gastos
 19 que seria necessário que o governo também eliminasse a defasagem de tarifas públicas como preço da gasolina e
 20 energia elétrica a questão é a seguinte o senhor não vai fazer essas medidas que os economistas defendem? Ou o
 21 senhor ((AN sorri)) (es)tá procurando não mencionar essas medidas porque elas são impopulares?
- 22 **AN: ô** Bonner eu tenho dito em todos os fóruns e aqui a vocês de forma muito clara vou tomar as medidas
 23 necessárias a que o Brasil retome o ritmo de crescimento minimamente aceitável não é adequado não é
 24 compreensível que um país com as potencialidades do Brasil seja o lanternas do crescimento na América do Sul e
 25 estejamos aí de novo com aquela agenda que achávamos já derrotada há tempos atrás como a da inflação de
 26 novo a atormentar a vida do cidadão da cidadã brasileira eu tenho tido a oportunidade de me reunir Bonner com
 27 alguns dos mais talentosos economistas do Brasil mas na outra ponta também eu tenho conversado com as
 28 pessoas o que o brasileiro quer? transparência um governo que tenha coragem de fazer aquilo que seja necessário
 29 nós vamos sim enxugar o estado não é:: admissível não é razoável que nós tenhamos hoje trinta e nove
 30 ministérios não apenas pelo custo dos ministérios mas pela incapacidade deles apresentarem resultados
 31 entregarem serviços de qualidade às pessoas e estejamos hoje vivendo uma política externa cujo o alinhamento
 32 ideológico é prioridade sobre o pragmatismo sobre o interesse real do Brasil e da nossa economia e tudo isso
 33 levou a uma crise de confiança muito grande no Brasil Bonner
- 34 **WB:** Mas o senhor não respondeu a minha pergunta ((AN sorri)) a minha pergunta é se entre essas necessidades
 35 se inclui a re-du-ção da da dos gastos públicos e o fim ¹[dessa defasagem das tarifas de energia e gasolina]

Escolhemos esse recorte por dois motivos: o primeiro devido à sintonia existente entre as perguntas de William Bonner e as respostas do candidato, como se uma completasse a outra. Ou seja, os jornalistas vozeiam Aécio Neves ao reproduzir suas promessas de campanha, em que ele apenas tem que concordar e completar com sua resposta. E segundo pelas características de suas respostas, que ora faz uma crítica ao governo da presidente Dilma, ora destaca seu governo em Minas Gerais. Aécio Neves não atende ao tópico inicialmente, fazendo com que o jornalista pergunte mais duas vezes se o candidato irá ou não cumprir com alguma de suas medidas. O senador, ao responder a pergunta, aproveita para atacar o governo Dilma Rousseff sobre o mercado interno, pacotes de desenvolvimento e geração de empregos, sem ser interrompido.

Outro tópico importante da entrevista foi o da ‘corrupção’, mais especificamente sobre um caso envolvendo diretamente o senador, o que acabou levando William Bonner a fazer a pergunta mais polêmica da entrevista por confrontar o candidato sobre a construção irregular de um aeroporto em terras de sua família, quando era governador de Minas Gerais. O jornalista descreve todo o episódio para informar aos telespectadores, como uma forma de atender a demandas da sociedade ao abordar o tema ‘corrupção’, além de emprestar o termo ‘republicano’ utilizado anteriormente na entrevista algumas vezes pelo candidato Aécio Neves, para questionar a legalidade deste fato. Porém, como veremos a seguir, o candidato agradece a oportunidade de poder responder a essa pergunta, como se fosse beneficiado pelos entrevistadores – uma possível estratégia de desviar sua responsabilidade. Nesse sentido, o candidato consegue atender ao tópico informado pelo jornalista:

Excerto 7

- 79 **WB:** Candidato quando o senhor era governador do estado de Minas Gerais o senhor construiu um aeroporto no
 80 município de Cláudio: a: sua família tem uma fazenda a seis quilômetros desse aeroporto e a pista foi construída
 81 ao lado de terras do seu tio-avô o senhor já disse diversas vezes que não houve nenhuma irregularidade nisso que
 82 as terras eram públicas porque já tinham sido DESapropriadas inclusive a sua família discorda do valor arbitrado
 83 para essa desapropriação contesta esse valor considera injusto (es)tá na Justiça o senhor disse também que o
 84 aeroporto foi criado pelo senhor para beneficiar a economia da região e desde que esse assunto surgiu o único
 85 Erro que o senhor admite ter cometido eu vou ler as suas palavras o senhor disse que “viu aquela obra com os
 86 olhos da comunidade local e não da forma como a sociedade a veria à distância” eu pergunto mesmo aos olhos
 87 da comunidade local candidato o senhor considera republicano construir um aeroporto... que poderia ser visto
 88 como um benefício para a sua família no mínimo por valorizar as TErras dela?
- 89 **AN:** Bonner eu tenho que agradecer muito a oportunidade que você me dá de tocar nesse tema esperava ter essa
 90 oportunidade para fazê-lo o meu governo foi um governo republicano foi um governo absolutamente
 91 transparente eu transformei Minas Gerais num estado Bonner que tem a melhor educação do Brasil no ensino

92 fundamental a melhor saúde de toda a Região Sudeste nós ligamos num planejamento aliás algo em falta hoje no
 93 plano federal todas as cidades mineiras que não tinham asfalto duzentas e vinte e cinco cidades foram ligadas por
 94 asfalto no meu governo quatrocentos e cinquenta cidades não tinham telefonia celular eu fiz a primeira PPP do
 95 Brasil e liguei essas cidades ao desenvolvimento através da telefonia celular e fiz um programa chamado
 96 ProAero que ligou vinte e nove cidades de um total de noventa e dois aeroportos que existem espalhados por
 97 Minas você sabe que Minas é o estado que tem o maior número de municípios somos oitocentos e cinquenta e
 98 três como instrumento do desenvolvimento regional e veja bem nesse caso especificamente se houve algum
 99 prejudicado ((AN ri)) foi esse meu tio-avô porque o estado avaliou aquela área em um milhão de reais ele
 100 reivindica na Justiça nove milhões de reais não recebeu um real até hoje foi feito assim de forma transparente
 101 absolutamente republicana e a população daquela localidade sabe a importância desse aeródromo uma pista
 102 asfaltada

A pergunta de William Bonner já exclui a responsabilidade da irregularidade cometida pelo candidato, ao usar uma fala sua em que justifica a construção desse aeroporto nas terras de sua família. Na sequência o jornalista reforça a “dúvida” se esse caso “poderia ser visto como um benefício para a sua família”, ou seja, deixando o candidato em uma situação favorável e isento de um beneficiamento próprio. Como se pode observar, Aécio Neves inicia sua resposta anunciando as conquistas e resultados quando era governador, e novamente sem ser interrompido faz de seu espaço uma propaganda política ao destacar a saúde e a educação de Minas Gerais, por exemplo. Por essa postura de esquivar-se e tentar contornar a pergunta, faz com que o entrevistador refaça a pergunta por mais três vezes e ainda, sutilmente, classifica corrupção como ‘constrangimento ético’:

Excerto 8

104 **WB:** Ma:s candidato essa questão produziu muita ³[polêmica] porque imediatamente levantou-se uma suspeita
 105 sobre o benefício a sua família que o senhor diz não ter havido e o senhor tem algum tipo de constrangimento
 106 ético pelo fato de ter utilizado essa pista quando visitou a fazenda da sua família?
 107 **AN:** ³[verdade] Não não tenho até porque não sabia que essa essa:: pista não estava homologada aliás essa é uma
 108 questão ⁴[e::ssa essa]

Nosso último exemplo se refere ao tema ‘saúde’ quando o senador é questionado sobre a situação do sistema em Minas Gerais quando era governador. Aqui neste exemplo o senador é perguntado se ele não considerava a saúde como prioridade em seu governo, já que os resultados positivos nessa área foram alcançados apenas porque houve investimentos do governo federal. Aécio Neves atende ao tópico, mas, em mais uma oportunidade, aproveita para usar seu espaço para anunciar os avanços e benefícios que ocorreram na saúde do estado de Minas Gerais enquanto governador (2003-2010). Vejamos o recorte:

Excerto 9

164 **WB:** O senhor mencionou já duas vezes a saúde em Minas Gerais o senhor tem dito que é a melhor do Sudeste a
 165 quarta melhor do Brasil no entanto os analistas que se debruçaram sobre investimentos públicos na saúde de
 166 Minas afirmam que isso foi muito mais resultado de investimentos da União e de municípios do que do estado o
 167 senhor não considera a saúde uma prioridade também de governos estaduais candidato?
 168 **AN:** Absoluta o que nós fizemos em Minas Bonner é transformador qualquer especialista nessa matéria
 169 reconhece isso Eu estive há poucos dias atrás reunido na USP com a diretora da USP e outros renomados
 170 especialistas em saúde pública no meio da reunião vou aqui confidenciar isso a diretora da USP disse pra mim o
 171 seguinte: “Aécio você não tem nada o que aprender conosco aqui sobre saúde pública não o que vocês fizeram
 172 em Minas foi transformador” seja em relação à saúde preventiva onde nós dobramos os números de equipe do
 173 programa Saúde da Família quanto na qualificação dos hospitais através do Pro-Hosp na preparação das pessoas
 174 Saúde é prioridade para qualquer governo responsável e será no nosso

Esses aspectos que analisamos na entrevista com Aécio Neves demonstram o quão alinhado estão as falas dos jornalistas com as falas do candidato, e o amplo espaço que ele teve para se promover a atacar o atual governo sem ser interrompido. As falas de ambos em muitos momentos não se chocam, se complementam. Uma das principais diferenças entre essa entrevista e da presidente Dilma é que ao senador é permitido falar, mesmo quando ele insere outros tópicos em sua resposta. Quando o candidato é pressionado sobre a questão do aeroporto, por exemplo, por mais polêmica que fosse a pergunta Bonner vai (re)categorizando esse tópico até chegar ao ponto de reduzi-la a uma simples questão de “constrangimento ético”. Diferentemente da entrevista com a presidente Dilma, não há uma tentativa de William Bonner e Patrícia Poeta controlarem a fala de Aécio Neves, muito menos de distorções de sua fala, mas é como se houvesse um comprometimento entre o candidato e o Jornal Nacional (mídia), um alinhamento de ideologias e posicionamentos.

Vejamos agora o quadro de organização tópica da entrevista com Aécio Neves, e em seguida o gráfico de atendimento de tópico do senador:

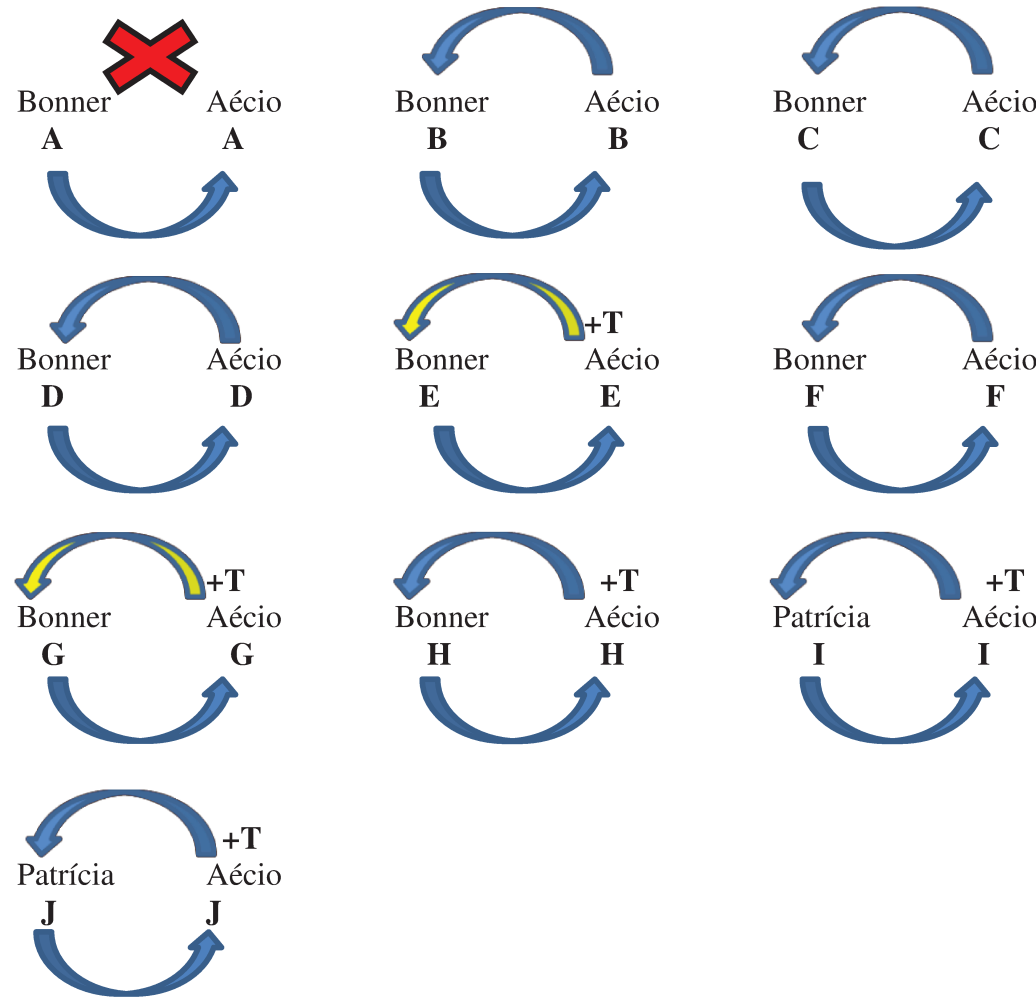
ITENS DE ATENDIMENTO AO TÓPICO	TÓPICO	PERGUNTAS	TÓPICOS PRESENTES NA RESPOSTA
A	Medidas impopulares para reorganização da economia (redução dos gastos públicos o fim dos subsídios para energia e gasolina)	1. O senhor não vai fazer essas medidas que os economistas defendem? 2. Ou o senhor está procurando não mencionar essas medidas porque elas são impopulares?	Ritmo de crescimento aceitável, transparência, redução de ministérios, política externa, crise de confiança,

B	Aumento de tarifas	<p>1. Mas o senhor não respondeu a minha pergunta, a minha pergunta é se entre essas necessidades se inclui a redução dos gastos públicos e o fim dessa defasagem das tarifas de energia e gasolina</p> <p>2. Mas o senhor vai aumentar as tarifas?</p>	Previsibilidade em relação a essas tarifas, não haverá pacote PAC realinhamento de preços, controle da inflação, retomar o crescimento e a confiança, saída de investimentos e empregos, balança comercial, manufaturados, geração de empregos na Ásia
C	Diferença entre o PSBD e o PT em questão de corrupção	<p>1. Por que que o eleitor iria acreditar que exista diferença entre os dois partidos quando o assunto é esse corrupção?</p>	Condenação dos petistas, torcia para a Justiça ser manifestada, condenados do PT tratados como heróis
D	Apoio de Eduardo Azeredo à campanha de AN	<p>1. Isso de uma certa forma lhe causa algum desconforto?</p> <p>2. Não é passar a mão na cabeça das pessoas de alguém do partido um réu nesse caso?</p>	Ele está me apoiando e não o inverso, nunca prejudgou petistas
E	Opinião de Aécio sobre o possível beneficiamento da construção de um aeroporto nas terras de sua família	<p>1. O senhor considera republicano construir um aeroporto que poderia ser visto como um benefício para a sua família no mínimo por valorizar as terras dela?</p>	Governo transparente de MG, educação e saúde de MG, programa de asfaltamento, Parceria Público Privado, ProAero, tio-avô prejudicado
F	Possível constrangimento de Aécio sobre a construção do aeroporto para benefício de sua família	<p>1. O senhor tem algum tipo de constrangimento ético pelo fato de ter utilizado essa pista quando visitou a fazenda da sua família?</p> <p>2. Usar um aeroporto que foi construído pelo estado de Minas Gerais para visitar uma fazenda sua isso não lhe constrange?</p>	Não constrange, a pista não estava homologada, visita de todos os aeroportos de MG, ANAC aparelhada, governo reconhecido como transformador, 92% de aprovação, experiência republicana
G	Para encerrar a questão do aeroporto	<p>1. O que vale mais uma fazenda com um aeroporto ao lado ou uma fazenda sem um aeroporto ao lado?</p>	Descrição da fazenda de sua família, onde foi construído o aeroporto
H	A aprovação dos programas sociais do PT por Aécio e a avaliação de seus eleitores	<p>1. Por que então esses eleitores iriam querer mudar de presidente?</p>	Brasil parou de crescer, queda da geração de empregos, fui governador exitoso, união dos programas sociais por Lula e criados por FHC, Prouni, renovação no padrão ético e moral, ampliação de boas políticas, resgate do crescimento do Brasil
I	Avaliação do desempenho no campo social de MG quando Aécio era governador	<p>1. Candidato como é que o senhor explica o desempenho no campo social de um estado rico como Minas Gerais que hoje sustenta o menor</p>	IDH menor que Nordeste no norte de MG, estado heterogêneo, melhor saúde do Sudeste, minério e café, Banco Mundial

		Índice de Desenvolvimento Humano de toda a região Sudeste e ocupa a nona posição no ranking nacional entre todos os estados brasileiros estava em oitava posição anos atrás e agora está em nona posição?	
J	Avaliação da saúde em MG quando Aécio era governador	1. O senhor não considera a saúde uma prioridade também de governos estaduais candidato?	Reunião sobre saúde pública com a USP, programas sociais

Tabela 13: Gestão de tópico na entrevista com Aécio Neves (PSDB).
Legenda: azul: atendimento ao tópico; amarelo: atendimento parcial ao tópico; vermelho: não atendimento ao tópico, +T: inserção de tópico

Figura 2: Gestão do tópico na entrevista com Aécio Neves (PSDB)



Nessa figura de atendimento ou não ao tópico podemos observar que, diferentemente da entrevista com Dilma Rousseff, a de Aécio Neves não há interrupções e suas respostas são mais curtas e objetivas. O candidato do PSDB atende ao tópico nos itens ‘A’, ‘B’, ‘C’ e ‘D’ em que os temas foram propostas de campanha e diferenças entre o seu partido e o PT. Mas quando o jornalista introduz o tópico corrupção, o senador não atende ao tópico nos itens ‘E’ e ‘G’, quando questionado sobre sua opinião quanto a construção de um aeroporto nas terras de sua família, o que consideramos como o momento mais conflituoso da entrevista. Em seguida, Patrícia Poeta questiona ao candidato se ele dará sequência aos programas sociais criados e pelo PT e sobre as conquistas na área da saúde em Minas Gerais através de recursos federais; nesses dois temas o candidato Aécio Neves atende ao tópico nos itens ‘H’, ‘I’ e ‘J’, mas sempre inserindo novos tópicos em suas respostas. Podemos afirmar, então, a partir desses dois gráficos, que o senador usa sua fala para atacar o governo Dilma Rousseff e para promover seu governo em MG, além de ser a ele permitido abordar tópicos novos, não defendidos pelos jornalistas.

5. 1. 3. A gestão de tópico na entrevista com Eduardo Campos (PSB)

O ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos (PSB) foi o segundo candidato a ser entrevistado e respondeu a cinco tópicos abordados na entrevista, que foram: corrupção, economia, candidatura, ideologia e propostas. O candidato era uma espécie de terceira opção na corrida eleitoral já que pregava, juntamente com sua vice candidata a ex-senadora Marina Silva (PSB-Rede), uma “nova política” em oposição a atual e desgastada velha política, ou seja, Campos era a novidade no cenário político nacional. Além disso, Campos veio de uma tradicional família de políticos, em que certamente adquiriu competências e habilidades que o prepararam para a vida pública, o que pudemos observar e analisar a partir de sua *performance* na entrevista cedida ao Jornal Nacional.

Como veremos, a entrevista como um todo ocorreu de forma amistosa – com quase nenhuma interrupção – e neutra, pois o partido tinha uma chapa alternativa ao governo e ao PSDB, os últimos partidos que vem governando o país. A primeira pergunta, feita pela jornalista Patrícia Poeta, destaca as principais propostas de governo do candidato e o acusa de falta de compromisso no futuro cumprimento de uma dessas medidas, um claro questionamento de sua candidatura. Com essa pergunta, a jornalista questiona o plano de governo de Eduardo Campos ao sugerir uma incoerência entre o aumento dos investimentos

em programas sociais sem ao menos cortar gastos públicos em outras áreas. Vamos ao exemplo:

Excerto 10

- 10 **PP:** Então o tempo começa a ser contado a partir de agora candidato vamos começar a entrevista com a lista de
 11 algumas promessas que o senhor já fez eu anotei algumas delas escola em tempo integral passe livre para
 12 estudantes do ensino público aumento dos investimentos em saúde para dez por cento das receitas da União
 13 manutenção do poder de compra do salário mínimo e multiplicar por dez o orçamento da segurança tudo isso
 14 significa aumento dos gastos públicos mas o senhor também promete baixar a inflação atual para quatro por
 15 cento em dois mil e dezesseis chegando até três por cento até dois mil e dezenove e isso segundo economistas
 16 exige cortar pesadamente gastos públicos ou seja essas promessas se chocam se batem qual delas o senhor não
 17 vai cumprir?
- 18 **EC:** Patrícia na verdade só há uma promessa... que é melhorar a vida do povo brasileiro a sociedade brasileira
 19 tem apresentado na internet nas ruas uma nova pauta que é a pauta da educação da melhoria da assistência da
 20 saúde que (es)tá um horror no país a violência que cresce nos quatro cantos do país nós temos que dar conta de
 21 melhorar a qualidade de vida nas cidades aonde a mobilidade também é um grave problema e tudo isso em
 22 quatro anos nós estamos fazendo um programa de governo ouvindo técnicos a universidade gente que já
 23 participou de governo e é possível sim nós estamos fazendo conta tem orçamento eu imagino que muitas vezes
 24 as pessoas dizem assim “houve uma reunião do Copom hoje e aumentou meio por cento os juros” e ninguém
 25 pergunta da onde vem esse dinheiro e meio por cento na Taxa Selic significa 14 bi o passe livre que é um
 26 compromisso nosso com os estudantes custa menos do que isso então nós estamos fazendo contas para com
 27 planejamento em quatro anos trazer inflação para o centro da meta fazer o Brasil voltar a crescer que esse é outro
 28 grave problema o Brasil parou e o crescimento também vai abrir espaço fiscal tudo isso com responsabilidade na
 29 condução macroeconômica... Banco Central com independência Conselho Nacional de Responsabilidade Fiscal
 30 gente séria e competente governando fazendo a união dos competentes dos bons o Brasil pode ir muito mais
 31 longe

Poderíamos imaginar que a partir dessa pergunta o tom de afrontamento iria tomar conta de toda a entrevista, mas não foi isso o que aconteceu. Eduardo Campos manteve o controle da entrevista, não se incomodou com as perguntas feitas e deu respostas objetivas às perguntas dos jornalistas, comprovado pela rapidez com que respondia e pelo alto número de perguntas em pouco tempo. Nesse primeiro exemplo percebe-se certa agressividade com o candidato, colocando em dúvida seu programa de governo. Porém, o ex-governador atende ao tópico e usa seu espaço de resposta para falar de algumas medidas que tomaria caso fosse eleito presidente do Brasil, como dar independência ao Banco Central.

Em seguida, William Bonner e Patrícia Poeta abordam o tópico corrupção com dois exemplos de supostos casos de nepotismo envolvendo Eduardo Campos que teria favorecido sua mãe no TCU (Tribunal de Contas da União) e outros familiares o TCE (Tribunal de

Contas do Estado), quando era governador de Pernambuco (2007-2014). Esse tópico polêmico gera seis perguntas e se estende por um tempo considerável da entrevista, já que o candidato aproveita para se defender e esclarecer esse dois eventos envolvendo sua família, numa tentativa de amenizar e/ou se distanciar dessa prática de nepotismo. A primeira pergunta, feita por William Bonner, questiona se o candidato considera o evento ‘ético’ e se é ou não nepotismo, mais um exemplo de um direcionamento pessoal e não político da pergunta:

Excerto 11

- 62 **WB:** tá vamos mudar de assunto é o senhor se articulou com o ex-presidente Lula e com partidos políticos para
 63 eleger sua mãe a então deputada federal Ana Arraes ministra do Tribunal de Contas da União... o senhor
 64 considera isso ético? não foi uma forma de nepotismo?
- 65 **EC:** Veja Bonner se a nomeação fosse minha se dependesse da minha vo/ da minha nomeação enquanto
 66 governador seria nepotismo e eu quero te dizer que eu fui o primeiro governador a fazer a lei do nepotismo no
 67 estado de Pernambuco ela Ana era funcionária pública de carreira por concurso da Justiça elegeu-se deputada
 68 por duas vezes com votações crescentes fez mandatos respeitáveis a Câmara foi chamada a eleger um
 69 parlamentar para uma vaga no Tribunal de Contas ela se candidatou outros deputados se candidataram como o
 70 ex-presidente da Câmara Aldo Rebelo ela disputou uma eleição com vários deputados ela foi a única mulher que
 71 ganhou no voto com a votação muito grande e foi ser ministra e tem feito um trabalho no um/ como ministra do
 72 Tribunal de Contas que todos reconhecem como trabalho digno sério

A resposta de Campos destaca a conquista da vaga de juíza no TCU pela sua mãe como uma vitória pessoal, sem influências, por meritocracia, além de enfatizar que foi o primeiro governador de Pernambuco a criar uma lei do nepotismo. Porém, o candidato atende ao tópico parcialmente, o que leva o jornalista a manter o direcionamento pessoal ao invés de político da pergunta:

Excerto 12

- 74 **WB:** Certo mas o que eu estou colocando em questão não são os Méritos da sua mãe não se trata disso a questão
 75 é o senhor ter usado o seu prestígio o seu poder para se empenhar pessoalmente num trabalho de catequese numa
 76 campanha para que um parente seu ocupasse um cargo público e vitalício o senhor acha que isso foi um bom
 77 exemplo para o país?
- 78 **EC:** Olha na hora que ela saiu candidata com apoio do meu partido se fosse uma outra pessoa eu teria apoiado
 79 por que eu não apoiaria ela que tinha todos os predicados tanto é que pode registrar a sua candidatura pode fazer
 80 a disputa eu nem votei Bonner porque eu não era deputado eu simplesmente torci na hora em que ela se
 81 candidatou para que ela ganhasse e ela tem feito um trabalho no Tribunal de Contas que tem o reconhecimento
 82 inclusive do corpo técnico do Tribunal
- 83 **WB:** O seu empenho pessoal o senhor não vê nada de errado no seu empenho pessoal nesta eleição?
- 84 **EC:** Não

85 WB: Ok

Eduardo Campos continua a reafirmar que não teve participação no processo de eleição para a vaga de sua mãe, o que faz com que o jornalista faça sua última pergunta, se realmente o candidato não via essa indicação como algo errado. O ex-governador atende ao tópico e Patrícia Poeta assume o tema ‘corrupção’ perguntas semelhantes as de seu colega, porém com outro caso de nepotismo. Para continuar pressionando o candidato a assumir que esses eventos foram atos de nepotismo, a jornalista lança mão de outro exemplo envolvendo seus familiares. Destacamos abaixo apenas as perguntas realizadas:

Excerto 13

PP: Ainda nesse ponto candidato o senhor indicou um primo seu e um primo da sua mulher para trabalhar no TCE que é o órgão responsável por fiscalizar as contas do estado quando o senhor era governador de Pernambuco.. como é que fica a isenção nisso?

[...]

PP: Mas foram indicados pelo senhor?

[...]

PP: Então o senhor não vê conflito nisso se o senhor fosse eleito presidente hoje você o senhor manteria esse comportamento no governo federal sem dúvidas?

Com estes exemplos, podemos perceber o tom de desaprovação dos jornalistas quanto a postura de Eduardo Campos, condenável pelo JN, e sua ‘auto absolvição’ frente às acusações de nepotismo, o que fez com que a jornalista reproduzisse sua fala “então o senhor não vê conflito nisso”. Vejamos agora o quadro de organização tópica da entrevista com Eduardo Campos, e em seguida o gráfico de atendimento de tópico do candidato:

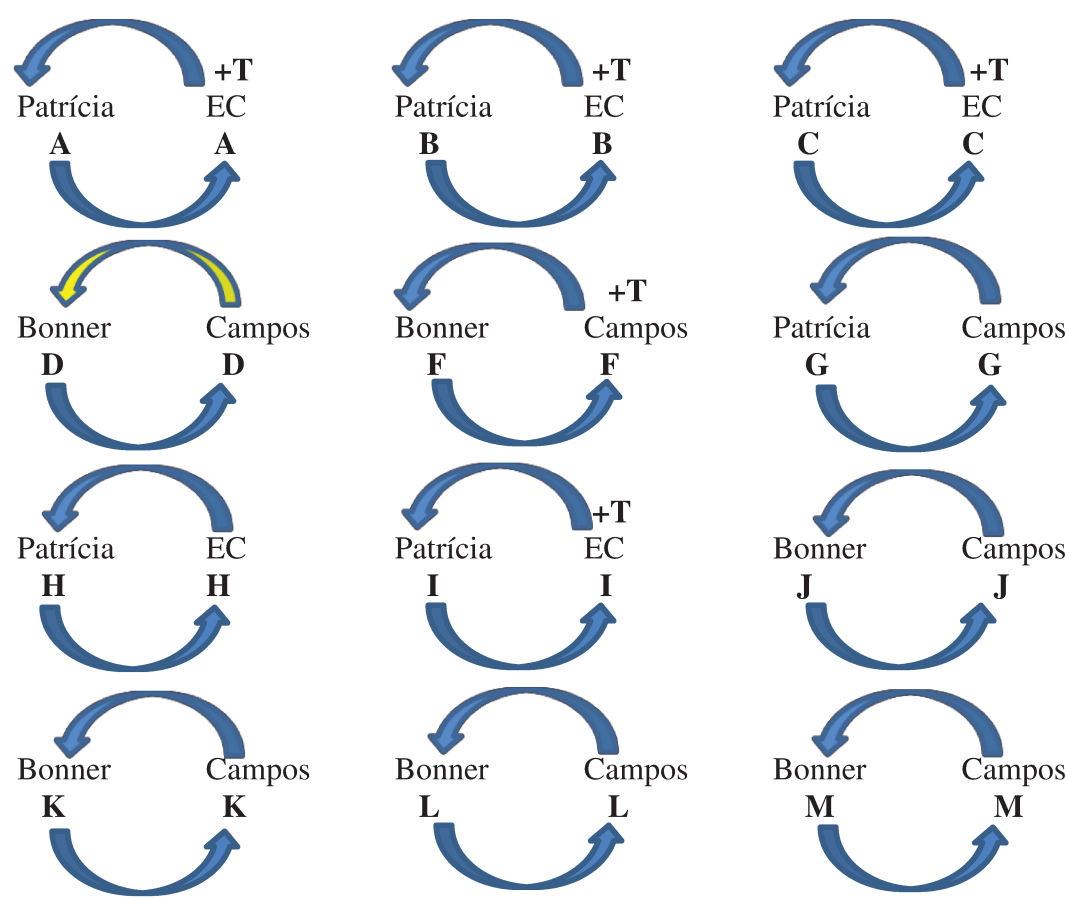
ITENS DE ATENDIMENTO AO TÓPICO	TÓPICO	PERGUNTAS	TÓPICOS PRESENTES NA RESPOSTA
A	Sobre o cumprimento ou não de algumas promessas de campanha	1. Essas promessas se chocam se batem qual delas o senhor não vai cumprir?	Educação, saúde, orçamento, economia, inflação
B	Cortes severos para combater a inflação	1. Como é que o senhor pretende fazer isso?	Falta de logística, ferrovias, rodovias, portos, retomar crescimento
C	Ano difícil para a economia	1. Então o senhor não acha que seria justo dizer para o eleitor que o próximo ano será um ano difícil duro com remédios mais amargos?	Copa do mundo, aumento de energia e combustível por Dilma

D	Sobre a eleição da mãe de Eduardo para o TCU ser ético ou forma de nepotismo	<p>1. O senhor considera isso ético?</p> <p>2. Não foi uma forma de nepotismo?</p> <p>3. O senhor acha que isso foi um bom exemplo para o país?</p>	Primeiro governo a criar lei do nepotismo no PE, destaques da vida pública de sua mãe, apoio do PSB à candidatura, torcida para eleição, trabalho reconhecido TCU
E	Empenho pessoal de Campos na eleição de sua mãe ao TCU	1. O seu empenho pessoal o senhor não vê nada de errado no seu empenho pessoal nesta eleição?	Não vê nada de errado
F	Indicação de parentes para trabalhar no TCE	1. Como é que fica a isenção nisso?	Candidatura na ALEPE, indicação para desembargador
G	Indicação direta de Campos	1. Mas foram indicados pelo senhor para julgar suas contas?	Não foram indicados
H	Manter esse comportamento no governo federal	1. Então o senhor não vê conflito nisso se o senhor fosse eleito presidente hoje você o senhor manteria esse comportamento no governo federal sem dúvidas?	Eduardo atende o tópico e insere: abertura de vagas no STF, comissão para selecionar pessoas de confiança, fim de cargos vitalícios na Justiça
I	Contradição na sua chapa com Marina Silva sobre o agronegócio	1. Como é que o senhor pretende resolver esta contradição dentro da sua chapa?	Marina não é contra o agronegócio e o desenvolvimento, respeito ao meio ambiente, conciliar desenvolvimento com proteção da natureza e inclusão dos mais pobres
J	Contradição entre o grupo político de Campos e o de Marina sobre o C. Florestal	1. Como é que o eleitor pode se convencer da coesão da sua chapa se os dois candidatos têm visões tão opostas tão antagônicas em relação a esse assunto?	Aliança feita em cima de um programa que conta com a participação de vários grupos
K	Consenso entre Marina e Campos	1. Um dos dois lados cedeu em relação a esse assunto para chegar a um consenso?	Campos defendeu as posições de Marina, “racha” no partido
L	Saída de Campos do governo Dilma para a candidatura à Presidência	1. O que que o senhor diria aos críticos que afirmam que o senhor abandonou todos esses anos de colaboração a Lula e Dilma pela ambição de ser presidente da República?	Não se trata de ambição, mas sim de um direito democrático
M	Tempo de apoio ao PT	1. Mas o senhor levou quase três anos de um mandato de quatro para sair do governo para deixar de apoiá-lo não é tempo demais?	Eleições 2012, apoio para presidente da Câmara, pior economia, Brasil voltar a crescer, frustração dos eleitores de Dilma,

		2. Mas o senhor apoiou durante mais de 10 anos esse governo o que que aconteceu neste meio do caminho?	velha política, polarização PSDB e PT
--	--	--	---------------------------------------

Tabela 14: Gestão de tópico na entrevista com Eduardo Campos (PSB).
Legenda: azul: atendimento ao tópico; amarelo: atendimento parcial ao tópico; +T: inserção de tópico

Figura 3: Gestão do tópico na entrevista com Eduardo Campos (PSB)



No figura de atendimento ou não ao tópico da entrevista com Eduardo Campos podemos observar que esta foi a segunda com mais temas e perguntas abordados, atrás apenas do pastor Everaldo (PSC). O ex-governador atende ao tópico nos itens ‘A’, ‘B’ e ‘C’ em que os temas foram propostas de campanha e crise econômica. Mas quando William Bonner propõe o tópico corrupção, o candidato não atende ao tópico nos itens ‘D’ e ‘G’, quando questionado sobre os supostos casos de nepotismo envolvendo sua mãe e um parente de sua esposa, quando esta foi eleita juíza do Tribunal de Contas da União e este fiscal no Tribunal de Contas do Estado do Pernambuco, respectivamente.

Em seguida, Patrícia Poeta e William Bonner questionam qual a diferença da chapa entre Campos e Marina Silva e das demais, ditas pelo candidato como a “velha política”; também é questionado sobre as opiniões divergentes de sua vice e das dificuldades que poderia encontrar. Em todos esses temas Eduardo Campos atendeu ao tópico dos jornalistas, sem sofrer nenhuma interrupção e, conseqüentemente, foi um dos candidatos respondeu a mais tópicos – cinco, no total.

5. 1. 4. A gestão de tópico na entrevista com pastor Everaldo (PSC)

O pastor Everaldo (PSC) foi o quarto candidato a ser entrevistado e respondeu a quatro tópicos propostos pelos entrevistadores: corrupção, candidatura, ideologia e desempenho. O candidato, semelhantemente a Eduardo Campos (PSB), foi o menos interrompido pelos jornalistas (apenas uma interrupção) e teve o segundo maior tempo de fala na entrevista. A entrevista de Everaldo foi pouco conflituosa, com perguntas mais pessoais e subjetivas do que políticas, muito questionado por William Bonner e Patrícia Poeta sobre sua candidatura e as dificuldades que encontraria caso fosse eleito presidente.

O início da entrevista já instaura o tom de desconfiança com a pergunta de Patrícia Poeta, quando questiona diretamente a ideia de sua candidatura. A inexperiência do candidato é colocada a prova ao longo de toda a entrevista, pois além de nunca ter figurado nos poderes executivo e legislativo, é desconhecido pela grande maioria dos brasileiros. Vamos ao nosso primeiro exemplo, em que é apenas o início de uma série de perguntas com teor de deboche com o candidato, devido aos temas irrelevantes que foram propostos:

Excerto 14

- 9 **PP:** Muito bem o tempo então começa a ser cronometrado a partir de agora candidato o senhor nunca foi
 10 vereador nunca foi deputado estadual nunca foi deputado federal nem senador o maior cargo público que o
 11 senhor já ocupou foi subsecretário estadual o Brasil já elegeu candidato sem nenhuma experiência executiva e
 12 também já elegeu candidato sem nenhuma experiência parlamentar agora alguém sem uma coisa nem outra
 13 nunca por que que o senhor acha que o eleitor iria acreditar que o senhor tem credenciais para ocupar a
 14 Presidência da República?

Quando a jornalista confronta o candidato ao perguntar se ele “tem credenciais para ocupar a Presidência da República” já deixa bem claro seu despreparo e também o posicionamento do Jornal Nacional, que muito provavelmente é de desaprovação como iremos demonstrar ao longo da análise desta entrevista. O pastor Everaldo usa sua resposta para contar sua história de vida e trajetória profissional até se tornar um empreendedor. O

candidato justifica sua afirmação em estar preparado para ocupar a Presidência com sua “experiência” em lutar na vida, ao sair da favela e chegar no meio empresarial. Vejamos:

Excerto 15

15 **PE:** Patrícia Bonner você que está em casa eu acredito que uma pessoa como eu com a minha experiência de
16 vida que nasci na favela do Acari fui camelô na feira e aos doze treze anos servente de pedreiro e depois aos
17 quatorze anos fiz um concurso público fui office boy do Instituto de Resseguros do Brasil e pude estudar numa
18 escola pública de qualidade fiz me formei fui para a faculdade e depois passei para a iniciativa privada montei a
19 minha empresa e sou um profissional um empreendedor brasileiro sou um vencedor Deus me ajudou e eu então
20 venci na vida então tive minha experiência como subsecretário como presidente do Rioprevidência e milito na
21 vida política desde mil novecentos e oitenta e um então acredito que estou preparado cada dia eu sou um
22 constante aprendiz então cada dia estou preparado para esta missão que o partido me determinou que eu
23 assumisse

A jornalista não fica satisfeita com a resposta e continua pressionando o candidato, uma tentativa de demonstrar a insegurança de sua candidatura e testar sua capacidade de governar um país com as dimensões do Brasil. Com isso, outras quatro questões são dirigidas ao pastor Everaldo, que responde de forma direta e objetiva. Além disso, podemos observar que o candidato recupera sua “experiência” de vida privada para mais uma vez justificar sua experiência para a candidatura:

Excerto 16

24 **PP:** Pois é candidato a gente está falando de um país com duzentos milhões de habitantes com problemas sociais
25 e econômicos não seriam problemas complexos demais para um principiante? não se trata aí de uma aventura?
26 **PE:** eu acredito o seguinte: que eu aprendi na minha vida a trabalhar em equipe então quando eu eu fui servente
27 de pedreiro então quando eu preciso pintar uma parede eu chamo um pintor que entende então vamos dizer eu
28 acredito o seguinte: o líder ele tem que saber o que o Brasil está precisando e trazer os melhores quadros deste
29 país independente do partido político então eu acredito que com a liderança você trazendo uma liderança para o
30 Brasil e dando um exemplo e trazendo os melhores quadros técnicos que nós temos no Brasil é suficiente para
31 nós governarmos este país
32 **PP:** Mas esta inexperiência então não lhe assusta?
33 **PE:** nem um pouco sou uma pessoa que acredito em equipe
34 **PP:** não seria voluntarismo isso?
35 **PE:** não não eu acredito em equipe dentro da vida pública eu fui subsecretário do Gabinete Civil fui presidente
36 do Rioprevidência e montei equipe então é a mesma coisa na iniciativa privada eu trabalho na iniciativa privada
37 desde quatorze anos quer dizer dezessete anos eu saí do Instituto de Resseguros do Brasil e fui para o mercado
38 segurador então eu acredito que a diferença do estado para uma iniciativa privada é só que o estado hoje não
39 trabalha com meritocracia e eu vou empreender isso aí no governo

40 **PP:** Com todo respeito à sua biografia então qualquer um poderia hoje ser presidente da República... em outras
41 palavras?

42 **PE:** eu acredito eu acredito que qualquer pessoa que se disponha a ser presidente da República e acredita que
43 trabalha ninguém faz nada sozinho só se trabalha em equipe eu acredito desta maneira

Em certo momento da entrevista, Patrícia Poeta questiona o candidato sobre uma doação legal feita pelo PT de quase R\$5 milhões para o PSC (partido do pastor Everaldo) para apoio nas eleições presidenciais de 2010, se esse seria o preço do candidato. Em seguida, é descrito que o candidato e seu partido teriam abandonado a base governista apenas cinco meses antes desta entrevista. Esse tema – corrupção – levou a jornalista a fazer três perguntas, na qual o pastor Everaldo conclui reafirmando os valores ético-cristãos defendidos pelo seu partido, o Partido Social Cristão:

Excerto 17

121 **PP:** O senhor esperava então um lugar um espaço no governo?

122 **PE:** Nós... natural esperávamos um espaço no governo

123 **PP:** Ficou decepcionado?

124 **PE:** Não Não ficamos decepcionados Não Nós ficamos é::

125 **PP:** Mas isso é um toma-lá-dá-cá

126 **PE:** Não acredito que seja não é não é um toma-lá-dá-cá nós ficamos decepcionados pela maneira que foi
127 formado o governo que foi contrariou os nossos princípios que o PSC defende Nós defendemos a vida do ser
128 humano desde a sua concepção defendemos a família como está na Constituição brasileira E vimos que a
129 maneira que foi montado contrariava esses princípios isso que nos decepcionou

Por mais uma vez, os jornalistas (desta vez William Bonner) questionam a competência do pastor Everaldo de governar o país e expõem as dificuldades de cumprir com suas promessas. O candidato é ironizado pelo entrevistador quando este tenta ‘situar’ o candidato no “mundo real”, não no contexto exposto para as propostas de candidatura:

Excerto 18

142 **WB:** Candidato no mundo real as concessões que o senhor será obrigado a fazer para obter o apoio necessário
143 para realizar essas mudanças todas essas concessões vão descaracterizar completamente as suas propostas
144 candidato o senhor sabe disso

145 **PE:** olha eu tenho eu falei que vou fazer um corte na carne eu defendo um estado mínimo vou reduzir o número
146 de ministérios de trinta e nove para vinte vou passar para iniciativa privada todas as empresas que hoje são foco
147 de corrupção botar os recursos

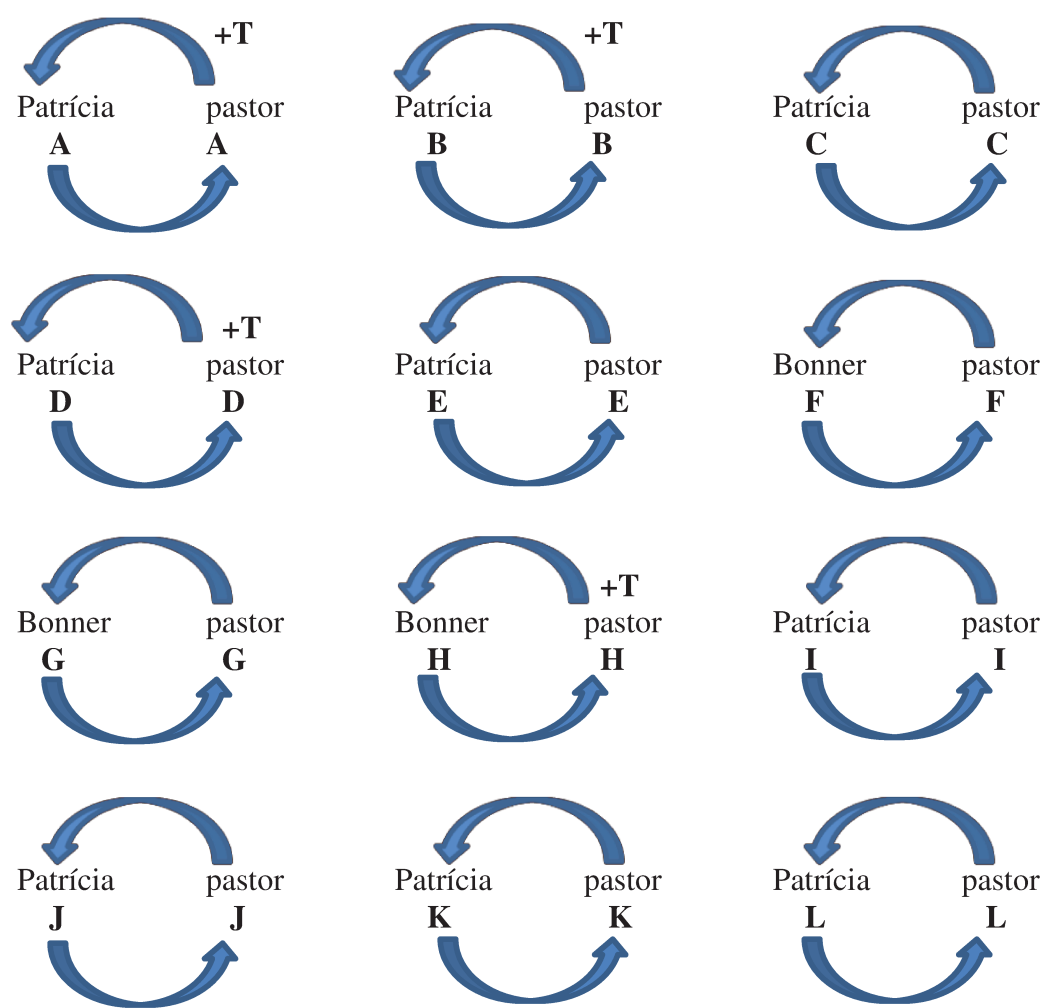
Vejamos agora o quadro de organização tópica da entrevista com pastor Everaldo e em seguida o gráfico de atendimento de tópico do candidato:

ITENS DE ATENDIMENTO AO TÓPICO	TÓPICOS	PERGUNTAS	TÓPICOS PRESENTES NA RESPOSTA
A	Questionamento da candidatura do pastor, por não ter experiência	1. Por que que o senhor acha que o eleitor iria acreditar que o senhor tem credenciais para ocupar a Presidência da República?	Acreditar estar preparado, infância, trajetória escolar, presidente da Rioprevidência, militante político
B	O Brasil é um grande país com problemas complexos	1. Não seriam problemas complexos demais para um principiante? 2. Não se trata aí de uma aventura?	Trabalhar em equipe, experiência com construção, liderança correta
C	Falta de experiência	1. Mas esta inexperiência então não lhe assusta? 2. Não seria voluntarismo isso?	Não assusta, trajetória vida pública, início vida privada, meritocracia
D	Questionamento da candidatura	1. Então qualquer um poderia hoje ser presidente da República em outras palavras?	Qualquer pessoa que se disponha a ser presidente da República
E	Questionamento de sua ideologia	1. Essa sua defesa do liberalismo é uma defesa sincera ou é uma conveniência eleitoral? 2. A sua convicção pelo liberalismo ela é tão recente assim tem cinco meses? 3. A sua ideologia então mudou recentemente?	Trajетória pessoal e escolar, infância, aparelhamento do Estado, iniciativa privada, meritocracia, candidatura própria do PSC em 2014, mesma ideologia
F	Contradição com ideologia antigas	1. Você não vê essa contradição em relação ao seu alinhamento no passado?	Sempre trabalhou, Rioprevidência, empreendedorismo
G	Dinheiro recebido pelo PT para apoio eleições 2010	1. Esse foi o preço do seu apoio quase R\$ 5 milhões? 2. Foi uma espécie de toma-lá-dá-cá?	Apoio dividido entre Serra e Dilma, aliança baseada em princípios, defesa da vida e da família, doações legais e transparentes, acordo com coligação, composição do governo
H	Lugar no governo	1. O senhor esperava então um lugar um espaço no governo?	Sim
I	Decepção por ficar de fora do governo Dilma	1. Ficou decepcionado?	Não fiou decepcionado
J	Apoio no Congresso para fazer mudanças	1. O senhor acredita mesmo que tem base política para conseguir o apoio necessário no Congresso Nacional para realizar todas essas mudanças que o senhor está propondo?	Governo de Itamar Franco, plano de estabilidade econômica, Congresso jamais vai negar apoio à propostas com transparência
		1. É uma privatização em massa?	Tudo o que for possível, sim, não, pois

K	Privatizações em estatais	<p>2. Todas elas?</p> <p>3. Petrobras inclusive?</p> <p>4. O senhor vai privatizar a Petrobras o senhor vai privatizar o Banco do Brasil também?</p>	representam a segurança do sistema financeiro
L	Recursos para financiar suas promessas	<p>1. Mas em nenhum momento do seu plano de governo o senhor diz quanto vai investir e de onde vai tirar esse dinheiro não são promessas vazias sem consistência?</p> <p>2. Vai vir do patrimônio público?</p>	Transferência para a iniciativa privada as estatais envolvidas em corrupção, do Tesouro, para aplicar na Educação e Saúde

Tabela 15: Gestão de tópico na entrevista com Pastor Everaldo (PSC).
Legenda cores: azul: atendimento ao tópico; +T: inserção de tópico

Figura 4: Gestão do tópico na entrevista com pastor Everaldo (PSC)



Na figura de atendimento ou não ao tópico da entrevista com pastor Everaldo podemos afirmar que ele foi o único dentro os outros entrevistados a responder a todos os tópicos e quase não foi interrompido pelos jornalistas.

5. 1. 5. A gestão de tópico na entrevista com Marina Silva (PSB-Rede)

A ex-senadora Marina Silva (PSB-Rede) foi a última candidata a ser entrevistada pelo Jornal Nacional e respondeu a apenas quatro temas abordados: corrupção, candidatura, ideologia e desempenho. Semelhante à entrevista com Dilma Rousseff (PT), a ex-senadora foi constantemente atacada e interrompida pelos jornalistas, que abordaram poucos temas para serem respondidos. Como já fora dito, Marina Silva era candidata a vice-presidência na chapa de Eduardo Campos (PSB), mas logo após a morte trágica do candidato em um acidente aéreo, Marina assumiu a frente com seu vice Beto Albuquerque (PSB).

Como iremos observar a seguir, a partir das análises desta última entrevista notam-se alguns momentos de tensão e confronto entre Marina Silva e os jornalistas William Bonner e Patrícia Poeta, com um alto número de interrupções e sobreposições de fala. A candidata, semelhante a Dilma Rousseff, foi muito pressionada e atacada ao longo de toda a entrevista, principalmente sobre sua ideologia de ‘nova política’ contra a atual ‘velha política’. Logo nas primeiras perguntas Bonner questiona sua nova proposta e sua coerência (ou não) em algumas situações apresentadas:

Excerto 19

- 8 **WB:** muito obrigado pela sua presença o tempo da entrevista começa a ser contado a partir de agora candidata o
 9 avião que o PSB vinha utilizando na campanha eleitoral até aquele acidente trágico de duas semanas atrás está
 10 sendo investigado pelas autoridades competentes ele foi objeto de uma transação milionária feita por meio de
 11 laranjas essa transação não foi informada na prestação de contas prévia parcial à Justiça Eleitoral a senhora tem
 12 dito que vai inaugurar uma nova forma de fazer política que todo político tem que ter certeza absoluta da
 13 correção de seus atos no entanto a senhora usou aquele avião como teria feito qualquer representante daquilo que
 14 a senhora chama de velha política eu lhe pergunto a senhora procurou saber que avião era aquele quem tinha
 15 pago por aquele avião ou a senhora confiou CEGamente nos seus aliados?
- 16 **MS:** nós tínhamos William uma informação de que era um empréstimo que seria feito um ressarcimento num
 17 prazo legal que pode ser feito segundo a própria Justiça Eleitoral até o encerramento da campanha e que esse
 18 ressarcimento seria feito pelo comitê financeiro do candidato existem duas formas três formas aliás de fazer o
 19 provimento da campanha pelo partido pelo comitê financeiro do candidato e pelo comitê financeiro da coligação
 20 nesse caso pelo comitê financeiro do candidato essas informações eram as informações que nós tínhamos
 [...]

- 34 **WB:** ²[Candidata]... quando os políticos são confrontados ou cobrados por alguma irregularidade é muito
 35 comum que eles digam que não sabiam que foram enganados que foram traídos que tudo tem que ser investigado
 36 que se houver culpados eles sejam punidos Este é um discurso muito muito comum aqui no Brasil e é o discurso
 37 que a senhora está usando neste momento eu lhe pergunto em que esse seu comportamento difere do
 38 comportamento que a senhora combate tanto da tal velha política?
- 39 **MS:** difere no sentido de que esse é o discurso que eu tenho utilizado William para todas as situações inclusive
 40 quando envolve os meus adversários e não como retórica mas como desejo de quem de fato quer que as
 41 investigações aconteçam porque o meu compromisso e o compromisso de todos aqueles que querem a renovação
 42 da política é com a verdade e a verdade ela não virá nem apenas pelas mãos do partido e nem também apenas
 43 pela investigação da imprensa que eu respeito o trabalho de vocês ela terá que ser aferida pela investigação que
 44 está sendo feita pela Polícia Federal isso não tem nada a ver com querer tangenciar ou se livrar do problema
 45 muito pelo ³[contrário] é você enfrentar o problema para que a sociedade possa com transparência ter ⁴[acesso]
 46 às informações o compromisso é com a verdade

Neste primeiro exemplo Marina Silva é confrontada diretamente com seu discurso de ‘velha política’ que ela tanto combate, mas atende ao tópico e esclarece sua diferença entre os outros políticos. Em outro momento da entrevista, a candidata tem seu desempenho como candidata à Presidência avaliado, quando é exposta com dados comprovando seu terceiro lugar nas urnas do Acre durante as eleições de 2010, que é o tema desta próxima questão. Patrícia Poeta e William Bonner (como complemento à resposta da colega) pedem explicações para a ex-senadora pela ‘desaprovação’ no seu berço político, o que acaba gerando o momento mais tenso da entrevista que será descrito em sequência:

Excerto 20

- 61 **PP:** Ok candidata vamos falar agora das eleições de dois mil e dez a senhora obteve uma votação expressiva
 62 foram quase vinte milhões de votos mas o seu desempenho no seu estado o Acre onde a senhora fez toda a sua
 63 carreira política onde as pessoas conhecem muito bem a sua forma de atuação e onde suas ideias e as suas ações
 64 são de conhecimento amplo por parte dos eleitores a senhora tirou terceiro lugar ficou com metade dos votos do
 65 primeiro colocado o então candidato pelo PSDB José Serra ou seja o eleitor acreano votou pesadamente na
 66 oposição ao governo federal aos eleitores dos outros estados do país que não a conhecem tão bem como é que a
 67 senhora explicaria essa desaprovação clara no seu berço político?
- 68 **MS:** Em primeiro lugar é que esse terceiro lugar não estava tão distante do segundo ⁵[Eu fiquei] muito próxima
 69 do ⁶[segundo lugar que foi a presidente Dilma obviamente]
- 70 **PP:** ⁵[não mas]... ⁶[sim mas foi metade do primeiro]
- 71 **WB:** ⁶[Metade do primeiro]
- 72 **PP:** Metade do primeiro Eu tenho aqui os números: vinte e três vírgula quarenta e cinco por cento a senhora
 73 cinquenta e três vírgula treze por cento José Serra

A necessidade de os jornalistas trazerem os dados na mesma hora é para atestar a veracidade dos fatos apresentados, já que a candidata estava duvidando de sua colocação nas urnas do Acre. Porém, a partir deste momento da entrevista, Marina Silva põe em questão o grau de conhecimento que os jornalistas tem de sua trajetória política e pessoal, como se desconhecêssem o que estão falando ou como se estivessem despreparados para entrevista-la. Esse, sem dúvida, é o momento mais conflituoso da entrevista, e também arriscado para Marina ao rebater Patrícia Poeta num momento de interação como esse, em que o trabalho dos jornalistas é posto a prova. Vejamos o exemplo:

Excerto 21

- 90 **PP:** ¹⁰[O que eu estou querendo dizer é o seguinte] o berço político de um candidato é onde ele é mais conhecido
 91 pelos eleitores Isso pode ser uma enorme vantagem para um candidato ou não no seu caso não foi não seria
 92 como se os acreanos estivessem dizendo uma variação daquele velho ditado: “Quem não a conhece que vote na
 93 senhora”?
 94 **MS:** Talvez você não conheça bem a minha trajetória
 95 **PP:** ((PP sorri)) Conheço ¹¹[conheço] conheço candidata ¹²[nós estudamos bastante antes de fazer essa
 96 entrevista]
 97 **MS:** ¹¹[Eu] ¹²[como senadora] Mas eu faço questão de dizer porque eu acho que você tem um certo
 98 desconhecimento do que que significa ser senadora vindo da situação que eu vim eu não sou filha de político
 99 tradicional não sou filha de nenhum empresário porque no meu estado até a minha eleição para ser senador da
 100 República era preciso ser filho de ex-governador era preciso ser filho de alguém que tivesse de preferência um
 101 jornal uma TV e uma rádio para falar bem de si mesmo e falar mal daqueles que ficavam defendendo a Justiça...
 102 ¹³[eu cheguei]

Em nosso último recorte vemos mais uma vez que a principal proposta de mudança no governo de Marina Silva – o modelo da nova política – é questionada por William Bonner ao trazer as informações de que seu vice candidato, Beto Albuquerque (deputado federal pelo PSB), foi um dos idealizadores da medida provisória que provou o cultivo de soja transgênica no Brasil, além de ser a favor das pesquisas com células tronco embrionárias, posições contrárias as da candidata.

Excerto 22

- 116 **WB:** ¹⁸[Me permita interrompê-la só para gente] prosseguir com a entrevista queria falar sobre a sua chapa o
 117 vice na sua chapa: Beto Albuquerque ele foi um dos principais articuladores no Congresso Nacional da
 118 aprovação da medida provisória que aprovou o: cultivo da soja transgênica aqui no Brasil ele também foi
 119 favorável a pesquisas com células-tronco embrionárias são dois pontos em que eles se opõem a posições suas do
 120 passado além disso ele aceitou doações de campanha quando candidato de setores da economia que a senhora
 121 não admitiria setor de fabricantes de armas fabricantes de bebidas esses exemplos não mostram que Marina e

122 Beto Albuquerque são a união de opostos aquela união de opostos tão comum na velha política apenas para
 123 viabilizar uma chapa para viali/ viabilizar uma eleição o que que há de novo nessa política candidata?
 124 **MS:** em primeiro lugar mais uma vez eu quero trazer as informações para que a gente possa trabalhar com a
 125 realidade dos fatos... uma questão fundamental nós somos diferentes e a nova política sabe trabalhar na
 126 diversidade e na diferença agora o fato do Beto ter uma posição diferente da minha em relação a transgênico em
 127 um aspecto há uma lenda de que eu sou contra os transgênicos mas isso não é verdade sabe o que que eu
 128 defendia quando era ministra do Meio Ambiente? o modelo de coexistência o que significa áreas com
 129 transgênico e áreas livres de transgênico infelizmente no Congresso Nacional não passou a proposta do modelo
 130 de coexistência e o ¹⁹[Beto votou] na proposta que acabou fazendo com que

Vejamos agora o quadro de organização tópica da entrevista com Marina Silva e em seguida o gráfico de atendimento de tópico da candidata:

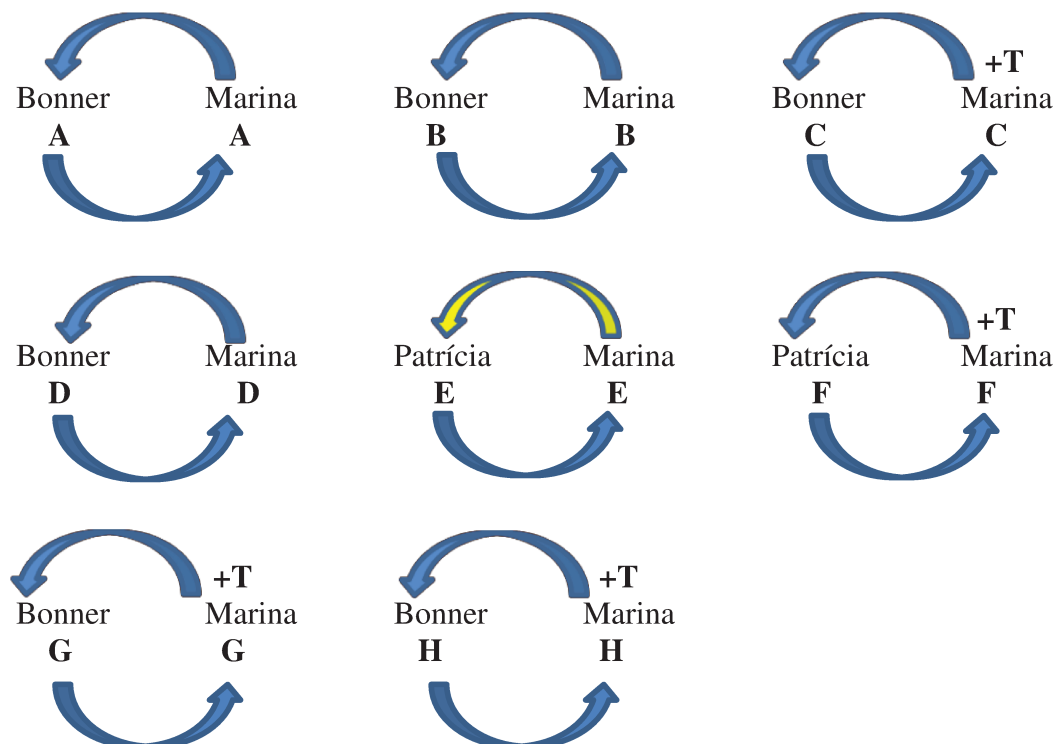
ITENS DE ATENDIMENTO AO TÓPICO	TÓPICO	PERGUNTAS	TÓPICOS PRESENTES NA RESPOSTA
A	Nova forma de fazer política e jato irregular	1. A senhora procurou saber que avião era aquele quem tinha pago por aquele avião ou a senhora confiou cegamente nos seus aliados?	Processo de empréstimo e ressarcimento do avião pelo comitê financeiro de Campos
B	Uso de “laranjas” na compra do avião usado para a campanha eleitoral de Campos e Marina 2014	1. A senhora sabia dos laranjas? 2. Essa informação foi passada para a senhora como candidata a vice-presidente?	Não tinha nenhuma informação sobre essa irregularidade dos proprietários do avião, investigação da PF e esclarecimento dos fatos
C	Questionamento sobre o discurso usado por Marina, semelhante a de seus adversários	1. Em que esse seu comportamento difere do comportamento que a senhora combate tanto da tal velha política?	Discurso usado em todas as situações, deseja investigação, compromisso com a verdade, respeito ao trabalho da imprensa, enfrentar o problema, transparência
D	Falta de rigor em averiguar a procedência do jato	1. Antes de voar naquele avião não teria então deixado de fazer a pergunta obrigatória se estava tudo em ordem em relação àquele voo? 2. Não lhe faltou o rigor que a senhora exige dos seus adversários?	O rigor é tomar as informações com aqueles que deveriam prestá-las corretamente, aguarda esclarecimentos dos empresários do avião, não usa de dois pesos e duas medidas
E	Colocação ruim no Acre nas eleições 2010	1. Como é que a senhora explicaria essa desaprovação clara no seu berço político? 2. Não seria como se os acreanos estivessem	Uso de provérbio, trajetória política, ética na política, partido pequeno contra dois grandes, desconhecimento de

		dizendo uma variação daquele velho ditado: “Quem não a conhece que vote na senhora”?”	Patrícia Poeta sobre sua trajetória
F	Culpa dos acreanos sobre sua colocação	1. A culpa é dos acreanos então?	A culpa não é dos acreanos, estudo de impacto ambiental, MMA, trajetória no Acre, governar o Brasil
G	Diferenças entre Marina e Beto Albuquerque, seu vice	1. Esses exemplos não mostram que Marina e Beto Albuquerque são a união de opostos aquela união de opostos tão comum na velha política apenas para viabilizar uma chapa para viabilizar uma eleição? 2. O que que há de novo nessa política candidata?	A nova política sabe trabalhar na diversidade e na diferença, não é contra os transgênicos, proposta barrada pelo Congresso sobre modelo de coexistência entre áreas com e sem transgênicos
H	Divergência no discurso	1. Quando essa união de opostos se dá com adversários seus aí é o modelo da velha política? 2. É uma conveniência eleitoral?	Bonner trabalha com o lado das diferenças, células-tronco, leis do MMA aprovadas pelo Congresso, velha política em oposição à nova política

Tabela 16: Gestão de tópico na entrevista com Marina Silva (PSB-Rede).

Legenda cores: azul: atendimento ao tópico; amarelo: atendimento parcial ao tópico; +T: inserção de tópico

Figura 5: Gestão do tópico na entrevista com Marina Silva (PSB-Rede)



No gráfico de atendimento ou não ao tópico da entrevista com Marina Silva podemos observar que poucos temas e perguntas foram abordados e que a candidata foi a segunda mais interrompida, atrás apenas de Dilma Rousseff (PT). A ex-senadora atende ao tópico nos itens ‘A’, ‘B’, ‘C’ e ‘D’ em que os temas foram ideologia e corrupção. Mas quando William Bonner propõe o tópico ‘desempenho’, a candidato não atende ao tópico no item ‘E’ quando questionada sobre seu mau resultado nas urnas do Estado do Acre nas eleições de 2010. Em seguida, Patrícia Poeta e William Bonner questionam qual a diferença entre a candidata e seu vice, Beto Albuquerque, descrito pelo jornalista como uma “conveniência eleitoral” por ter aceitado doação de indústrias de bebidas e armas. Porém, Marina Silva atende ao tópico proposto, inclusive sobre a divergência em seu discurso – itens ‘G’ e ‘H’, respectivamente.

5.2. Considerações a respeito das análises de gestão de tópico das entrevistas do JN

A partir de nossas análises podemos concluir que as entrevistas de alguns candidatos foram mais simétricas do que outras, mais harmoniosas, como no caso de Aécio Neves (PSDB) e pastor Everaldo (PSC), enquanto que as mais assimétricas e conflituosas foram as de Dilma Rousseff (PT) e Marina Silva (PSB-Rede). Outra questão que precisamos ressaltar é que o tópico corrupção, como já dissemos, foi proposto para todos os candidatos e o que mais tomou tempo e gerou perguntas. Quatro dos cinco entrevistados foram interrompidos e redirecionados por William Bonner e Patrícia Poeta para que não fugissem do tópico original proposto por pelos jornalistas; o único que não foi direcionado ao tópico foi o senador Aécio Neves.

A entrevista com Dilma Rousseff foi de caráter inquisitorial, tornando-a distensa, ou seja, os jornalistas do JN não se importaram em prejudicar a face pública da presidente – aspecto que desaparece com o candidato Aécio Neves, por exemplo. O paradigma do gênero entrevista é claramente invertido na entrevista com a candidata à reeleição, sendo descaracterizado no bloco de entrevistas como um todo. Do ponto vista geral, essas interações se comportam como entrevistas, mas as ações internas dos participantes e os dispositivos analítico-textuais nos permitem apontar indícios de que se aproxima de outro gênero, o debate.

Considerações Finais

Após reunirmos e resenharmos teóricos das áreas de comunicação, sociologia e linguística, além de uma série de análises sobre o funcionamento das entrevistas televisivas eleitorais produzidas pelo Jornal Nacional, chegou o momento de apresentar nossos resultados e considerações finais. Antes de entrarmos em nossas conclusões, é importante retomar os objetivos propostos no início desta pesquisa. Nossos objetivos específicos eram: (i) analisar os recursos linguístico-discursivos que configuram o sistema de tomada de turnos nas entrevistas com os candidatos; (ii) analisar a gestão do tópico em cada uma das entrevistas realizadas com os candidatos; (iii) estabelecer comparações considerando as diferenças e semelhanças relativas às interrupções e gestão do tópico feitas pelos participantes das entrevistas; e (iv) analisar o papel desempenhado pela grande mídia no processo eleitoral brasileiro. Em relação aos primeiros três objetivos, buscaremos fazer um resumo analítico da interação de cada candidato com os entrevistadores nas entrevistas televisivas eleitorais de 2014.

Sobre o item (i) responsável pela dos recursos que compõem o sistema de tomada de turnos, a tipologia de perguntas, por exemplo, nos mostrou que Marina Silva, Dilma Rousseff e Aécio Neves responderam a menos perguntas: dez, onze e treze, respectivamente. Já Eduardo Campos e Pastor Everaldo foram os candidatos com o maior número de perguntas: dezesseis e vinte e duas, na ordem. A maioria dos candidatos responderam mais perguntas do tipo ‘confirmação’. As perguntas desse tipo têm a função de apenas verificar se o candidato concorda ou não com os conteúdos da pergunta. Esse tipo de pergunta impede que ocorram contribuições para o desenvolvimento do tópico proposto, provavelmente uma estratégia por parte do telejornal de reduzir o espaço para ideias não previstas/ pressupostas, um tipo de controle dos conteúdos e dos sentidos. Esse tipo de pergunta também revela os pressupostos que o JN pretende que sejam confirmados ou não pelos candidatos.

Aécio Neves foi o candidato com o maior número de tópicos a serem respondidos e o menos interrompido. Os temas abordados foram corrupção, saúde, economia, candidatura, desempenho e propostas. Durante a entrevista, o candidato falou praticamente sem ser interrompido, causando a impressão que suas respostas foram mais objetivas e mais curtas do que as de Dilma Rousseff, permitindo uma avaliação positiva de seu desempenho frente aos outros entrevistados. Aécio Neves também utilizou seu tempo para divulgar seus resultados quando era governador de Minas Gerais, como uma espécie de palanque eleitoral.

O candidato Eduardo Campos foi o segundo entrevistado e respondeu a cinco tópicos em sua entrevista: corrupção, economia, candidatura, ideologia e propostas. Campos não foi interrompido durante sua fala, foi objetivo e constante, resultado de uma boa dinâmica com os entrevistadores. A entrevista do ex-governador é marcada pela fluidez das perguntas e respostas por conta do atendimento quase total de todos os tópicos abordados.

Já a candidata Dilma Rousseff foi a que sofreu mais interrupções e que respondeu a menos tópicos, apenas três: corrupção, saúde e economia, sendo que o primeiro consumiu tempo considerável de sua entrevista devido à insistência e aos longos comentários feitos por William Bonner e Patrícia Poeta. A presidente defendeu-se do início ao fim dos ataques vindos da bancada do JN, muitas vezes desmentindo informações e tentando concluir suas respostas. Com isso, a candidata à reeleição teve o pior desempenho desta série de entrevistas, como se estivesse despreparada; imagem negativa construída pelos entrevistadores do JN.

O candidato pastor Everaldo foi o candidato que mais falou: pouco mais de dez minutos. E respondeu a cinco tópicos propostos pelos entrevistadores, que foram: corrupção, candidatura, ideologia, propostas e desempenho. O candidato, semelhantemente a Eduardo Campos, foi o menos interrompido pelos jornalistas (apenas uma interrupção) e teve o segundo maior tempo de fala na entrevista. A entrevista do candidato do PSC foi pouco conflituosa, com perguntas mais pessoais e subjetivas do que políticas, muito questionado por William Bonner e Patrícia Poeta sobre sua candidatura e as dificuldades que encontraria caso fosse eleito presidente.

Por fim, a candidata Marina Silva foi a última a ser entrevistada pelo Jornal Nacional e respondeu a apenas quatro temas abordados: corrupção, candidatura, ideologia e desempenho. Semelhante à entrevista com Dilma Rousseff, a ex-senadora foi constantemente atacada e interrompida pelos jornalistas, que abordaram poucos temas para serem respondidos. Como observamos, existem alguns momentos de tensão e confronto entre Marina Silva e os entrevistadores, confirmados por um alto número de interrupções e sobreposições de fala. A candidata, semelhante à Dilma Rousseff, foi muito pressionada e atacada ao longo de toda a entrevista, principalmente sobre sua ideologia de ‘nova política’ contra a atual ‘velha política’.

Sobre a análise da gestão de tópico foi uma das categorias pesquisadas em que mais encontramos assimetrias como, por exemplo, a candidata à reeleição Dilma Rousseff ter respondido a apenas três tópicos, enquanto que Aécio Neves responde a seis, o dobro.

Afirmamos que os tópicos propostos para cada candidato foram mal distribuídos e mal administrados pelos jornalistas, pois nossas análises revelam que enquanto com uns candidatos insistia-se em um tópico, com outros novos tópicos eram propostos ou pelo próprio candidato ou pelos entrevistadores. Nas interrupções realizadas pelos entrevistadores, o alto número de interrupções revela que houve um tratamento diferente em relação às candidatas mulheres Dilma Rousseff (PT) e Marina Silva (PSB-Rede), pois foram as mais prejudicadas quando comparamos com os candidatos homens. De fato, Aécio Neves e pastor Everaldo foram os mais beneficiados pelo JN, pois um foi o candidato menos interrompido e o outro foi o que mais falou, respectivamente.

De modo geral os jornalistas foram agressivos com todos os candidatos quando somamos as interrupções com os conteúdos dos tópicos abordados, menos com Aécio Neves, devido a aspectos que já foram analisados anteriormente nessa dissertação, tais como: inserção de novos tópicos sem ser interrompido ou redirecionado ao tópico proposto, alinhamento de suas respostas com as perguntas dos entrevistadores, o uso de sua fala para propaganda eleitoral, dentre outras. A presidente Dilma, por exemplo, tenta manter o controle de seu turno através da elaboração de sua fala (“*continuando o que eu estava dizendo*”) e retomadas de tópico, enquanto os demais candidatos adicionam novos tópicos a fim de “fugirem” do tópico proposto pelos jornalistas.

No item (iv) responsável pela análise do papel da mídia sobre o processo eleitoral brasileiro, em nosso caso, das eleições presidenciais de 2014. As categorias que selecionamos para analisar neste trabalho comprovam que o campo jornalístico, influenciado pelas demandas comerciais, contribui para o enfraquecimento da voz política, segundo Bourdieu (1997). As constantes interrupções nas entrevistas de Marina Silva e Dilma Rousseff, por exemplo, demonstram uma tentativa de controle da voz política ao reduzir o tempo de fala dos candidatos. Outro fator é sobre a tipologia de perguntas, pois o maior número delas foi do tipo ‘confirmação’, ou seja, sem o real interesse no conteúdo das propostas dos presidencialistas. Além disso, observamos que os tópicos distribuídos favoreceram alguns candidatos e prejudicaram outros, sugerindo parcialidade da Rede Globo com partidos de direita.

Consideramos também que este tipo de relação de dominância entre a mídia e a política concede mais poder para os jornalistas, como pudemos observar em nossas análises, criando, assim, um desequilíbrio de forças entre os campos. Além disso, se comparamos o modelo brasileiro com os modelos de entrevista e/ou debate eleitoral presidencial nos EUA

(cf. HALLIN, 1992) e na Europa (cf. BOICU, 2012), concluímos que, semelhantemente, há um “acréscimo” de poder aos jornalistas mediadores destas interações e uma aproximação com o formato e tratamento dispensado aos candidatos.

A produção de fala e do discurso, como afirma Bourdieu (1993, *apud* HANKS [2008]), são formas de ocupar posições dentro de campos sociais, criando uma relação de antagonismo ou de complementaridade – ora uma, ora outra. Quando em posição de conflito, essa relação reforça que o local de autoridade está nas mãos do campo jornalístico. Nossos resultados demonstram esse funcionamento do papel do campo em que os atores sociais pertencentes a ele (seja o jornalístico ou o político) estão em constante disputa para assegurarem suas posições e se sobressair frente a seu adversário. O tempo de fala dos entrevistadores do JN, por exemplo, consome 1/3 de todas as entrevistas, sendo superior a outros modelos de entrevistas televisivas. Este fato aproxima nossas entrevistas de uma simetria na fala de entrevistadores e entrevistados. Outro ponto importante a ressaltar é o elevado número de interrupções com as candidatas Dilma Rousseff e Marina Silva não respeitando o tempo limite de dois minutos para respostas, além de longos comentários avaliativos sobre gestões de governo sem alguma relevância para o processo eleitoral.

Além disso, de modo geral os jornalistas foram agressivos com todos os candidatos quando somamos as interrupções e os conteúdos dos tópicos abordados, menos com o candidato do PSDB Aécio Neves, devido a aspectos que já foram analisados anteriormente nessa dissertação, tais como: inserção de novos tópicos sem ser interrompido ou redirecionado ao tópico proposto, alinhamento de suas respostas com as perguntas dos entrevistadores, o uso de sua fala para propaganda eleitoral, dentre outras. A partir de nossas análises e hipóteses comprovadas, podemos considerar que o senador foi o candidato melhor tratado pelos jornalistas William Bonner e Patrícia Poeta, escolhido como um representante da mídia.

Nossa hipótese de que a candidata à reeleição Dilma Rousseff foi a mais prejudicada da série de entrevistas do JN está apoiada em quatro fatores já analisados neste trabalho: a quantidade de perguntas, de tópicos, de interrupções e a duração total das interrupções. A presidente Dilma foi a que respondeu a menos perguntas (onze no total), a menos tópicos (três no total), foi a mais interrompida (12 interrupções no total) e a que mais perdeu tempo de fala com as interrupções (1 minuto e 25 segundos no total). Ou seja, a soma desses quatro indicadores revela e comprova que houve, de fato, um trabalho discursivo por parte do Jornal

Nacional com o objetivo de comprometer o desempenho da candidatura de continuidade política representada por Dilma Rousseff durante sua entrevista.

Após essas considerações, podemos concluir que, de fato, os entrevistadores têm o controle rígido da entrevista e também da fala dos entrevistados, exercido através da gestão de tempo e de turno, juntamente com a escolha dos tópicos e das perguntas. Em apenas um caso particular, na entrevista com Pastor Everaldo, o candidato do PSC “comandou” a entrevista por fatores já apontados acima, como a ausência de interrupções. Esse modelo de entrevista televisiva eleitoral produzido pelo Jornal Nacional pode ser considerado uma luta ideológica entre a pauta político econômica da Rede Globo e as posições políticas historicamente opostas a emissora.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Afonso de. Em nome do público: jornalismo e política nas entrevistas dos presidencialistas ao Jornal Nacional. 2013. Acessado em 07/03/2017 e disponível <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/813/661>.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1953].

BOICU, Ruxandra. Professional culture of television journalists (Debate moderator's discursive practices). 2014. Acessado em 07/03/2017 e disponível em <http://www.upm.ro/ldmd/LDMD-01/Jou/Jou%2001%2003.pdf>.

BOURDIEU, P. A representação política – Elementos para uma teoria do campo político, *in* O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

_____. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CARVALHO, Fernanda Cavassana de. Mídia e Eleições: as entrevistas do Jornal Nacional aos candidatos à Presidência Brasil em 2014. 2015. Acessado em 07/03/2017 e disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/21736/16564>.

FARIA, Glauco, STREIT, Maíra. Desconstruindo Bonner – uma análise das entrevistas de Dilma, Aécio e Campos. 2014. Acessado em 07/03/2017 e disponível em <http://www.revistaforum.com.br/2014/08/19/desconstruindo-bonner-uma-analise-das-entrevistas-de-dilma-aecio-e-campos/>.

FÁVERO *et al.* Interação em diferentes contextos, *in*: Linguística de Texto e Análise da Conversação: panorama das pesquisas no Brasil. BENTES, A. C. & LEITE, M. Q. (orgs.). – São Paulo: Cortez, 2010.

FÁVERO, L., ANDRADE, M. L. C. V. O. & AQUINO, Z. G. O. Discurso e Interação: a polidez nas entrevistas, *in*: GÄRTNER, Eberhard, Christine Hundt e Axel Schönberger (eds.) Estudos de Linguística textual do português. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p.217-230.

FILHO, L. L. L. As pesquisas como elas são, a mídia como ela é. Acessado em 22/04/2015 e disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed817/as-pesquisas-como-elas-sao-a-midia-como-ela-e/>.

GOMES, Wilson. Entrevistas com candidatas a presidente transmitidas “ao vivo” em telejornais: o modelo teórico-metodológico de mediação jornalística. 2012. Acessado em

07/03/2017

e

disponível

<http://www.compolitica.org/revista/index.php/revista/article/download/70/45>.

GURGEL, Lucas. A fala do presidente Lula: uma análise sociolinguística das estratégias de estilização no documentário ‘Entreatos’ de João Moreira Salles. Iniciação Científica CNPq. 2011.

HANKS, W. F. Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Organização Anna Christina Bentes, Renato C. Rezende, Marco Antônio Rosa Machado. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I. V. G. O texto e a construção dos sentidos. 9 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

LIMA, S. de O. Perguntas e respostas na sala de aula: o que, afinal elas representam na interação? In: Cadernos de pesquisa na graduação em Letras, ano I, número 2, 2005, p. 103-121.

LIMA, Venício. As ‘entrevistas’ do ‘Jornal Nacional’. Observatório da Imprensa. 2014. Disponível em 07/03/2017.

MIRA, Caio César Costa Ribeiro. Afasia e interação: uma análise da dinâmica de turnos e da gestão do tópico nas práticas conversacionais de sujeitos afásicos e não-afásicos. Campinas, SP: [s.n.], 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Análise da Conversação. 4ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1998.

NASSIF, Luis. A tolice do pinga-fogo do Jornal Nacional. 2014. Acessado em 07/03/2017 e disponível em <http://jornalggn.com.br/noticia/a-tolice-do-pinga-fogo-do-jornal-nacional>.

OLIVEIRA, Pedro Maxfeldt. A “imparcialidade” do JN nas entrevistas com os presidenciais. 2014. Acessado em 07/03/2017 e disponível em <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-imparcialidade-do-jn-nos-debates-com-os-presidenciais/>.

RIO, Vívian Cristina. As dimensões contextuais das práticas de linguagem e os processos de elaboração do conhecimento sobre gêneros midiáticos de jovens universitários. Campinas, SP: [s.n.], 2010.

ROMANO, L. & SEGALLA, V. *Bonner e Patrícia interromperam Dilma 8 vezes e usaram 1/3 do tempo de Aécio.* Acessado em 22/04/2015 e disponível em:

<http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/mobile/2014/08/22/dilma-foi-quem-mais-falou-e-mais-foi-interrompida-em-entrevistas-do-jn.htm>.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON. Sistemática Elementar para a Organização da Tomada de Turnos para a Conversa. Tradução de OLIVEIRA, M. C. C. e equipe. VEREDAS - Rev. Est. Ling, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.9-73, jan./dez. 2003.

Anexo 1: Entrevistas com os presidenciáveis

Entrevista com Aécio Neves (PSDB) 11/08/2014

WB: O Jornal Nacional abre hoje a série de entrevistas ao vivo com os principais candidatos à Presidência da República nós vamos abordar os temas POLêmicos das candidaturas e também confrontar os candidatos com o seu desempenho em cargos públicos nas próximas semanas os candidatos estarão também no Bom Dia Brasil e no Jornal da Globo o sorteio realizado com a supervisão de representantes dos partidos determinou que o candidato do PSDB Aécio Neves seja o en-trevistado de hoje boa noite candidato

AN: Boa noite Bonner boa noite Patrícia

PP: Boa noite

AN: Boa noite brasileiros de todas as partes do país que nos ouvem aqui hoje prazer enorme (es)tá(r) aqui (Bonner)

WB: Muito obrigado o tempo total da entrevista é de quinze minutos dos quais nós reservamos o último minuto e meio para que: o candidato fale resumidamente claro sobre PROjetos que ele considera prioritários caso seja eleito e o tempo começa a ser contado a partir de agora candidato quando o senhor critica a situação da economia brasileira o senhor tem dito que seja quem for o presidente eleito para o ano que vem vai ter que fazer uma arrumação da casa o senhor já mencionou choque de gestão redução de número de ministérios redução de cargos comissionados o senhor já falou em combate a:: a desperdícios... mas economistas que concordam com o seu diagNÓstico para a economia brasileira dizem que essas medidas que o senhor tem anunciado não bastam elas não seriam suficientes para resolver que seria necessário que o governo fizesse um corte PROfundo de gastos que seria necessário que o governo também eliminasse a defasagem de tarifas públicas como preço da gasolina e energia elétrica a questão é a seguinte o senhor não vai fazer essas medidas que os economistas defendem? Ou o senhor ((AN sorri)) (es)tá procurando não mencionar essas medidas porque elas são impopulares?

AN: ô Bonner eu tenho dito em todos os fóruns e aqui a vocês de forma muito clara vou tomar as medidas necessárias a que o Brasil retome o ritmo de crescimento minimamente aceitável não é adequado não é compreensível que um país com as potencialidades do Brasil seja o lanterna do crescimento na América do Sul e estejamos aí de novo com aquela agenda que achávamos já derrotada há tempos atrás como a da inflação de novo a atormentar a vida do cidadão da cidadã brasileira eu tenho tido a oportunidade de me reunir Bonner com alguns dos mais talentosos economistas do Brasil mas na outra ponta também eu tenho conversado com as pessoas o que o brasileiro quer? transparência um governo que tenha coragem de fazer aquilo que seja necessário nós vamos sim enxugar o estado não é:: admissível não é razoável que nós tenhamos hoje trinta e nove ministérios não não apenas pelo custo dos ministérios mas pela incapacidade deles apresentarem resultados entregarem serviços de qualidade às pessoas e estejamos hoje vivendo uma política externa cujo o alinhamento

ideológico é prioridade sobre o pragmatismo sobre o interesse real do Brasil e da nossa economia e tudo isso levou a uma crise de confiança muito grande no Brasil Bonner

WB: Mas o senhor não respondeu a minha pergunta ((AN sorri)) a minha pergunta é se entre essas necessidades se inclui a re-du-ção da da dos gastos públicos e o fim ¹[dessa defasagem das tarifas de energia e gasolina]

AN: ¹[**Olha não eu respondo com a::**] não eu respondo com absoluta clareza e começando do final no meu governo vai haver pre-vi-si-bilidade em relação a essas tarifas e em todas as medidas do governo ninguém espere no governo Aécio Neves o pacote a o PAC disso o PAC daquilo ou algum plano mirabolante

WB: Mas o senhor vai ²[aumentar as tarifas?]

AN: ²[**nós vamos nós vamos**] nós vamos tomar as medidas necessárias é óbvio que nós vamos ter que viver um processo de realinhamento desses preços quando e como? obviamente quando você tiver os dados sobre a realidade do governo é que você vai é: estabelecer isso eu não vou temer tomar aquilo que seja necessário as medidas necessárias para controlar a inflação retomar o crescimento e principalmente Patrícia e Bonner a confiança perdida no Brasil porque essa desconfiança em relação ao nosso país afugenta os investimentos e os investimentos indo embora os emPREgos vão embora olha o saldo da balança comercial de manufaturados dos produtos que mais agregam valor produzidos no Brasil no ano passado foi negativo em cento e sete bilhões de reais sabe o que isso significa? Que os empregos que deveriam estar sendo gerados no Nordeste brasileiro no Centro-Oeste no Norte estão sendo gerados na Ásia e em outras partes do mundo isso tem que acabar

PP: Candidato o seu partido é crítico ferrenho de casos de corrupção que envolvem o PT mas o seu partido também é acusado de envolvimento em escândalos GRA:ves de corrupção como é o caso do mensalão mineiro e também do pagamento de propina a funcionários públicos pelo cartel de trens e metrô de São Paulo isso para citar dois exemplos toda vez que escândalos como esses vêm a público tanto o PT quanto o PSDB usam o mesmo discurso um discurso óbvio e correto que tudo tem que ser investigado que se houver culpado tem que ser punido por que que o eleitor iria acreditar que exista diferença entre os dois partidos quando o assunto é esse corrupção?

AN: Patrícia eu acho que a diferença é enorme porque no caso do PT houve uma condenação pela mais alta corte brasileira estão presos líderes do partido tesoureiros do partido pessoas que tinham postos de destaque na administração federal por denúncia de corrupção eu nunca torci para ninguém ser preso sendo aliado ou adversário apenas torcia sempre e esperava que a Justiça se manifestasse em relação ao PSDB ou aqueles sem partidos se tiverem denúncias que sejam consistentes têm que ser investigadas e têm que responder por elas o que eu posso garantir é que no caso do PSDB se eventualmente alguém for condenado não será como foi no PT tratado como herói nacional porque isso de-se-duca portanto todos os partidos a:: estão aí e têm a possibilidade de ter nomes que sejam envolvidos em quais/ quaisquer denúncias apuração e punição é isso que esperam os brasileiros independente da filiação partidária

PP: Mas candidato vamos pegar um exemplo aqui Eduardo Azeredo né? que foi um dos principais acusados de ser beneficiado no escândalo do mensalão mineiro renunciou e por isso não foi julgado ainda ele está ao seu lado

no seu palanque apoiando essa campanha eleitoral isso de uma certa forma lhe causa algum desconforto não é passar a mão na cabeça das pessoas de alguém do partido um réu né? nesse caso?

AN: ((AN ri)) ele está me apoiando você colocou bem Patrícia não é o inverso ele é um membro do partido e que tem a oportunidade de se defender na Justiça vamos aguardar que a Justiça possa julgá-lo se condenado ele vai ser punido mas eu não prejudico não prejudiquei os petistas não vou prejudicar os tucanos o que eu posso te dizer e reitero aqui independente do partido político eu acho que qualquer cidadão tem que responder pelos seus atos e o Eduardo vai se responder por/ pelos dele vamos deixar que ele possa se defender

WB: Candidato quando o senhor era governador do estado de Minas Gerais o senhor construiu um aeroporto no município de Cláudio: a: sua família tem uma fazenda a seis quilômetros desse aeroporto e a pista foi construída ao lado de terras do seu tio-avô o senhor já disse diversas vezes que não houve nenhuma irregularidade nisso que as terras eram públicas porque já tinham sido desapropriadas inclusive a sua família discorda do valor arbitrado para essa desapropriação contesta esse valor considera injusto (es)tá na Justiça o senhor disse também que o aeroporto foi criado pelo senhor para beneficiar a economia da região e desde que esse assunto surgiu o único erro que o senhor admite ter cometido eu vou ler as suas palavras o senhor disse que “viu aquela obra com os olhos da comunidade local e não da forma como a sociedade a veria à distância” eu pergunto mesmo aos olhos da comunidade local candidato o senhor considera republicano construir um aeroporto... que poderia ser visto como um benefício para a sua família no mínimo por valorizar as Terras dela?

AN: Bonner eu tenho que agradecer muito a oportunidade que você me dá de tocar nesse tema esperava ter essa oportunidade para fazê-lo o meu governo foi um governo republicano foi um governo absolutamente transparente eu transformei Minas Gerais num estado Bonner que tem a melhor educação do Brasil no ensino fundamental a melhor saúde de toda a Região Sudeste nós ligamos num planejamento aliás algo em falta hoje no plano federal todas as cidades mineiras que não tinham asfalto duzentas e vinte e cinco cidades foram ligadas por asfalto no meu governo quatrocentos e cinquenta cidades não tinham telefonia celular eu fiz a primeira PPP do Brasil e liguei essas cidades ao desenvolvimento através da telefonia celular e fiz um programa chamado ProAero que ligou vinte e nove cidades de um total de noventa e dois aeroportos que existem espalhados por Minas você sabe que Minas é o estado que tem o maior número de municípios somos oitocentos e cinquenta e três como instrumento do desenvolvimento regional e veja bem nesse caso especificamente se houve algum prejudicado ((AN ri)) foi esse meu tio-avô porque o estado avaliou aquela área em um milhão de reais ele reivindica na Justiça nove milhões de reais não recebeu um real até hoje foi feito assim de forma transparente absolutamente republicana e a população daquela localidade sabe a importância desse aeródromo uma pista asfaltada

WB: Mas candidato essa questão produziu muita ³[polêmica] porque imediatamente levantou-se uma suspeita sobre o benefício a sua família que o senhor diz não ter havido e o senhor tem algum tipo de constrangimento ético pelo fato de ter utilizado essa pista quando visitou a fazenda da sua família?

AN: ³[verdade] Não não tenho até porque não sabia que essa essa:: pista não estava homologada aliás essa é uma questão ⁴[e::ssa essa]

WB: ⁴[Perdão mas não se trata da questão da homologação] a homologação é uma questão burocrática a minha pergunta é sobre usar um aeroporto que foi construído pelo estado de Minas Gerais para visitar uma fazenda sua isso não lhe constrange?

AN: Bonner eu visitei praticamente todos os aeroportos de Minas Gerais trabalhando como governador é:: do estado e o fato central é esse que a ANAC porque é muito aparelhada hoje nós sabemos a origem das indicações da ANAC durante três anos não conseguiu fazer o processo avançar e homologar o aeroporto Bonner o meu governo é reconhecido em Minas Gerais como o governo transformador eu deixei Minas com noventa e dois por cento de aprovação e é exatamente essa experiência republicana correta transparente do meu governo que eu quero implementar no Brasil ⁵[Não há não há nenhum constrangimento Bonner]

WB: ⁵[Para fechar essa questão] o que vale mais uma fazenda com um aeroporto ao lado ou uma fazenda sem um aeroporto ao lado?

AN: Olha essa fazenda que você se refere é uma fazenda que está na minha família há cento e cinquenta anos tem lá ((AN sorri)) quatorze cabeças de gado essa é a grande fazenda é um sítio que valorizado ou não Bonner é um sítio onde a minha família vai eventualmente nas férias ali ninguém está fazendo negócio essa cidade precisava desse aeroporto como todas as outras que tiveram investimentos em Minas Gerais eu nunca na minha vida inteira fiz nada aquilo que eu não pudesse defender de cabeça erguida criou-se em torno desse caso uma celeuma que você próprio deve estar surpreso agora é um sítio da nossa parte talvez de 30 alqueires algo absolutamente a:: familiar pequeno nada a ver com esse aeroporto até porque nesse local já havia uma pista que eu poderia ter descido numa pista que estava lá há mais de 20 anos

PP: Candidato vamos falar de programas sociais o senhor tem dito que vai manter alguns dos principais programas sociais do governo atual como é o caso do Bolsa Família o ProUni o Pronatec o Mais Médicos e também a política de reajuste do salário mínimo a sensação que dá para muitos eleitores é que o senhor sim aprova o desempenho do PT nessa área na área social por que então esses eleitores iriam querer mudar de presidente?

AN: Porque a verdade é essa Patrícia todos percebemos de forma muito clara que o Brasil parou de crescer os empregos de boa qualidade deixaram de ser gerados aqui e até os de baixa qualidade também segundo os últimos dados oficiais estão deixando de acontecer a grande realidade é que administrar e olha que eu fui um governador razoavelmente exitoso é transformar e transformar para melhor as boas experiências que é o Bolsa Família Patrícia? O Bolsa Família é a junção do Bolsa Escola do Bolsa Alimentação do Vale Gás que vieram do governo do presidente Fernando Henrique e corretamente o presidente Lula os unificou e adensou eu não só vou continuar com o Bolsa Família como eu quero que além da privação da renda as pessoas que o recebem possam ter uma ação do estado para que outras carências de saneamento de educação de segurança possam também ser sanadas o Prouni é uma inspiração de uma experiência do governo de Goiás todo mundo de alguma forma copia e aprimora e ninguém tem que ter vergonha disso o meu governo ele vai ser renovador no padrão ético na no padrão moral em relação a esse governo e vai ampliar as boas políticas mas certamente vai ser um governo que vai resgatar a ⁶[capacidade de o Brasil crescer]

PP: “[O senhor quer aprimorar então manter manter] e aprimorar esses programas sociais

AN: É isso que deve fazer o bom gestor

PP: Candidato como é que o senhor explica o desempenho no campo social de um estado rico como Minas Gerais que hoje sustenta o menor Índice de Desenvolvimento Humano de Toda a Região Sudeste e ocupa a nona posição no ranking nacional entre todos os estados brasileiros estava em oitava posição anos atrás e agora está em nona posição?

AN: Patrícia estes números têm que ser vistos no seu conjunto Minas Gerais avançou e avançou muito agora Minas tem no nosso território incrustado no nosso território o Vale do Jequitinhonha o norte mineiro o Mucuri que é uma região que historicamente tem um IDH menor do que a média do Nordeste o grande esforço do nosso governo foi reduzir essas diferenças e fizemos isso Minas tem hoje a melhor educação fundamental do Brasil mesmo sendo um estado heterogêneo e não sendo o mais rico dos estados brasileiros a melhor saúde de toda Região Sudeste e é um estado que se desenvolve muito qual que é a questão específica? nós tivemos um momento ruim de determinadas atividades econômicas nossas que perderam valor como minério e o café essa sazonalidade existe mas Minas é hoje referência não apenas no Brasil mas fora do Brasil pelos organismos internacionais como Banco Mundial de um modelo a ser seguido de um estado com sensibilidade social e com gestão profissional

WB: O senhor mencionou já duas vezes a saúde em Minas Gerais o senhor tem dito que é a melhor do Sudeste a quarta melhor do Brasil no entanto os analistas que se debruçaram sobre investimentos públicos na saúde de Minas afirmam que isso foi muito mais resultado de investimentos da União e de municípios do que do estado o senhor não considera a saúde uma prioridade também de governos estaduais candidato?

AN: Absoluta o que nós fizemos em Minas Bonner é transformador qualquer especialista nessa matéria reconhece isso Eu estive há poucos dias atrás reunido na USP com a diretora da USP e outros renomados especialistas em saúde pública no meio da reunião vou aqui confidenciar isso a diretora da USP disse pra mim o seguinte: “Aécio você não tem nada o que aprender conosco aqui sobre saúde pública não o que vocês fizeram em Minas foi transformador” seja em relação à saúde preventiva onde nós dobramos os números de equipe do programa Saúde da Família quanto na qualificação dos hospitais através do Pro-Hosp na preparação das pessoas Saúde é prioridade para qualquer governo responsável e será no nosso

PP: Candidato nosso tempo está acabando última pergunta dos projetos que o senhor tem para o país quais seriam os prioritários?

AN: Na verdade Patrícia eu quero governar o Brasil para iniciar um novo ciclo de desenvolvimento no país um ciclo que concilie ética com eficiência sem dúvida alguma os quadros que nós temos à nossa disposição e a coragem que teremos para fazer o que precisa ser feito é que permitirá que no nosso governo o Brasil volte a crescer mas eu quero melhorar o Brasil é para a dona Brenda que eu conheci essa semana lá nas margens do Rio Negro no Amazonas que quer um posto de saúde melhor na sua comunidade ou para o seu Severino lá de Mauriti no Ceará que espera que as obras do São Francisco possam chegar perto da sua casa ele já acha que só os

seus netos é que verão eu quero que a Suelen lá de Campina Grande que eu conheci no ano passado continue vendendo na feira como vendia não vende mais porque a inflação está aí a perturbar a vida de todos eu quero fazer um governo para as pessoas um governo responsável corajoso mas que pense naquele que mais precisa da ação do estado por isso eu neste instante peço a você que está nos ouvindo o voto o seu apoio para transformarmos de verdade o Brasil vocês vão se orgulhar muito disso

PP: quatro segundos, três ((WB sorri)) obrigada pela sua participação aqui na bancada do Jornal Nacional
⁷[Lembrando ((PP sorri)) que amanhã] o entrevistado ao vivo aqui no Jornal Nacional será o candidato do PSB Eduardo Campos

AN: ⁷[que bom que deu tempo]

Entrevista com Eduardo Campos (PSB) 12/08/2014

WB: O Jornal Nacional dá sequência hoje à série de entrevistas com os principais candidatos à Presidência em que nós abordamos questões polêmicas das candidaturas e o desempenho deles em cargos públicos. Lembrando que o Bom Dia Brasil e o Jornal da Globo também receberão os candidatos nas próximas semanas, o tempo total da entrevista de hoje é de 15 minutos dos quais nós reservamos o último minuto e meio para que o candidato fale resumidamente sobre os projetos que ele considera prioritários se for eleito.

PP: e o sorteio acompanhado por assessores dos partidos determinou para a hoje a presença do candidato do PSB Eduardo Campos. Boa noite candidato.

EC: Boa noite Patrícia, boa noite Bonner, boa noite a todos que estão nos assistindo.

PP: Então o tempo começa a ser contado a partir de agora, candidato, vamos começar a entrevista com a lista de algumas promessas que o senhor já fez. Eu anotei algumas delas: escola em tempo integral, passe livre para estudantes do ensino público, aumento dos investimentos em saúde para dez por cento das receitas da União, manutenção do poder de compra do salário mínimo e multiplicar por dez o orçamento da segurança. Tudo isso significa aumento dos gastos públicos, mas o senhor também promete baixar a inflação atual para quatro por cento em dois mil e dezesseis, chegando até três por cento até dois mil e dezenove, e isso segundo economistas exige cortar pesadamente gastos públicos ou seja, essas promessas se chocam, se batem, qual delas o senhor não vai cumprir?

EC: Patrícia, na verdade só há uma promessa... que é melhorar a vida do povo brasileiro. A sociedade brasileira tem apresentado na internet, nas ruas, uma nova pauta que é a pauta da educação, da melhoria da assistência da saúde, que (es)tá um horror no país, a violência que cresce nos quatro cantos do país, nós temos que dar conta de melhorar a qualidade de vida nas cidades, aonde a mobilidade também é um grave problema e tudo isso em quatro anos nós estamos fazendo um programa de governo ouvindo técnicos, a universidade, gente que já participou de governo e é possível, sim, nós estamos fazendo conta, tem orçamento, eu imagino que muitas vezes as pessoas dizem assim: "houve uma reunião do Copom hoje e aumentou meio por cento os juros" e ninguém pergunta da onde vem esse dinheiro e meio por cento na Taxa Selic significa 14 bilhões. O passe livre que é um compromisso nosso com os estudantes, custa menos do que isso. Então nós estamos fazendo contas para com planejamento em quatro anos trazer inflação para o centro, da meta, fazer o Brasil voltar a crescer, que esse é outro grave problema, o Brasil parou e o crescimento também vai abrir espaço fiscal, tudo isso com responsabilidade na condução macroeconômica... Banco Central com independência, Conselho Nacional de Responsabilidade Fiscal, gente séria e competente governando, fazendo a união dos competentes, dos bons, o Brasil pode ir muito mais longe.

PP: Agora, candidato, o senhor então (es)tá querendo dizer que pretende deixar de gastar aqui para gastar ali, mas isso não significa necessariamente cortes pesados, não são cortes, então os economistas dizem que para combater a inflação seria necessário isso, cortes severos, mesmo como é que o senhor pretende fazer isso?

EC: Olha a inflação não pode ser combatida só com a taxa de juros como vem sendo feita no país é preciso ter coordenação entre a política macroeconômica monetária a política fiscal mas é preciso também ter regras seguras as regras que mudam a todo dia no Brasil muitas vezes fazem com que o preço do dinheiro suba o chamado Custo Brasil a falta de logística que encarece o produto que vem do mundo rural da própria indústria a falta de ferrovia de rodovia que o Jornal Nacional mostra tantas vezes aqui de portos encarece o país então o Brasil precisa enfrentar a inflação porque ela está corroendo o salário as pessoas estão percebendo quem está nos assistindo tem percebido que o salário não dá para o mês inteiro os aposentados os assalariados os que vivem por conta própria do seu esforço percebem o compromisso um com o centro da meta da inflação e a retomada do crescimento

PP: Então o senhor não acha que seria justo dizer para o eleitor que o próximo ano será um ano difícil duro com remédios mais amargos?

EC: É o ano difícil está sendo já esse Patrícia porque a gente vai ter um crescimento de -1% o Brasil está perdendo

PP: Sem aumento da tarifa

EC: É o Brasil perdeu de 7 a 1 dentro do campo de futebol na Copa e está perdendo também de 7 a 1 fora do campo porque é sete de inflação com a presidente guardando na gaveta dela para depois da eleição o aumento da energia e o aumento do combustível mesmo assim com menos de um de crescimento

PP: Mas vai ser um ano difícil o próximo ano candidato?

EC: Eu acho que vai ser um ano que nós vamos terminar melhor do que o ano de 2014 porque nós vamos enfrentar os problemas a pior coisa na vida de uma pessoa de uma família e de um governo é a gente ficar escondendo os problemas e não tendo coragem e humildade de dizer “Ó estamos com problemas vamos resolver o problema?” nós estamos com um problema por exemplo na questão da energia não seria muito melhor dizer “Ó choveu menos do que deveria não investimos tanto” por que a gente não criar todo um esforço de eficiência energética como a Europa (es)tá fazendo? premiar quem faz as mesmas coisas seja na indústria ¹[no comércio] em casa com menos energia

WB: 1[candidato] tá vamos mudar de assunto é o senhor se articulou com o ex-presidente Lula e com partidos políticos para eleger sua mãe a então deputada federal Ana Arraes ministra do Tribunal de Contas da União... o senhor considera isso ético? não foi uma forma de nepotismo?

EC: Veja Bonner se a nomeação fosse minha se dependesse da minha vo/ da minha nomeação enquanto governador seria nepotismo e eu quero te dizer que eu fui o primeiro governador a fazer a lei do nepotismo no estado de Pernambuco ela Ana era funcionária pública de carreira por concurso da Justiça elegeu-se deputada por duas vezes com votações crescentes fez mandatos respeitáveis a Câmara foi chamada a eleger um parlamentar para uma vaga no Tribunal de Contas ela se candidatou outros deputados se candidataram como o ex-presidente da Câmara Aldo Rebelo ela disputou uma eleição com vários deputados ela foi a única mulher que

ganhou no voto com a votação muito grande e foi ser ministra e tem feito um trabalho no um/ como ministra do Tribunal de Contas que todos reconhecem como trabalho digno sério

WB: Certo mas o que eu estou colocando em questão não são os Méritos da sua mãe não se trata disso a questão é o senhor ter usado o seu prestígio o seu poder para se empenhar pessoalmente num trabalho de catequese numa campanha para que um parente seu ocupasse um cargo público e vitalício o senhor acha que isso foi um bom exemplo para o país?

EC: Olha na hora que ela saiu candidata com apoio do meu partido se fosse uma outra pessoa eu teria apoiado por que eu não apoiaria ela que tinha todos os predicados tanto é que pode registrar a sua candidatura pode fazer a disputa eu nem votei Bonner porque eu não era deputado eu simplesmente torci na hora em que ela se candidatou para que ela ganhasse e ela tem feito um trabalho no Tribunal de Contas que tem o reconhecimento inclusive do corpo técnico do Tribunal

WB: O seu empenho pessoal o senhor não vê nada de errado no seu empenho pessoal nesta eleição?

EC: Não

WB: Ok

PP: Ainda nesse ponto candidato o senhor indicou um primo seu e um primo da sua mulher para trabalhar no TCE que é o órgão responsável por fiscalizar as contas do estado quando o senhor era governador de Pernambuco.. como é que fica a isenção nisso?

EC: Na verdade eles se candidataram na Assembleia Legislativa em vagas que eram próprias da Assembleia Legislativa é:: um deles e um outro foi indicado como ele foi desembargador eleitoral tinha todos os predicados jurídicos para fazer exatamente esse pleito e foi votado pela Assembleia Legislativa

PP: Mas foram indicados pelo senhor?

EC: Não o Marcos Loreto

PP: Para julgar suas contas

EC: ((EC sorri)) não para julgar minhas contas não eles foram indicados para vaga no Tribunal de Contas um pela Assembleia Legislativa não há nenhuma indicação a vaga era da Assembleia pessoas podiam se candidatar e ele não estava impedido por lei de se candidatar E um outro que foi indicado na vaga do Executivo respeitando a legislação em vigor

PP: Então o senhor não vê conflito nisso se o senhor fosse eleito presidente hoje você o senhor manteria esse comportamento no governo federal sem dúvidas?

EC: Não eu acho que: eu acho que a gente precisa na verdade sobretudo agora que vamos ter cinco vagas no Supremo Tribunal Federal o Brasil precisa fazer uma espécie de comitê de busca o que é feito para os institutos de pesquisa juntar notórias pessoas com notória especialidade e conhecimento para fazer ao lado do presidente a seleção de pessoas que vão para esses lugares vitalícios Aliás eu acho que o Brasil deve fazer uma reforma constitucional para acabar com esses cargos vitalícios que ainda existem na Justiça é preciso ter os mandatos também no Poder Judiciário coisa que existe em outras nações do mundo de maneira a oxigenar os tribunais e garantir que esse processo de escolha seja um processo mais impessoal

WB: Candidato o senhor tem procurado apresentar o discurso de um gestor moderno de um gestor favorável ao empreendedorismo privado mas o fato é que logo depois do anúncio da sua aliança com Marina Silva... Marina fez restrições ao agronegócio que é um setor que tem sustentado a economia brasileira em muitos anos como é que o senhor pretende resolver esta contradição dentro da sua chapa?

EC: Olha com diálogo Bonner mostrando exatamente que Marina não tem nada contra agronegócio ou contra indústria ou contra o desenvolvimento econômico o que Marina defende e eu defendo também e a sociedade brasileira quer ver hoje é que nós temos que ter desenvolvimento com respeito ao meio ambiente e com inclusão esse é um conceito que no século passado parecia que disputava ou se tem desenvolvimento ou se tem respeito à natureza e hoje o mundo todo bota numa equação só tenta efetivamente conciliar desenvolvimento com proteção da natureza e com inclusão das pessoas mais pobres

WB: Claro candidato mas eu acho que eu preciso ser um pouco mais específico sobre a contradição a que eu me referi vamos falar da reforma da da da votação do Código Florestal Assunto importantíssimo na votação do Código Florestal o seu partido aprovou quase que por unanimidade e o grupo político de Marina Silva teve uma posição rigorosamente oposta Marina chegou a dizer que o Código Florestal representava um retrocesso de vinte anos a questão é como é que o eleitor pode se convencer da coesão da sua chapa se os dois candidatos têm visões tão opostas tão antagônicas em relação a esse assunto?

EC: Absolutamente nós temos uma visão uma aliança que não é feita em cima da minha opinião da opinião de Marina em cima de um programa de um programa que tem a participação da academia brasileira de diversos estudiosos cientistas militantes do movimento social que têm nos ajudado a construir um programa que vai ser lançado nos próximos dias exatamente para não ter uma coisa de uma aliança pessoal uma aliança de personalidades mas uma aliança de pensamentos

WB: Mas eu apresentei um caso concreto em que houve posições bem diferentes um dos dois lados ²[cedeu em relação a esse assunto para chegar a um consenso?]

EC: ²[não neste caso neste caso] neste caso em particular eu defendi as posições de Marina na nossa bancada ela rachou na verdade teve muita gente que era ligado a estados onde o agronegócio tinha mais expressão que não votou com a orientação partidária mas eu defendi a posição que foi representada por Marina

WB: Só dois votos do seu partido ³[foram contrários]

EC: ³[**Exatamente**] Exatamente e eu me coloquei solidário à posição dela

PP: Ainda sobre coerência o senhor e o seu partido foram colaboradores próximos do então presidente Lula o senhor inclusive foi ministro em dois mil e cinco do governo dele exatamente quando o escândalo do mensalão veio a público e o senhor não deixou o cargo o senhor só se afastou do governo Dilma quase TRÊS anos de um mandato de quatro foi no fim do ano passado o que que o senhor diria aos críticos que afirmam que o senhor abandonou todos esses anos de colaboração a Lula e Dilma pela ambição de ser presidente da República?

EC: Não se trata de ambição se trata de um direito numa democracia qualquer partido pode lançar um candidato pode divergir porque você apoiou você não está condenado a apoiar quando você já não acredita quando você já não vê não se representa naquele governo

PP: Mas o senhor levou quase três anos de um mandato de quatro para sair do governo para deixar de apoiá-lo não é tempo demais?

EC: Se você for ver isso aconteceu antes já em dois mil e doze nas eleições de dois mil e doze nós já enfrentamos o PT em várias cidades inclusive no Recife quando a presidente apoiou o Renan e o PMDB para Câmara Renan para o Senado o PSB já apoiou outros candidatos nós já vínhamos num processo de afastamento claro do governo por quê? porque esse governo é o único governo que vai entregar o Brasil pior do que recebeu nós vamos estar pior na economia pior na questão da violência pior na logística pior na relação externa com o resto do mundo ou seja e aí nós estamos oferecendo um caminho para que o Brasil volte a crescer

PP: Mas o senhor apoiou durante mais de 10 anos esse governo o que que aconteceu neste meio do caminho?

EC: O que aconteceu é que aquilo que foi prometido que o Brasil ia corrigir os erros e aprofundar as mudanças não aconteceu tantas pessoas que votaram na Dilma e se frustraram tantas pessoas que estão nos assistindo que viram agora um governo que valoriza no seu centro a velha política um governo que deixou a inflação voltar um governo que está fazendo derreter os empregos agora o que o povo quer é alguém que dê solução a isso e eu e Marina entendemos que para dar solução a isso é fundamental um novo caminho Porque PSDB e PT há vinte anos governam o país se a gente quer chegar a um novo lugar a gente não pode ir pelos mesmos caminhos

WB: Candidato chegou aquele momento em que o senhor agora se dirige ao eleitor para expor aqueles projetos que o senhor consideraria prioritários caso eleito

EC: Eu queria ter a oportunidade de falar com você de todo Brasil eu governei o estado de Pernambuco por duas vezes fui reeleito com oitenta e três por cento dos votos e deixei o governo com mais de noventa por cento de aprovação governei com pouco porque governei um estado do Nordeste brasileiro com muita pobreza e botei o foco naqueles que mais precisam então aprendi a fazer mais com menos agora ao lado da Marina Silva eu quero representar a sua indignação o seu sonho o seu desejo de ter um Brasil melhor não vamos desistir do Brasil é aqui onde nós vamos criar nossos filhos é aqui onde nós temos que criar uma sociedade mais justa para isso é preciso ter a coragem de mudar de fazer diferente de reunir uma agenda é essa agenda que nos reúne a agenda da

escola em tempo integral para todos os brasileiros a agenda do passe livre a agenda de mais recursos para a saúde a agenda do enfrentamento do crack da violência

PP: Ok

EC: O Brasil tem jeito ⁴[vamos juntos eu peço teu voto]

PP: ⁴[Acabou o tempo candidato] obrigada pela sua participação amanhã a entrevista será com a candidata do PT à reeleição Dilma Rousseff

Entrevista com Dilma Rousseff (PT) 18/08/2014

WB: Olá:: nós falamos ao vivo de Brasília o Jornal Nacional está retomando hoje a série de entrevistas com os candidatos à Presidência da República série esta que foi interrompida na semana passada pelo: acidente trágico que matou o candidato Eduardo Campos do PSD a: PSB e mais seis pessoas em Santos nós vamos fazer hoje o que temos feito sempre vamos abordar os temas polêmicos das candidaturas e vamos confrontar a candidata com ações com o desempenho dela à frente de um cargo público como temos feito com todos os candidatos é:: nas próximas semanas eu quero que: os candidatos estarão também no Bom Dia Brasil e no Jornal da Globo o sorteio que foi realizado com a supervisão de assessores dos partidos políticos determinou que depois de Aécio Neves e depois de Eduardo Campos fosse a vez de a candidata do PT à reeleição Dilma Rousseff ser entrevistada e é por isso que nós estamos hoje aqui em Brasília no Palácio do Alvorada porque é aqui que nós fazemos as entrevistas com Presidentes candidatos à reeleição candidata boa noite

DR: Boa noite Bonner boa noite Patrícia Poeta boa noite telespectadores

WB: pois então é:: o tempo total dessa entrevista é de quinze minutos como foi o dos demais candidatos e a gente procura reservar um minuto e meio um minuto no fim para que o candidato possa expor aqueles projetos que ele considera PRIoritários para o governo no caso de ser eleito ou no caso de ser reeleita no caso de hoje o tempo começa a contar a partir de agora candidata no seu governo houve uma série de escândalos de corrupção e de desvios éticos houve escândalo de corrupção no Ministério da Agricultura houve escândalo de corrupção no Ministério das Cidades no Ministério dos Esportes houve escândalo de corrupção no Ministério da Saúde no Ministério dos Transportes houve escândalo de corrupção no Ministério do Turismo no Ministério do Trabalho a Petrobras acabou se tornando objeto de DUas CPIs no Congresso a senhora sempre diz que todos esses escândalos foram REvelados pela Polícia Federal e estão sendo investigados PEla Polícia Federal que é um órgão do governo federal a questão que eu lhe faço é a seguinte.. qual é a dificuldade de desde o início se cercar de pessoas ho-nes-tas que lhe permitam formar uma equipe de governo honesta e que evite esta situação que nós vimos de repetidos casos de corrupção? a:: não há uma sensação não pode haver uma sensação no ar de que o PT a:: descuida da questão ética ou da questão da corrupção?

DR: Bonner não pode não sabe por quê? porque nós justamente fomos aquele governo que mais estruturou os mecanismos de combate à corrupção à irregularidade e mau e maus feitos por exemplo a Polícia Federal no meu governo e no do presidente Lula ganhou imensa autonomia pra investigar pra descobrir ara prender além disso nós tivemos uma relação muito respeitosa com o Ministério Público nenhum procurador-geral da República foi chamado no meu governo ou no do presidente... Lula de engavetador-geral da República por quê? porque também escolhemos com absoluta isenção os procu/ procuradores outra coisa: fomo[s] nós que criamos a Controladoria-Geral da União que se transformou num órgão forte e também que investigou e descobriu muitos casos terceiro aliás eu já (e)sto(u) no quarto nós criamos a Lei de Acesso à Informação criamos no governo um portal da transparência mas eu quero te dizer uma coisa: nem todas as denúncias de escândalo Bonner resultaram em realmente a constatação que a pessoa tinha de ser punida e tinha seria condenada pelo contrário ¹[muitos daqueles] só um pouquinho que foram identificados como tendo pela mídia como tendo praticado atos indevidos foram posteriormente inocentados a é: ²[eu quero te dizer o seguinte eu nunca]

WB: ¹[sim] ²[correto mas candidata eu deveria só dizer à senhora o seguinte] ((Dilma sorri)) a senhora listou aqui uma série de medidas que foram providenciadas depois de ocorridos os escândalos

DR: Não isso tudo foi antes

WB: Bom entre as medidas que a senhora providenciou depois dos escândalos esteve o afastamento de alguns ministros em quatro casos a senhora trocou um ministro por alguém que era do mesmo partido dele e do mesmo grupo político dele e que: frequentava o mesmo círculo essa situação a senhora considera que não foi trocar seis por meia dúzia? a senhora considera que foi uma atitude PRUdente como presidente substituir nessas circunstâncias? foi uma medida eficaz da sua parte candidata?

DR: Eu continuando o que eu estava dizendo Bonner nem todos as pessoas denunciadas foram punidas pelo Judiciário e tiveram comprovadamente culpa muitas pessoas inclusive se afastaram porque é muito difícil resistir à pressão da família ou à apresentação da pessoa como tendo praticado um crime ³[agora na segunda respondendo a segunda pergunta] por exemplo recentemente eu fui muito criticada por ter substituído o César Borges pelo Paulo Sérgio ora o Paulo Sérgio foi meu ministro e foi ministro do presidente Lula quando saiu do governo ele ficou dentro do governo no cargo importante que é da Empresa de Planejamento Logístico o Cesar Borges o substituiu posteriormente eu troquei o César Borges novamente aí pelo Paulo Sérgio fiz a troca ao contrário o César Borges também ficou dentro do governo na Secretaria de Portos os dois são pessoas que eu escolhi as qua/ nas quais eu confio acho que ⁴[são pessoas... bastante]

WB: ³[Mas a senhora manteve gente do mesmo grupo político nos casos] ⁴[mas não foi exigência do partido candidata?]

DR: os partidos é:: podem fazer exigências agora eu só aceito quando eu considero que ambos e é isso que eu queria concluir ambos são pessoas íntegras e não só íntegras são competentes têm tradição na área e são pessoas da minha confiança ⁵[então eu troquei] porque eu tinha confiança nessas pessoas

WB: ⁵[então me deixa agora perguntar à senhora] o em relação a seu partido? o seu partido teve: um grupo de elite... de:: pessoas corruptas comprovadamente corruptas eu digo isso porque foram julgadas condenadas e mandadas para a prisão pela mais alta corte do Judiciário brasileiro eram corruptos e o seu partido tratou esses condenados por corrupção como... guerreiros como vítimas como pessoas que não mereciam esse tratamento vítimas de injustiça a pergunta que eu lhe faço isso não é.. ser condescendente com a corrupção candidata?

DR: Eu vou te falar uma coisa Bonner eu sou presidente da República eu não faço nenhuma observação sobre julgamentos realizados pelo Supremo Tribunal por um motivo muito simples sabe por que Bonner? porque a Constituição ela exige que o presidente da República como exige dos demais chefes de Poder que nós respeitemos e consideremos a importância da autonomia dos outros órgãos

WB: ⁶[Então a senhora condena a postura do PT nesse caso?]

DR: ⁶[Eu não julgo] ações do Supremo eu tenho as minhas opiniões pessoais

WB: ⁷[Mas e a ação do seu partido a senhora condena essa ação?]

DR: ⁷[Enquanto enquanto] enquanto eu for presidente eu não externo opinião a respeito de julgamento do Supremo e vou te dizer Bonner ((DR sorri)) não é a primeira vez que eu respondo isso eu durante o processo inteiro NÃO MANIFESTEI NENHUMA opinião sobre o julgamento ⁸[até porque respeito...respeito o julgamento]

WB: ⁸[Mas candidata a pergunta que eu lhe fiz foi sobre a postura do seu partido qual sua posição a respeito da postura do seu partido?]

DR: Eu não vou tomar nenhuma posição Bonner que me coloque em confronto conflito é: ou aceitando ou não eu respeito a decisão da Suprema Corte brasileira isso não é uma questão subjetiva para mim exercer o cargo de Presidência eu tenho de fazer isso

PP: corrupção não é o único problema o seu governo diz que sempre investiu muito na área de saúde e essa continua sendo exatamente a maior preocupação dos brasileiros segundo uma pesquisa do Instituto Datafolha isso depois de doze anos de governos do PT ou seja mais de uma década candidata não foi tempo suficiente para colocar esses problemas nos trilhos não?

DR: olha Patrícia nós tivemos e ainda temos muitos problema/ problemas a enfrentar e desafios a enfrentar na Saúde eu acredito que nós enfrentamos um dos mais graves desafios que há na Saúde porque na Saúde você precisa de ter médicos (vo)cê pode ter tudo se não tiver médicos não tem atendimento à saúde também é possível a gente olhar a população e ver nas pesquisas que ela reclama sempre reclamou da falta de médicos nós tivemos uma atitude muito corajosa o Brasil tem uma das menores taxas de médicos por mil habitantes um vírgula oito e isso levou a uma carência imensa de médicos da atenção básica são os postos de saúde é sabido que oitenta por cento dos problemas de saúde da população você consegue resolver na atenção básica então qual foi a providência que nós tomamos com MUITA resistência mas MUITA resistência nós primeiro chamamos médicos brasileiros para atender o número precisávamos em torno de quatorze mil médicos o número veio insuficiente não tinha médicos suficientes formados no Brasil com con/ condições de atender depois chamamos médicos brasileiros ou não formados no interior individualmente na sequência também não chegou a um número suficiente na sequência chamamos médicos cubanos através da OPAS e aí conseguimos chegar a quatorze mil quatrocentos e sessenta e dois médicos QUE pelos dados da OMS correspondem a uma capacidade de atendimento de cinquenta milhões de brasileiros ⁹[cinquenta milhões de brasileiros não tinham] atendimento médico hoje têm agora nós estamos em uma segunda etapa... ¹⁰[a segunda etapa]

PP: ⁹[(vo)cê me permite fazer só um só um adendo aqui candidata] ¹⁰[Deixa eu só] fazer um adendo que eu acho que é importante para os nossos ¹¹[telespectadores]

DR: ¹¹[perfeitamente Patrícia]

PP: A senhora diria que então diante dos nossos telespectadores que hoje enfrentam filas e filas nos hospitais muitas vezes são atendidos em macas que muitas vezes não conseguem fazer um exame de diagnóstico que a situação da Saúde no nosso país hoje é minimamente razoável... ¹²[depois de 12 anos?]

DR: ¹²[Não Não] acho não acho até porque Patrícia o Brasil precisa também de uma reforma federativa porque há responsabilidades federais estaduais e municipais nós assumimos no caso dos Mais Médicos o atendimento aos postos de saúde como uma re/ como uma responsabilidade BAsicamente nós assumimos como federal ela é uma responsabilidade compartilhada mas assumimos como federal porque temos mais recursos agora veja o resto do raciocínio ¹³[Patrícia]

WB: ¹³[Nós vamos falar de economia]

DR: Não eu vou falar de economia tenho o maior prazer Bonner veja só qual é a sequência disso agora nós consideramos que é muito importante duas coisas primeira tratar das especialidades criar as condições para o Brasil dar atendimento de especialidades que são aquelas que nós sabemos o ortopedista o: o o:: ginecologista o cardiologista com exames mais rápidos ¹⁴[assim] como nós ¹⁵[enfrentamos e resolvemos o problema dos quatorze milhões] aliás dos cinquenta milhões de brasileiros e dos quatorze mil médicos hoje nós temos já condição de resolver isso porque diminuímos a pressão porque ¹⁶[TOdo mundo que não era atendido num posto de saúde ia para uma UPA ou para um hospital]

WB: ¹⁴[Candidata] ¹⁵[candidata desculpe a senhora disse] ¹⁶[nós entendemos entendemos] Vamos à economia

PP: ¹⁶[É que a colocação candidata era era] ¹⁷[doze anos doze anos] de governos três mandatos Mas o Bonner quer falar sobre economia

WB: ¹⁷[Vamos falar de economia] porque é um tema importantíssimo

DR: ¹⁷[não, mas nestes três mandatos] a gente teve não vamos esquecer teve o Samu que atende cento e quarenta e nove milhões de brasileiros ¹⁸[e que não existia]

WB: ¹⁸[nã::o a senhora já respondeu] à Patrícia que não não é minimamente razoável a senhora disse isso ¹⁹[Então vamos em frente]

DR: ¹⁹[Eu acho que nós temos que melhorar] a saúde ²⁰[não tenho dúvida disso nenhuma]

WB: ²⁰[Vamos em frente... economia] a inflação neste momento a inflação anual está NO teto daquela meta estabelecida pelo governo está em seis e meio por cento a economia encolheu um vírgula dois por cento no segundo trimestre desse ano e tem uma projeção de crescimento baixíssima para esse ano menor do que um por cento o superávit do primeiro semestre desse ano foi o pior dos últimos quatorze anos quando a senhora é confrontada com estes números ruins a senhora diz que eles são produto são resultado de uma crise internacional aliás a senhora diz até que eles nem são tão ruins assim porque a senhora lembra o caso das demissões de milhões na Europa e o fato de o Brasil ter hoje uma situação praticamente de pleno emprego aí quando os

analistas dizem que dois mil e quinze ano que vem vai ser um ano difícil um ano de a:: acertos de casa que é preciso arrumar a economia brasileira e portanto isso vai impor algum sacrifício vai ser um ano duro a senhora diz que isso é pessimismo o aí eu lhe pergunto a senhora considera justo ora olhando para os números da economia ora culpar o pessimismo ora culpar a crise internacional pelos problemas? a:: o seu governo não tem nenhum papel nenhuma responsabilidade nos resultados que (es)tão aí?

DR: o Bonner primeiro nós enfrentamos a crise pela primeira vez no Brasil não desempregando não arrochando os salários não aumentando os tributos pelo contrário diminuímos reduzimos e desoneramos a folha reduzimos a incidência de tributos sobre a cesta básica nós enfrentamos a crise também sem demitir qual era o padrão anterior

WB: Mas o resultado no momento é muito ruim ²¹[candidata]

DR: ²¹[Não o resultado no momento veja bem]

WB: ²²[Inflação alta indústrias com estoques elevados] ameaça de desemprego ali na frente

DR: ²²[Veja bem Bonner Eu não sei] eu não sei da onde que estão seus dados ²³[mas nós estamos]

WB: ²³[Da indústria candidata]

DR: só um pouquinho nós temos duas coisas acontecendo nós temos uma melhoria prevista no segundo semestre vou te dizer por quê primeiro

WB: Isso não é ser otimista ²⁴[em contrapartida ao pessimismo que a senhora critica?]

DR: ²⁴[não não você sabe Bonner] tem uma coisa em economia que chama os índices antecedentes e os índices que evidenciam como é que é a situação atual que que são os índices antecedentes por exemplo? a quantidade de papelão que é comprada a quantidade de energia elétrica consumida a quantidade de carros que são vendidos Tódos esses índices indicam uma recuperação no segundo semestre vis-à-vis ao primeiro além disso a inflação Bonner cai des-de abril e agora ela atinge hoje se você não olhar pelo retrovisor e olhar pelo que está acontecendo hoje ela atinge zero por cento zero ²⁵[o último dado do IPC-S] que saiu se não me engano hoje ou ontem chegou a zero vírgula zero oito o que eu estou dizendo é o ²⁶[seguinte o Brasil]

WB: ²⁵[então vamos para os projetos candidata] ²⁶[Candidata nosso tempo]

PP: O tempo está acabando candidata

DR: Acabou?

WB: É

DR: Desculpa

WB: É que nós temos Eu quero garantir a senhora o seu tempo de 1 minuto e meio

DR: O meu 1 minuto?

WB: Exato

PP: Que agora já diminuiu

DR: Muito obrigada

WB: Os seus projetos prioritários

DR: Eu só estou querendo dizer que pra mim nós estamos superando a dificuldade de enfrentar uma crise sem demitir gerando emprego e renda

WB: Seus projetos prioritários, candidata

DR: Olha Bonner eu fui eleita para dar continuidade aos avanços do governo Lula... ao mesmo tempo nós preparamos o Brasil para um novo ciclo de crescimento o Brasil moderno mais inclusivo mais produtivo mais competitivo nós criamos as condições para o país dar um salto colocando a educação no centro de tudo e isso significa Bonner que nós queremos continuar a ser um país de classe média cada vez maior a participação da classe média mais oportunidades para todos

WB: ²⁷[O tempo 15 minutos e meio]

PP: ²⁷[concluir para concluir candidata nosso tempo já esgotou]

DR: Queria concluir dizendo o seguinte eu acredito no Brasil Acho que mais do que nunca todos nós precisamos acreditar no Brasil e diminuir o pessimismo ²⁸[E]

PP: ²⁸[OK obrigada candidata]

DR: E peço o voto dos dos telespectadores e peço ²⁹[o voto para o Brasil continuar avançando também compreendo e suspendo a minha fala]

WB: ²⁹[E nós agradecemos a compreensão... a compreensão por ter que interromper]

PP: Nós temos que encerrar

DR: Muito obrigado

WB: Eu que agradeço a sua presença no Jornal Nacional

Entrevista com Pastor Everaldo (PSC) 19/08/2014

WB: O Jornal Nacional dá sequência à série de entrevistas com os principais candidatos à Presidência em que nós abordamos aqui as questões polêmicas das candidaturas e o desempenho deles em cargos públicos. O Bom Dia Brasil e o Jornal da Globo também vão receber os candidatos nas próximas semanas. O tempo total desta entrevista é de quinze minutos, dos quais de novo nós reservamos o minuto e meio final para que o candidato fale resumidamente sobre os projetos que ele considera prioritários se for eleito.

PP: O sorteio acompanhado por assessores dos partidos determinou que agora seja a vez do candidato do PSC. Pastor Everaldo, boa noite, candidato.

PE: boa noite, boa noite. William Bonner, boa noite, você que está aí nos assistindo e nos vendo.

PP: Muito bem, o tempo então começa a ser cronometrado. A partir de agora, candidato, o senhor nunca foi vereador, nunca foi deputado estadual, nunca foi deputado federal, nem senador, o maior cargo público que o senhor já ocupou foi subsecretário estadual do Brasil. Já elegeu candidato sem nenhuma experiência executiva e também já elegeu candidato sem nenhuma experiência parlamentar. Agora alguém sem uma coisa nem outra, nunca por que o senhor acha que o eleitor iria acreditar que o senhor tem credenciais para ocupar a Presidência da República?

PE: Patrícia Bonner, você que está em casa, eu acredito que uma pessoa como eu, com a minha experiência de vida que nasci na favela do Acari, fui camelô na feira e aos doze, treze anos, servente de pedreiro e depois aos quatorze anos fiz um concurso público, fui office boy do Instituto de Resseguros do Brasil e pude estudar numa escola pública de qualidade, fiz, me formei, fui para a faculdade e depois passei para a iniciativa privada, montei a minha empresa e sou um profissional, um empreendedor brasileiro, sou um vencedor. Deus me ajudou e eu então venci na vida. Então tive minha experiência como subsecretário, como presidente do Rioprevidência e milito na vida política desde mil novecentos e oitenta e um. Então acredito que estou preparado, cada dia eu sou um constante aprendiz. Então cada dia estou preparado para esta missão que o partido me determinou que eu assumisse.

PP: Pois é, candidato, a gente está falando de um país com duzentos milhões de habitantes, com problemas sociais e econômicos, não seriam problemas complexos demais para um principiante? Não se trata aí de uma aventura?

PE: eu acredito o seguinte: que eu aprendi na minha vida a trabalhar em equipe. Então quando eu fui servente de pedreiro, então quando eu preciso pintar uma parede, eu chamo um pintor que entende, então vamos dizer eu acredito o seguinte: o líder, ele tem que saber o que o Brasil está precisando e trazer os melhores quadros. Eu acredito desta forma que é possível governar com os melhores quadros deste país independente do partido político. Então eu acredito que com a liderança, você trazendo uma liderança para o Brasil e dando um exemplo e trazendo os melhores quadros técnicos que nós temos no Brasil, é suficiente para nós governarmos este país.

PP: Mas esta inexperiência então não lhe assusta?

PE: nem um pouco sou uma pessoa que acredito em equipe

PP: não seria voluntarismo isso?

PE: não não eu acredito em equipe dentro da vida pública eu fui subsecretário do Gabinete Civil fui presidente do Rioprevidência e montei equipe então é a mesma coisa na iniciativa privada eu trabalho na iniciativa privada desde quatorze anos quer dizer dezessete anos eu saí do Instituto de Resseguros do Brasil e fui para o mercado segurador então eu acredito que a diferença do estado para uma iniciativa privada é só que o estado hoje não trabalha com meritocracia e eu vou empreender isso aí no governo

PP: Com todo respeito à sua biografia então qualquer um poderia hoje ser presidente da República... em outras palavras?

PE: eu acredito eu acredito que qualquer pessoa que se disponha a ser presidente da República e acredita que trabalha ninguém faz nada sozinho só se trabalha em equipe eu acredito desta maneira

WB: candidato ao longo da sua história o senhor foi aliado de Leonel Brizola de Luiz Inácio Lula da Silva mais recentemente da presidente Dilma Rousseff Todos eles têm raízes no trabalhismo todos eles de alguma maneira têm lá suas simpatias ideológicas ou pelo socialismo ou no mínimo pela social-democracia sempre defenderam uma presença forte do estado uma intervenção uma regulação do estado na economia curiosamente o seu programa de governo prega exatamente o oposto defende o oposto né? o senhor defende uma espécie de liberalismo clássico o estado mínimo uma redução a maior redução possível da presença do estado da regulação da economia o senhor fala em flexibilização de leis trabalhistas o senhor fala também em fim absoluto de protecionismo pergunto essa sua defesa do liberalismo é uma defesa sincera ou é uma conveniência eleitoral?

PE: William eu... é: o discurso da esquerda eu que vim de uma família humilde de uma comunidade pobre sempre me cativou principalmente o governador Leonel Brizola era uma pessoa afeita à educação eu como já falei aqui tive condições de ter uma escola pública de qualidade então para mim foi importante a escola pública então a educação para mim era muito importante e como a proposta era inserção social eu que nasci no Rio de Janeiro na favela do Acari menino pobre família rica da graça de Deus mas de recurso era pobre então para mim essa proposta era uma proposta interessante e acreditei o tempo todo que ela era a melhor mas no último governo da atual presidente eu vi que foi estabelecido um aparelhamento do Estado o Estado se agigantou de tal maneira que realmente contrariava os princípios que eu acredito do empreendedorismo da iniciativa privada então vamos dizer está hoje o governo está sufocando o governo quer tomar conta de tudo então vamos dizer eu sempre acreditei porque eu venci na vida com mérito com a meritocracia com o trabalho Então eu não dependi do Estado para mim vencer na vida

WB: Mas candidato retomando o que o senhor disse a sua vida pública começou em mil novecentos e oitenta e um

PE: Vida política ¹[oitenta e um a vida pública foi]

WB: A sua vida política claro ¹[desde mil novecentos e oitenta um] o senhor esteve alinhado com Brizola com Lula e só agora questão de cinco meses o seu partido deixou de ser um partido que faz parte da base aliada do governo Dilma o seu partido deixou de ser da base aliada mas não foi mas ele não foi para a oposição ele se tornou um partido independente do governo ou seja o senhor levou trinta anos comungando de um discurso mais esquerdizante mais à esquerda a pergunta que eu lhe faço des/ a sua convicção pelo liberalismo ela é tão recente assim tem cinco meses?

PE: Não... janeiro de dois mil e onze quando este governo que está aí assumiu vinte e cinco de janeiro o partido reunido resolveu que teria candidatura própria no dia onze de junho de dois mil e doze a revista Época publicou que o PSC não acharia dois mil e quatorze mas que teria candidatura pó/ própria

WB: Então é recente

PE: Não então vamos dizer desde janeiro quando nós vimos que o governo que é: a:: agravou a presença do Estado na economia nós resolvemos que não ficaríamos mais

WB: isso não foi desde o começo do governo Dilma e mesmo no governo Lula candidato essa situação?

PE: Nós é:... acreditávamos como milhões de brasileiros que a proposta colocada era melhor mas hoje você vê nas últimas pesquisas mais de setenta por cento da população brasileira quer mudança então nós acreditávamos que era o melhor e verificamos logo no início do governo que não era o melhor para o Brasil

WB: A sua ideologia então mudou recentemente?

PE: não a minha ideologia sempre foi a mesma sempre foi a mesma eu sempre quis o empreendedorismo

WB: Você não vê essa contradição em relação ao seu alinhamento no passado?

PE: Não não vejo eu sempre pensei desta maneira porque a minha vida é desta maneira eu sempre fui uma pessoa que trabalhei nunca vivi eu estive no governo de noventa e nove tr/ três anos depois oito meses no outro Rioprevidência e saí do Estado porque eu acredito no empreendedorismo

PP: Vamos falar de dois mil e dez na eleição de dois mil e dez o senhor apoiava o então candidato à Presidência da República pelo PSDB José Serra mas na última hora o seu partido recebeu uma doação de quase cinco milhões de reais do PT para a campanha legalmente o senhor passou então a apoiar Dilma Rousseff esse foi o preço do seu apoio quase R\$ 5 milhões?

PE: Nós estávamos conversando metade do partido queria apoiar José Serra e metade queria apoiar a: é o PT presidente Dilma quando o PMDB se aliou nós fazíamos bloco com o PMDB na Câmara dos Deputados quando o PMDB se aliou aí nós fomos ali trinta de junho foi quando nós fizemos a aliança baseada em princípios que nós colocamos para o PT para a presidente Dilma que nós defendemos a vida defendemos a família da maneira que colocamos esses princípios trinta de junho e se você verificar foram dez partidos da coligação quando

chegou em vinte e dois de setembro na reta final da campanha é que foram feitas essas doações legais transparentes para custo de campanha de material que foi feito então vamos dizer nós fizemos uma aliança em trinta de junho e só na reta final do primeiro turno é que foi feito as doações não só para o PSC

PP: Quase cinco milhões

PE: Quatro milhões setecentos e cinquenta inclusive para todos os partidos que era para fazer material para a campanha da re/ da majoritária quando tem campanha tem prefeito é para o prefeito quando é governador é para o governador e quando é para presidente é para presidente Foi despesa para a campanha para presidente da República

PP: Foi uma espécie de toma-lá-dá-cá?

PE: Não não foi Não foi porque a aliança foi feita em trinta de junho e esses repasses só foram feitos em vinte e dois de setembro

PP: Por que eu lhe pergunto isso candidato? porque há registros de que o senhor teria reclamado que o PC do B tinha um deputado a menos e que ocupava comandava o Ministério do Esporte e a Agência Nacional do Petróleo no governo Dilma enquanto que o seu partido não tinha cargo nenhum o senhor considera isso um toma-lá-dá-cá diante dos quase cinco milhões de reais e também esse registro?

PE: Olha nós quando fizemos o acordo para fazer a coligação nós defendemos os princípios que nós acreditamos e o governo chama as pessoas que ajudaram para compor o governo e nós tínhamos um número maior elegemos mais do que o PC do B conforme você citou então

PP: O senhor esperava então um lugar um espaço no governo?

PE: Nós... natural esperávamos um espaço no governo

PP: Ficou decepcionado?

PE: Não Não ficamos decepcionados Não Nós ficamos é::

PP: Mas isso é um toma-lá-dá-cá

PE: Não acredito que seja não é não é um toma-lá-dá-cá nós ficamos decepcionados pela maneira que foi formado o governo que foi contrariou os nossos princípios que o PSC defende Nós defendemos a vida do ser humano desde a sua concepção defendemos a família como está na Constituição brasileira E vimos que a maneira que foi montado contrariava esses princípios isso que nos decepcionou

WB: candidato este país que o senhor quer fazer ele exige uma série de mudanças de natureza legal na estrutura legal do país muitas destas mudanças inclusive na Constituição o que não é coisa fácil de se conseguir isso eu

estou me baseando naquilo que está contido no seu programa de governo só que em dois mil e dez o seu partido elegeu 17 deputados federais

PE: E um senador

WB: um senador governador nenhum o senhor acredita mesmo que tem base política para conseguir o apoio necessário no Congresso Nacional para realizar todas essas mudanças que o senhor está propondo?

PE: o meu exemplo de governo é de Itamar Franco ele assumiu numa situação difícil do país e chamou todas as forças políticas todos os representantes no Congresso e apresentou com transparência a sua proposta para a população brasileira que foi um plano da estabilidade econômica do país e todos não puderam negar então eu acredito que quando você levar para a população com transparência o que você quer fazer o Congresso Nacional jamais vai negar o apoio para qualquer presidente

WB: Candidato no mundo real as concessões que o senhor será obrigado a fazer para obter o apoio necessário para realizar essas mudanças todas essas concessões vão descaracterizar completamente as suas propostas candidato o senhor sabe disso

PE: olha eu tenho eu falei que vou fazer um corte na carne eu defendo um estado mínimo vou reduzir o número de ministérios de trinta e nove para vinte vou passar para iniciativa privada todas as empresas que hoje são foco de corrupção botar os recursos

WB: É uma privatização em ²[massa? todas elas?]

PE: ²[Privatização privatização] tudo que for possível

WB: Petrobras inclusive?

PE: eu vou te antecipar então a notícia aqui eu vou privatizar a Petrobras a Petrobras hoje uma empresa que foi orgulho nacional hoje é um foco de corrupção e uma dívida astronômica de mais de R\$ 300 bilhões então eu vou privatizar

WB: E o Banco do Brasil?

PE: O petróleo é nosso mas a Petrobras hoje não é nossa

WB: O senhor vai privatizar a Petrobras o senhor vai privatizar o Banco do Brasil também?

PE: o Banco do Brasil e a Caixa Econômica representam a segurança do sistema financeiro então não vamos mexer no Banco do Brasil nem Caixa Econômica

WB: Essas empresas Petrobras A Petrobras por exemplo é uma empresa de capital misto

PE: BR Distribuidora Infraero tudo que for possível passar para iniciativa privada nós vamos passar pegar os recursos e alocar na Saúde na Educação e na Segurança Pública

WB: Muito bem

PP: Falando de mudanças e promessas Te interrompi Bonner?

WB: Não não

PP: Falando de mudanças e promessas o senhor promete melhorar os serviços públicos a Saúde a Educação o Transporte ampliar a assistência aos mais pobres e também investir maciçamente na polícia e nas Forças Armadas mas em nenhum momento do seu plano de governo o senhor diz quanto vai investir e de onde vai tirar esse dinheiro não são promessas vazias sem consistência?

PE: À medida que eu transfiro

PP: Vai vir do patrimônio público? Desculpa te interromper

PE: À medida que eu transfiro para a iniciativa privada essas empresas hoje que dão rombo e que tem que tirar dinheiro do Tesouro para cobrir o rombo delas então já diminui essa transferência de recursos e sobra dinheiro do seu imposto do meu imposto para aplicar tanto na Educação quanto na Saúde

WB: Candidato a:: chegamos àquele momento que o senhor passa a ter direito a se dirigir ao seu eleitor para destacar os projetos que o senhor considera prioritários caso seja eleito

PE: Minha irmã meu irmão brasileiro eu reafirmo meu compromisso em defesa da vida do ser humano desde a sua concepção eu defendo a família como está na Constituição brasileira nós somos um país democrático e respeito a todas as pessoas mas casamento para mim é homem e mulher sou contra a legalização das drogas vou criar o Ministério da Segurança Pública para quê? hoje o cidadão de bem está preso dentro de casa e o bandido está solto na rua vou inverter essa lógica e botar ordem na casa a partir brasileiro trabalhador brasileiro a partir de primeiro de janeiro de dois mil e quinze todo trabalhador que ganhe até cinco mil reais por mês estará isento do Imposto de Renda na fonte eu defendo que é mais Brasil e menos Brasília na vida do cidadão brasileiro Deus abençoe a você Deus abençoe a sua família Deus abençoe o nosso querido Brasil

PP: Obrigada candidato

WB: Muito obrigado candidato pela sua presença pelos seus esclarecimentos

Entrevista com Marina Silva (PSB) 27/08/2014

WB: O Jornal Nacional dá sequência à série de entrevistas com os principais candidatos à Presidência da República em que nós abordamos questões polêmicas das candidaturas e o desempenho deles em cargos públicos o Bom Dia Brasil e o Jornal da Globo também vão receber os candidatos nas próximas semanas o tempo total da nossa entrevista é de quinze minutos dos quais nós reservamos mais uma vez o último minuto e meio para que o candidato fale resumidamente sobre os projetos que ele considera prioritários se for eleito e hoje nós recebemos Marina Silva do PSB boa noite candidata

MS: boa noite William boa noite Patrícia

WB: muito obrigado pela sua presença o tempo da entrevista começa a ser contado a partir de agora candidata o avião que o PSB vinha utilizando na campanha eleitoral até aquele acidente trágico de duas semanas atrás está sendo investigado pelas autoridades competentes ele foi objeto de uma transação milionária feita por meio de laranjas essa transação não foi informada na prestação de contas prévia parcial à Justiça Eleitoral a senhora tem dito que vai inaugurar uma nova forma de fazer política que todo político tem que ter certeza absoluta da correção de seus atos no entanto a senhora usou aquele avião como teria feito qualquer representante daquilo que a senhora chama de velha política eu lhe pergunto a senhora procurou saber que avião era aquele quem tinha pago por aquele avião ou a senhora confiou cegamente nos seus aliados?

MS: nós tínhamos William uma informação de que era um empréstimo que seria feito um ressarcimento num prazo legal que pode ser feito segundo a própria Justiça Eleitoral até o encerramento da campanha e que esse ressarcimento seria feito pelo comitê financeiro do candidato existem duas formas três formas aliás de fazer o provimento da campanha pelo partido pelo comitê financeiro do candidato e pelo comitê financeiro da coligação nesse caso pelo comitê financeiro do candidato essas informações eram as informações que nós tínhamos

WB: a senhora sabia dos laranjas? Essa informação foi passada para a senhora como candidata a vice-presidente?

MS: não tinha nenhuma informação quanto a qualquer ilegalidade referente à postura dos proprietários do avião

WB: 1[Eu lhe pergunto isso]

MS: 1[As informações que tínhamos] eram exatamente aquelas referente à forma legal de adquirir o provimento desse serviço agora uma coisa que eu quero dizer para todos aqueles que estão nos acompanhando é que para além das informações que estão sendo prestadas pelo partido há uma investigação que (es)tá sendo feita pela Polícia Federal e o nosso interesse e a nossa determinação é de que essas investigações sejam feitas com todo o rigor para que a sociedade possa ter os esclarecimentos e para que não se cometa uma injustiça ²[com a memória] de Eduardo

WB: 2[Candidata]... quando os políticos são confrontados ou cobrados por alguma irregularidade é muito comum que eles digam que não sabiam que foram enganados que foram traídos que tudo tem que ser investigado

que se houver culpados eles sejam punidos Este é um discurso muito muito comum aqui no Brasil e é o discurso que a senhora está usando neste momento eu lhe pergunto em que esse seu comportamento difere do comportamento que a senhora combate tanto da tal velha política?

MS: difere no sentido de que esse é o discurso que eu tenho utilizado William para todas as situações inclusive quando envolve os meus adversários e não como retórica mas como desejo de quem de fato quer que as investigações aconteçam porque o meu compromisso e o compromisso de todos aqueles que querem a renovação da política é com a verdade e a verdade ela não virá nem apenas pelas mãos do partido e nem também apenas pela investigação da imprensa que eu respeito o trabalho de vocês ela terá que ser aferida pela investigação que está sendo feita pela Polícia Federal isso não tem nada a ver com querer tangenciar ou se livrar do problema muito pelo ³[contrário] é você enfrentar o problema para que a sociedade possa com transparência ter ⁴[acesso] às informações o compromisso é com a verdade

WB: ³[agora]... ⁴[Candidata] agora é que a senhora tem uma postura bem rigorosa no que diz respeito à ética no discurso quando a senhora se dirige aos seus adversários esse rigor ético que a senhora exige dos seus adversários nos faz perguntar e insistir se a senhora antes de voar naquele avião não teria então deixado de fazer a pergunta obrigatória se estava tudo em ordem em relação àquele voo não lhe faltou o rigor que a senhora exige dos seus adversários?

MS: o rigor é tomar as informações com aqueles que deveriam prestar as informações em relação à forma como aquele avião estava prestando serviço E a forma como estava prestando serviço era por um empréstimo que seria ressarcido pelo comitê financeiro Agora em relação à postura dos empresários os problemas que estão sendo identificados agora pela imprensa e que com certeza serão esclarecidos pela Polícia Federal esses eu como todos os brasileiros estou aguardando e com todo rigor eu não uso William de dois pesos e duas medidas não é? a métrica a régua com que eu meço os meus adversários é porque eu a uso em primeiro lugar comigo e neste momento o meu maior interesse é de que tenhamos todos os esclarecimentos agora uma coisa eu te digo a forma como o serviço estava sendo prestado era exatamente esse do empréstimo para que depois tivéssemos a forma de ressarcimento pelo comitê financeiro

PP: Ok candidata vamos falar agora das eleições de dois mil e dez a senhora obteve uma votação expressiva foram quase vinte milhões de votos mas o seu desempenho no seu estado o Acre onde a senhora fez toda a sua carreira política onde as pessoas conhecem muito bem a sua forma de atuação e onde suas ideias e as suas ações são de conhecimento amplo por parte dos eleitores a senhora tirou terceiro lugar ficou com metade dos votos do primeiro colocado o então candidato pelo PSDB José Serra ou seja o eleitor acreano votou pesadamente na oposição ao governo federal aos eleitores dos outros estados do país que não a conhecem tão bem como é que a senhora explicaria essa desaprovação clara no seu berço político?

MS: Em primeiro lugar é que esse terceiro lugar não estava tão distante do segundo ⁵[Eu fiquei] muito próxima do ⁶[segundo lugar que foi a presidente Dilma obviamente]

PP: ⁵[não mas]... ⁶[sim mas foi metade do primeiro]

WB: ⁶[Metade do primeiro]

PP: Metade do primeiro Eu tenho aqui os números: vinte e três vírgula quarenta e cinco por cento a senhora cinquenta e três vírgula treze por cento José Serra

MS: Tem uma coisa Patrícia que até é um provérbio que a gente usa muito é muito difícil ser profeta em sua própria terra sabe por quê? Porque às vezes a gente tem que confrontar os interesses eu venho de uma trajetória política que desde os meus dezessete anos eu tive que confrontar muitos interesses no meu estado do Acre ao lado de Chico Mendes ao lado de pessoas que se posicionaram ao lado da Justiça da defesa dos índios dos seringueiros da ética na política isso fez com que eu tivesse que seguir uma trajetória que não era o caminho mais fácil aliás na minha vida nunca é fácil não é? e nesse caso eu era candidata por um partido pequeno em ⁷[que]

PP: ⁷[Candidata]

MS: Não mas deixa eu ⁸[esclarecer pra que você]

PP: ⁸[Então tá conclua aí] para que a gente possa seguir aqui e fazer outras perguntas

MS: Exatamente

PP: ⁹[É justo com o telespectador]

MS: ⁹[Por um partido pequeno] concorrendo contra duas máquinas muito poderosas com um minuto e vinte segundos de televisão e mesmo assim a candidata do PT que tinha o governo do estado senadores deputados vereadores perfeitos eu fiquei muito próxima a ela ¹⁰[e isso]

PP: ¹⁰[O que eu estou querendo dizer é o seguinte] o berço político de um candidato é onde ele é mais conhecido pelos eleitores Isso pode ser uma enorme vantagem para um candidato ou não no seu caso não foi não seria como se os acreanos estivessem dizendo uma variação daquele velho ditado: “Quem não a conhece que vote na senhora”?

MS: Talvez você não conheça bem a minha trajetória

PP: ((PP sorri)) Conheço ¹¹[conheço] conheço candidata ¹²[nós estudamos bastante antes de fazer essa entrevista]

MS: ¹¹[Eu] ¹²[como senadora] Mas eu faço questão de dizer porque eu acho que você tem um certo desconhecimento do que que significa ser senadora vindo da situação que eu vim eu não sou filha de político tradicional não sou filha de nenhum empresário porque no meu estado até a minha eleição para ser senador da República era preciso ser filho de ex-governador era preciso ser filho de alguém que tivesse de preferência um jornal uma TV e uma rádio para falar bem de si mesmo e falar mal daqueles que ficavam defendendo a Justiça... ¹³[eu cheguei]

PP: ¹³A culpa é dos acreanos então?]

MS: Não não é culpa dos acreanos É culpa das circunstâncias os acreanos foram muito generosos comigo em muitas vezes eu já cheguei a ficar quatro anos sem poder andar na metade do meu estado sabe por quê? porque queriam fazer uma estrada sem estudo de impacto ambiental sem respeitar terras dos índios e as unidades de conservação e eu não podia trocar o futuro das futuras gerações pelas próximas eleições... ¹⁴[eu preferi] pagar o preço de até perder os votos mas lembra quando eu saí do Ministério do Meio Ambiente que eu disse que eu perdia o pescoço mas não perdia o juízo?... ¹⁵[Essa foi a minha trajetória no estado do Acre] essa tem sido a minha trajetória no Brasil e é assim que eu quero governar o Brasil ¹⁶[fazendo] aquilo que é necessário para as futuras gerações ¹⁷[e não o que é necessário para ganhar voto] para as próximas eleições

WB: ¹⁴[Candidata] ¹⁵[Vamos falar da sua chapa candidata?] ¹⁶[candidata] ¹⁷[candidata me permita interrompê-la]

PP: ¹⁸[Daqui a pouquinho a senhora vai poder falar no um minuto e meio]

WB: ¹⁸[Me permita interrompê-la só para gente] prosseguir com a entrevista queria falar sobre a sua chapa o vice na sua chapa: Beto Albuquerque ele foi um dos principais articuladores no Congresso Nacional da aprovação da medida provisória que aprovou o:: cultivo da soja transgênica aqui no Brasil ele também foi favorável a pesquisas com células-tronco embrionárias são dois pontos em que eles se opõem a posições suas do passado além disso ele aceitou doações de campanha quando candidato de setores da economia que a senhora não admitiria setor de fabricantes de armas fabricantes de bebidas esses exemplos não mostram que Marina e Beto Albuquerque são a união de opostos aquela união de opostos tão comum na velha política apenas para viabilizar uma chapa para viali/ viabilizar uma eleição o que que há de novo nessa política candidata?

MS: em primeiro lugar mais uma vez eu quero trazer as informações para que a gente possa trabalhar com a realidade dos fatos... uma questão fundamental nós somos diferentes e a nova política sabe trabalhar na diversidade e na diferença agora o fato do Beto ter uma posição diferente da minha em relação a transgênico em um aspecto há uma lenda de que eu sou contra os transgênicos mas isso não é verdade sabe o que que eu defendia quando era ministra do Meio Ambiente? o modelo de coexistência o que significa áreas com transgênico e áreas livres de transgênico infelizmente no Congresso Nacional não passou a proposta do modelo de coexistência e o ¹⁹[Beto votou] na proposta que acabou fazendo com que

WB: ¹⁹[Mas na questão] das células embrionárias ²⁰[há uma] oposição forte

MS: ²⁰[Nas células embrio/]

WB: Mas eu lhe pergunto veja se eu entendi: quando a união de opostos se dá com a senhora e alguém então isso é uma união em prol do Brasil é a superação de divergências quando essa união de opostos se dá com adversários seus aí é o modelo da velha política? é uma conveniência eleitoral?

MS: Mais uma vez William eu quero dizer que você está trabalhando apenas com um lado da moeda

WB: Por quê?

MS: Você está trabalhando com o lado das diferenças que eu e Beto temos no episódio das células-tronco que ele defende

WB: não não estou confrontando apenas com posições que a senhora tem assumido ²¹[sobre] a nova política em oposição à velha política e não está clara para mim a diferença quando a gente vê dois candidatos de posições opostas unidos numa chapa era só essa a questão

MS: ²¹[e eu estou]... não está claro pra você mas eu vou deixar claro para o telespectador mais uma vez eu insisto você está apenas com um lado da moeda por exemplo eu e Beto temos uma visão diferente em relação às células-tronco e em relação a transgênico mas tivemos um trabalho juntos no Congresso Nacional quando ele foi o relator da Lei de Gestão de Florestas Públicas do Ministério do Meio Ambiente que criou o Serviço Florestal e que me ajudou a aprovar a lei da Mata Atlântica e tantas outras medidas importantes para o Ministério do Meio Ambiente a vida não tem essa simplificação que muitas vezes a gente acha isso não tem nada a ver com velha política eu... marquei a minha trajetória de vida trabalhando com os diferentes na diversidade e aí você está dando a oportunidade de que os telespectadores possam ver que essa história de que a Marina é intransigente ²²[que só conversa com aqueles] que pensam igual a ela não é tão verdade assim

PP: ²²[Tá faltando um minuto candidata]

PP: a senhora agora pode então usar esse um minuto e meio e falar com os seus telespectadores dos projetos que a senhora tem para o país quais seriam os prioritários?

MS: em primeiro lugar eu gostaria de poder dizer para os nossos telespectadores que um dos projetos mais importantes neste momento da história do Brasil é que a gente possa renovar a política de que a gente não desista de ter na política aquilo que os brasileiros tanto querem que é vê-la a serviço de resolver os principais problemas do cidadão infelizmente a política tem sido motivo de apartação de contenda da luta do poder pelo poder para mim a política deve ser utilizada para unir as pessoas para que mesmo com interesses diferentes a gente seja capaz de mediar os conflitos e fazer aquilo que é melhor para o benefício do povo brasileiro como presidente da República eu quero que você me ajude a ser presidente da República para ser a primeira presidente que vai que assume o compromisso de que não vai buscar uma nova eleição porque eu não quero com/ ter um mandato que comprometa o futuro das próximas gerações

PP: Ok candidata

MS: eu quero para que a gente possa ter uma agenda para mudar o Brasil

PP: Ok quinze minutos já quinze minutos e dezesseis segundos obrigada pela sua entrevista

WB: Muito obrigada candidata Marina Silva pela sua participação pela sua entrevista no Jornal Nacional

Anexo 2: Perguntas	
Comentário Aécio Neves (PSDB)	Pergunta
<p>1. Candidato quando o senhor critica a situação da economia brasileira o senhor tem dito que seja quem for o presidente eleito para o ano que vem vai ter que fazer uma arrumação da casa o senhor já mencionou choque de gestão redução de número de ministérios redução de cargos comissionados o senhor já falou em combate a:: a desperdícios... mas economistas que concordam com o seu diagnóstico para a economia brasileira dizem que essas medidas que o senhor tem anunciado não bastam elas não seriam suficientes para resolver que seria necessário que o governo fizesse um corte profundo de gastos que seria necessário que o governo também eliminasse a defasagem de tarifas públicas como preço da gasolina e energia elétrica a questão é a seguinte</p>	<p>1. O senhor não vai fazer essas medidas que os economistas defendem? Ou o senhor está procurando não mencionar essas medidas porque elas são impopulares?</p>
<p>2. Mas o senhor não respondeu a minha pergunta a minha pergunta é se</p>	<p>2. Entre essas necessidades se inclui a redução dos gastos públicos e o fim dessa defasagem das tarifas de energia e gasolina</p>
	<p>3. Mas o senhor vai aumentar as tarifas?</p>
<p>4. Candidato o seu partido é crítico ferrenho de casos de corrupção que envolvem o PT mas o seu partido também é acusado de envolvimento em escândalos graves de corrupção como é o caso do mensalão mineiro e também do pagamento de propina a funcionários públicos pelo cartel de trens e metrô de São Paulo isso para citar dois exemplos toda vez que escândalos como esses vêm a público tanto o PT quanto o PSDB usam o mesmo discurso um discurso óbvio e correto que tudo tem que ser investigado que se houver culpado tem que ser punido</p>	<p>4. Por que que o eleitor iria acreditar que exista diferença entre os dois partidos quando o assunto é esse corrupção?</p>
<p>5. Mas candidato vamos pegar um exemplo aqui Eduardo Azeredo né? que foi um dos principais acusados de ser beneficiado no escândalo do mensalão mineiro renunciou e por isso não foi julgado ainda ele está ao seu lado no seu palanque apoiando essa campanha eleitoral</p>	<p>5. Isso de uma certa forma lhe causa algum desconforto? Não é passar a mão na cabeça das pessoas de alguém do partido um réu nesse caso?</p>
<p>6. Candidato quando o senhor era governador do estado de Minas Gerais o senhor construiu um aeroporto no município de Cláudio: a: sua família tem uma fazenda a seis quilômetros desse aeroporto e a pista foi construída ao lado de terras do seu tio-avô o senhor já disse diversas vezes que não houve nenhuma irregularidade nisso que as terras eram públicas porque já tinham sido desapropriadas inclusive a sua família discorda do valor arbitrado para essa desapropriação contesta esse valor considera injusto (es)tá na Justiça o senhor disse também que o aeroporto foi criado pelo senhor para beneficiar a economia da região e desde que esse assunto surgiu o único Erro que o senhor admite ter cometido eu vou ler as suas palavras o senhor disse que “viu aquela obra com os olhos da comunidade local e não da forma como a sociedade a veria à distância” eu pergunto</p>	<p>6. Candidato, o senhor considera republicano construir um aeroporto que poderia ser visto como um benefício para a sua família no mínimo por valorizar as terras dela?</p>

mesmo aos olhos da comunidade local	
7. Mas candidato essa questão produziu muita polêmica porque imediatamente levantou-se uma suspeita sobre o benefício a sua família que o senhor diz não ter havido	7. E o senhor tem algum tipo de constrangimento ético pelo fato de ter utilizado essa pista quando visitou a fazenda da sua família?
8. Perdão mas não se trata da questão da homologação a homologação é uma questão burocrática a minha pergunta é sobre	8. Usar um aeroporto que foi construído pelo estado de Minas Gerais para visitar uma fazenda sua isso não lhe constrange?
9. Para fechar essa questão	9. O que vale mais uma fazenda com um aeroporto ao lado ou uma fazenda sem um aeroporto ao lado?
10. Candidato vamos falar de programas sociais o senhor tem dito que vai manter alguns dos principais programas sociais do governo atual como é o caso do Bolsa Família o ProUni o Pronatec o Mais Médicos e também a política de reajuste do salário mínimo a sensação que dá para muitos eleitores é que o senhor sim aprova o desempenho do PT nessa área na área social	10. Por que então esses eleitores iriam querer mudar de presidente?
	11. Candidato como é que o senhor explica o desempenho no campo social de um estado rico como Minas Gerais que hoje sustenta o menor Índice de Desenvolvimento Humano de TODA a Região Sudeste e ocupa a nona posição no ranking nacional entre todos os estados brasileiros estava em oitava posição anos atrás e agora está em nona posição?
12. O senhor mencionou já duas vezes a saúde em Minas Gerais o senhor tem dito que é a melhor do Sudeste a quarta melhor do Brasil no entanto os analistas que se debruçaram sobre investimentos públicos na saúde de Minas afirmam que isso foi muito mais resultado de investimentos da União e de municípios do que do estado	12. O senhor não considera a saúde uma prioridade também de governos estaduais candidato?

Comentário Eduardo Campos (PSB)	Pergunta
1. candidato vamos começar a entrevista com a lista de algumas promessas que o senhor já fez eu anotei algumas delas escola em tempo integral passe livre para estudantes do ensino público aumento dos investimentos em saúde para dez por cento das receitas da União manutenção do poder de compra do salário mínimo e multiplicar por dez o orçamento da segurança tudo isso significa aumento dos gastos públicos mas o senhor também promete baixar a inflação atual para quatro por cento em dois mil e dezesseis chegando até três por cento até dois mil e dezenove e isso segundo economistas exige cortar pesadamente gastos públicos ou seja	1. Essas promessas se chocam se batem qual delas o senhor não vai cumprir?
2. Agora candidato o senhor então (es)tá querendo dizer que pretende deixar de gastar aqui para gastar ali mas isso não significa necessariamente cortes pesados não são cortes então os economistas dizem que para combater a inflação seria necessário isso cortes severos mesmo	2. Como é que o senhor pretende fazer isso?

	3. Então o senhor não acha que seria justo dizer para o eleitor que o próximo ano será um ano difícil duro com remédios mais amargos?
	4. Mas vai ser um ano difícil o próximo ano candidato?
5. Candidato tá vamos mudar de assunto é o senhor se articulou com o ex-presidente Lula e com partidos políticos para eleger sua mãe a então deputada federal Ana Arraes ministra do Tribunal de Contas da União	5. O senhor considera isso ético? Não foi uma forma de nepotismo?
6. Certo mas o que eu estou colocando em questão não são os méritos da sua mãe não se trata disso a questão é o senhor ter usado o seu prestígio o seu poder para se empenhar pessoalmente num trabalho de catequese numa campanha para que um parente seu ocupasse um cargo público e vitalício	6. O senhor acha que isso foi um bom exemplo para o país?
	7. O seu empenho pessoal o senhor não vê nada de errado no seu empenho pessoal nesta eleição?
8. Ainda nesse ponto candidato o senhor indicou um primo seu e um primo da sua mulher para trabalhar no TCE que é o órgão responsável por fiscalizar as contas do estado quando o senhor era governador de Pernambuco	8. Como é que fica a isenção nisso?
	9. Mas foram indicados pelo senhor?
	10. Então o senhor não vê conflito nisso se o senhor fosse eleito presidente hoje você o senhor manteria esse comportamento no governo federal sem dúvidas?
11. Candidato o senhor tem procurado apresentar o discurso de um gestor moderno de um gestor favorável ao empreendedorismo privado mas o fato é que logo depois do anúncio da sua aliança com Marina Silva Marina fez restrições ao agronegócio que é um setor que tem sustentado a economia brasileira em muitos anos	11. Como é que o senhor pretende resolver esta contradição dentro da sua chapa?
12. Claro candidato mas eu acho que eu preciso ser um pouco mais específico sobre a contradição a que eu me referi vamos falar da reforma da votação do Código Florestal Assunto importantíssimo na votação do Código Florestal o seu partido aprovou quase que por unanimidade e o grupo político de Marina Silva teve uma posição rigorosamente oposta Marina chegou a dizer que o Código Florestal representava um retrocesso de vinte anos	12. A questão é como é que o eleitor pode se convencer da coesão da sua chapa se os dois candidatos têm visões tão opostas tão antagônicas em relação a esse assunto?
13. Ainda sobre coerência o senhor e o seu partido foram colaboradores próximos do então presidente Lula o senhor inclusive foi ministro em dois mil e cinco do governo dele exatamente quando o escândalo do mensalão veio a público e o senhor não deixou o cargo o senhor só se afastou do governo Dilma quase três anos de um mandato de quatro foi no fim do ano passado	13. O que que o senhor diria aos críticos que afirmam que o senhor abandonou todos esses anos de colaboração a Lula e Dilma pela ambição de ser presidente da República?
14. Mas o senhor levou quase três anos de um mandato de quatro para sair do governo para deixar de apoiá-lo	14. Não é tempo demais?

15. Mas o senhor apoiou durante mais de 10 anos esse governo	15. O que que aconteceu neste meio do caminho?
Comentário Dilma Rousseff (PT)	Pergunta
1. Candidata no seu governo houve uma série de escândalos de corrupção e de desvios éticos houve escândalo de corrupção no Ministério da Agricultura houve escândalo de corrupção no Ministério das Cidades no Ministério dos Esportes houve escândalo de corrupção no Ministério da Saúde no Ministério dos Transportes houve escândalo de corrupção no Ministério do Turismo no Ministério do Trabalho a Petrobras acabou se tornando objeto de duas CPIs no Congresso a senhora sempre diz que todos esses escândalos foram revelados pela Polícia Federal e estão sendo investigados pela Polícia Federal que é um órgão do governo federal a questão que eu lhe faço é a seguinte	1. Qual é a dificuldade de desde o início se cercar de pessoas honestas que lhe permitam formar uma equipe de governo honesta e que evite esta situação que nós vimos de repetidos casos de corrupção? Não há uma sensação não pode haver uma sensação no ar de que o PT a descuida da questão ética ou da questão da corrupção?
2. Bom entre as medidas que a senhora providenciou depois dos escândalos esteve o afastamento de alguns ministros em quatro casos a senhora trocou um ministro por alguém que era do mesmo partido dele e do mesmo grupo político dele e que: frequentava o mesmo círculo	2. Essa situação a senhora considera que não foi trocar seis por meia dúzia? A senhora considera que foi uma atitude prudente como presidente substituir nessas circunstâncias? Foi uma medida eficaz da sua parte candidata?
3. Mas a senhora manteve gente do mesmo grupo político nos casos	3. Mas não foi exigência do partido candidata?
4. Então me deixa agora perguntar à senhora em relação a seu partido o seu partido teve um grupo de elite de pessoas corruptas comprovadamente corruptas eu digo isso porque foram julgadas condenadas e mandadas para a prisão pela mais alta corte do Judiciário brasileiro eram corruptos e o seu partido tratou esses condenados por corrupção como guerreiros como vítimas como pessoas que não mereciam esse tratamento vítimas de injustiça	4. A pergunta que eu lhe faço isso não é ser condescendente com a corrupção candidata?
	5. Então a senhora condena a postura do PT nesse caso?
	6. Mas e a ação do seu partido a senhora condena essa ação?
7. Mas candidata a pergunta que eu lhe fiz foi sobre a postura do seu partido	7. Qual sua posição a respeito da postura do seu partido?
8. Corrupção não é o único problema o seu governo diz que sempre investiu muito na área de saúde e essa continua sendo exatamente a maior preocupação dos brasileiros segundo uma pesquisa do Instituto Datafolha isso depois de doze anos de governos do PT ou seja	8. Mais de uma década candidata não foi tempo suficiente para colocar esses problemas nos trilhos não?
	9. A senhora diria que então diante dos nossos telespectadores que hoje enfrentam filas e filas nos hospitais muitas vezes são atendidos em macas que muitas vezes não conseguem fazer um exame de diagnóstico que a situação da Saúde no nosso país hoje é minimamente razoável depois de 12 anos?
10. Vamos em frente economia a inflação neste momento a inflação anual está no teto daquela meta estabelecida pelo governo está em seis e meio por cento a economia encolheu um vírgula	10. Aí eu lhe pergunto a senhora considera justo ora olhando para os números da economia ora culpar o pessimismo ora

dois por cento no segundo trimestre desse ano e tem uma projeção de crescimento baixíssima para esse ano menor do que um por cento o superávit do primeiro semestre desse ano foi o pior dos últimos quatorze anos quando a senhora é confrontada com estes números ruins a senhora diz que eles são produto são resultado de uma crise internacional aliás a senhora diz até que eles nem são tão ruins assim porque a senhora lembra o caso das demissões de milhões na Europa e o fato de o Brasil ter hoje uma situação praticamente de pleno emprego aí quando os analistas dizem que dois mil e quinze ano que vem vai ser um ano difícil um ano de a:: acertos de casa que é preciso arrumar a economia brasileira e portanto isso vai impor algum sacrifício vai ser um ano duro a senhora diz que isso é pessimismo	culpar a crise internacional pelos problemas? O seu governo não tem nenhum papel nenhuma responsabilidade nos resultados que (es)tão aí?
	11. Isso não é ser otimista em contrapartida ao pessimismo que a senhora critica?

Comentário Pastor Everaldo (PSC)	Pergunta
1. Candidato o senhor nunca foi vereador nunca foi deputado estadual nunca foi deputado federal nem senador o maior cargo público que o senhor já ocupou foi subsecretário estadual o Brasil já elegeu candidato sem nenhuma experiência executiva e também já elegeu candidato sem nenhuma experiência parlamentar agora alguém sem uma coisa nem outra nunca	1. Por que que o senhor acha que o eleitor iria acreditar que o senhor tem credenciais para ocupar a Presidência da República?
2. Pois é candidato a gente está falando de um país com duzentos milhões de habitantes com problemas sociais e econômicos	2. Não seriam problemas complexos demais para um principiante? Não se trata aí de uma aventura?
	3. Mas esta inexperiência então não lhe assusta?
	4. Não seria voluntarismo isso?
	5. Com todo respeito à sua biografia então qualquer um poderia hoje ser presidente da República em outras palavras?
6. Candidato ao longo da sua história o senhor foi aliado de Leonel Brizola de Luiz Inácio Lula da Silva mais recentemente da presidente Dilma Rousseff Todos eles têm raízes no trabalhismo todos eles de alguma maneira têm lá suas simpatias ideológicas ou pelo socialismo ou no mínimo pela social-democracia sempre defenderam uma presença forte do estado uma intervenção uma regulação do estado na economia curiosamente o seu programa de governo prega exatamente o oposto defende o oposto né? o senhor defende uma espécie de liberalismo clássico o estado mínimo uma redução a maior redução possível da presença do estado da regulação da economia o senhor fala em flexibilização de leis trabalhistas o senhor fala também em fim absoluto de protecionismo	6. Pergunto essa sua defesa do liberalismo é uma defesa sincera ou é uma conveniência eleitoral?
7. A sua vida política desde mil novecentos e oitenta um o senhor esteve alinhado com Brizola com Lula e só agora questão de cinco meses o seu	7. A pergunta que eu lhe faço a sua convicção pelo liberalismo ela é tão

partido deixou de ser um partido que faz parte da base aliada do governo Dilma o seu partido deixou de ser da base aliada mas não foi mas ele não foi para a oposição ele se tornou um partido independente do governo ou seja o senhor levou trinta anos comungando de um discurso mais esquerdizante mais à esquerda	recente assim tem cinco meses?
	8. Isso não foi desde o começo do governo Dilma e mesmo no governo Lula candidato essa situação?
	9. A sua ideologia então mudou recentemente?
	10. Você não vê essa contradição em relação ao seu alinhamento no passado?
11. Vamos falar de dois mil e dez na eleição de dois mil e dez o senhor apoiava o então candidato à Presidência da República pelo PSDB José Serra mas na última hora o seu partido recebeu uma doação de quase cinco milhões de reais do PT para a campanha legalmente o senhor passou então a apoiar Dilma Rousseff	11. Esse foi o preço do seu apoio quase R\$ 5 milhões?
	12. Foi uma espécie de toma-lá-dá-cá?
13. Por que eu lhe pergunto isso candidato? Porque há registros de que o senhor teria reclamado que o PC do B tinha um deputado a menos e que ocupava comandava o Ministério do Esporte e a Agência Nacional do Petróleo no governo Dilma enquanto que o seu partido não tinha cargo nenhum	13. O senhor considera isso um toma-lá-dá-cá diante dos quase cinco milhões de reais e também esse registro?
	14. O senhor esperava então um lugar um espaço no governo?
	15. Ficou decepcionado?
16. Candidato este país que o senhor quer fazer ele exige uma série de mudanças de natureza legal na estrutura legal do país muitas destas mudanças inclusive na Constituição o que não é coisa fácil de se conseguir isso eu estou me baseando naquilo que está contido no seu programa de governo só que em dois mil e dez o seu partido elegeu 17 deputados federais um senador governador nenhum	16. O senhor acredita mesmo que tem base política para conseguir o apoio necessário no Congresso Nacional para realizar todas essas mudanças que o senhor está propondo?
	17. É uma privatização em ?[massa? todas elas?]
	18. Petrobras inclusive?
	19. E o Banco do Brasil?
20. O senhor vai privatizar a Petrobras	20. O senhor vai privatizar o Banco do Brasil também?
21. Falando de mudanças e promessas o senhor promete melhorar os serviços públicos a Saúde a Educação o Transporte ampliar a assistência aos mais pobres e também investir maciçamente na polícia e nas Forças Armadas mas em nenhum momento do seu plano de governo o senhor diz quanto vai investir e de onde vai tirar esse dinheiro	21. Não são promessas vazias sem consistência?

Comentário Marina Silva (PSB-Rede)	Pergunta
---	-----------------

<p>1. Candidata o avião que o PSB vinha utilizando na campanha eleitoral até aquele acidente trágico de duas semanas atrás está sendo investigado pelas autoridades competentes ele foi objeto de uma transação milionária feita por meio de laranjas essa transação não foi informada na prestação de contas prévia parcial à Justiça Eleitoral a senhora tem dito que vai inaugurar uma nova forma de fazer política que todo político tem que ter certeza absoluta da correção de seus atos no entanto a senhora usou aquele avião como teria feito qualquer representante daquilo que a senhora chama de velha política</p>	<p>1. Eu lhe pergunto a senhora procurou saber que avião era aquele quem tinha pago por aquele avião ou a senhora confiou cegamente nos seus aliados?</p>
	<p>2. A senhora sabia dos laranjas? Essa informação foi passada para a senhora como candidata a vice-presidente?</p>
<p>3. Candidata quando os políticos são confrontados ou cobrados por alguma irregularidade é muito comum que eles digam que não sabiam que foram enganados que foram traídos que tudo tem que ser investigado que se houver culpados eles sejam punidos Este é um discurso muito muito comum aqui no Brasil e é o discurso que a senhora está usando neste momento</p>	<p>3. Eu lhe pergunto em que esse seu comportamento difere do comportamento que a senhora combate tanto da tal velha política?</p>
<p>4. Eu lhe pergunto em que esse seu comportamento difere do comportamento que a senhora combate tanto da tal velha política?</p>	<p>4. Não lhe faltou o rigor que a senhora exige dos seus adversários?</p>
<p>5. Ok candidata vamos falar agora das eleições de dois mil e dez a senhora obteve uma votação expressiva foram quase vinte milhões de votos mas o seu desempenho no seu estado o Acre onde a senhora fez toda a sua carreira política onde as pessoas conhecem muito bem a sua forma de atuação e onde suas ideias e as suas ações são de conhecimento amplo por parte dos eleitores a senhora tirou terceiro lugar ficou com metade dos votos do primeiro colocado o então candidato pelo PSDB José Serra ou seja o eleitor acreano votou pesadamente na oposição ao governo federal aos eleitores dos outros estados do país que não a conhecem tão bem</p>	<p>5. Como é que a senhora explicaria essa desaprovação clara no seu berço político?</p>
<p>6. O que eu estou querendo dizer é o seguinte o berço político de um candidato é onde ele é mais conhecido pelos eleitores Isso pode ser uma enorme vantagem para um candidato ou não no seu caso não foi</p>	<p>6. Não seria como se os acreanos estivessem dizendo uma variação daquele velho ditado: “Quem não a conhece que vote na senhora”?</p>
	<p>7. A culpa é dos acreanos então</p>
<p>8. Me permita interrompê-la só para gente prosseguir com a entrevista queria falar sobre a sua chapa o vice na sua chapa: Beto Albuquerque ele foi um dos principais articuladores no Congresso Nacional da aprovação da medida provisória que aprovou o: cultivo da soja transgênica aqui no Brasil ele também foi favorável a pesquisas com células-tronco embrionárias são dois pontos em que eles se opõem a posições suas do passado além disso ele aceitou doações de campanha quando candidato de setores da economia que a senhora não admitiria setor de fabricantes de armas</p>	<p>8. Esses exemplos não mostram que Marina e Beto Albuquerque são a união de opostos aquela união de opostos tão comum na velha política apenas para viabilizar uma chapa para viabilizar uma eleição o que que há de novo nessa política candidata?</p>

fabricantes de bebidas	
	9. Mas eu lhe pergunto veja se eu entendi: quando a união de opostos se dá com a senhora e alguém então isso é uma união em prol do Brasil é a superação de divergências quando essa união de opostos se dá com adversários seus aí é o modelo da velha política? É uma conveniência eleitoral?
	10. Por quê?